

Jorge Manuel Marques de Oliveira

Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2011







Jorge Manuel Marques de Oliveira

Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2011



© 2011

Jorge Manuel Marques de Oliveira

TODOS OS DIREITOS RESERVADO



Jorge Manuel Marques de Oliveira

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa  
como parte dos requisitos para obtenção do grau de  
Doutor em Ciências Sociais, sob orientação da  
Professora Doutora Maria Antónia Jardim



## **Resumo**

JORGE MANUEL MARQUES DE OLIVEIRA: Arte: Um instrumento transformador  
(sob a orientação da Prof. Doutora Maria Antónia Jardim)

Este trabalho de investigação pretende sistematizar e validar as ideias que estão na génese do Espaço t. Uma filosofia que procurou e procura desenvolver actividades e ferramentas que promovam a reinserção social, numa perspectiva inclusiva – de todos e para todos.

O trabalho que o Espaço t desenvolve tem 17 anos de história. Como muitas outras histórias, esta também pode ser contada com muitas ou poucas palavras. Mas, é, sobretudo, uma narrativa dita por muitos; em permanente construção, em constante mudança como a própria vida. É uma história que nasce de ideias e vontades, da necessidade de transgredir e de fazer diferente. Assim, ao atingir quase a maioria teve a necessidade de se definir melhor e de perceber de que forma as suas práticas encontram uma âncora teórica e uma validade científica que sustente o seu caminho.

A arte é o elemento fundador deste projecto e deste trabalho. A arte surge como um fenómeno catalisador da relação interna do indivíduo consigo próprio e com o grupo. Aqui, a arte não é o artístico, é a expressão de cada um... é a linguagem das emoções, o não-dito, a verbalização do inconsciente, ... é o que se quiser, é de quem quiser. Sentimos que através deste processo o indivíduo descobre competências de crítica, auto-estima e auto-conceito.

Porque queremos compreender melhor esta arte e os outros vectores, que se utilizam na metodologia dos grupos arte, iremos ao longo deste trabalho e numa primeira fase analisar o estado da arte, sobre os conceitos que queremos reflectir: da reinserção à inclusão, passando pela arte, à terapia e à pedagogia.

Posteriormente e utilizando uma metodologia mista, concluimos através da análise das histórias de vida, que os quatro vectores utilizados na metodologia dos grupos arte (humanismo – unidade – motivação - arte) produzem evidentes alterações nessas mesmas histórias de vida.

Propomos, por isso, como resultado de investigação, a criação de um modelo de reinserção social incluso, denominado HUMA e sugerimos uma nova metodologia de organização das necessidades humanas, à qual lhe chamamos Ciclo Dinâmico das Necessidades Humanas.

Palavras-chave: Reinserção Social, Inclusão, Arte, Narrativa, Grupo.

## **Abstract**

JORGE MANUEL MARQUES DE OLIVEIRA: Art: a transforming instrument

(Under the orientation of Prof. Maria Antónia Jardim)

The aim of this research work is to systematise and validate ideas from the origins of the Espaço t. A philosophy which has sought and seeks to develop activities and tools that promote social reintegration, with an inclusive approach - from everyone, to everyone.

The work developed by Espaço t already counts seventeen years of history. As many other stories, this one may also be told in many or just in a very few words. However, it is, above all, a narrative told by many; in permanent construction, in constant change as life itself. It is a story that springs from ideas and wills, from the need to transgress and make differently. Thus, by becoming almost of age, it felt the need to better define itself and to understand how its practices find theoretical anchorage and scientific validity which may sustain its path.

Art is the founding element of this project and this work. Art arises as a catalyst of the inner relation of the individual with himself and with the group. Here, art is not the artistic, it's each and everyone's expression... It's the language of emotions, of the non-said, the verbalization of the unconscious,... It's what we want it to be; of whom we want it to be. We feel that through this process the individual discovers critical, self-esteem and self-concept skills.

Because we wish to better understand this art and all other vectors that are used in the methodology of art groups, we shall, throughout this work and in a first stage, analyse the state of the art, on the concepts we wish to reflect: from reintegration to inclusion, embracing art, therapy and pedagogy.

Later on, and by applying a mix methodology, we concluded by analysing the life stories that the four vectors used in the methodology of art groups (humanism - unity - motivation - art) produce evident changes in the same life stories.

Therefore, we propose, as a result of our research, the creation of an inclusive model of social reintegration called HUMA and suggest a new method for the organization of human needs, to which we call the Dynamic Cycle of Human Needs.

Key-words: Social Reintegration, Inclusion, Art, Narrative, Group.

## Résumé

JORGE MANUEL MARQUES DE OLIVEIRA: L'art : un instrument transformateur  
(Sous l'orientation de la Prof. Maria Antónia Jardim)

Ce travail de recherche vise à systématiser et valider les idées qui sont à la genèse de l'Espace t. Une philosophie qui a cherché et cherche à développer des activités et des outils qui favorisent l'intégration sociale, selon une perspective inclusive - de tout le monde et pour tout le monde.

Le travail développé par Espaço t a dix-sept ans d'histoire. Comme beaucoup d'autres histoires, celle-ci peut se raconter en beaucoup de mots ou simplement en quelques-uns. Mais elle est avant tout un récit, raconté par beaucoup de monde; en construction permanente, en changement constant, comme la vie elle-même. C'est une histoire qui est née des idées et des désirs, du besoin de transgresser et de faire autrement. Ainsi, en atteignant presque l'âge adulte, l'association a ressenti le besoin de mieux se définir et de comprendre comment ses pratiques trouvent un point d'ancrage théorique et une validité scientifique qui soutienne son parcours.

L'art est l'élément fondateur de ce projet et de ce travail. L'art surgit comme un phénomène catalyseur de la relation interne de l'individu avec soi-même et avec le groupe. Ici, l'art n'est pas l'artistique, l'art est l'expression de chacun... c'est le langage des émotions, le non-dit, la verbalisation de l'inconscient... c'est ce que l'on souhaite, de qui le souhaite. Nous sentons que grâce à ce processus, l'individu découvre des compétences de critique, d'estime de soi et du concept de soi.

Parce que nous voulons mieux comprendre cet art et les autres vecteurs qui sont utilisés dans la méthodologie des groupes art, nous allons, au cours de ce travail et dans une première phase, analyser l'état de l'art, les concepts que nous voulons réfléchir : de l'intégration à l'inclusion, en passant par l'art, la thérapie et la pédagogie.

Par la suite, en utilisant une méthodologie mixte, nous avons conclu, à travers l'analyse des histoires de vie, que les quatre vecteurs utilisés dans la méthodologie des groupes art (humanisme / unité/ motivation / art) produisent des changements évidents au niveau de ces mêmes histoires de vie.

De ce fait, nous proposons comme résultat de recherche, la création d'un modèle inclusif d'intégration sociale, nommé HUMA, et nous suggérons une nouvelle méthode d'organisation des besoins humains, que nous désignons comme Cycle dynamique des besoins humains.

Mots-clé : Intégration sociale, Inclusion, Art, Récit, Groupe

## **Dedicatória**

Aos meus pais por tudo aquilo que me deram, principalmente, o fascínio de olhar para além do olhar, e por me compreenderem incondicionalmente sem me compreenderem totalmente.



## **Agradecimentos**

Quero agradecer a todos aqueles que me ajudaram a seguir este caminho e que comigo o construíram recriando-o:

À Cláudia Oliveira, à Antonieta Oliveira e à Alexandra Aires por estarem sempre presentes mesmo quando não estão fisicamente;

À Maria Antónia Jardim por me fazer acreditar nas personagens das telas e dos livros e aprender a ver melhor as pessoas que todos os dias sinto;

Aos alunos e a toda a equipa, sem excepção, do Espaço t que me deixaram estar com eles e juntos recriamos o físico numa tentativa de compreender o não físico;

À Ana Moutinho por toda a dedicação e apoio prestado.

Ao Hélder Rebelo e ao Rui Pimenta por estarem sempre presentes nos momentos difíceis e terem a capacidade de aconchegarem, sempre, o meu não físico;

Ao Ricardo Rocha, à Cristina Afonso, ao Delfino Manica, à Tânia Machado, ao Nuno Ferreira, ao Leonel Morais, à Sílvia Martinho e à Lúcia Leite, por serem a minha extensão física, nesta luta que é a impossibilidade de escrever os afectos;

A todos aqueles que existem o meu amor que é tão fácil de descrever e tão difícil de entender.



## Índice

Índice de Tabelas .....	XXII
Índice de Ilustrações.....	XXIV
Lista de Abreviaturas .....	XXVI
Introdução .....	1
<b>PARTE A ENQUADRAMENTO TEÓRICO: OS CONCEITOS TEÓRICOS QUE SE CRUZAM NA ARTE, NA REINSERÇÃO, NA EDUCAÇÃO E NA TERAPIA.....</b>	<b>7</b>
CAPÍTULO I – Reinscrição: Necessidade de um Novo Paradigma, onde pensamos as emoções.....	9
Nota introdutória.....	11
1.1 História da Protecção Social – da Caridade Religiosa às Políticas Inclusivas do Estado Social Moderno.....	11
1.2 Conceito de Exclusão .....	23
1.3 Relação entre Pobreza e Exclusão .....	25
1.4 Manifestações de Exclusão e a sua Origem.....	27
1.5 Grupos de Risco .....	29
1.6 Conceito de Inclusão .....	32
1.7 Pensar as Emoções .....	35
2. CAPÍTULO II - A Mais Valia da Arte na Inclusão Social .....	39
Nota introdutória.....	41
2.1 Arte e Terapia que Ligações?.....	49
2.1.1 Arte bruta .....	49
2.1.2 ArteTerapia .....	51
2.1.3 Terapias expressivas. ....	56
2.1.4 Gestalterapia e arteterapia gestaltica. ....	58
2.1.5 Musicoterapia.....	65
2.1.6 Terapia pós-modernas .....	66

2.2	Criatividade, Arte e Pedagogia - O Reino da Imaginação .....	67
2.2.1	Criatividade e imaginação. ....	68
2.2.2	Arte e pedagogia.....	74
<b>PARTE B DA ANÁLISE QUALITATIVA À QUALITATIVA: DA NARRATIVA AO AUTO-CONCEITO.....</b>		<b>81</b>
<b>CAPÍTULO III – Metodologia de Investigação .....</b>		<b>83</b>
	Nota introdutória .....	85
<b>3.1</b>	<b>Fundamentos e procedimentos de metodologia qualitativa .....</b>	<b>89</b>
3.2	Fundamentos e procedimentos da Metodologia Quantitativa.....	94
<b>PARTE C ESTUDO DE CAMPO: ARTE UM INSTRUMENTO TRANSFORMADOR .....</b>		<b>97</b>
<b>CAPÍTULO IV – Espaço t – Uma Experiência de 17 Anos, “a Transformar Homens em Príncipes e Ideias em Projectos de Sonho” .....</b>		<b>99</b>
<b>CAPÍTULO V – Uma história de Vida; Uma Vida com Histórias - Estudo de Caso.....</b>		<b>125</b>
	Nota introdutória .....	127
5.1	Uma História de Vida – Estudo de Caso .....	131
5.2	Comentário Crítico .....	139
5.2.1	Espaço t – Um Espaço humanista. ....	139
5.2.2	A unidade de X e a unidade total à qual poderíamos chamar sociedade. ....	144
5.2.3	A motivação na vida de X. ....	146
5.2.4	A arte como meio transformador de X.....	149
<b>CAPÍTULO VI – Nove Histórias, Nove Viagens que Emergem do Passado e Vão Para Além do Imaginário.....</b>		<b>151</b>
	Nota introdutória.....	153
6.1	Caracterização do Grupo .....	155
6.2	Do sofrimento Passando Pelas Coisas Simples – Relatos de um Passado.....	160
6.2.1	Momentos do passado de A. ....	160
6.2.2	Momentos do passado de B. ....	163
6.2.3	Momentos do passado de C. ....	165
6.2.4	Momentos do passado de D. ....	168
6.2.5	Momentos do passado de E. ....	170
6.2.6	Momentos do passado de F. ....	171
6.2.7	Momentos do passado de G. ....	172

6.2.8 Momentos do passado de H. ....	174
6.2.9 Momentos do passado de I. ....	176
6.2.10 Comentário às narrativas. ....	177
6.3 O Presente é Já, Antes que Passe a Passado .....	181
6.3.1 Momentos do presente de A. ....	181
6.3.2 Momentos do presente de B. ....	183
6.3.3 Momentos do presente de C. ....	184
6.3.4 Momentos do presente de D. ....	187
6.3.5 Momentos do presente de E. ....	188
6.3.6 Momentos do presente de F. ....	189
6.3.7 Momentos do presente de G. ....	191
6.3.8 Momentos do presente de H. ....	192
6.3.9 Momentos do presente de I. ....	193
6.3.10 Comentário às narrativas. ....	194
6.4 Que Mundo é Este Que Não Vivi, Mas Desejo e Quero?.....	199
6.4.1 Momentos do futuro de A. ....	199
6.4.2 Momentos do futuro de B. ....	200
6.4.3 Momentos do futuro de C. ....	201
6.4.4 Momentos do futuro de D. ....	202
6.4.5 Momentos do futuro de E. ....	203
6.4.6 Momentos do futuro de F. ....	204
6.4.7 Momentos do futuro de G. ....	208
6.4.8 Momentos do futuro de H. ....	209
6.4.9 Momentos do futuro de I. ....	277
6.4.10 Comentário às narrativas. ....	212
6.5 Se o Imaginário Fosse Real.....	215
6.5.1 Momentos do imaginário de A. ....	215
6.5.2 Momentos do imaginário de B. ....	217
6.5.3 Momentos do imaginário de C. ....	218
6.5.4 Momentos do imaginário de D. ....	219
6.5.5 Momentos do imaginário de E. ....	220
6.5.6 Momentos do imaginário de F. ....	221
6.5.7 Momentos do imaginário de G. ....	223
6.5.8 Momentos do imaginário de H. ....	224
6.5.9 Momentos do imaginário de I. ....	225

6.5.10 Comentário às narrativas .....	227
6.6 Conclusão .....	229
<b>CAPÍTULO VII - Análise Diferencial do Auto-Conceito .....</b>	<b>233</b>
Nota introdutória .....	235
7.1 Caracterização da Amostra.....	236
7.2 Resultado da Aplicação do Questionários de Auto-Conceito.....	241
7.3 Conclusão .....	247
<b>PARTE D CONCLUSÕES: DA REINserÇÃO SOCIAL À INCLUSÃO.....</b>	<b>249</b>
<b>CAPÍTULO VIII – Proposta do Modelo de Reinsertação Social: HUMA.....</b>	<b>251</b>
<b>CAPÍTULO IX – Conclusão .....</b>	<b>277</b>
<b>CAPÍTULO X – Bibliografia .....</b>	<b>289</b>
Índice de Anexos.....	301

## Índice de Tabelas

<i>Tabela 1.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por sexo .....	155
<i>Tabela 2.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por patologia .....	155
<i>Tabela 3.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por tempo de frequência no Espaço t ....	156
<i>Tabela 4.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por factor de encaminhamento para frequência do Espaço t.....	156
<i>Tabela 5.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por aspectos que mudaram as suas vidas, durante a frequência do Espaço t, na dimensão – factor externo.....	157
<i>Tabela 6.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por aspectos que mudaram na sua vida, durante a frequência do Espaço t, na dimensão – factor interno.....	158
<i>Tabela 7.</i> Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por aspectos mais valorizados no Espaço t. ....	159
<i>Tabela 8.</i> Distribuição da amostra por grupo .....	236
<i>Tabela 9.</i> Distribuição dos indivíduos da amostra por sexo e grupo de investigação .....	237
<i>Tabela 10.</i> Distribuição dos indivíduos da amostra por grupo etário e grupo de investigação .....	238
<i>Tabela 11.</i> Distribuição dos indivíduos da amostra por situação profissional e grupo de investigação ...	239
<i>Tabela 12.</i> Distribuição dos indivíduos por estado civil e grupo de investigação .....	239
<i>Tabela 13.</i> Distribuição dos indivíduos por patologia e grupo de investigação .....	240
<i>Tabela 14.</i> Distribuição da média e erro padrão do auto-conceito por grupo de investigação .....	241
<i>Tabela 15.</i> Alfa de Cronbach se o item for eliminado.....	242
<i>Tabela 16.</i> Distribuição da média e erro padrão do auto-conceito por patologia .....	243
<i>Tabela 17.</i> Comparação entre o grupo arte e o grupo não arte, em função dos 4 factores do Inventário Clínico de Vaz Serra.....	244

<i>Tabela 18.</i> Distribuição da média e erro padrão do auto-conceito por tempo de frequência nos grupos arte .....	244
<i>Tabela 19.</i> Distribuição da média e erro padrão do factor de aceitação ou agrado social por tempo de frequência nos grupos arte .....	245
<i>Tabela 20.</i> Distribuição da média e erro padrão do factor de auto-eficácia por tempo de frequência nos grupos arte .....	245
<i>Tabela 21.</i> Distribuição da média e erro padrão do factor de maturidade psicológica por tempo de frequência nos grupos arte .....	246
<i>Tabela 22.</i> Distribuição da média e erro padrão do factor de impulsividade-actividade por tempo de frequência nos grupos arte .....	246

## Índice de Ilustrações

<i>Ilustração 1.</i> Ilustração Passado de A .....	162
<i>Ilustração 2.</i> Ilustração Passado de B.....	164
<i>Ilustração 3.</i> Ilustração Passado de C.....	167
<i>Ilustração 4.</i> Ilustração Passado de D .....	169
<i>Ilustração 5.</i> Ilustração Passado de E.....	170
<i>Ilustração 6.</i> Ilustração Passado de F .....	171
<i>Ilustração 7.</i> Ilustração Passado de G .....	173
<i>Ilustração 8.</i> Ilustração Passado de H .....	175
<i>Ilustração 9.</i> Ilustração Passado de I.....	176
<i>Ilustração 10.</i> Ilustração Presente de A.....	182
<i>Ilustração 11.</i> Ilustração Presente de B .....	183
<i>Ilustração 12.</i> Ilustração Presente de C .....	186
<i>Ilustração 13.</i> Ilustração Presente de D.....	187
<i>Ilustração 14.</i> Ilustração Presente de E .....	188
<i>Ilustração 15.</i> Ilustração Presente de F.....	190
<i>Ilustração 16.</i> Ilustração Presente de G.....	191
<i>Ilustração 17.</i> Ilustração Presente de H.....	192
<i>Ilustração 18.</i> Ilustração Presente de I .....	193
<i>Ilustração 19.</i> Ilustração Futuro de A.....	199
<i>Ilustração 20.</i> Ilustração Futuro de B .....	200
<i>Ilustração 21.</i> Ilustração Futuro de C.....	201

<i>Ilustração 22.</i> Ilustração Futuro de D.....	202
<i>Ilustração 23.</i> Ilustração Futuro de E .....	203
<i>Ilustração 24.</i> Ilustração Futuro de F .....	207
<i>Ilustração 25.</i> Ilustração Futuro de G.....	208
<i>Ilustração 26.</i> Ilustração Futuro de H.....	210
<i>Ilustração 27.</i> Ilustração Futuro de I .....	211
<i>Ilustração 28.</i> Pirâmide das necessidades humanas de Maslow .....	256
<i>Ilustração 29.</i> Círculo dinâmico das necessidades humanas .....	263
<i>Ilustração 30.</i> Modelo HUMA.....	273
<i>Ilustração 31.</i> Etapas do Modelo HUMA.....	274

## **Lista de Abreviaturas**

AITE – Associação Internacional de Terapias Expressivas

CE – Comunidade Europeia

CEE – Comunidade Económica Europeia

FMI – Fundo Monetário Internacional

GADU – Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar

GIP – Gabinete de Inserção Profissional

HUMA – Humanismo – Unidade – Motivação – Arte

IARN – Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

INEM – Instituto Nacional de Emergência Médica

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros

NAMT – National Association for Music Therapy

ONGs – Organizações não-Governamentais

RMG – Rendimento Mínimo Garantido

RSI – Rendimento Social de Inserção

SPAT – Sociedade Portuguesa de Arte Terapia

SPSSPASW – Statistical Package for Social Sciences.

TE – Terapias Expressivas

UE – União Europeia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

ZDR – Desenvolvimento Real Actual

## **Introdução**

### A Impossibilidade de Escrever os Afectos

O Espaço t, nasceu de uma história, uma vontade de contribuir para a construção de um mundo melhor, mais incluso, mais afectivo, com mais autoconfiança. Pensar menos num mundo economicista e mais num mundo, onde os Homens são a essência e é a partir deles que tudo se recria, se constrói, reconstruindo.

E esse Homem não será só físico, mas muito para além disso; um corpo como ponto de partida, de onde partem as emoções e os afectos, num fervilhar contínuo, como se de uma outra linguagem se tratasse; sentimos, vivenciamos esse afecto, damos e recebemos, mas quase nunca os conseguimos descrever.

Por mais que pensemos os afectos, nunca os conseguimos localizar, nem caracterizar; é algo que existe para além do Homem, algo que sai do seu interior, que interage com o físico mas é não físico, apesar de promover o equilíbrio físico e o outro.

Quando uma mulher sente um parto, a metamorfose da dor e do prazer é tanta que não a consegue explicar, sente um bem-estar, mas esse bem-estar é algo mágico, um sossego desassossegado, um prazer incontrolável e indiscutível, mas que não está em nenhum lado do físico e talvez esteja em todo.

Um Homem quando sorri não sente só a contracção dos músculos faciais, sente todo um prazer que vai para além da face, irradia todo o corpo e vai para além dele. Um estado afectivo que dá bem-estar mas que no entanto não se consegue descrever. Um orgasmo partilhado entre dois seres, produz prazer, talvez dor, às vezes angústia, cria êxtase, bem-estar e paz. No entanto, todo esse turbilhão de afectos e sensações são muito mais que contracções físicas e libertações hormonais, são acima de tudo sensações indescritíveis que percorrem um corpo numa cadeia interminável de estados de prazer e às vezes até de desprazer, que se multiplicam e desdobram em estados não físicos.

E a dor da morte de um ser que sentimos, corpo físico que parte e também não físico, sensação que não entendemos mas aceitamos, no entanto sentimos, numa abrangência quase total de um corpo físico, mas que quando tentamos compreender não entendemos.

O vazio de um ser, vazio por ter tudo, vazio por não ter nada, vazio por entender, vazio por sentir, difícil é compreender. Mas é aí que reside a verdadeira essência humana que todos queremos compreender, mas não compreendemos, todos queremos dominar mas não dominamos.

Um percurso que permanece em todos os seres, de uma forma intrínseca, quase dramática que muitas vezes a anulamos para sermos só físico e de algum modo nos compreendermos melhor, outras vezes criamos um certo embotamento e estrangulamento desta dicotomia físico/não físico, como forma facilitadora de auto-compreensão mas, num futuro, mesmo que longínquo, temos necessidade de a libertar e tentar compreender ou então tentarmos compreender o incompreensível e libertar toda essa emoção como se de parte do físico se tratasse.

Ninguém é feliz totalmente, mas também a felicidade é um estado afectivo que vai para além do físico, no entanto, a consciencialização de toda esta magia que é a vida sentida e vivida apesar de não a compreendermos totalmente, ajuda-nos a encontrar estádios diferentes de felicidade e a compreender o Homem como algo incompreensível. No entanto, este só pode ser vivido se for entendido como um todo que é físico e não físico, que é transformável e transformador, que é volátil como as emoções; mas é isso que os torna diferentes e únicos.

Apesar de não compreendermos o todo nem as partes, apesar de entendermos que o Homem só se realizará nesta angústia equilibrada de desequilíbrios físicos, emocionais e sociais, é importante que todos os Homens entendam estas circunstâncias e caminhem nelas como num corredor de emoções que transformam o sentir de quase tudo em quase nada.

Todas as necessidades, são assim importantes, nesta dicotomia de vivências internas e externas. Nenhum Homem será nem estará integrado consigo e com os outros se apenas estiver satisfeito com as necessidades básicas e fisiológicas, forçosamente tem de se compreender e compreender os outros. Se assim não acontecer, ele estará desintegrado parcialmente ou totalmente de forma anulada física ou metafísica ele não se compreende nem vive, apenas sobrevive.

É preferível que na sua incompreensão se compreenda parcialmente, do que não se chegar a compreender que tudo vai para além do eu físico. Esse quase imaginário, mas real “eu interior” que transforma e reconstrói, que muitas vezes dói e faz derrubar todos os conceitos e preconceitos, faz com que o Homem entenda que viver é estar, sentir, amar, comer, compreender, não compreender, e no final aprender a estar no incompreensível.

A arte é pois, para nós a forma de entender e libertar o não físico. Chegar ao intocável Mundo dos Afectos. Carregar, levitando, todo um ser físico e não físico que se torna mais compreensível se o entendermos, mesmo que parcialmente, à medida que jogamos num mundo de necessidades físicas e não físicas como se de um jogo se tratasse e na interacção de tudo encontramos a paz possível, de um mundo em que o físico tem mais força do que o que o percorre, no entanto, o que o percorre é a verdadeira essência. É por isso necessário e urgente que esta vivência surja em todos sem excepção.

Neste trabalho tentamos compreender que com a arte os indivíduos percebem que são todos iguais, e que mesmo nos seus mundos únicos, muitas partes de cada se tocam, se encontram e se conjugam.

Acreditamos que com a arte todos se compreendem melhor, aceitam melhor o outro, interagem melhor consigo próprios e com os outros, transformam o físico e não físico, em algo mais compreensível.

Tentamos, assim, fazer uma incursão a esse mundo das metáforas humanas, onde sempre um choro é mais que um conjunto de água e contracções musculares, onde paz é mais do que um batimento cardíaco reduzido e onde o Homem é mais do que um conjunto de células e moléculas, onde as reacções químicas são uma constante.

No entanto, ainda, não conseguimos recriar essas reacções químicas que geram emoções em laboratório, sem a presença do binómio homem físico/não físico; aí sim teríamos uma compreensão mais plena de tudo, ou talvez não!...

Desta forma, as questões centrais de investigação que se colocam são as seguintes:

- (1) Será que os indivíduos com problemas bio-psico-sociais ou outros melhoram o auto-conceito através da frequência de grupos arte?
- (2) Que factores internos e externos influenciam o indivíduo no seu processo de integração, tendo em conta a metodologia utilizada nos grupos arte?
- (3) Tendo por base a definição dos vectores que são utilizados, na metodologia dos grupos arte, será que poderemos definir um novo modelo de integração?
- (4) Poderemos reorganizar as necessidades humanas, passando de um modelo estático para um modelo dinâmico e centrado no indivíduo?

Assim sendo, na primeira parte deste trabalho, fazemos a revisão teórica sobre conceitos relacionados com a inclusão/exclusão social e de arte como ferramenta de educação e de terapia. Na segunda parte apresentamos a metodologia da investigação, sendo esta uma metodologia mista, na terceira parte expomos os resultados do trabalho de campo, após termos apresentado o percurso do Espaço t como evidência da prática. Finalmente, propomos uma nova conceptualização para um modelo de intervenção social incluso. Este modelo baseia-se em quatro vectores, a referir:

1. Humanismo
2. Unidade
3. Motivação
4. Arte

Apresentamos, ainda, uma nova forma de ver e entender a organização das necessidades humanas, tendo por base um processo dinâmico, no qual o indivíduo é o elemento chave.

Antes de percorrermos esta caminhada difícil de passar para o papel esta história, como se fosse uma história com muitos personagens, onde todos eles vivem um papel não escrito e quase sempre espontâneo, libertado do momento e no momento em que o escrevemos já aconteceu, mas existe um outro que acontece e se sucedem como nuvens voláteis, visíveis, mas intocáveis.

Desejo, a todos aqueles que percorrem estas palavras, uma boa viagem nesta longa história que agora começa.

Agosto 2011



PARTE A

ENQUADRAMENTO TEÓRICO:

DOS CONCEITOS TEÓRICOS QUE SE CRUZAM NA ARTE,  
NA REINSERÇÃO, NA EDUCAÇÃO E NA TERAPIA

---



**CAPÍTULO I – Reinserção: Necessidade de um Novo Paradigma,  
onde pensamos as emoções**



## **Nota Introdutória**

Neste capítulo é nosso objectivo enunciar as referências históricas e teóricas que delimitam a nossa área de investigação e intervenção. Começamos por efectuar uma descrição histórica da evolução dos modelos de protecção social de Portugal.

Seguidamente, apresentamos uma abordagem na definição de dois conceitos fundamentais na área da reinserção: inclusão/exclusão.

Esta é uma área bastante complexa e vasta, repleta de ambiguidades e de discursos pouco consensuais. A maioria dos conceitos são recentes e, nem sempre, definitivos. É importante e pertinente fazer uma reflexão sobre as considerações teóricas que estruturam esta área do conhecimento.

### **1.1 História da Protecção Social – da Caridade Religiosa às Políticas Inclusivas do Estado Social Moderno**

“O Homem é um ser gregário. Por natureza, vive com os semelhantes e sente prazer nisso. De facto, não existe mais cruel punição, infligida ao indivíduo, que a de isolá-lo de outros homens durante um longo espaço de tempo. Se o prazer de conviver com outros é próprio da natureza originária e básica do homem, não se sabe. É claro, porém, que os primeiros homens ... viviam juntos, fosse numa caverna ou em rudes abrigos construídos de ramos e folhas, ou acorados à sombra de árvores.....Fosse o que fosse, os homens mais primitivos desejavam sempre estar perto dos da sua espécie. A razão talvez estivesse no desejo de segurança e na ideia de que um homem, sozinho, estava mais perigosamente

exposto aos inimigos, ao passo que dois ou mais, juntos, estariam mais capacitados para se proteger” (Frost, 1981, pp. 500-501).

O ser humano necessita de viver em sociedade para viver em pleno. Da união, sob a forma de grupo, com os seus semelhantes resultam muitas vantagens, como a garantia e melhoria de protecção, a satisfação de necessidades materiais, culturais e afectivas; e a própria sobrevivência da espécie. Podemos afirmar que os primeiros grupos de seres humanos se baseavam simplesmente no instinto primário de sobrevivência, mas também, não deixa de ser verdade que dessa união resultava uma conjugação de esforços que melhorava a vida de todos e de cada um individualmente. Desta forma, durante toda a existência humana, do nascimento à morte, os indivíduos agrupam-se e criam entre si relações de colaboração e dependência mútua.

Não é difícil de compreender que a preservação/protecção do *outro* é algo intrínseco à condição humana. Desde que nasce, uma criança depende do outro, e todo o processo de socialização tem por base esta relação. Também “o sujeito adulto está preso ao outro, preso numa rede de relações que o situam e definem, imerso num complexo social que lhe fornece uma linguagem, lhe impõe ou propõe códigos, direitos, deveres” (Maggior, 1981, p. 471).

Podemos afirmar que a evolução da história, referente à protecção social teve o seu início na pré-história. O Homem, independentemente dos seus motivos, desenvolve esforços para cuidar dos seus semelhantes.

Importa, desta forma, situar com alguns exemplos o que foi o passado da protecção social e do seu exercício em Portugal. Não pretendemos aqui fazer uma história social extensa, o principal objectivo é apenas oferecer algumas referências para que seja possível enquadrar os modelos do “pensamento social” no nosso país. Assim, serão referidos alguns momentos desse processo, do passado mais longínquo, ao estado novo, passando pelo período pós 25 de Abril, a decisiva adesão à União Europeia, passando finalmente à actualidade; salientamos, assim, os marcos mais relevantes do desenvolvimento da protecção social.

Desde a fundação da nação portuguesa, a nossa sociedade demonstrou uma elevada preocupação pelos pobres, doentes e desintegrados. Existem documentos que o

comprovam – a título de exemplo, no reinado de D. Afonso II, Portugal possuía uma rede de serviços de assistência social que englobava enfermarias, leprosarias, fraternidades e albergarias. Esta rede social tinha por base uma filosofia que catalogava os indivíduos com menos condições sociais em diferentes tipologias de pobres: seguindo de perto a classificação de Baruque (1973):

“...a pobreza deverá integrar-se em cinco categorias assim sumariamente representadas: pobres-velhos; pobres-doentes-aleijados; pobres-viúvas; pobres-vagabundos; pobres-religiosos. Outras categorias situam-se entre a marginalização e a exclusão social. Quando muito são toleradas pela sociedade, a qual em determinadas circunstâncias as persegue e dificilmente as admite na convivência do quotidiano. Dentro desta tipologia encontram-se os estrangeiros; minorias étnicas (muçulmanos e judeus)” (Delgado *et al*, 2000, pp. 17-28).

Esta classificação já demonstrava uma aplicação de princípios éticos e reguladores da “protecção social” promovido pelo reino.

Mas, o melhor exemplo deste tipo de regulamentação foi a lei da Sesmarias, conforme refere Baruque (1973):

“ A mendicidade muitas vezes sinónimo de pobreza, sempre foi um grave problema social em Portugal. A título de exemplo, provam-nos as leis da Sesmarias, de 1375, nas quais, no reinado de D. Fernando, se determinava que «os mendigos seriam presos pelas justiças do lugar» se o motivo primeiro de tal actividade fosse, mais do que pobreza a ociosidade, a vadiagem e a vagabundagem. Vadiagem e mendicidade merecem interpretações díspares segundo a lei portuguesa. A primeira tende a ser combatida como algo de muito nocivo para a sociedade. Trata-se de alguém que por norma não tem nem pretende conseguir qualquer profissão. Já o mendigo é visto com outro estatuto. Este vê-se, involuntariamente obrigado a recorrer à caridade pública por falta de meios de subsistência” (Delgado *et al*, 2000, p. 146).

Esta lei foi implementada num momento de crise económica e social que se manifestava há já algumas décadas – guerras Fernandinas com Castela que causaram instabilidade social, económica e política; para além da peste negra que, poucos anos antes, dizimou

um terço da população portuguesa. Certamente, toda esta conjuntura socio-económica contribuiu para despertar a consciência, de quem governava, para a necessidade de proteger a população de certas problemáticas, nomeadamente os grupos vulneráveis.

Desde os tempos remotos da edificação da sociedade portuguesa até, aproximadamente, ao século XVI houve pouca evolução, no que refere à protecção social. Esta estagnação no desenvolvimento da protecção social poderá ser explicada por vários factores, nomeadamente: transformações técnicas, sociais, políticas, sendo de referir ainda o facto de a Igreja ainda se encontrar em fase de disseminação. Com a consolidação da Igreja católica a sua influência fez-se sentir a todos os níveis, desenvolvendo um papel activo na normalização e moralização dos comportamentos do povo, mas também do próprio estado, uma vez que a sua autoridade projectava-se nas decisões políticas.

No entanto, se os cânones religiosos e a sua vertente assistencialista, que caracterizava a Igreja evidenciavam um dever moral de proteger o semelhante, para o estado este dever assistencialista para com os indivíduos mais vulneráveis revelou grande utilidade, uma vez que as instituições de protecção social associavam o carácter assistencialista ao carácter disciplinar, criando um conjunto de mecanismos de vigilância sobre a população mais pobre, uma vez que, devido à precariedade em que viviam, eram indivíduos considerados mais susceptíveis de se revoltarem contra os poderes instituídos.

No século XVI constata-se uma alteração profunda na forma como a protecção social é assumida. Sem se afastar muito dos cânones da igreja, segue-se uma fase em que o estado chama a si o protagonismo assistencial. Nessa altura, competia ao rei assegurar as necessidades vitais dos indivíduos.

Com a época dos Descobrimentos deu-se início a um conjunto de transformações bastante significativo em toda a globalidade do tecido social. Desde o êxodo rural em direcção às grandes cidades costeiras, onde as pessoas se concentravam e procuravam formas alternativas de sobrevivência e até melhoria da qualidade de vida, às famílias que se separavam por influência dos Descobrimentos – os homens partiam e tardavam em regressar ou não regressavam de todo; facto este que levava à criação de um conceito de família muito distorcido - com mulheres, filhos e pais envelhecidos que

perante esta nova situação, se viam obrigados a viver de esmolas e obter ajuda em instituições.

Esta nova situação socio-económica fez surgir uma nova realidade ao nível da protecção social, tendo esgotado o modelo assistencial até aí praticado. A urgência vivenciada exigia reformas profundas e céleres de todo o sistema. A resposta surgiu em dois vectores fundamentais: a criação dos “hospitais modernos” e das misericórdias. Aos hospitais cabia a acção ao nível da saúde pública, funções que continuam a manter até aos nossos dias; já as Misericórdias absorveram funções assistenciais abrangentes. A grande obreira das misericórdias foi a Rainha D. Leonor de Lencastre, viúva do rei D. João II, e a ela deve-se a criação da primeira Misericórdia do reino, fundada a 15 de Agosto de 1448. Ficaria para a história como obra de “homens bons”, sendo apoiadas pela corte e reconhecidas pela Igreja sendo, no entanto, que uma e outra respeitavam a autonomia da instituição.

No reinado de D. Maria I, a 3 de Julho de 1780 assinala-se a fundação da Real Casa Pia de Lisboa, por diligência do Intendente de Polícia Diogo Inácio de Pina Manique. Esta obra surge no contexto dos muitos problemas sociais subsequentes ao devastador terramoto de 1755. Inicialmente, tendo por sede o Castelo de S. Jorge, a Casa Pia concentra a sua actividade no apoio e recuperação dos sem-abrigo que deambulavam pela cidade. Posteriormente, reorientou-se para a vocação que hoje lhe conhecemos – o acolhimento e apoio a crianças pobres, órfãs e abandonadas. Enquanto lhes providenciavam a satisfação das necessidades básicas, fomentando a sua educação, tentando transformar alguns comportamentos com o intuito de promover a integração destas crianças e jovens na sociedade. Para este efeito foram contratados profissionais, professores e técnicos de competência reconhecida.

Derrubada a monarquia e implantada a República, Portugal vivenciou um período de grande instabilidade política e social. As dificuldades económicas legadas do regime monárquico e potencializadas negativamente pela participação na I Guerra Mundial, bem como, pela instabilidade política, não facilitaram o investimento público direccionado aos mais desfavorecidos. Apesar disso e tendo em conta as condições adversas, a I República conseguiu alguns progressos sociais de importância inegável, entre os quais se podem destacar: a igualdade de género, criação da protecção social

para órfãos e mães solteiras, leis laborais de protecção das mulheres e menores, reconhecido o direito ao divórcio, melhoria do acesso à escolaridade básica, assim como a criação de uma rede de novos estabelecimentos de ensino por todo o território nacional.

Embora este período tenha sido tumultuoso, Portugal foi um dos primeiros países a aprovar uma lei de protecção à infância, facto que honra o pensamento assistencialista da época. Assim, a lei de Protecção à infância, datada de 27 de Maio de 1911, que só veio a ser regulamentada pelo Decreto-lei nº10767, de 15 de Maio de 1925, refere – “as crianças são a base das sociedades, a matéria-prima com que hão-de construir-se e cimentar-se alicerces, ergue-se a arquitectura desempanada duma nacionalidade nova, solidamente organizada”.

A regulamentação da lei apontava uma série de critérios de avaliação do que eram considerados menores em perigo moral:

“...as crianças que não têm domicílio certo em que habitem nem meios de subsistência, por seus pais terem falecido, desconhecidos ou desaparecidos, ou por não terem tutor ou parentes legalmente obrigados a fornecerem-lhes alimentos, ou ainda outros parentes ou amigos que os queiram tomar ao seu cuidado...que se encontrem momentaneamente sem domicilio certo em que habitem nem meios de subsistência, devido à doença ou prisão dos seus pais ou tutor;...que vivam na companhia de pai, mãe ou tutor: que desprezem gravemente os seus deveres de vigiar e educar os filhos ou pupilos; que têm mau comportamento notório e escandaloso; que são conhecidos como sendo habitualmente ociosos, mendigos, vadios, alcoólicos. .... Que devido à malvadez ou especulação do pai e mãe ou tutor, são por parte destes: objecto de maus-tratos físicos habituais ou excessivos; privados habitualmente dos alimentos ou outros cuidados indispensáveis à sua saúde; empregados em profissões proibidas, perigosas ou desumanas, que põe em grave risco a sua vida ou saúde”.

Ao redigir e regulamentar esta lei, o Estado pôde assim, assumir a responsabilidade sobre estas crianças ao nível educativo, formativo e de desenvolvimento social. Podemos afirmar que é apenas um esboço do que é hoje a protecção social de menores,

mas não podemos escamotear o mérito de, num contexto tão turbulento, a elite política e intelectual da nação ter consagrado tanto do seu esforço à reforma de questões puramente sociais.

Se a política da I República se caracterizou pelo anti-clericalismo, o Estado Novo, chefiado por Oliveira Salazar, reconciliou-se definitivamente com a Igreja. Aliás, o Estado e a Igreja mantiveram, sempre, uma relação mais ou menos subtil enquanto suporte da identidade nacional. De outro modo, nenhuma operação política seria eficaz se não fosse precedida de uma intervenção social que exercesse uma *acção moralizadora e educativa* do povo. Interferindo na consciência do indivíduo, preparava-os e formava-os para que se tornassem mais flexíveis às suas reformas. A aliança do Estado com a Igreja Católica resultou na institucionalização do Serviço Social; este facto serviu tanto os interesses do Estado como os da Igreja. O Estado libertou-se do árduo problema que era a “questão social”, e a Igreja passou a gerir toda esta área, passando a ter uma influência nacional, marcadamente, mais ampliada.

Em 1934, a União Nacional, único partido do Estado Novo, fez a proposta para a criação de escolas de Serviço Social. Em 1935, o Cardeal Cerejeira concebe a primeira Escola de Serviço Social – Instituto de Serviço Social de Lisboa. Em 1936 surge a Escola Normal de Coimbra e, em 1956, o Instituto de Serviço Social do Porto. A criação destas escolas e a formação das assistentes sociais (o serviço social era exclusivo do sexo feminino) eram tutelados pela Igreja, mantendo, contudo, o Estado algum controle na formação das mesmas, uma vez que era de seu interesse que tanto as escolas como as assistentes sociais permanecessem fiéis à ideologia do estado, assim como à concretização dos seus projectos sociais.

No período compreendido entre 1939-1945 o estado passa por uma crise, “a emergência dos grupos monopolistas no interior do bloco dominante, e a sua luta por um lugar concordante com o seu crescente peso económico; o desemprego crescente, que produzirá a partir dos anos 50 a emigração; os problemas decorrentes do colonialismo cuja expressão maior será a guerra colonial” (Carvalho & Mouro, 1987, p. 93), exigindo uma maior intervenção do Estado no domínio social que pretende assim “responder às exigências da fracção monopolista, sem que se ponham em causa os princípios ideológicos-políticos do Estado Novo” (Carvalho & Mouro, p. 93).

A evolução do serviço de protecção social foi afectada por condicionantes de natureza ideológica; a idiosincrasia do regime impôs o rumo da assistência social e da formação dos seus técnicos; todas as tentativas de introdução de novos conhecimentos e metodologias foram sistematicamente rejeitadas pelas hierarquias superiores que tinham pouca confiança em tudo que implicasse algum tipo de mudança, valorizando apenas os métodos que servissem os objectivos do regime.

Com a revolução de 25 de Abril de 1974, entramos num novo ciclo político, económico e social que terá como efeito imediato o reposicionamento teórico e prático da assistência social no novo contexto do regime democrático. O país sofreu com diversas crises internas, mas o maior desafio a nível social foi, indubitavelmente, o problema desencadeado pela descolonização, que deu origem a um dos fenómenos mais marcantes da sociedade portuguesa - o regresso forçado de aproximadamente meio milhão de indivíduos, sem casa, sem emprego, muitos deles sem suporte familiar. A invasão do mercado de trabalho, a ocupação de casas, a absorção dos sempre escassos recursos do estado, causaram bastantes tumultos na população que viam estas pessoas vindas das ex-colónias e que apelidavam de “retornados”, como uma reminiscência do antigo regime de inspiração fascista e até racista.

Deslocar meio milhão de pessoas em apenas alguns meses - entre a Primavera e o Outono de 1975 - foi considerada como a maior mobilização de sempre pós II guerra no continente Europeu. Ao dramatismo que envolveu muitos dos processos de repatriamento, acrescentaram-se todas as dificuldades inerentes ao seu processo de integração na sociedade Portuguesa. Certamente, todo este fenómeno constituiu um imenso desafio a todos os níveis: político, económico e social.

Inicialmente, em Junho de 1974, foi criado o núcleo designado de Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar (GADU), que promovia o apoio em casos de maior desprotecção. No entanto, o aumento geométrico do número de pessoas que regressavam ao país, exigiu a criação do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN), em Março de 1975, criado pelo Decreto-Lei nº 494/75, de 10 de Setembro (1975). Em Outubro de 1975 foi criada a Secretaria de Estado dos Retornados, integrada no Ministério dos Assuntos Sociais, a qual passou a tutelar o IARN. A acção deste organismo abrangia as mais diversas áreas; desde o acolhimento dos desalojados - regressados (a

terminologia encerra em si algumas questões sensíveis), alojamento temporário, habitação (para a qual as respostas foram muito insuficientes ou até mesmo exíguas), apoio à infância, terceira idade e deficientes, subsídios de emergência, empréstimos para integração, prestações sociais, bolsas de estudo.

A complexidade e a dimensão deste fenómeno resultou numa profunda reorganização social do país, para além do apoio dado pelo Estado, houve muitas outras instituições que tiveram um papel activo no processo de integração destes indivíduos. Este fenómeno só se pode conhecer se forem tidos em consideração os mais diversos factores envolvidos dos quais, pela sua importância, devem evidenciar-se alguns:

(1) a dispersão por todo o território nacional destas famílias que, na sua maioria, procuraram fixar residência em regiões de onde eram naturais ou onde habitavam familiares mais próximos, evitando deste modo alguma confusão e animosidade que se sentia, fundamentalmente, nos grandes centros urbanos. No interior, para além de encontrarem o suporte de redes familiares, também reequilibravam algum deficit de população activa devido à emigração; desta forma representaram uma mais-valia para essas regiões;

(2) a campanha lançada pela Igreja Católica de apoio à integração destas pessoas, nomeadamente através da rádio e da televisão, as quais disseminavam mensagens que apelavam à tolerância e promoviam a inserção;

(3) os funcionários públicos foram progressivamente integrados no aparelho do Estado, através do denominado Quadro Geral de Adidos. É verdade que este processo não foi idealmente rápido mas, como refere Barreto (1997), o novo regime Democrático teve um efeito reformador da máquina pública, desencadeando uma singular necessidade de funcionários. No entanto, os indivíduos que não pertenciam aos quadros públicos consideravam-se em condições “menos protegidas”. A inserção profissional destes indivíduos dependeu mais de variáveis pessoais, de destacar a elevada taxa de homens em idade activa, nível académico em média superior ao da restante população, competências profissionais adquiridas em África, que tinham muita procura num mercado de trabalho que estava em fase de modernização. Foi assim, neste “contexto de crescimento vertiginoso...que escancarou as portas da inserção profissional, antes de

tudo, àqueles que tinham competências relevantes nesta área e que puderam ainda usufruir dos mecanismos que procuravam promover a inserção de "retornados", como prioridade no acesso a determinados postos de trabalho" (Oliveira N., 2008, p. 11).

(4) a ajuda internacional de vários países como os Estados Unidos da América, Suíça, Holanda, Suécia, entre outros, embora não sendo decisiva, teve alguma expressão. O Concelho da Europa, através do Fundo de Reinstalação promoveu empréstimo de alguma dimensão; a Caritas e outras Organizações não Governamentais (ONGs) receberam fundos de instituições similares.

A partir de 1978, os ajustes económicos impostos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) alteraram significativamente a trajetória da sociedade portuguesa que se viu forçada a conviver com enormes contradições sociais. Acabados de sair de um período revolucionário que tanta importância imprimiu aos direitos dos trabalhadores, o país viu-se a braços com situações como "o trabalho clandestino, a sub-contratação, a feminização da mão-de-obra, o surgimento de empresas de agenciamento de mão-de-obra..., o trabalho por conta própria, como algumas das formas de exploração e precarização do trabalho" (Santos, B., 1993, pp. 38-39).

Apesar dos novos fenómenos emergentes, o fim da década de 70 e os anos 80 são de estabilização económica e política. A partir de 1982, os militares desocupam os lugares de influência política, o empréstimo do FMI contribui para a regularização das contas públicas, a inflação desceu, algumas empresas nacionais foram privatizadas. Portugal prepara a sua entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE), o que veio a ocorrer em 1986. Em teoria, a integração Portuguesa na União Europeia (UE), resultaria na diminuição dos índices de pobreza e de exclusão social. Porém, na realidade, a União Europeia tem valorizado a formação de mercados, negligenciando a implementação de verdadeiras políticas sociais, valorizando sobretudo a distribuição de subsídios que servem como suporte financeiro de muitos projectos de intervenção social; não assumindo responsabilidades directas, denunciando desta forma, muitas dificuldades na edificação de uma política social Europeia, aliás "há quem prefira falar de orientações europeias no domínio social, com o que se dá conta do carácter eventual e fragmentário das medidas existentes" (Rodrigues, 2002, p. 266).

Como afirma Gonçalves, E. (2003), a Comunidade Europeia foi:

“...estabelecida originariamente com o objectivo de realizar um ‘mercado comum’, o que a levou a privilegiar as liberdades do mercado ... e a descuidar as liberdades e os direitos civis e políticos (tradicionalmente protegidos à escala nacional). Só em casos muito específicos garantiu a CE direitos de natureza social”, como cita a autora, “o princípio da não discriminação a trabalhadores migrantes nacionais de outros países da Comunidade quando no exercício da sua liberdade de circulação, ou como no princípio da igualdade entre homens e mulheres”. (p. 2).

Tendo em conta todas as dificuldades, próprias de uma comunidade constituída por 27 países, a UE parece querer retomar os objectivos que estiveram na sua génese: progresso económico e social e a promoção de um elevado nível de emprego e protecção social. Estes eram princípios que se encontravam já no Tratado de Roma promulgado em 1957.

Ao longo dos anos, pós-integração, Portugal tem beneficiado de fundos estruturais e dos programas de combate à pobreza que vão obtendo alguns resultados, no entanto, devido ao carácter provisório destes programas, não tem sido possível consolidar a sua acção.

Analisando especificamente o caso português, a maioria dos especialistas concorda com o progresso que representa a implantação, em 1996, do Rendimento Mínimo Garantido (RMG)<sup>1</sup>, que possibilita o acesso do cidadão a uma prestação monetária e a um “plano de inserção social”. Todo este projecto foi baseado na experiência de outros países da UE, como por exemplo a França que dispunha de um sistema denominado Renda

---

<sup>1</sup> A partir da Lei nº 13/2003, de 21 de Maio o rendimento mínimo garantido foi substituído pelo rendimento social de inserção.

Mínima de Inserção. O sistema praticado em Portugal é ainda mais abrangente que o praticado pelos seus congéneres, não se limitando a promover a inserção no mercado de trabalho, mas incluindo também diversas medidas de combate à exclusão social, nomeadamente: formação profissional; frequência do sistema educativo, de acordo com o regime de assiduidade predefinido; participação em programas de ocupação ou outros de carácter temporário que promovam a inserção no mercado de trabalho ou satisfaçam necessidades sociais, comunitárias ou ambientais; incentivos à criação de actividades por conta própria ou à criação do próprio emprego; entre outros.

O RMG, ou o Rendimento Social de Inserção (RSI), não pode ser encarado como modelo único, correndo o risco de transformar esta prestação na única resposta para combater a exclusão.

Será importante mencionar os princípios que orientam a Lei de bases da segurança social promulgada pela Lei nº 32/2002 de 20 de Dezembro (2002): universalidade, igualdade, solidariedade, equidade social, diferenciação positiva, subsidiariedade social, da inserção social, da coesão geracional, do primado da responsabilidade pública, da complementaridade, da unidade, da descentralização, da participação, da eficácia, da conservação dos direitos adquiridos e em formação, da garantia judiciária e da informação.

Todos estes princípios deixam antever um compromisso do Estado, na defesa de valores humanos universais e históricos, mas não deixa também de desafiar a sociedade civil a assumir o seu papel na resolução das questões sociais.

Os objectivos desta Lei são:

“a prevenção e reparação de situações de carência e desigualdade socioeconómica, de dependência, de disfunção, exclusão ou vulnerabilidade sociais, bem como a integração e promoção comunitárias das pessoas e o desenvolvimento das respectivas capacidades”. Acrescenta ainda que “a acção social destina-se também a assegurar a especial protecção aos grupos mais vulneráveis, nomeadamente crianças, jovens, pessoas com deficiência e idosos bem como a outras pessoas em situação de carência económica ou social, disfunção ou marginalização social, desde que estas situações não possam ser

superadas através do subsistema de solidariedade” (Lei nº 32/2002 de 20 de Dezembro (2002)).

Muito mais poderíamos dizer sobre a assistência social em Portugal no contexto da sua integração na UE, no entanto, por muito que fosse acrescentado, ficaríamos sempre longe de alcançar a compreensão total destas questões.

## 1.2 Conceito de Exclusão

“Homo Sapiens é originariamente social, desenvolve-se historicamente em sociedade, tem intrinsecamente necessidade de viver socialmente relacionado, e na ausência de redes sociais de suporte verificam-se desequilíbrios relacionais com eventuais incidências psicopatológicas. Para lá das relatividades culturais de valores, crenças, visões do mundo, subjaz esse paradigma de universalidade que é a sociabilidade humana e as redes sociais como expressão dessa sociabilidade intrínseca” (Vala & Monteiro, 2002, p. 523).

Parece-nos importante dedicar algum tempo à explanação deste conceito porque a definição de “exclusão” aparece, muitas vezes, generalizada no discurso corrente. A pouca importância dada às definições conduz frequentemente a práticas de intervenção social pouco sedimentadas e estruturadas; mistura os sentidos e o significado dos modelos de intervenção e das políticas sociais que têm como objectivo a promoção da inclusão.

Existem várias definições de exclusão social, muitos autores e várias tendências. Em termos breves, uma das grandes referências nesta matéria, Robert Castel define:

” ...‘exclusão social’ como a fase extrema do processo de “marginalização”, entendido este como um percurso “descendente”, ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade. Um ponto relevante desse percurso corresponde à ruptura em relação ao mercado de trabalho, a qual se traduz em desemprego (sobretudo desemprego prolongado) ou mesmo um “desprendimento” irreversível em relação a esse mercado. A

situação limite – a de “exclusão social”- é caracterizada não só pela ruptura com o mercado de trabalho, mas por rupturas familiares, afectivas e de amizade” (Castel, como citado em Costa, 2005, p. 10).

Tendo por base esta definição podemos concluir que a exclusão social ultrapassa os factores de carência económica, alargando-se a outras esferas da vida.

A exclusão, configura-se assim, como um fenómeno de natureza multidimensional, um conjunto de circunstâncias conjunturais (desemprego, marginalidade, discriminação, doença, velhice, entre outros), que se interligam e que contribuem para a promoção e realização do indivíduo excluído.

A componente mais grave da exclusão é que esta tem um carácter cumulativo e muito persistente, reproduzindo-se através de processos de transmissão cultural e geracional que dão origem a um sistema de marginalização e de estigmatização de carácter crónico, sendo ao mesmo tempo causa e consequência de tantas manifestações de fragmentação social. A privação continuada no tempo de recursos materiais e sociais, arrastam “para fora ou para a periferia da sociedade” todos aqueles que “não participam dos valores e das representações sociais dominantes” (Fernandes, 1998, p. 16). Este processo contribui para a desintegração do indivíduo e da sua rede social, caso exista, e, em situações limite, pode mesmo levar a uma perda ou transformação da identidade pessoal o que, inevitavelmente, conduz à construção de um auto-conceito negativo e a uma baixa auto-estima.

Queiroz e Gros (2002) sustentam que a exclusão social surge da exclusão cognitiva – dificuldade de acesso ao trabalho qualificado pelas baixas qualificações escolares (a divisão do trabalho implica frequentemente o envolvimento em actividades desqualificadas e desqualificantes, indutoras de autênticas regressões cognitivas e de uma alienação total da actividade de reflexão) – e pelas restrições culturais e relacionais geradas pela pertença a contextos de vida, eles próprios, pertencentes às franjas sociais.

De acordo com Lopes (2004) “a exclusão provoca marcas profundas na personalidade do excluído, diminuindo as suas aptidões, motivações, aspirações, iniciativa própria, e alterando o quadro de valores, o gosto pela vida e pela socialização” (p. 41). Este processo acaba por se transformar num fenómeno circular: se por um lado determinados

indivíduos são excluídos, esses mesmos indivíduos ao tomarem consciência da sua condenação ao fracasso/insucesso, eles próprios promovem o seu afastamento e auto-exclusão.

Se o termo “exclusão” remete para um contexto de referência no qual o indivíduo se projecta nas franjas sociais, fora do padrão da norma, é considerado por isso excluído; já o termo “social” apresenta uma relação estreita com a sociedade, assim podemos afirmar que se refere à dimensão de cidadania. Este é um aspecto que consideramos fundamental para o correcto entendimento do conceito de exclusão social.

### **1.3 Relação entre Pobreza e Exclusão**

O conceito de pobreza é um conceito bastante controverso e pouco consensual e em demasiadas situações é-nos apresentado na sua visão económica e financeira. Assim, na linha de Townsend, a pobreza deve ser analisada tendo por base duas perspectivas: uma perspectiva objectiva, “matematicamente” mensurável e, logo, claramente definida; e uma segunda perspectiva, mais subjectiva, relacionada com a vivência do indivíduo, com os seus valores e idiosincrasias. Para Townsend:

“...os excluídos são os indivíduos ou famílias que acumulam um conjunto de riscos, de dificuldades, ou de handicaps que os conduzem à pobreza económica, ao enfraquecimento dos laços familiares e sociais, ao descrédito social e mesmo à perda de laços identitários. Se nos detivermos nos trabalhos franceses mais recentes, a “desfiliação” (Castel), a “desqualificação social” (Paugam), a “desinserção” (De Gaulejac), produzem-se no seguimento de trajectórias individuais nas quais se acumulam e reforçam diferentes rupturas e “perdas” ou privações, aumentadas pelos mecanismos sociais que tendem a estigmatizar” (Strobel, 1995, pp. 34-35).

Esta última perspectiva promove o aparecimento dos tópicos fundadores de um debate que persiste até aos dias de hoje. De facto, os primeiros estudos enfatizavam a pobreza monetária, enquanto os autores contemporâneos defendem uma definição de pobreza

mais alargada e complexa, como um fenómeno multi-dimensional que inter-relaciona diversos factores da condição humana, como referido por Costa, (2008):

“a pobreza é uma realidade bem mais ampla e complexa do que um conjunto de carências materiais permite perceber. A natureza humana não consente segmentações, como se aquelas condições adversas pudessem deixar de atingir o ser humano como um todo, no sofrimento, nos sentimentos e afectos, no exercício da inteligência e da vontade, nos hábitos e comportamentos, na incerteza quanto ao dia de amanhã ou até da próxima refeição, na relação com os outros, no exercício da cidadania, no cumprimento dos seus deveres e no gozo dos seus direitos, a começar pelo direito à liberdade – enfim, na concretização da sua fundamental e universal vocação de desenvolvimento e de realização” (p.20).

Não é somente a falta de bens materiais que define a situação de pobreza, mas sim o facto de os indivíduos poderem ou não satisfazer as suas necessidades pelos seus meios. Este factor foi especialmente salientado por Amartya Sen (1999), que evocou os *conceitos de habilitação (entitlement) e capacidade*; na perspectiva deste economista e prémio Nobel da economia, é precisamente a falta de capacidades dos próprios indivíduos em promover uma vida referenciada segundo os padrões mínimos e aceitáveis na sociedade que define a pobreza. Acrescenta ainda uma nova perspectiva, associando a pobreza à falta de liberdade, atribuindo ao conceito de liberdade, como direito humano, uma dimensão económica e social – “o relacionamento da pobreza com a liberdade leva-nos a concluir que, pelo menos enquanto negação da liberdade, a pobreza configura uma situação de negação de direitos humanos fundamentais” (Costa, 2008, p. 23).

Longe de esgotarmos todas as definições de pobreza que, por vezes, parecem perder-se em preciosismos teóricos, a nossa opção assenta numa visão da pobreza e exclusão como dois fenómenos concomitantes e complementares. A pobreza configura sempre uma forma de exclusão social, assim “não existe pobreza sem exclusão social. Já o oposto não é necessariamente verdade, existem formas de exclusão social que não implicam pobreza” (Costa, 2008, p. 164)<sup>2</sup>.

#### 1.4 Manifestações de Exclusão e a sua Origem

A exclusão social tem várias vertentes e manifesta-se nos quadrantes mais diversos da vida do ser humano. Nenhum ser humano é pobre ou excluído por opção! De acordo com Costa (2008), “as pessoas são excluídas devido a vários factores: factores de natureza social, factores de origem legal, factores de natureza cultural, e também factores patológicos e de comportamentos autodestrutivos” (p. 73).

A referência a *factores de natureza social*, alude, por exemplo, a uma situação muito típica entre idosos e pessoas em idade adulta avançada, que, apesar de não apresentarem qualquer tipo de carência financeira ou falta de recursos, estão excluídos e isolados; na verdade, “*a morte não chega com a velhice, mas com o esquecimento*”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup>Por exemplo, os idosos cujas dificuldades nem sempre se relacionam com questões monetárias e sim com o isolamento a que são votados. Também algumas minorias sofrem discriminações que os excluem da sociedade, sendo que o motivo específico dessa exclusão nada tem a ver com a pobreza. Aqui deparamo-nos com uma nova perspectiva – as desigualdades sociais que afectam algumas pessoas mais vulneráveis, pela forma como se relacionam com o sistema social (sistema educativo, serviços de saúde, mercado de trabalho, habitação, etc.).

<sup>3</sup> Verso retirado de um texto poético intitulado “La Marioneta”, atribuído inicialmente a Gabriel Garcia Marquez. Aparentemente seria uma despedida do escritor que padecia de graves problemas de saúde.

Os imigrantes são um grupo que também pode ser facilmente absorvido pelo mesmo fenómeno. Neste caso, os *factores de origem legal* são fundamentais para compreender as dificuldades que alguns indivíduos têm em se integrar. O sistema legal e político tem o poder de permitir ou impedir o pleno exercício da cidadania. O emprego, o acesso ao sistema de saúde, a procura de habitação, entre outros, dependem desta situação legal.

No entanto, mesmo quando resolvidas as questões legais, os estrangeiros podem continuar a lutar para a não exclusão social devido a factores de natureza cultural. Segundo Costa (2008):

“o racismo, a xenofobia, preconceitos diversos são factores que originam este tipo exclusão e que, frequentemente, se configuram em rupturas simultâneas com vários outros sistemas: o económico (pobreza), o territorial (guetização e degradação habitacional), o emprego (insegurança *laboral*) e o simbólico (*referências identitárias em conflito*) ” (p. 73).

Por último, existem os *factores patológicos e comportamentos autodestrutivos*, doenças psiquiátricas, perturbações psicológicas, (tóxico)dependências, estes factores promovem um tipo de reacção social distinta – os indivíduos com comportamentos referenciados como patológicos, são muitas vezes, devido a estes excluídos, sendo muitas vezes referenciados como indivíduos fora da norma, socialmente aceite, catalogados como marginais ou mesmo *outsiders*, que põem em risco a paz e a “normalidade” social. Quase sempre, nestas situações, a resposta política é no sentido de os segregar do resto da sociedade, para mais estrategicamente os controlar. Contudo, e como sabemos, a trajectória de vida destes indivíduos configuram uma acumulação de fracassos, bem

---

*Mais tarde a imprensa desmentiu a origem do poema, atribuindo a verdadeira autoria a um artista chamado Johny Welch.*

como, uma falência progressiva das estruturas formais e informais de apoio, fracturando os laços simbólicos que unem a pessoa com o mundo social.

Desta forma, a exclusão social surge como um fenómeno que, mais do que atingir o indivíduo na sua unidade afectiva e altera o colectivo, remetendo para uma crise estrutural que enfraquece os alicerces da sociedade moderna.

### 1.5 Grupos de Risco

Ao promover uma breve pesquisa sobre grupos de risco de exclusão social, encontramos, quase invariavelmente e de forma sistemática, grupos como: toxicodependentes, seropositivos, pessoas sem-abrigo. No entanto, a realidade é bem mais complexa. Sendo verdade que podemos identificar as *categorias sociais desfavorecidas tradicionais*: *idosos* (marcados pela insuficiência de recursos económicos devido às baixas pensões, isolamento, desintegração familiar e até isolamento); *camponeses pobres* (baixa rentabilidade da sua actividade); assalariados (fracas qualificações e baixas remunerações (Rodrigues, Samagaio, Ferreira, Mendes & Januário, 1999, p. 71). Por outro lado, hoje existem novas categorias sociais mais vulneráveis à exclusão social (Costa, 1998):

(1) *desempregados de longa duração*, cujas dificuldades de reinserção no mercado de trabalho se devem, total ou parcialmente, à posse de poucas habilitações académicas e qualificações profissionais, estando assim, não só privados da fonte de rendimentos, mas também de um dos vínculos mais importantes de ligação à sociedade e à rede de relações interpessoais que o emprego proporciona (Costa, 1998);

(2) *grupos étnicos e culturais minoritários*, cujo estilo de vida é frequentemente associada à precariedade das condições de vida; em consequência, a formação das identidades étnicas pode ser perspectivada como parte de um processo em que as categorias de raça e etnia são explicitamente invocadas para legitimar processos de inclusão, exclusão, discriminação, inferiorização, exploração, “agressão” verbal ou até mesmo violência física, levando à formação de subgrupos manifestamente “guetizados” e desintegrados;

(3) *famílias monoparentais*, com escassez de recursos económicos, indutores de situações de pobreza;

(4) *peçoas com deficiências*, marcadas por uma baixa capacidade (e oportunidade) de emprego, uma acentuada dependência social e familiar e uma difícil integração social e uma marcada estigmatização, muitas vezes com uma componente proteccionista, também ela negativa;

(5) *jovens em risco*, toxicodependentes e ex-toxicodependentes, detidos e ex-reclusos, excluídos das principais instituições sociais, como a família, a escola e o trabalho;

(6) *sem-abrigo*, uma categoria heterogénea em si mesma, tendo por base diversas causas possíveis: a toxicodependência, o alcoolismo, a ruptura familiar, o desemprego, a falta de suporte familiar ou outros;

(7) *trabalhadores(as)*, da economia informal ou trabalhadores(as) que desenvolvem actividade sob a forma de emprego precário, cuja vulnerabilidade à pobreza e à exclusão social é muitas vezes visível.

A estas categorias acrescentam-se ainda:

(1) *mulheres*, pela dificuldade a vários níveis, nomeadamente a dificuldade em conjugar o emprego, família, relações sociais e outras, a violência doméstica, entre outros;

(2) *jovens*, à procura do primeiro emprego, nomeadamente os que não possuem formação e qualificações profissionais;

(3) *indivíduos com doenças crónicas*, cuja debilidade física dificulta o exercício de uma profissão e a sua segregação no mundo externo;

(4) *beneficiários do Rendimento Social de Inserção ou outras prestações sociais*, que poderão constituir em si mesmos uma categoria transversal que enquadrará algumas situações acima mencionadas, embora seja a insuficiência de recursos o principal factor constitutivo desta categoria. (Rodrigues *et al*, 1999, pp. 71-72);

Santos, B. (2003), sugere, ainda, considerar e integrar as *minorias sexuais*<sup>4</sup>. Este grupo, se é que existe legitimidade para o referir como tal, merece referência atenta. Numa altura em que se promove o debate a questões que do sobre ponto de vista ético e legal são susceptíveis de causar alguma controvérsia, como as uniões de facto, casamento de pessoas do mesmo sexo e adopção homoparental; é importante relembrar que o regime internacional dos direitos humanos inclui temáticas cada vez mais específicas, entre as quais estão as minorias sexuais.

Neste contexto, e na última década, tem surgido em Portugal alguns movimentos de defesa das minorias sexuais. O Movimento Lésbico, Gay, Bissexual e Transgénero, (LGBT) ao utilizar a argumentação dos direitos humanos, tem servido de inspiração e de auxílio estratégico a outros grupos tradicionalmente discriminados. Aliás, esta aproximação de diferentes movimentos sociais e cívicos, tem resultado em parcerias entre organizações LGBT e outros organismos. Esta dinâmica entre os diversos actores sociais envolvidos, pode ser entendida pelo que Santos, B. (2003), designa por *teoria da*

---

<sup>4</sup> A expressão «*minorias sexuais*» designa um conjunto de cidadãos cuja orientação auto-percebida difere da heterossexual. Não se trata aqui de avaliar se as pessoas LGBT constituem uma minoria em sentido numérico, até porque não existem dados fidedignos acerca dessa realidade. Portanto, quando me refiro a «*minorias sexuais*» para designar lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros, faço-o na convicção de que uma minoria também se define por referência ao défice de poder que um determinado grupo tem relativamente a outro, pelas situações de exclusão e inferiorização a que um grupo é sujeito por parte de outro e pela falta de acesso aos direitos de cidadania reconhecidos a todas as pessoas. Neste sentido, por encaixarem nos critérios precedentes apenas pela sua orientação sexual, os/as cidadãos/ãs LGBT constituem, de facto, uma minoria. (Santos, Ana Cristina, 2004)

*tradução e da equivalência*, que explica esta aliança de movimentos sociais como uma forma de entreatajuda e reforço de objectivos comuns.

## **1.6 Conceito de Inclusão**

“Inclusão. Acto ou efeito de incluir”. “Incluir. Abranger; inserir; envolver; compreender”. (Dicionário Enciclopédico Português, 2006, p. 125). O significado semântico é notoriamente insuficiente para podermos compreender em toda a sua extensão o conceito de inclusão social. Não podemos separar o facto de este conceito estar estreitamente vinculado ao conceito de exclusão que, assim, tenta lutar contra a sua existência. Desta forma, o conceito de Inclusão apresenta, também ele, muitas incertezas do ponto de vista teórico na perspectiva de quase todos os especialistas desta matéria.

Como pudemos analisar anteriormente, na sociedade actual os excluídos são um grande grupo de indivíduos que não se incluem em nenhum grupo socialmente reconhecido. Em muitas circunstâncias e discursos comuns, esses indivíduos são aqueles que representam os indivíduos das franjas sociais e, por isso, muitas vezes rejeitados pelo próprio e pelo colectivo. Apesar de ser um fenómeno persistente, a exclusão não é necessariamente definitiva. A sociedade origina um fluxo constante e dinâmico de forças que nalguns casos se potenciam, noutros opõe-se. Por isso exclusão e inclusão confrontam-se no mesmo palco e é nele que se afirmam e posicionam.

Sasaki (1997) no seu trabalho “Inclusão: construindo uma sociedade para todos”, faz uma grande contribuição para a clarificação do conceito de inclusão social. Este autor sustenta a ideia que a inclusão social é a forma pela qual a sociedade se adapta para poder incluir, nos seus sistemas gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, essas também se preparam para assumir os seus papéis na sociedade. Este processo é bilateral e dinâmico: a sociedade faz um esforço de modificação e adaptação para aceitar pessoas que tem necessidades especiais ou que são vistas como “diferentes”, enquanto as mesmas se empenham na aproximação aos outros, atribuindo-se um papel activo na resolução dos seus problemas, reivindicando os seus direitos de

cidadania mas assumindo também as responsabilidades que lhes são inerentes, de forma a poderem ser considerados livres.

Deve ser ressaltado que não falamos de *integração*. Integração e Inclusão não têm o mesmo significado. Por integração entende-se a inserção de uma pessoa com necessidades especiais, tendo esta recebido preparação prévia para se adaptar às exigências da sociedade. As formas actuais de integração partem do pressuposto de que existem dois níveis de “ser cidadão”, um regular considerado “dito normal”, e outro especial. Estes podem ser inseridos, desde que sejam capazes de satisfazer uma série de requisitos, ou seja, acompanhar os “ditos normais”<sup>5</sup>. Assim, neste modelo, a sociedade mantém-se passiva enquanto arranja espaços específicos para receber as pessoas que por uma ou outra razão foram excluídas. Todos podemos ser especiais, todos estamos estratificados, todos somos únicos.

“Integração significa o (re)estabelecer de formas comuns de vida, de aprendizagem e de trabalho entre pessoas deficientes e não-deficientes. Integração significa ser participante, ser considerado, “fazer parte de”, ser levado a sério e ser encorajado. A integração requer a promoção das qualidades próprias de um indivíduo, sem estigmatização e sem segregação. Realizar pedagogicamente a integração significa, seja no jardim-de-infância, na escola ou no trabalho, que todas as crianças e adultos (deficientes ou não) brinquem/aprendam/trabalhem de acordo com o seu nível próprio de desenvolvimento em cooperação com os outros” (Steinemann, 1994, p. 7).

---

<sup>5</sup>*Sendo que a concepção de dito normal e aquilo que não o é, o desviante, vem evoluindo ao longo da história humana e diverge de cultura para cultura; de facto a fronteira entre ambas, muitas das vezes, parece ser demarcada apenas por uma “subtil diferença”.*

Apesar de tudo, o esforço dos programas de integração social é bastante reconhecido, não sendo de forma alguma descartáveis no combate à exclusão social. A grande questão que se coloca é se estes serão suficientes para dar resposta à realidade actual. Apesar de muito benignos, estes programas continuam a recorrer às práticas de “normalização”: escolas especiais, classes especiais numa escola comum, horários específicos para indivíduos com deficiência, quotas que garantam a presença de um número mínimo de mulheres, entre outros. É uma prática integradora bem-intencionada, com bastante mérito, mas não deixa de ser estigmatizante, de separação, de isolamento das diferenças em margens opostas.

“a integração social,... tem consistido no esforço de inserir na sociedade pessoas com deficiência que alcançaram um nível de competência compatível com os padrões sociais vigentes. A integração tinha e tem o mérito o portador de deficiência na sociedade, sim, mas desde que ele esteja de alguma forma capacitado a superar as barreiras físicas, programáticas e atitudinais nela existentes. Sob a óptica dos dias de hoje, a integração constitui um esforço unilateral tão somente da pessoa com deficiência e seus aliados (a família, a instituição especializada e algumas pessoas da comunidade que abracem a causa da inserção social), sendo que estes tentam torná-la mais aceitável no seio da sociedade” (Sasaki, 1997, p. 34).

Muitos questionam a necessidade de diferenciar estes dois conceitos, no entanto, só assim parece possível compreender as mudanças que se vêm verificando ao nível das respostas sociais. O actual registo é o de transição entre conceitos, da *integração* à *inclusão*, o que pressupõe uma evolução de paradigma, um novo modelo de actuação e protecção social dinâmico, pró-activo e igualitário. É também uma nova forma de pensar o mundo e o ser humano, uma nova etapa no caminho de conquista de direitos universais. Não existe homogeneidade geométrica entre homens, a diversidade é a regra. É deste princípio que nasce o paradigma da Inclusão Social; uma sociedade inclusiva tem em consideração todas as pessoas; em que a igualdade de direitos não é desvinculada do reconhecimento e do respeito pelas diferenças.

## 1.7 Pensar as emoções

Falar de emoções é sempre algo complexo, no entanto as mesmas fazem parte integrante do funcionamento humano e da sua vida. Desde sempre as emoções foram uma preocupação de filósofos, sociólogos, médicos, entre outros.

Na Grécia antiga defendia-se a ideia que as emoções eram instintos básicos e que se as mesmas não fossem controladas, afectariam a capacidade de pensar.

No séc. XX os trabalhos na área da investigação levaram-nos a outras conclusões, criando-se uma ligação entre emoção e processo cognitivo, ou seja as emoções de um indivíduo desde que percebidas por ele podem ter um papel fundamental na sua relação com ele e com os outros.

Com o recurso a processos tecnológicos, podemos concluir que as emoções interferem directamente na saúde do indivíduo, e até no seu processo imunológico. Howard Gardner (1999), psicólogo americano define esta capacidade como uma das múltiplas inteligências do ser humano a qual lhe atribui o nome de «*inteligência emocional*». A definição e conceito de emoção foi evoluindo ao longo dos tempos. Inicialmente a emoção era considerada uma alteração de natureza fisiológica desencadeada por factores ambientais e transmitida pela percepção sensorial (James-Lange). Posteriormente com o cognitivismo, a emoção era consequência da percepção que o Homem tinha sobre determinada situação, ou seja existe uma relação estreita entre situação e indivíduo.

Freud, ao estudar as emoções amplia esse conceito com outro, que é o dos afectos e consegue mesmo demonstrar através da psicanálise que o que interiorizamos são as representações afectivas ligadas às experiências emocionais.

Na actualidade um dos teóricos mais estudados é Henri Wallon (1879-1962), segundo o qual a emoção tem uma dupla origem, por um lado é biológica por outro é social, e refere ainda que através dela o indivíduo promove a sobrevivência da espécie humana,

pois através das suas emoções aprende a cuidar da sua espécie e assim a garantir a sobrevivência da mesma.

É na interacção com o outro e o grupo, que aprendemos a identificar, a catalogar, a hierarquizar e a lidar com as emoções.

Daniel Goleman(1999), introduziu o conceito de inteligência emocional, tendo por base os estudos de Howard Gardner, adquirindo esta cada vez mais importância em todas as áreas da ciência.

A emoção deve ser distinguida do sentimento, pois sentimento é a informação que os seres humanos são capazes de sentir nas situações que vivenciam. É por isso um estado psico-fisiológico. O sentimento é também a emoção filtrada pelos centros cognitivos do cérebro, nomeadamente o lobo frontal. Podemos por isso dizer que a emoção gera sentimentos com características mais duradouras, conscientes e do domínio privado do indivíduo enquanto as emoções são públicas, inconscientes e instantâneas. António Damásio (1996) classifica as emoções em primárias e secundárias. As emoções primárias são aquelas que são inatas, universais e evolutivas, partilhadas por todos os indivíduos e associadas a processos neurobiológicos específicos. As secundárias resultam de um processo também cultural e por isso um processo de aprendizagem grupal, como é o caso da vergonha.

Ao longo dos tempos as emoções tiveram e têm várias abordagens tendo cada uma os seus seguidores.

A corrente evolucionista, defendida pelos seguidores de Charles Darwin (1809-1882) centra a sua teoria no facto de que as emoções permitem-nos sobreviver e reproduzir melhor, sendo transmitidas de forma hereditária assim como todas as outras áreas do humano.

A corrente fisiológica criada por William James (1842-1919), teoria também definida como «*a emoção é a sensação*», refere que o fisiológico é que gera a emoção, por exemplo, por chorarmos, ficamos tristes. Ou seja, as reacções do corpo a uma situação, provoca à posteriori uma emoção. António Damásio também segue esta corrente e chega mesmo a falar do conceito de marcadores somáticos, marcadores esses que

informam o nosso espírito da presença de uma emoção, criando assim mecanismos de decisão mais rápida face a situações externas ou internas.

A corrente cognitivista tem como precursores os filósofos da antiguidade como Epicteto (55-135 D.C.), que referia que não eram os acontecimentos que afectavam o Homem, mas a ideia que deles se tem.

Esta corrente tenta centrar-se no conceito «estamos emocionados porque pensamos». Os seguidores desta corrente referem que continuamos a classificar os acontecimentos tendo em conta um eixo de decisão dicotómico, bem/mal, controlável/não controlável, entre outros e conforme a classificação dada a uma determinada situação surge uma ou outra emoção.

Por fim surge a abordagem culturalista. Para os seus seguidores a emoção é em primeiro lugar, um papel social ou reacção social, apreendida num contexto de grupo, numa determinada sociedade. Tendo em conta esta abordagem as emoções seriam diferentes conforme as culturas e as etnias, o que por si só criaria uma enorme diversidade de emoções.

Podemos assim afirmar que o mundo das emoções é um mundo em evolução onde existem perspectivas diferentes de as interpretar, existindo no entanto uma certa complementaridade entre todas elas.



## **CAPÍTULO II - A Mais Valia da Arte na Inclusão Social**



### **Nota Introdutória**

“A arte é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida”  
(Ostrower, como citado em Morais, F. 2002, p. 42).

A arte, desde sempre, acompanhou o desenvolvimento humano, e o desenvolvimento humano fez evoluir, ao longo dos tempos, os conceitos de arte.

Podemos afirmar, que a ligação Homem-arte é uma ligação indissociável e sinérgica. A arte está em todo o lado, mesmo em tudo aquilo que o indivíduo muitas vezes não associa ao conceito de arte. A cultura de um povo produz arte, a linguagem é uma forma de arte, o imaterial, ou seja, o que fica depois do homem passar também é arte. Até com textos tão simples, como a forma como nos alimentamos, como nos vestimos poderão, também, ser consideradas formas de arte. No entanto, não é nossa intenção, objectiva, definir o conceito de arte, e balizar as suas definições, mas sim efectuar uma incursão em todas as áreas ligadas à terapia e à educação, onde a arte é o instrumento de eleição nas suas práticas.

São muitas as perspectivas que utilizam esta dinâmica nos processos de procura do equilíbrio humano, nomeadamente: em territórios da saúde e mesmo por técnicos da área médica.

Por outro lado, temos também consciência, que a arte, também ela é utilizada como instrumento pedagógico. Não queremos falar da pedagogia artística, mas antes da pedagogia de todas as áreas e que utilize os conceitos e as ferramentas da arte, como elementos facilitadores da mensagem.

Pensamos que com esta abordagem multidisciplinar, Arte – Educação - Terapia, iremos compreender melhor a importância da arte no equilíbrio holístico do indivíduo, desde a descoberta do sentido da vida até à aprendizagem individual do percurso de vida e único de cada um.

Podemos produzir aqui uma pequena reflexão, tendo em conta o nosso objecto de estudo – inclusão pela arte.

Que ligação existirá entre esta tríade, Arte – Educação – Terapia? Sabendo nós que a arte é o denominador comum e está presente em todas estas áreas.

Em nossa opinião, facilmente se pode entender que as terapias, que utilizam a arte como instrumento terapêutico, quase sempre são terapias que se encontram enquadradas em dois dos três níveis de actuação da saúde, ou seja, as terapias pela arte nunca entram nos cuidados secundários, pois a arte não trata, nem cura, no sentido clínico da palavra. Desta forma, as terapias das artes entram somente nos cuidados primários e nos cuidados terciário. Nos cuidados primários, uma vez que promovem hábitos de vida saudáveis, criam melhores condições de vida ao indivíduo, entre outras. E nos cuidados terciários, contribuem para a criação de estruturas, ao nível da reinserção social, do indivíduo.

A arte é por isso, sempre, um complemento ao processo terapêutico. Será que neste domínio, das terapias que utilizam a arte, não estaremos a falar de educação? Claro que estamos, pois quando promovemos hábitos de vida saudáveis, junto de indivíduos independentemente do seu nível socio-económico, estamos sempre a produzir o envio de mensagens, informações concretas mesmo que de forma diluída. Estamos, desta forma, a educar pela arte.

Quando promovemos a integração de indivíduos, com problemas bio-psico-sociais, não estaremos nós, também, a motivar, a orientar, a informar, a facilitar o outro, para a sua reestruturação? Forçosamente, a integração é um meio de educação, mesmo que de forma informal. Nesta perspectiva a terapia pela arte, qualquer que ela seja, é sempre educação pela arte.

Através desta análise podemos aferir que terapia e educação são conceitos idênticos, no campo da integração ou inclusão social.

Para melhor compreendermos este capítulo, este foi subdividido em duas áreas distintas: o estado da arte no processo terapêutico e o estado da arte das experiências pedagógicas que utilizam a arte.

A criação de arte, a sua observação, reflexão e interpretação é a base de trabalho de todas as práticas que têm como principal objectivo a inclusão social. Utilizar a arte como «meio» para chegar às pessoas e à sociedade em geral. Investigando a relação da Sociedade e do indivíduo com a arte, os vários modelos observam dimensões e perspectivas tão diversas como a existencial, cognitiva, afectiva-relacional e que por vezes são difíceis de operacionalizar como variáveis científicas.

Apesar dos muitos casos de sucesso na utilização da arte na educação, na terapia e em projectos de inclusão social, continua a ser difícil transmitir os pressupostos teóricos ou mesmo documentar convenientemente os bons resultados destas práticas. Por este motivo, pensamos este capítulo de forma mais profunda. É essencial que todos reconheçam na arte uma linguagem com capacidades excepcionais, capaz de transmitir significados que tantas vezes são inacessíveis e impossíveis de comunicar através da verbalização “formal” ou outra. A arte encerra um mistério, ela permite que dois desconhecidos de diferentes países e com linguagens distintas possam comunicar; permite ao facilitador entrar na realidade fragmentada de alguém com esquizofrenia; permite mesmo que um homem que viveu numa caverna há milhões de anos possa dizer – eu estive aqui! Uma linguagem de sentidos, que pode ser entendida por todos independentemente da sua condição social, estado de saúde, cor, religião... uma linguagem não só inter/multicultural, mas uma linguagem Universal, a linguagem das emoções.

“Sabemos que a linguagem da arte é ilimitada. É a linguagem das formas que comunicam. A arte é expressiva, não é descritiva. Ela exprime a perplexidade do ser humano diante da vida e do mundo, podendo manifestar a experiência universal da consciência humana” (Jardim, 2010. p 29.).

Comunicar é uma necessidade humana vital, como tal seria pertinente que falássemos o mesmo idioma dos nossos interlocutores. Mesmo que isso fosse possível, e nem sempre é, existem sempre coisas por dizer. A forma verbal (formal), seja oral ou escrita não é a única forma de comunicação entre humanos, apesar disso, acabamos por valorizar essas

formas de linguagem desvalorizando o significado e a importância das outras como refere Gomes *et al.* (2008).

“...levados a valorar quase exclusivamente o que somos capazes de dizer falando ou escrevendo, num processo que por vezes parece irreversível... em que os sentidos se especializam na tradução textual do que aprendemos pela luz, o som, o movimento, o tacto, os sabores e odores, a própria memória dos afectos que nos vai construindo.” (p. 25).

Ao colocarmos a questão da linguagem verbal, devemos ressaltar que nos referimos à sua utilização formal, do dia-a-dia, aquela que utilizamos no emprego, com o nosso médico ou mesmo nas nossas relações familiares. Esta, infelizmente, não traduz todas as necessidades comunicacionais. Existem, contudo, outras formas de comunicação que transcendem os condicionalismos linguísticos que nos são transmitidos desde o início do processo de socialização.

A arte é um dos recursos possíveis para todos aqueles que não dominam os “códigos formais” ou que não são capazes de retirar vantagens da sua utilização e que por isso mesmo correm riscos acrescidos de serem excluídos. A arte apresenta-se também como uma excelente promotora da expressão individual nas relações interpessoais, alcançando não só o nosso semelhante com quem interagimos, mas também os outros num sentido mais amplo - as instituições, a sociedade. Através da arte transportamos para o exterior o não dito, o que muitas vezes as linguagens mais formais acabam por bloquear e impedir a sua exteriorização.

Todos aspiramos a uma sociedade inclusiva, capaz de absorver no seu seio todas as pessoas, independentemente das suas características; a vocação de quase todas as sociedades é a construção de “pontes” capazes de retirar do isolamento essas pessoas, seja através dos serviços sociais, formação profissional, apoio na procura de emprego, acompanhamento psicológico, obtenção de subsídios, criação de grupos sociais, através do desenvolvimento da sociedade civil, com o aumento da sua pro-actividade, qualquer que seja o modelo de integração.

Muitas vezes, estes grupos da sociedade civil acabam por criar grupos demasiado proteccionistas, também eles segregados, o que de certa forma impede a criação de uma rede global inclusiva.

A exclusão social resulta também da ruptura com aqueles que são, ou deviam ser, a base de sustentação afectiva e psicológica do indivíduo; as pessoas mais significativas que preenchem uma necessidade básica - a de pertença. Este é um factor de suma importância, é a história individual, familiar e social do indivíduo e que contribui sobremaneira para a formação da sua identidade. Identidade que, desta forma, fica dependente da imagem que os “outros” – a sociedade em geral, reflectem.

“ O outro é o mediador indispensável entre mim e eu próprio: tenho vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela própria aparição do outro, tenho a possibilidade de fazer um juízo sobre mim como sobre um objecto, pois é como objecto que apareço ao outro....A vergonha é por natureza reconhecimento. Reconheço que sou como o outro me vê.” (Sartre, como citado em Santos & Lima, 1984, p. 475).

Por este motivo a pertença a um grupo assume uma função determinante, conforme considerado por Leão (2010):

“ já que cada indivíduo precisa de ser reconhecido, amado, admirado, aceite pelo outro para confirmar a sua própria existência e desenvolver o sentimento fundamental de ser alguém que conta, para os outros e para si mesmo. Esta valorização da identidade passa pela necessidade de estar incluído, fazer parte de um grupo, sentir que, de alguma forma, contribui para o funcionamento desse mesmo grupo e com ele partilha as experiências, as “acções”, em que acontece a interacção, deixando a sua marca pessoal, influenciando, dirigindo ou controlando, ainda que de forma parcial, os acontecimentos” (p. 14).

Nem todas as práticas promovem a experiência de pertença a um grupo social diferenciado, um contexto seguro e propício ao treino de competências de comunicação que resultam de um longo processo de aprendizagem. A forma como expressamos pensamentos, conceitos, sentimentos ou simplesmente necessidades “traduzem de algum modo um passado de atitudes, de valores, de princípios e de diversas experiências que constituem a marca do nosso comportamento presente” (Fachada, 1998, p. 15).

Parece claro que o papel social que cada um desempenha é aprendido pela interacção com os outros, assim, o êxito ou fracasso da integração do indivíduo na sua comunidade é muitas vezes determinado pela sua capacidade ou incapacidade para comunicar. A utilização de “linguagens alternativas” como a arte, a produção do objecto artístico em si, para além de libertar a pessoa da utilização de uma linguagem rígida e saturada que penaliza quem não a domina, oferece a possibilidade de desenvolver diferentes aspectos como: uma melhor percepção de si mesmo e conseqüentemente dos outros; afirmar a sua própria singularidade; “trabalhar” alguns aspectos da sua personalidade de forma autónoma e crítica numa permanente interacção com os restantes membros do grupo; criatividade; maior “agilidade” cognitiva; desconstrução de falsas crenças, entre outros.

Todo este trabalho deve ser feito de acordo com as necessidades do próprio indivíduo, com os seus pares e mediada por técnicos que se apresentem como “facilitadores” da relação, contribuindo para o desenvolvimento dos processos de socialização e servindo como uma das alavancas para a reconstrução da sua auto-imagem. A transformação que se opera pode atingir níveis profundos do “EU”, permitindo a aquisição de novos valores, a mudança de atitude em relação a si próprio e para com os outros, o reconhecimento e aceitação da sua identidade e de tudo aquilo que o torna um ser único (incluindo todas as suas particularidades).

“Ao longo do tempo vamos mudando, a identidade não é um atributo imutável, é no processo de socialização que construímos a identidade, é nas relações com os outros que o nosso “eu” se constrói, nas mais diversas vertentes” (Blumer, como citado em Leão, 2010, p.12).

Um aspecto fundamental no trabalho para a inclusão é a cidadania. A questão da cidadania, dos seus direitos e obrigações, é um tema essencial para todos quantos trabalham a questão da inclusão social. Se alargarmos o conceito de cidadania e do seu carácter político-legal para o campo cultural, podemos arriscar uma definição mais ambiciosa:

“Definimos cidadania como direito à liberdade de criação, o direito à participação do indivíduo na sociedade e nos processos de decisão cultural, o direito à informação, o direito à expressão da diversidade como fundamento de uma verdadeira democracia cultural.” (Pinto, 2005, p. 117).

Desta forma, as iniciativas devem sempre incluir a cidadania cultural como componente imprescindível aos processos de mudança; não só ao nível individual, mas social. O objectivo é chegar aos outros: no caso dos grupos arte do Espaço t, estes levam as suas produções (teatro, dança, exposições de pintura e fotografia, etc.) a diferentes locais da cidade e por todo o território nacional criando assim dois objectivos: a troca de experiências com outros grupos de arte, tanto amadores como profissionais; e a oportunidade de mostrar o trabalho desenvolvido ao longo do processo terapêutico. A veiculação destas manifestações artísticas, a sua exposição ao público, dá origem a um processo de reconhecimento pelos “outros” – a resposta social ao trabalho produzido é essencial. A projecção mediática obtida pelos grupos arte é vivenciada por todos quantos estão envolvidos nestes projectos como algo muito especial. Ver reconhecido o seu trabalho, em meios de difusão social, é o culminar de um projecto pessoal através das quais despertam inúmeras expectativas. Ser reconhecido, além de ser um importante incentivo para continuar a aprendizagem e a produção artística, pode funcionar como mais do que um reforço para a auto-estima. Perceber que existe um espaço para si e para a sua história, que existem pessoas interessadas no seu trabalho, é algo que sem dúvida alguma desperta um sentimento de pertença social.

A inclusão social configura-se a partir do momento em que a pessoa é reconhecida e aceite como parte actuante da comunidade. A cidadania na sua forma de participação social e política através de manifestações culturais é, actualmente, reconhecida como uma força viva de transformação social.

“A arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres, que podiam mudar o mundo”  
(Marcuse, 1999, p. 39).

Temos a certeza que apesar do seu potencial transformador, a arte não tem a capacidade para dar resposta à totalidade dos problemas socio-culturais; não pode assumir sozinha a responsabilidade de implementar a inclusão social, mas pode contribuir de forma substancial para essa mesma mudança de paradigma.

Arte e sociedade inter-relacionam-se de forma dinâmica e interdependente: a sociedade influencia a produção das artes. O objecto artístico não surge no vazio; como fenómeno

social é condicionado pelas circunstâncias que o envolvem – factores económicos, culturais, sociais e políticos. De certa forma, a arte traduz o espírito do momento histórico em que foi produzida.

Mas a arte também intervém e condiciona o contexto social, ela recria a história do momento e, sendo uma interpretação da sociedade, tanto pode validar como reprovar uma situação social. Contrariando a Teoria do Reflexo que vê a arte como o espelho da sociedade (ou a sua imitação). Bordieu defende que a arte pode exercer um efeito de reestruturação ou de refacção sobre a sociedade (Furió, 2000). Utilizando um discurso tantas vezes considerado subversivo, que critica, nega ou ataca determinada questão, reivindica para si um autêntico valor social de intervenção, tal como afirma Tàpies (2002, p. 31) “as artes são dos poucos redutos que restam em que o homem actual pode interrogar-se sobre a sociedade e fazê-la abanar” (p. 31). Todas as grandes mudanças sociais são acompanhadas de propostas inovadoras surgidas de espaços artísticos; que lutam contras as formas estáticas e conservadoras, contrapondo com formas dinâmicas onde se pode adivinhar o futuro – quem nunca verificou a realização de um sonho humano outrora apresentado no cinema como ficção, por exemplo a ida do homem à lua?

Se a arte dispõe deste poder, por que não dispor dele? Acreditando não sermos rotulados de sonhadores, nem de arquitectos de utopias, nem ingénuos... Qual a legitimidade para associar Ética e Estética? Sabemos e é reconhecida a função educativa da arte; cada um utiliza a arte para o fim que desejar, tal como a ciência, que possui o conhecimento para salvar vidas tanto quanto o tem para as tirar.

O modelo do Espaço t não surge de um “sonho vazio de conteúdos”, surge de um trabalho ambicioso e sólido, bem estruturado, reforçado em todas as áreas de intervenção por uma equipa heterogénea e multidisciplinar. Tentamos actuar segundo objectivos bem delineados, aliando o conhecimento técnico/científico a uma dimensão afectiva sem o qual a pessoa não se realiza, nem se recria.

Encara mos o nosso modelo com o optimismo e com a determinação de quem quer edificar um espaço empreendedor da dimensão humana, à imagem de uma “escola” que Coménio (1592-1670) denominava de “*oficina da humanidade*”. Um local onde se

promove a expressão pessoal através da arte e que pretendemos multiplicar por todos os locais, onde existam indivíduos.

“Constitui também um direito à liberdade que um artista parta à descoberta de novos valores formais...com o propósito de os tornar adequados e capazes de levar à sociedade, ao ser humano em geral, uma mensagem de alegria ou tristeza, de solidariedade ou de protesto, de sofrimento ou de revolta, em qualquer caso, como é de desejar de optimismo e de confiança no ser humano e no seu futuro” (Cunhal, 1996, pp. 20-21)

## **2.1 Arte e Terapia que Ligações?**

De seguida iremos abordar alguns modelos terapêuticos que utilizam a arte como princípio das suas metodologias. No entanto, antes de efectuarmos esta abordagem, pretendemos explicar sobre o conceito de arte bruta, pois esta poderá ser considerada a génese de várias correntes que começaram a utilizar a arte como processo terapêutico.

### **2.1.1 Arte bruta.**

Dubuffet foi o criador da expressão «Arte Bruta», termo utilizado para designar uma arte marginal, no sentido em que se encontra “à margem” do mundo cultural. Arte que provém dos mais inesperados lugares e das pessoas mais improváveis: internados em hospitais psiquiátricos, marginais, inadaptados, reclusos, entre outros. Pessoas que por uma razão qualquer se encontram no ‘outro lado da margem’, desintegrados da sociedade. No catálogo de uma exposição realizada em 1949. Dubuffet define o conceito de *art brut* do seguinte modo:

“Entendemos pelo termo as obras executadas por pessoas alheias à cultura artística, para as quais o mimetismo, contrariamente ao que ocorre com os intelectuais, desempenha um papel menor, de modo que os seus autores tiram tudo (temas, escolha de materiais, meios de transposição, ritmo, modos de escrita, etc.) de suas próprias fontes e não dos decalques da arte clássica ou da

arte da moda” (Dubuffet, como citado em Enciclopédia ITAU Cultural Artes Visuais, 2007).

Encontrando-se afastados da arte dita cultural, das suas academias e galerias, estas pessoas movem-se por instinto, um primitivo impulso que se materializa em pinturas, desenhos, esculturas, poemas, narrativas fantásticas! A imperiosa necessidade de se exprimirem, “tous obéissent à une nécessité intérieure, ils créent un univers qui n’appartient qu’à eux. Ces territoires qui se dressent à linfini donnent un paysage à chaque fois unique et majestueux, tendre et bouleversant. (Escalle, 2009, pp. 16-17).

Este impulso criativo, não está condicionado por regras académicas, tendências, ou pelo mercado artístico, é uma ‘urgência’ interior que conduz à criação. Não importa o que os outros possam pensar, esta arte está fortemente marcada pela indiferença à crítica. Desconhecendo as regras da arte, estas pessoas criam com liberdade total um mundo privado e fazem-no para si próprios. Raramente procuram aprovação ou exposição para os seus trabalhos. Agem então por pura necessidade de se exprimirem; transpõe para a matéria o invisível, os mundos ocultos que trazem em si, o que imaginam e sonham, ou talvez uma fuga da realidade insuportável.

“A arte é então um acto pelo qual alguma coisa se transporta para a matéria e aí se inscreve. Mas o quê? Qualquer coisa do Universo ou qualquer coisa de si; um reflexo do mundo exterior ou do mundo interior e, muitas vezes, dos dois ao mesmo tempo.... Pela arte, tudo o que está na alma toma forma, torna-se uma realidade visível; pela arte, a realidade visível, até aí unicamente física, toma um sentido humano, adquire uma alma.” (Huyghe, como citado em Santos & Lima, 1981, p. 586).

O interesse pela arte bruta faz hoje tanto sentido como no tempo em que Dubuffet a encontrou em manicómios, prisões e nos recantos mais obscuros da sociedade. Hoje, como ontem, continuam a existir pessoas que permanecem à margem da sociedade, enclausurados num mundo privado de visões e sensações estranhas aos olhos dos outros; não apenas pessoas portadoras de doença mental ou física, excêntricos, prisioneiros, solitários, inadaptados, mas também, e cada vez mais:

“les personnes âgées sont peut-être les nouveaux pourvoyeurs d’art brut. Elles sont souvent mises à l’écart socialement, elles n’ont plus rien à perdre ni à gagner, et éprouvent la nécessité de s’exprimer. Il y a aussi des gens décalés: les clandestins, les rescapés des génocides... ils créent un univers qui leur est propre, duquel ils ne seront pas exclus; ils en sont les architectes, leur monde est stupéfiant.” (Escalle, 2009, p. 17).

### **2.1.2 Arteterapia.**

Poderá a arte captar os fenómenos do inconsciente humano? Que mais valia criar a pintura num professor que sofreu uma depressão, ou numa dona de casa que sofre com solidão, uma criança autista, ou ainda uma mãe que perdeu recentemente um filho... poderá a arte contribuir para expressar tão grande dor?

A arte é um elemento fundamental da cultura desde os primórdios da civilização; das cavernas aos mais modernos espaços de socialização a arte é um denominador comum. Não será excessivo afirmar que não existe humanidade isenta de manifestações artísticas. Então, sendo tão fácil reconhecer que a arte é fundamental para o equilíbrio e felicidade de todos e numa época em que esse conhecimento está à distância de um ‘click’, porque será que esta se tornou tão distanciada das vivências dos indivíduos? Ou, mais incompreensível, a falta de consenso entre todos aqueles que utilizam a arte como forma de terapia, seja quanto à sua aplicabilidade, às teorias subjacentes ou mesmo quanto aos seus objectivos clínicos. São tantas as definições e as diversas “escolas” que utilizam a arte como processo de terapia, que seria quase impossível fazer uma síntese que congregasse todas as perspectivas. Mesmo assim, é fácil encontrar pontos de concordância – todas partem do princípio de que a arte é um meio privilegiado de expressão individual com propriedades especiais que contribuem para o equilíbrio físico, mental e social do ser humano. Vejamos a definição da Sociedade Portuguesa de Arte Terapia (SPAT).

“A Arte-Terapia distingue-se como método de tratamento psicológico, integrando no contexto psicoterapêutico mediadores artísticos. Tal origina uma relação terapêutica particular, assente na interacção entre o sujeito (criador), o

objecto de arte (criação) e o terapeuta (receptor). O recurso à imaginação, ao simbolismo e a metáforas enriquece e incrementa o processo. As características referidas facilitam a comunicação, o ensaio de relações objectais e reorganização dos objectos internos, a expressão emocional significativa, o aprofundar do conhecimento interno, libertando a capacidade de pensar e a criatividade. (Carvalho, como citado em Sociedade Portuguesa de Arte Terapia, [SPAT], 2004).

De acordo com a definição utilizada pela American Art Therapy Association:

“A Arte-Terapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na actividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. ... Por meio do criar arte e do reflectir sobre os processos e os trabalhos artísticos resultantes, as pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar a auto-estima, lidar melhor com sintomas, stress e experiencias traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico ...”(American Art Therapy Association, como citado em Gehringer, 2005, p. 1).

A Associação Brasileira de Arte-terapia afirma:

“Arteterapia é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde. Utiliza, para isso, as linguagens plástica, sonora, dramática, corporal e literária envolvendo as técnicas de desenho, pintura, modelagem, construções, sonorização, musicalização, dança, drama e poesia. É aplicada na avaliação, no tratamento, na profilaxia (prevenção), reabilitação e educação de clientes especiais”. (Palma, 2009).

Podemos considerar a arteterapia uma disciplina relativamente nova, pelo menos se tivermos como comparação outros métodos terapêuticos mais “ortodoxos”. Talvez a sua juventude explique o porquê desta disciplina não se ter difundido e ser hoje ainda pouco utilizada e vagamente compreendida, mesmo por aqueles a quem esta “ferramenta” seria mais útil: assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros, professores e, porque não, estender esta prática aos sistemas nacional de saúde e de educação.

A parceria formada pela arte e pela terapia pode, compreensivelmente, ser difícil de compreender e até aceitar. Esta relação será, provavelmente, mais inteligível se a considerarmos no contexto das artes em geral. A arte é tão antiga como a sociedade humana; de facto, desde que o homem passou a levar uma vida comunitária que existem registos na forma de ‘arte’; lembremo-nos de certas pinturas no interior de cavernas, elaboradas por homens que talvez dispusessem de uma forma de comunicação oral pouco mais do que rudimentar, mas que eram capazes de pintar formas e cores tão elaboradas que nos contam não só pormenores da sua vida do dia-a-dia mas, mais surpreendente, da sua vida espiritual.

Mesmo reconhecendo toda a importância da arte na história humana, esta não é facilmente reconhecida e aceite quando colocada em contexto terapêutico. Isto deve-se certamente à diferença entre os conceitos de arte no seu sentido tradicional e arte quando utilizada com finalidade terapêutica. Ambos os conceitos partilham as qualidades benignas da arte, o que demarca um conceito do outro é o seu propósito. Se na primeira o principal objectivo é a criação de uma obra de arte, sujeito a considerações estéticas e através de um processo quase sempre individual em que o fim último é o objecto artístico. No segundo, a arte em contexto terapêutico, com objectivos clínicos e acompanhamento por um terapeuta, o objecto artístico perde a sua importância voltando-se o foco para o indivíduo e para o processo de criação.

“A expressão artística é central nesta psicoterapia. Através do objecto de criação temos acesso a informação e registo sobre o que é, acerca de quê e para quê, como e porquê, sentimentos no momento e após, benefícios para o próprio e para os outros, etc.. Assim o objecto de arte tem uma função cognitiva, fornecendo ao sujeito informações sobre si próprio e ao Arte-Terapeuta um registo do processo. No entanto o objecto de arte não interessa tanto pelo seu valor informativo, ou mesmo estético, mas sim pelo seu valor como mediador da expressão, como veículo de elaboração e como ensaio do processo criativo. O contexto do processo Arte-terapêutico não é usado para análise. O foco desta situar-se-á na relação terapêutica.”. ([SPAT], 2004).

Arte não é sinónimo de terapia e não podemos afirmar que toda e qualquer prática de arte conduz o indivíduo à mudança ou à ‘cura’.

A arte utiliza várias linguagens criativas, sejam elas a pintura, o desenho, a dança, a música ou o teatro, que permitem comunicar através de uma ‘linguagem simbólica’ com a qual podemos “dizer” o que não somos capazes com a linguagem verbal (formal). Poder expressar conteúdos até aí ocultos, por vontade própria ou porque os mesmos se encontrarem inacessíveis, fruto de processos inconscientes, é por si só terapêutico.

“The process of art therapy is based on the recognition that man’s most fundamental thoughts and feelings, derived from the unconscious, reach expression in images rather than words.... The techniques of art therapy are based on the knowledge that every individual, whether trained or untrained in art, has a latent capacity to project his inner conflicts into visual form.” (Naumberg, como citado em Dalley, 1992, p. 13).

Naumberg, no seu texto, refere-se exclusivamente às artes visuais, aludindo a dificuldade que os indivíduos encontram na expressão verbal. É importante dizer que esta contrariedade refere-se mais à linguagem verbal “formal”, aquela que utilizamos no nosso dia-a-dia. Contudo, o mesmo tipo de linguagem pode ser utilizada de forma diferente, utilizando a criatividade, é o que acontece no teatro ou na escrita criativa, em que a linguagem verbal e escrita são utilizadas mas com uma maior liberdade e dimensão simbólica.

A prática de qualquer linguagem artística, isoladamente, não é suficiente; se os trabalhos produzidos não forem contextualizados não têm grande valor terapêutico. Assim, mais do que encorajar as pessoas a *criar*, é indispensável procurar o sentido, o significado mais íntimo daquilo que o indivíduo comunica na forma de arte.

“When art is used for communication, as a way of expressing personal feelings and thoughts, and these are discussed afterwards with an art therapist, a person can gain insight both intellectually and emotionally by connecting the meaning of the picture to his or her own life situation”. (Dalley, 1992, p. 14).

O termo *criar* não foi utilizado inocentemente, “a definição é clara: “Dar existência a; tirar do nada; gerar; produzir; inventar .... Criatividade, capacidade que se manifesta pela originalidade inventiva”. (Dicionário Enciclopédico de Português, 2006, p. 394). A criatividade é um conceito inseparável da arteterapia, aliás, todo o processo criativo

enquanto fenómeno humano, é ‘ilustrado’ na literatura da especialidade, tal é a sua importância para a total compreensão da personalidade do sujeito que *cria*. A sua definição, como a maioria dos conceitos varia de acordo com as diferentes ‘escolas’. Os freudianos encontram a génese da criatividade nos conflitos inconscientes, os mecanismos de defesa em acção, ou acontecimentos traumáticos do passado. Muitos psicanalistas encorajam os seus pacientes a expressar os seus conflitos interiores através de imagens (desenho, pintura) porque acreditam que desta forma é possível contornar certas limitações do discurso e ‘enganar’ os mecanismos repressores. Já os comportamentalistas utilizam a arte como método para modificar comportamentos, particularmente os que se relacionam com normas socio-culturais. A sua abordagem centra-se mais na aquisição de competências e aprendizagem de técnicas, o que constitui uma aproximação à aprendizagem artística, facto criticado por muitos autores que acusam os comportamentalistas de se desviarem do propósito puramente terapêutico, levantando a questão da definição dos limites que separam (ou não) arteterapia e aprendizagem artística.

A estética em arteterapia é, talvez, algo interessante embora difícil de definir limites. Estética. Etimologicamente esta palavra deriva do grego *aisthesis*, que significa sensibilidade. Hoje, muito sinteticamente, o conceito é entendido como uma reflexão filosófica sobre a arte.

“A actividade estética foi sempre uma componente do universo cultural humano, mesmo nos momentos em que adaptação ao real se revelou mais difícil e absorvente. Das cavernas de Altamira e Lascaux à época contemporânea, ora desempenhando uma função mítico-mágica, ora funções lúdicas, de intervenção, etc., a arte é bem a expressão do homem imaginário e imaginante”. (Santos & Lima, 1981, p. 582).

A apreciação estética envolve elaborados juízos de valor sobre a qualidade da obra de arte produzida. No entanto, quando alguém procura um espaço de arte terapia e participa nas suas actividades, não tem expectativas de vir a tornar-se num grande artista. A ênfase é colocada no indivíduo, no processo de criação e no seu valor potencialmente terapêutico. O resultado tende a ser “pobre” em termos técnicos. Mas, não raras vezes, os objectivos terapêuticos sobrepõe-se e/ou confundem-se com os

artísticos. Alguns indivíduos, que participam nos seus grupos de trabalho, descobrem uma aptidão natural que até aí desconheciam e passam a dedicar muito do seu tempo e energia na aprendizagem e aperfeiçoamento desse talento.

“Although perhaps incidental to the original reason for participating in art, a discovery of this nature can be beneficial and ‘therapeutic’. It can strengthen self-confidence and improve self-esteem when a painting becomes the focus of praise and enthusiasm. Learning any skill helps co-ordination, concentration, awareness of immediate surroundings and results in a sense of achievement, satisfaction, and self-improvement generally. Art activity offers this opportunity; it may even create a meaning or purpose to life.” (Dalley, 1992, p. 17).

### **2.1.3 Terapias expressivas.**

Seguidamente, dedicamos algum espaço às terapias expressivas e a sua importância no desenvolvimento social dos indivíduos.

Desde os anos 30 que a arte tem vindo a ser utilizada em contexto terapêutico de um modo mais formal e criterioso. Os desafios colocados em contexto clínico exigiram estudos e pesquisa com o objectivo de desenvolver estas técnicas e dotá-las de uma base teórica e científica sólida. É neste âmbito que surgem as terapias expressivas; inicialmente de forma mais ou menos desorganizada, integrando todas as formas de utilização da arte, ou da expressão artística em contexto terapêutico – uma tentativa de organizar esta abordagem, dá-se nos anos 70 com o 1º curso de *Expressive Arts Therapy* no Lesley College, Cambrige, nos Estados Unidos da América.

As Terapias Expressivas (TE) são utilizadas nos domínios da saúde mental, educação social, educação especial e/ou inclusiva, entre outras. A sua área de intervenção não está claramente definida, mantendo-se como um espaço livre e permeável a diferentes perspectivas. Utilizando as mais diversas linguagens artísticas, as TE apresentam-se como um eficaz meio de expressão do mundo interior da pessoa, das relações que mantém com os outros, do seu contexto social e das problemáticas individuais; promovendo ainda uma melhoria do auto-conceito e conseqüentemente da auto-estima,

da resolução de conflitos internos, superação de fobias, treino de competências sociais, etc. Segundo a Associação Internacional de Terapias Expressivas (AITE, 2011), este modelo, assim como os restantes já referidos neste trabalho, são passíveis de aplicação ao nível individual, de grupo e, inclusive, comunitário.

A permanente procura em criar um ambiente em que as diferenças individuais e culturais sejam respeitadas, onde a criatividade e inovação são recompensadas, são apenas algumas das características deste tipo de abordagem. As TE obedecem a diversas premissas, que variam mais ou menos consoante a ‘orientação teórica’ e especialização do terapeuta; contudo, existem princípios comuns a todos eles:

- As TE são um processo de colaboração entre pelo menos duas pessoas (terapeuta-utente), sendo que ambas as partes contribuem em igualdade para os objectivos estabelecidos;
- As TE são uma abordagem holística, concentrando-se na experiência global da pessoa; os seus objectivos são a saúde (física e mental), sem esquecer a vertente social de cada pessoa;
- Embora não seja o objectivo principal, existem técnicos que utilizam os recursos técnicos das TE para fazer o diagnóstico e auxiliar no tratamento de doenças ou perturbações mentais;
- As emoções, a intuição, as experiências subjectivas dos “expressantes” são considerados elementos válidos para a construção do auto-conhecimento e para a resolução das suas dificuldades emocionais;
- Num sentido mais amplo e profundo, as TE assumem-se como uma prática espiritual; propiciam uma experiência real e activa de busca daquilo que pode ser entendido como um estado de consciência mais profundo, a que alguns autores se referem como ‘*consciência universal*’.

Estes e outros princípios são comuns às diversas correntes das TE.

O trabalho dos técnicos vai para além da psicoterapia, da educação pela arte ou da dinâmica de grupo; através da expressão artística, o terapeuta coloca a pessoa numa

perspectiva invulgar, estimulando outras formas de perceber e de agir sobre a realidade; desta forma, podem-se desenvolver novas competências, comportamentos mais eficazes ou desconstruir falsas crenças sobre si e sobre os outros.

“Através das Terapias Expressivas, pretende-se que o sujeito se veja e reveja através de outras formas de expressão numa dinâmica de trabalho bastante particular, pois diferenciando-se de qualquer trabalho de natureza só verbal, solicita à pessoa cada vez mais, colocar-se em acção-criação, de modo crítico, reflexivo, participativo e responsável, sempre comprometida com a realidade”. (Vivenciarte - Associação Internacional de Terapias Expressivas [AITE], 2011).

É importante referir que o trabalho do terapeuta expressivo é, usualmente, apoiado por uma equipa multidisciplinar, composta por elementos de diversas áreas e especialidades, abrangendo psicólogos, assistentes sociais, professores de artes, entre outros; estes estimulam os indivíduos no sentido de aplicar os conhecimentos aprendidos – *saber fazer* – sem negligenciar todas as dimensões da pessoa: físicas, psicológicas, afectivas, sociais e culturais.

Uma particularidade das TE é a forma como são encarados e designados os envolvidos:

“Nos trabalhos expressivos em terapia e psicoterapia, nunca chamamos os participantes por pacientes ou doentes, chamamos expressantes, pois o sujeito é sempre activo, participativo, expressivo, deliberativo em todo no processo e nunca passivo, submisso ou paciente) ([AITE], 2011).

#### **2.1.4 Gestalterapia e arteterapia gestaltica.**

Dentro dos modelos das terapias pela arte, encontra-se também a Gestalterapia.

A teoria formulada por M. Wertheimer, Kohler e Kofka baseia-se na noção de forma ou estrutura (gestalt), compreendida como um todo significativo. Esta teoria opõe-se diametralmente à premissa associacionista de W. Wundt, que a psique humana é uma estrutura composta por elementos mais simples – as sensações, que se associam e formam as percepções. “O Gestaltismo defende a ideia que os fenómenos são

percepcionados na sua totalidade, sem dissociar os elementos do contexto em que se situam e que lhe atribui significado. ... uma melodia é uma unidade estruturada e não a simples soma de sons. Esta teoria postula o primado do todo sobre as partes. O todo não é, assim, a soma das suas partes.” (Pestana & Páscoa, 1998, p. 95). A teoria gestaltista defende ainda que a organização das partes obedece a princípios inatos, como por exemplo a “tendência à estruturação (tendência natural a organizar os elementos em função da proximidade ou semelhança); segregação figura-fundo (percepção de figuras distintas sobre fundos indefinidos); pregnância ou boa forma (percepção preferencial de formas simples e regulares). (Pestana & Páscoa, p. 95).

A teoria gestaltista foi enunciada num primeiro momento como reacção à explicação mais mecanicista do *behaviorismo*, defendendo que o comportamento humano não se limita à associação estímulo - resposta, sendo antes um todo complexo. Os princípios teóricos da Gestalt encontraram aplicação em vários domínios, designadamente na educação, no estudo da inteligência, neurociências, terapia, entre outros.

A psicoterapia é uma prática que prescinde da utilização de medicamentos ou qualquer outra acção externa, agindo “apenas com a comunicação humana, a palavra e todos os outros meios pelos quais o homem entra em contacto com um outro homem e pode, assim, actuar nele” (Binswanger, 1970, p. 137).

Segundo este autor a psicoterapia foca-se na relação interpares: duas pessoas frente a frente, *dirigidos um para o outro*. A condição da *bilateralidade* só é possível se o terapeuta conquistar e retribuir a confiança do indivíduo oferecendo ele próprio confiança, atenção, aceitação, assistência, etc..

“A possibilidade de psicoterapia não repousa em segredo ou em mistério algum, ...nem sequer em algo de novo e extraordinário, senão em um traço fundamental da estrutura do ser humano com o ‘ser no mundo’ (Heidegger), e precisamente o “ser o outro e para o outro”. Enquanto esse traço fundamental da estrutura do ser humano “se conservar, a psicoterapia será possível” (Binswanger, pp. 139-140).

É nesta relação – *de um para o outro* – que assenta todo o processo psicoterapêutico; processo esse, que por vezes fruto das circunstâncias, pode ultrapassar os limites

teóricos indicados. A “suspensão” teórica e metodológica não significa o insucesso da terapia uma vez que permanece o essencial: *dois seres humanos em relação*.

É esta importância concedida à relação que fez da Gestalterapia uma das referências das psicoterapias.

A Gestalterapia é um processo psicoterapêutico experiencial que se baseia numa procura activa da tomada de consciência; centrada no ‘*aqui e agora*’ e na experiência global da pessoa, abrangendo a sua totalidade: corpo, sensações, emoções, sentimentos; não esquecendo as relações interpessoais e o seu contexto social. Obviamente que esta definição é redutora e peca por ser limitada em termos de informação; contudo não é por negligência e atende apenas a um objectivo - evitar as (estéreis) divergências teóricas em torno da definição da ‘Terapia Gestalt’, concentrando-se naquilo que é essencial:

1º- Unidade, como uma perspectiva integrada e holística do ser humano. Também Pearls (1981) critica os restantes métodos de psicoterapia por continuarem a actuar segundo princípios dualistas que separam *corpo - mente* como entidades separadas. Segundo Pearls a teoria de campo unificado “*nos dá um instrumento para lidar com o homem global. Agora podemos ver como suas acções mentais e físicas estão entrelaçadas.*”. Pearls (1981) faz ainda críticas a todas as correntes da psicologia:

“dividiram a experiência em interior e exterior e então se defrontaram com a pergunta insolúvel de se o homem é regido por forças de fora ou de dentro. Este tipo de abordagem, esta necessidade de uma causalidade simples, esta omissão do campo total, estabelece problemas de situações que, na realidade são indivisíveis” (pp. 30-31).

2º- É um processo terapêutico essencialmente humanista e existencialista, no sentido do *respeito e responsabilidade pela própria existência e pelo outro*. Por isso mesmo, terapeutas e/ou formadores devem respeitar a experiência do aluno/utente, como a referência mais importante para a total compreensão dos seus comportamentos e problemas. Devendo sempre procurar seguir as premissas fundamentais do humanismo e do existencialismo: o respeito pelo ser humano em toda a sua singularidade; a ideia da defesa da liberdade, como algo inerente à condição humana e constitutiva da própria

existência; *primado da responsabilidade*, que significa a participação activa no processo terapêutico, na construção do próprio plano de inclusão e nos seu projecto de vida.

“A visão que a Gestalt tem a respeito do homem é de forma muito semelhante ao existencialismo, ou seja, como um ser particular, concreto, com vontade e liberdades pessoais, consciente e responsável. Considera também que a consciência é viva, livre, intencional e orientada para as coisas” (Ribeiro, W. 1988, p. 37).

3º- Relação. O método de abordagem é fundamentalmente o diálogo – a relação aberta e em condições de igualdade entre os dois sujeitos envolvidos. A condição básica deste método é ter sempre reunidos terapeuta/formador e aluno/utente em diálogo – a possibilidade de comunicar as suas perspectivas de forma o mais verdadeira possível é o meio para atingir o principal objectivo da terapia gestaltica – a *awareness*<sup>6</sup>.

“A Gestalt-terapia tem como objectivo tornar os clientes conscientes do que estão fazendo, como o fazem, como podem transformar-se e, ao mesmo tempo, aprenderem a aceitarem-se e a valorizarem-se. Para atingirem tais objectivos, a gestalt-terapia faz uso de procedimentos que ajudam o cliente a solucionar, da melhor forma possível, as questões concretas do seu quotidiano (sua dor, seu desespero, sua angustia, sua necessidade de escolher, de superar seus limites, etc.) mediante uma metodologia clínica que investiga, aprofunda e esclarece essa experiencia, de modo a torna-la plena de sentido para o cliente.

Essa abordagem apoia-se na metodologia do contacto e da awareness, fazendo uso de experimentos e do diálogo, como procedimentos. O terapeuta em acção

---

<sup>6</sup> - O termo *awareness* apresenta um sentido mais amplo do que o ‘conceito de consciência’. É a consciência que apreende a totalidade da experiência; ter consciência da própria consciência.

usa diversos instrumentos, e os mais importantes na Gestalt-terapia são o corpo, a fala e a própria relação terapêutica” (Andrade, 2007, pp.11-12).

4º- Grupos. A proposta da Gestalt-terapia no âmbito da terapia de grupos é facilitar o contacto entre os intervenientes, promovendo o aprofundamento das relações sociais e sensibilizando para a importância de perspectivar a realidade a partir do presente – o aqui e agora – com o objectivo de atingir e amplificar a sua *awareness*. Isto é possível no seio do grupo devido à sua dinâmica própria, a troca e partilha de experiências, sentimentos e estados de espírito, entre outros

“O grupo é uma realidade maior e diferente da soma dos indivíduos que o compõe. Tem tudo o que eles têm e transforma esse conteúdo em um continente de imensas e vastas possibilidades. O grupo é um fenómeno cuja essência reside no seu poder de transformação, no seu poder de escutar, de sentir, de se posicionar, de se arriscar a compreender o processo de significação do viver e do responsabilizar-se.” (Ribeiro, J. 1994, p. 10).

A arteterapia desde cedo se assumiu como um dos mais importantes recursos técnicos da Gestalt-terapia; aliás foi logo no início dos anos 70 que Janie Rhyne denominou esta abordagem de “*Experiencia Gestáltica de Arte*”, mais tarde, no fim dos anos 80, designou definitivamente esta actividade como “*Arteterapia Gestaltica*”. Na única obra escrita desta autora – “*Arte e Gestalt, padrões que convergem*”. Rhyne (2000) faz uma exposição da sua abordagem dando especial relevo ao valor da individualidade de cada ser humano e ao potencial terapêutico da arte enquanto actividade expressiva não interpretativa, capaz de actuar como processo integrador do indivíduo na sociedade e, ainda, uma excelente forma de aprendizagem.

Ciornai (2004), define Arteterapia Gestaltica como “um modo de usar recursos artísticos em e como terapia, como uma compreensão do crescimento das pessoas e do trabalho terapêutico, fundamentada na Gestalt-terapia” (p. 15). Ciornai acredita e defende que o fazer arte, não só no seu processo de elaboração mas também através da reflexão desse processo e da obra concluída, tem um grande potencial terapêutico, ainda mais porque esta actividade está ligada à capacidade criativa das pessoas.

O processo de elaboração artística implica “funções de contacto” como: ver, ouvir, manipular os objectos, senti-los e, por isso mesmo, podem ser utilizados como métodos para promover no indivíduo um maior contacto consigo mesmo, com os outros e com o mundo em que habita. Ciornai faz também referência às dificuldades que as pessoas encontram em expressar verbalmente sensações e sentimentos menos claros e que “pode frequentemente ser facilitada por outras linguagens... em imagens, cores, movimentos ou sons.” (Ciornai, 2004, p. 71-72). É através do processo de elaboração, da acção, que a motivação e as emoções do indivíduo se exteriorizam; o “ligar” da criatividade, a mobilização sensório-motora, cognitiva e emocional promovem o awareness.

Não podíamos deixar de fazer uma referência ao papel do “arteterapeuta Gestáltico”, cuja abordagem, se distingue de outros com orientações teóricas diferentes. Este, ao contrário por exemplo dos arte terapeutas de orientação psicanalítica, não procuram interpretar os trabalhos dos utentes; antes e seguindo os princípios de qualquer abordagem fenomenológica-existencialista, crêem que o indivíduo é o principal agente da sua própria mudança, do seu crescimento enquanto pessoa e que os trabalhos que produz encerram sentidos e significados relevantes e únicos. Para tal, os arte terapeutas podem utilizar técnicas e materiais diversos como a pintura, desenho, fotografia, modelagem em barro, mas também o teatro, a dança, expressão corporal, etc..

Esta relação estreita da gestalt terapia com a arte tem origem na formação e experiência dos seus fundadores. Frederick Perls, esteve ligado ao mundo do teatro, pintava e tinha afinidade com diversas formas de expressão artística, até porque privava com muitos artistas da sua época com quem partilhava e debatia assuntos relacionados. A sua esposa, Laura Perls, foi dançarina (entre outras coisas) e Paul Goodman escrevia prosa e poesia. A ‘criatividade’ é outra dimensão sempre em perspectiva na gestalt terapia; a concepção existencialista do ser humano encara o indivíduo como um processo em permanente construção, capaz de se refazer a si próprio, de poder optar livremente e transformar-se criativamente.

As premissas existencialistas defendem que a pessoa tem o poder de escolher o seu próprio destino, tal como Sartre afirmava:

“...não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, nós não encontramos perante nós valores ou ordens que legitimem a nossa conduta. Assim, não temos nem atrás nem perante nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Nós estamos sós, sem desculpas. È isso que eu experimento quando digo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio, e por outro lado, livre, porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo aquilo que faz.”  
(Sartre como citado em Santos & Lima, 1981, p. 490).

Como tal é responsável por si, pelos outros, por tudo o que o rodeia, incluindo o seu passado, presente e futuro. Não queremos com isto parecer ignorar todos os condicionalismos da pessoa; esta não existe isoladamente no mundo, esta existe em situação e como tal está condicionada por mecanismos físicos, biológicos e sociais. A sua liberdade está sempre em risco, seja pela doença, pelo desemprego, pelos “outros” com quem estabelece relações, todos estes factores são condicionantes da liberdade do indivíduo.

Frankl (1905-1997), médico e psiquiatra austríaco, fundador da Logoterapia, também ele um existencialista; sobrevivente da II guerra mundial e dos campos de concentração nazis, afirma, peremptoriamente, que mesmo sob a extrema violência e desumanidade dos campos de concentração, onde a morte era uma realidade mais do que provável (mais do que a própria vida), era possível ao Homem optar, posicionar-se perante aquelas circunstâncias de forma consciente. Acrescenta ainda, que quanto maior for o *awareness* da situação, mais capacidade a pessoa teria para resistir, sobreviver ou, pelo menos, de dar algum sentido àquela existência.

A Gestalterapia, enquanto método, não encerra em si uma forma estritamente definida de actuação. Aliás, caracteriza-se precisamente por permitir ao terapeuta uma grande liberdade para desempenhar as suas tarefas, de forma criativa e até recorrendo a experiências de outras “escolas”, não perdendo, contudo, de vista os princípios basilares que caracterizam a abordagem Gestaltica, os seus objectivos enquanto processo terapêutico e as noções de distúrbios de contacto, percepção e *awareness*.

É verdade que ainda hoje muitas das técnicas utilizadas por Fritz Perls continuam a ser aplicadas e com o mesmo sucesso inicial; contudo, o terapeuta gestaltico não tem, nem sequer deve, limitar-se às mesmas. O *contacto* e a *awareness* podem ser trabalhados das mais diversas formas e recorrendo a múltiplas fontes, como os sonhos que possuem um manancial importante de informação acerca do indivíduo e que não é um método exclusivo da psicanálise; actividades criativas e expressivas como a pintura, o desenho, o teatro, a dança, ou mesmo através de técnicas de relaxamento e expressão corporal, meditação, etc.. O que caracteriza de facto a terapia gestaltica não são as técnicas que utiliza mas sim a sua visão dos processos humanos e, por isso mesmo, pela postura assumida pelos terapeutas na relação com as pessoas que os procuram. É, aliás, este o grande instrumento terapêutico – a relação, e é através dele que o terapeuta procura assistir o indivíduo a restaurar a confiança perdida em si mesmo, nos outros e no mundo.

### **2.1.5 Musicoterapia.**

“A musicoterapia é a utilização da musica e/ou dos seus elementos constituintes (ritmo, melodia e harmonia), por um musicoterapeuta qualificado; com um paciente ou um grupo, num processo destinado a facilitar e promover a comunicação, relacionamento, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objectivos terapêuticos relevantes, a fim de atender as necessidades físicas, emocionais, mentais, e sociais e cognitivas. A musicoterapia procura desenvolver potenciais e/ou restaurar funções do indivíduo para que ele alcance uma melhor qualidade de vida. (World Federation of Music Therapy , como citado em Padilhas, 2008, p. 40).

Para a National Association for Music Therapy (NAMT) considera que a musicoterapia promove um fim terapêutico no indivíduo:

“o uso da música na obtenção de objectivos terapêuticos: a restauração, manutenção e aumento da saúde tanto física como mental. É também a aplicação científica da música, dirigida pelo terapeuta num contexto terapêutico para provocar mudanças no comportamento. Estas mudanças facilitam à pessoa o

tratamento que deve receber a fim de que possa compreender-se melhor a si mesma e ao seu mundo para poder ajustar-se melhor e mais adequadamente à sociedade.” (NAMT, como citado em Padilhas, 2008, pp. 40-41).

Podíamos continuar quase infinitamente a citar definições umas a seguir a outras; tal exercício seria inútil e não acrescentaria nada de útil ao trabalho. O fundamental é relevar a especial relação que o ser humano tem com a música e logo o potencial terapêutico que a mesma possui. A utilização do som (mesmo de forma intuitiva) é utilizada pelo Homem desde os primórdios, provavelmente mesmo antes de existir linguagem verbal na forma como hoje a conhecemos. Como as restantes artes que temos mencionado, a música representa uma alternativa expressiva capaz de abrir canais de comunicação alternativos para a pessoa, com a vantagem de ser capaz de operar mudanças psicológicas e físicas na mesma. A música, mais do que produzir um efeito psíquico, ou um efeito físico, ela é capaz de chegar ao ser humano abrangendo a sua totalidade e fá-lo através dos elementos abstractos que a compõe que, apesar de invisíveis, percebem-se e “sentem-se”.

A Musicoterapia também pode guiar-se por orientações humanistas e existenciais, que centralizam toda a sua atenção na pessoa humana; enfatizando dimensões humanas distintas como o livre arbítrio, a capacidade de escolher e ajustar-se de forma criativa à vida e ao mundo; de focar-se e valorizar-se no desenvolvimento do potencial inerente de cada pessoa.

### **2.1.6 Terapias pós-modernas.**

Aquilo que podemos denominar como uma concepção pós-moderna das abordagens terapêuticas e dos seus conceitos teóricos, segundo os quais os psicoterapeutas apreendem o mundo e as questões que as pessoas que os procuram trazem, não são circuitos fechados apoiados por verdades dogmáticas e inquestionáveis. As terapias “pós-modernas” abrangem um vasto conjunto de orientações teóricas e práticas que derivam de enfoques construtivistas e contraccionistas sociais, como por exemplo: construtivismo psicológico, construtivismo cultural, social, epistemológico, etc.. Sendo que todos eles se assumem como pós-modernos, opondo-se a qualquer tipo de

epistemologia rígida e/ou cristalizada. Os terapeutas adoptam novas metáforas teóricas que acabam a configurar a sua abordagem terapêutica, encontram-se desta forma menos dependentes de escolas de pensamento fechadas e limitadas, libertando-os para organizarem as suas práticas terapêuticas em torno do conceito de construção, tanto dos problemas dos seus pacientes como das soluções para os mesmos.

Não se pretende impor uma orientação epistemológica como sendo melhor ou mais verdadeira que outra, tão-somente deseja ser útil e contribuir para uma melhor compreensão dos conflitos humanos e para uma prática terapêutica mais eficaz, capaz de produzir mudanças tanto ao nível individual como social.

Um dos exemplos, talvez, mais interessantes, que se inscrevem nas Abordagens Terapêuticas Pós-Modernas, é o caso da *Just Therapy* do 'Family Centre da Nova Zelândia'. Estes preparam as suas abordagens tendo como referência princípios como a equidade e a justiça social, atribuindo muitos dos problemas de saúde mental, dificuldades de relacionamento entre pares e, inclusive problemas sociais de maior abrangência, a questões como as desigualdades económicas, desajustes políticos e as demais injustiças sociais. Consideram que o macro-contexto social e económico, político, cultural exerce uma influência determinante na pessoa e na sua família.

Este projecto dá ao terapeuta um mais amplo espectro de responsabilidades, comprometendo-o com o apoio ao indivíduo não só como uma célula isolada, mas também como membro de um grupo amplo que, no limite, abrange toda a humanidade; a acção deste terapeuta considera o indivíduo, o casal, a família, a comunidade, a sociedade, o país... porque não o mundo.

## **2.2 Criatividade, Arte e Pedagogia - O Reino da Imaginação**

“La creatividad se enraíza, se desarrolla y se bloquea.

Se expresa y consolida en múltiples lenguages.

Se estimula com técnicas eficaces”

(Prado, 2007)

### **2.2.1 Criatividade e imaginação.**

O conceito de criatividade tem sido explorado pelas mais diversas áreas do conhecimento, indicando desde logo a sua interdisciplinaridade. O que é a criatividade? Qual a origem do termo? Como definir a criatividade? Todas estas questões são pertinentes para quem, como nós, fez da arte o seu principal instrumento de trabalho.

O interesse despertado por este conceito remonta à antiguidade que, desde Platão, se encontra associado à loucura ou a alguma forma de desequilíbrio mental ou intelectual. A espontaneidade e a aparente irracionalidade das imaginações mais férteis eram frequentemente atribuídas à loucura ou a possessões demoníacas. O próprio Platão não reconhecia a diferença entre um momento de especial iluminação e de uma crise de loucura. São também clássicas as conotações de genialidade com a loucura; podíamos enunciar uma lista interminável de artistas considerados geniais, portadores de graves patologias psíquicas, como por ex: Vincent Van Gogh, Serguei Rachmaninov, Robert Schumann, Edgar Allan Poe, Artaud, Nietzsche, Antero de Quental, Fernando Pessoa, entre outros. Todos eles criaram obras-primas de valor inquestionável, contudo, o seu vigor criativo viveu em paralelo a uma instabilidade psíquica muitas vezes crónica.

Aliás, o caso de Fernando Pessoa é paradigmático. Este pretendeu construir a sua própria ‘teoria da genialidade’ relacionando-a com a loucura. Esta era uma ideia muito popular no Século XIX e que podemos encontrar na obra de Lombroso (1836-1909), um importante psiquiatra e uma referência no estudo da psicopatologia cuja obra era conhecida por Pessoa. O poeta defendia a tese de que a genialidade encontra-se na obscuridade da anormalidade – anormalidade psíquica e social: psíquica porque tem a sua origem no ciclo bipolar que pende entre a mania e a depressão; e social, porque ele próprio é um inadaptado que vive à margem do mundo social. A sua análise aponta, inclusive, motivos de natureza hereditária, biológica; quando escreve “O génio provém da presença (devido à hereditariedade) de qualidades superiores ligadas à presença ...de um desvio mental, de uma nevrose de uma psychose mesmo. Resulta da convergência, do encontro em um indivíduo de uma herança mórbida, e de uma herança de qualidades superiores” (Pessoa como citado em Pizarro, 2007, p. 131). Ele faz ainda a ponte entre a loucura e a produção artística – “Todo o trabalho artístico é mórbido e anti-social, porque é produto da degenerescência” (Pessoa como citado em Pizarro, p. 119).

Pessoa interessou-se sobretudo pela relação ‘gênio-loucura’ nos artistas que destaca acima de todas as outras “tipologias da genialidade”. Se um pequeno fragmento de texto pudesse sintetizar o seu pensamento acerca do gênio na sua relação com a loucura, poderia ser o seguinte:

“What then – I have heard asked – is a normal poet? The answer is simple: a normal poet is nonsense. The very fact of being a poet excludes normalness. No normal man, no ordinary man is a poet. But, then, what is normalness, sanity in a poet, be it but a comparative normalness, sanity? ” (Pessoa, como citado em Pizarro, p.123).

No limite, fica sempre a questão – onde começa a loucura e acaba o gênio? Será a obra compatível com a loucura? A este respeito é tentador recorrer a Foucault (2005) que na sua “História da Loucura” refere: “A loucura de Tasso, a melancolia de Swift e o delírio de Rousseau pertencem a suas obras, assim como essas mesmas obras lhes pertencem”. E ainda, “a loucura de Nietzsche, a loucura de Van Gogh ou a de Artaud pertencem a sua obra, nem mais nem menos profundamente talvez, mas num mundo bem diferente” (p.528). No extremo do delírio, da loucura, a obra torna-se, provavelmente impossível... ou não?

“A loucura em que a obra soçobra é o espaço do nosso trabalho, é o caminho infinito para triunfar sobre ela, é a nossa vocação.... É por isso que pouco importa saber quando se insinuou no orgulho de Nietzsche, na humildade de Van Gogh, a voz primeira da loucura. Só há loucura como instante último da obra – esta empurra indefinidamente para os seus confins; ali onde há obra, não há loucura; e no entanto a loucura é contemporânea da obra, dado que ela inaugura o tempo de sua verdade” (Foucault, 2005, p. 530).

Poderá então a loucura ser um “alimento” vital para a criatividade, ou será apenas uma porta aberta, um caminho sem obstáculos que a imaginação pode percorrer livremente e criar algo novo?

Outra ideia que está na base do conceito de criatividade consistia na associação da capacidade para criar algo de novo à imaginação.

“Pretende-se que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de nos libertar das primeiras imagens, de mudar as imagens. Se não houvesse mudança de imagens, ...não havia imaginação, não havia acção imaginante.... Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. Ele é, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a experiência da novidade.... Pela imaginação abandonamos o curso normal das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos como presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se para uma vida nova.” (Bachelard, 1972, pp. 7-10).

O termo ‘imaginação’ ficou assim colado à ideia da capacidade de formar imagens internas, que se exteriorizam através da obra de arte (e não só); é a capacidade de conceber algo novo, original.

O tempo trouxe consigo novas formas de abordar esta questão. Já com Vygotsky a “imaginação criadora” estava associada à possibilidade de fantasiar – “A imaginação criadora é resultante da capacidade de fantasiar situações. O indivíduo irá criar segundo a sua capacidade de imaginar e fantasia com base numa série de factores, entre eles a experiência acumulada, enquanto um produto de sua época e do seu ambiente” (Vygotsky, 1982, pp. 31-32).

A imaginação produz imagens, mas estas não surgem do nada; elas nascem das memórias, dos conhecimentos adquiridos através da experiência individual e social e ainda dos estímulos do meio físico e social. Podemos mesmo afirmar que a imaginação está na base de todos os processos de aquisição de conhecimentos e competências artísticas, técnicas, académicas, etc..

Seria quase impossível esgotar as definições de criatividade; são muitas, tão distintas quanto quem as emite, e sempre relativas à área de estudo a que se referem. Para Lowenfeld (1970):

“ a definição de criatividade depende de quem a exponha. Com frequência, os pesquisadores são algo limitados em suas explicações, enunciando que a criatividade significa flexibilidade do raciocínio ou fluência de ideias; ou

também pode ser a capacidade de transmitir novas ideias ou de ver as coisas em novas relações; em alguns casos a criatividade é definida como a capacidade de pensar de forma diferente das outras pessoas” (p. 62).

Wechsler define a criatividade tendo em conta o seu carácter multidimensional: “A criatividade é uma característica multidimensional, composta por aspectos cognitivos e emocionais, e passa a ser entendida como o resultado da interacção entre processos cognitivos, características de personalidade, variáveis ambientais e elementos inconscientes” (Wechsler & Fadel, 2009, p. 1).

A dificuldade de definição exacta do conceito *criatividade*, não diminui o reconhecimento desta dimensão inerente ao ser humano, nem a sua importância na formação da personalidade e, inclusive, na aquisição de competências. Ora, sendo a criatividade um comportamento desejável, é útil saber qual a melhor forma de o promover e, cientes de que os ateliês do Espaço t são um local óptimo para atingir esse objectivo, importa sublinhar a importância que os formadores têm em todo o processo. Os formadores, assumem para os alunos o papel de modelos a seguir; além de agentes facilitadores, possuidores dos conhecimentos técnicos que serão a base de trabalho dos ateliês, e cujos comportamentos podem ser imitados. Este facto remete-nos, mais uma vez para a teoria Vygotskyana da Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP).

“Vygotsky ...recorre também à imitação, como processo germinal da aprendizagem humana ..., vê na imitação humana uma “construção a dois”, entre essa capacidade imitativa prévia da criança e seu uso inteligente e educativo pelo adulto, na ZDP. O adulto empresta à criança, através deste processo imitativo, autênticas funções psicológicas superiores externas” (Coll, Palacios & Marchesi, 1996, p. 96).

Outro aspecto teórico, a ter em conta, diz respeito ao conceito de “mediação”. O processo de mediação dirigido pelos formadores permite ao aluno ter acesso à memória, inteligência, competências sociais e técnicas “emprestadas” pelo formador, alavancando assim a sua construção psicológica:

“uma mente social que funciona em seu exterior e com apoios instrumentais e sociais externos. ... empregar conscientemente a mediação social implica dar,

em termos educativos, importância não apenas ao conteúdo e aos mediadores instrumentais (o que é que se ensina e com quê), mas também aos agentes sociais (quem ensina) e suas peculiaridades (Coll, Palacios & Marchesi, 1996, p. 96).

A teoria de Vygotsky constituiu um importante contributo para a estruturação do nosso modelo e para a forma como percebemos a abordagem da pessoa e de todos os fenómenos que a rodeiam, dando especial relevo aos processos psicológicos que ocorrem em contexto social. Vygotsky contribuiu ainda com os seus estudos sobre a ‘Psicologia da Arte’; a sua obra ainda hoje permanece como um marco desta área do conhecimento e é fundamental para a compreensão dos efeitos que a arte pode exercer na formação do psiquismo humano.

A perspectiva teórica de Lev Vygotsky assenta em três pontos fundamentais que foram evoluindo ao longo dos seus estudos: a) - o uso de um método de desenvolvimento; b) – a afirmação de que as mais elevadas funções psicológicas do indivíduo emergem de processos sociais; e finalmente c) - a afirmação de que os processos sociais e psicológicos humanos se formam através de ferramentas, ou artefactos culturais que medeiam as interacções entre as pessoas e entre estas e os seus contextos.

O conceito de mediação é para nós um ponto fundamental da psicologia de Vygotsky, que defendia que a utilização de ferramentas/artefactos (que são social e culturalmente construídos) provocam modificações na mente do utilizador e sobre o contexto em que este se encontra. Por ferramentas e artefactos compreenda-se, *instrumentos psicológicos*, como uma faca, um machado, uma régua de medição, uma máquina calculadora, etc.; mas também e, talvez, mais importante, “os sistemas de signos: o conjunto de instrumentos fonéticos, gráficos, tácteis, etc., que constituímos como grande sistema de mediação instrumental: a linguagem.” (Coll, Palacios & Marchesi, 1996, p. 83). Apesar de Vygotsky ter concentrado muito do seu esforço e do seu estudo na linguagem verbal, ele não se limitou a esta; fez investigações específicas no campo da arte, desde o desenho, ao teatro, cinema, etc., o que demonstra que o conceito de ‘instrumento psicológico’ não é estritamente verbalista.

A utilização de uma ferramenta/artefacto carrega em si a história da sua concepção; é um processo evolutivo de comportamento que vai acrescentando novas funções ‘mentais’ relacionadas com a utilização da mesma e, por isso mesmo, deve ser reconhecido como tendo capacidade de transformar o funcionamento psicológico do indivíduo. A partir desta perspectiva fica justificado o estudo do indivíduo e da sua abordagem no terreno tendo sempre em conta as suas circunstâncias pessoais, culturais e históricas. Vygotsky demarca-se, da concepção Wundtiana que consistia no estudo do indivíduo separadamente do seu meio social, sugerindo que o individual e o social fosse compreendido como dois elementos separados que interagem entre si; a partir desta hipótese a aprendizagem deve ser entendida como um processo cumulativo de aquisição cultural. Vygotsky opôs-se a esta perspectiva teórica; tendo desenvolvido uma lei denominada lei geral do desenvolvimento cultural:

”... segundo a qual todas as funções cognitivas aparecem duas vezes no desenvolvimento cultural da criança: primeiro, no nível social e, mais tarde, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicologicamente), e depois dentro da criança (intrapicologicamente). Aplicando este principio igualmente à atenção voluntária, à memória lógica e à formação de conceitos” (Vygotsky como citado por Fino, 2001, p. 9).

Vygotsky foi, sem dúvida, quem mais contribuiu para a teoria histórico-cultural da actividade. Entre os vários postulados desta teoria, aos quais já fizemos breve referência, destacamos um pela sua particular aplicação no nosso modelo:

“A actividade socialmente organizada é importante para a construção da consciência, que se forma através da capacidade que os humanos têm de se empenharem em formas sociais de actividade produtiva e construtiva. Assim, as estruturas cognitivas e sociais são compostas e residem na interacção entre pessoas.” (Mehan, como citado por Fino, 2001, p. 6).

Este princípio da *teoria histórico-cultural da actividade*, é essencial para a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

“A Zona de Desenvolvimento Proximal é a diferença entre o nível de desenvolvimento real actual – ZDR- e o nível de desenvolvimento potencial,

determinado mediante a resolução de problemas com o guia ou a colaboração de adultos ou companheiros mais capazes” (Vygotsky, 1978, p. 86).

Esta teoria tem despertado grande interesse da comunidade científica mas, infelizmente, não tem encontrado muita aplicação prática. Um dos aspectos que talvez tenha maior aplicação no terreno, especificamente no que respeita a instituições que trabalham o domínio da relação, é o papel que o “*outro*” pode ter na aprendizagem e na construção da consciência. A perspectiva Vygotskyana empresta ao “*outro*”, ao semelhante, mais velho ou com mais experiência, com quem a pessoa se relaciona, um papel determinante; é na interacção com o outro que o desenvolvimento acontece:

“Para Vygotsky, o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso de ferramentas intelectuais, através da interacção social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas. Uma dessas ferramentas é a linguagem. A essa luz, a interacção social mais efectiva é aquela na qual ocorre a resolução de um problema em conjunto, sob a orientação do participante mais apto a utilizar as ferramentas intelectuais adequadas” (Fino, 2001, p. 7).

Podemos concluir, segundo esta perspectiva, que a aprendizagem e a construção da consciência, são processos sociais *e o conhecimento algo socialmente construído*. A interacção social não se limita à comunicação entre professor e aluno ou entre pares mas inclui o contexto em que essa comunicação acontece, de modo que a pessoa interage também com todas as particularidades da comunidade em que se encontra inserida.

### **2.2.2 Arte e pedagogia.**

Partindo da experiência pedagógica quotidiana do Espaço t e explorando as formas de expressão praticadas nos grupos arte, pretendemos demonstrar o valor que as ‘linguagens artísticas’ assumem como *instrumento (psico)educativo*. É no diálogo que se estabelece entre a arte e a educação que os grupos arte, à semelhança das salas de aula, se transformam em espaços de edificação da dimensão humana. Através da experiência sensível e da actividade criadora que a prática e/ou a fruição da arte proporciona, podemos estimular os indivíduos a ter uma atitude mais reflexiva, mais

analítica em relação a si, dos que o rodeiam e do motivo que o levou a procurar ajuda. Deste modo podemos promover não só um melhor auto-conhecimento, mas também se faz uma importante contribuição para o desenvolvimento cultural e cívico da pessoa; o que só por si já representa uma ‘prática inclusiva’ porque, se por um lado se está a facultar o acesso à cultura a uma população que quase sempre fica afastada deste tipo de acontecimentos, por outro lado, ao levar essas pessoas a manifestarem-se através da arte, estamos a concorrer para uma maior interculturalidade ao nível social.

“ Qualquer abordagem à Educação Artística deve ter como ponto de partida a(s) cultura(s) a que o educando pertence. Criar confiança com base num profundo apreço pela cultura de cada um é o melhor ponto de partida possível para explorar e subseqüentemente respeitar e apreciar a cultura dos outros” (Sasportes, 2006, p. 10).

A emergência de dinâmicas multiculturais na sociedade contemporânea impõe ao sistema educativo novas responsabilidades e novos desafios. Hoje, as cidades albergam cidadãos de todas as proveniências, diversas religiões e culturas, com sensibilidades diferentes. É essencial que a educação prepare os indivíduos para esta nova realidade; tornar as pessoas capazes de lidar com as circunstâncias com que o mundo actual os confronta, de dotá-los de competências físicas, intelectuais e éticas para poderem assumir o seu papel de cidadãos de pleno direito e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, que respeite a diferença e que valorize a diversidade.

É neste contexto que acreditamos na arte como um incontestável instrumento pedagógico; não só pela sua excelente capacidade de “traduzir” as diferentes culturas ao fornecer elementos que podem ajudar a assimilar a diversidade cultural mas, e mais importante, porque essa capacidade de “comunicar a diferença” pode ajudar a resolver muitos problemas que afectam as pessoas e a sociedade dos nossos dias. Educar não apenas no sentido de dotar as pessoas de novos conhecimentos e aptidões, mas também de contribuir para o seu desenvolvimento humano.

A arte, seja pintura, teatro, dança ou outra, é sempre uma *linguagem de sentidos*, cujo “código” tem a capacidade de transmitir significados inacessíveis através de outras linguagens. Aliás, é pelo facto de ser uma linguagem tão “acessível” que é tida por

muitos como uma linguagem universal. Talvez por isso, tem sido apontada como um eficaz meio de educação e vários intelectuais têm feito a apologia da arte como componente indispensável da educação: Read (2001), Santos (1989), Best (1996), entre outros.

Em Portugal, Arquimedes da Silva Santos, um proeminente pedagogo da segunda metade do século XX, fez uma defesa enérgica da Educação pela Arte e, se bem que este se refira mais especificamente a jovens estudantes, as suas premissas extrapolam-se sem risco de equívocos para outros contextos pedagógicos. Segundo este pedagogo enveredar pelo caminho da educação pela arte “... decorre do encontro da pedagogia moderna com as novas experiências artísticas, promove(rá) a formação humanística do indivíduo, pela integração e harmonia de experiências e aquisições, facilitando mesmo o aproveitamento escolar... num equilíbrio físico e psíquico”. (Best, 1996, p.24).

Herbert Read no seu livro *Educação Pela Arte* (2001) expôs a sua tese na qual a arte devia ser o alicerce do processo educativo. Aliás, a tese que ele defende não representa uma novidade; é uma questão com séculos que tem sido sustentada pelos mais brilhantes pensadores da história: Platão foi, talvez o primeiro, a mencionar a função que a arte podia ter na educação. Foi seguido por muitos que admitiram as virtudes que a arte possuía e que podiam ser aplicadas ao processo educativo, contudo “... os intelectuais têm jogado com a sua tese como com um brinquedo: reconheceram a sua beleza, a sua lógica, a sua perfeição; mas nem por um instante consideraram a sua exequibilidade”. (Read, 2001, p. 13). Hoje, como ontem, continuamos em Portugal presos a velhos modelos esgotados, sem ambição e sem perspectivas de mudança. Não se trata apenas de reformar o modelo educativo com o objectivo único de otimizar o aproveitamento individual de cada estudante; é muito mais do que isso - trata-se de escolher o tipo de sociedade que queremos desenvolver. Read (2001) refere-se ao dilema que representa escolher um modelo educativo e quais as suas consequências sociais.

“A escolha será então entre a variedade e a uniformidade: entre uma concepção de sociedade como uma comunidade de pessoas que procuram o equilíbrio através do auxílio mútuo e uma concepção de sociedade como uma colecção de

gente a quem é exigido que se conforme tanto quanto possível a um ideal..... Em termos modernos, a escolha é entre uma teoria totalitária e uma teoria democrática da educação. Apesar de teoricamente a democracia poder propor um ideal do «homem vulgar» a que todos os cidadãos se devem conformar e na qual todas as diferenças serão categoricamente eliminadas, essa é uma concepção de democracia que pode apenas caber numa mentalidade autoritária. Na prática democrática, todos os indivíduos tem o seu património: não são um material que se deite dentro de um molde e a que se dê uma marca de contraste” (pp. 16-17).

Se o Espaço t luta por um ideal de cidadania em que nenhuma pessoa possa ser excluída por ser “diferente”, ou por estar numa situação de especial fragilidade social, então também deve defender um sistema educativo regulado por valores democráticos e humanistas e cujo”ideal não é, nunca poderia ser, um ideal de uniformidade, nem de classificação meramente hierárquica.”. (Read, 2001, p. 17).

As vantagens da aplicação de um sistema pedagógico que tem na arte o seu principal instrumento de mudança, não se farão sentir apenas ao nível individual. Promovendo o desenvolvimento da pessoa e da sua singularidade, acrescentaremos valor à comunidade.

“...a individualidade de um homem pode ser de valor incalculável para toda a humanidade. Mas a singularidade não tem valor prático isoladamente. Uma das lições mais verdadeiras da psicologia moderna e das experiencias históricas recentes é a de que a educação deve ser um processo, não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação da singularidade individual com a unidade social. Sob este ponto de vista, o indivíduo será «bom» na medida em que a sua individualidade se realiza dentro da totalidade orgânica da totalidade.” (Read, 2001, p. 18).

A exequibilidade de tal reforma no sistema educativo depara-se sempre com o mesmo tipo de resistências e argumentos. Indiciada de utópica e de ideia romântica, a educação pela arte confronta-se com o argumento de que o indivíduo atinge o sucesso ou o fracasso, a inclusão ou a exclusão, na mesma medida das suas potencialidades, que se

revelam neste ou em qualquer outro sistema educativo. Nada poderia ser mais impreciso, e o actual estado do nosso ensino é a evidência mais óbvia.

“Parece hoje admitir-se consensualmente que o mundo educativo atravessa uma profunda crise. Crise da escolarização dos alunos, crise dos saberes dos profissionais, crise da relação que os pais estabelecem com a escola, crise da autoridade escolar..., em suma, uma crise de tal forma profunda que põe em causa os mecanismos de gestão e de superação da própria crise” (Correia, 1998, p. 13).

A partir do momento em que a educação, tal e qual a concebemos actualmente, encoraja um determinado modelo de aluno e cidadão que concebe como «normal», e reprime o que está no lado oposto, o que pelas suas características (entenda-se – diferenças) é visto como «anormal», então teremos de discordar de tal modelo. “Falar de encorajamento numa direcção e de repressão noutra implica um exercício do poder a partir de um centro, e isso é precisamente o falso conceito autoritário que pretendo evitar” (Read, 2001, pp. 18-19).

A concepção de pedagogia que dirige o trabalho desenvolvido nos grupos arte do Espaço t respeita a liberdade, a ‘diferença’ e a noção do importante contributo que a singularidade de cada indivíduo pode trazer para a comunidade. Os indivíduos que frequentam o Espaço t, ao descobrirem na expressão artística uma forma de se relacionarem com os outros que lhes permite comunicar sem abdicar da sua forma de ser, estão a dar o primeiro passo para vencer a invisibilidade social para onde tinham sido colocados e catalogados.

A prática e a fruição de arte, isoladamente ou aliada a outras áreas curriculares, permite adquirir conhecimentos, competências e valores como a *igualdade de direitos e deveres* e a importância de que se reveste na actualidade, saber *aceitar a singularidade perante a diversidade cultural*. Observamos ao longo dos anos que a Arte, enquanto forma de expressão criativa e ‘linguagem alternativa’, tem-se revelado como um meio extraordinariamente eficaz na resolução de conflitos (internos e inter-pessoais), forma de libertação de frustrações, e de aumento dos níveis de auto-estima. Também ao nível da motivação são claros os progressos: muitos dos nossos utilizadores abandonaram

precocemente a escola, outros são estudantes dispersos nos diversos níveis de escolaridade (ensino especial incluído), sendo que muitos deles demonstram algumas dificuldades em disciplinas de carácter teórico e abstracto; contudo, nas disciplinas de arte por si escolhidas, revelam uma qualidade e motivação inesperadas, superando limitações físicas, psicológicas e sociais, numa demonstração real das suas capacidades até aí encobertas.

Um dos defeitos do actual sistema educativo é apostar unicamente no desenvolvimento cognitivo, negligenciando o desenvolvimento emocional, como também observa Sasportes (2006):

“...uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos emocionais. Para o Professor António Damásio, esta primazia dada ao desenvolvimento das capacidades cognitivas em detrimento da esfera emocional é um factor que contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna. O desenvolvimento emocional faz parte integrante do processo de tomada de decisões e funciona como um vector de acções e ideias, consolidando a reflexão e o discernimento. Sem um envolvimento emocional, qualquer acção, ideia ou decisão assentaria exclusivamente em bases racionais. Um saudável comportamento moral, que constitui o alicerce sólido do cidadão, exige a participação emocional.” (p. 7).

A escola não se pode limitar a ensinar competências básicas como ler, escrever e contar, e treinar os indivíduos a desempenhar as mais diversas funções de modo mecânico. Deve também estimular a autonomia, o desejo de ir além do que foi estudado na sala de aula, promover a curiosidade natural e a criatividade de cada um, desenvolvendo a aplicação dos saberes assimilados num contexto real, “os saberes instrumentais devem ser adquiridos com todo o rigor, mas a escolaridade básica de todos os cidadãos é um percurso muito vasto que terá de contribuir ...para dar sentido àquelas aquisições e sustentar outras aquisições complementares, ao longo da vida” (Magalhães & Stoer, 2002, p. 62).



PARTE B

DA ANÁLISE QUALITATIVA À QUANTITATIVA:

DA NARRATIVA AO AUTO-CONCEITO

---



## **CAPÍTULO III – Metodologia de Investigação**



### **Nota Introdutória**

“Uma vez que vemos a tarefa de compreender o comportamento humano como envolvendo a interpretação e a empatia, ao invés da previsão do controle, os auto-relatos das pessoas que estudamos tornam-se muito importantes em qualquer projecto de pesquisa psicológica. E esses não devem ser considerados como relatos (passíveis de falsificação), de estados mentais, mas expressão de como as coisas são para o sujeito. Portanto, o experimentador ou observador precisa de ingressar num discurso com as pessoas que estão a ser estudadas e tentar apreciar os contornos do mundo cognitivo do sujeito. Contudo, neste ponto, não faz absolutamente sentido falarmos ainda em observadores e sujeitos. Existem apenas co-participantes no projecto de extrair um sentido do mundo e do que vivemos nele.... Nessa perspectiva.... a psicologia precisa de levar em consideração os discursos, os significados, as subjectividades e os posicionamentos, já que é nesses que os fenómenos psicológicos realmente existem” (Harré & Gillett, 1999, p. 25).

Desde sempre as metodologias vão sofrendo mutações, tornando-se mais adaptadas à realidade que pretendemos estudar. Nem sempre parece fácil o diálogo entre as diferentes ‘escolas’, na medida em que ambas reclamam para si-próprias territórios aparentemente bem delimitados. Durante um longo período da história das ciências sociais houve um esforço para que o seu reconhecimento público/académico resultasse da validação objectiva, formal e quantitativa dos dados. Progressivamente, e fruto de alguma insatisfação, resistência e persistência de alguns autores, o discurso dos actores passou a ser um foco credível de interesse e estudo. Assim sendo, o debate permanece,

ainda hoje, inconclusivo. Da nossa parte, reconhecemos a importância da complementaridade entre os paradigmas. Sublinhamos, por isso, que em ciências sociais a riqueza, complexidade e variedade das informações que caracterizam as vivências humanas não podem ser só valoradas com o recurso exclusivo a modelos matemáticos.

Neste estudo optamos, portanto, por utilizar uma metodologia mista, analisando dados qualitativos e quantitativos, para que os resultados apresentem uma evidência mais vasta e alargada.

Importa, por isso reflectir, de forma breve, sobre o estado da arte das metodologias utilizadas nas ciências humanas e sociais durante a década de 80. Passamos a detalhar alguns extractos dos argumentos que sustentam o debate desta dialéctica entre metodologias quantitativas e qualitativas.

Nos anos 90, após um longo período de uma certa hegemonia das metodologias quantitativas, os investigadores dedicados ao estudo do comportamento humano, começaram a ser confrontados com imensas questões filosóficas relacionadas com a natureza do sujeito, conhecimento e métodos que usavam na investigação. Começaram a entender que a observação e a avaliação da pessoa é útil para a recolha de informação, mas limita a compreensão dos processos de subjectivação. No plano nacional, por exemplo, Santos, B. (1987) refere que:

“a reflexão hermenêutica visa transformar o distante em próximo, o estranho em familiar...orientado pelo desejo de diálogo com o objecto de reflexão para que ele “nos fale”, numa língua não necessariamente a nossa mas que nos seja compreensível, e nessa medida se nos torne relevante, nos enriqueça e contribua para aprofundar a auto-compreensão do nosso papel na construção da sociedade...”(p. 10).

É assim que surge e que, de certo modo se impõe, uma suave desvalorização dos dados qualitativos em detrimento de outros fenómenos, nomeadamente: a dimensão temporal e processual. Paulatinamente, a linguagem foi-se tornando o centro das atenções, bem como, os processos de construção de significados (Bastos, 1998; Coulehan, Friedlander, & Heatherington, 1998; Cruz, 1994; Daigneault, 1999; Fiese & Sameroff, 1999;

Gonçalves, 2000; Howe, 1996; Lieblich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998; Vangelisti, Crumley & Baker, 1999; Valles, 1997).

Com efeito, e de acordo com Pidgeon e Henwood (1997), o investigador transformou a sua atitude de observador externo e estéril para uma postura colaborativa e indutiva numa perspectiva da construção social do conhecimento. Segundo estes autores surgem assim 3 objectivos: (1) efectuar uma observação participante semi-estruturada, (2) estabelecer o compromisso de compreender pormenorizadamente os dados, e, por último; (3) aceder ao mundo do outro, tendo em atenção o *background* cultural e evitando a imposição externa de um sistema de significados.

No entanto, importa referir que as metodologias qualitativas apresentam limitações e não estão isentas de críticas. Existem, de facto, algumas ambiguidades tanto ao nível dos princípios como das práticas.

Uma das grandes limitações e críticas apontadas aos principais orientadores da análise qualitativa prende-se justamente com uma das suas virtudes – a subjectividade da narrativa e na sua interpretação (Alvesson & Skoldberg, 2000; Bastos, 1998; Bruner, 1997; Capps & Ochs, 1995; Cruz, 1996; Howe, 1996; Jankowski, Clark & Ivey, 2000; Lieblich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998; Valles, 1997). Aliás, e como Belo (1993) refere, nenhum indivíduo controla completamente o texto que escreve, sabe apenas do “seu” discurso pelo qual responde e acredita. Os outros podem sempre oferecer uma outra interpretação que o autor que produziu a narrativa inicial não soube e não domina.

Desta forma, os conceitos inerentes às metodologias quantitativas não encontram analogia na investigação qualitativa, isto é, parecem não se comunicar entre si. Os autores que se inscrevem numa lógica de investigação quantitativa criticam os processos afectivos e cognitivos dos seus pares que optam pela análise qualitativa, afirmando, não raras vezes, que os primeiros (re)constroem os dados/informações. Contudo, como refere Bruner (1997), todas as experiências vividas são mais ricas do que o discurso que as tenta descrever. As histórias que um indivíduo conta não visualizam o mundo do “lado de fora”. Pelo contrário, elas são construídas, criativamente autoradas, retóricas, repletas de suposições e interpretativas. Desta forma, na metodologia qualitativa deixa

de ser importante procurar a verdade do discurso. As histórias ou as narrativas tentam convencer o leitor pela sua verosimilhança.

Uma outra limitação, reconhecida pelos seguidores das metodologias qualitativas, tem que ver com as práticas divergentes (Howe, 1996; Jankowski, Clark & Ivey, 2000; Strauss & Corbin, 1990; Valles, 1997), a saber: (a) dificuldade na análise do excesso de informação, com a propensão natural para subvalorizar os dados e, conseqüentemente, falhar na compreensão da informação e produção de conhecimento; (b) dupla hermenêutica, ou seja, a interpretação do autor do discurso sobre a experiência e a interpretação do discurso por parte do investigador; (c) validade teórica, na medida em que, as ideias/teorias pré-concebidas obrigam os dados a encaixarem-se nas categorias pré-existentes, ou seja, as informações servem para confirmar teorias, nunca para as criar.

Em resposta a estas críticas, os autores que se filiam nas metodologias qualitativas não se comprometem no desdobramento infinito dos processos de validação das informações, mas numa postura que assume que o resultado da análise redundante, obrigatoriamente, nas pontuações pessoais (Alvesson & Sköldbberg, 2000; Bastos, 1998; Bruner, 1997; Cruz, 1994, 1996; Howe, 1996; Jankowski, Clark & Ivey, 2000; Lieblich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998; Parry & Doan, 1994; Valles, 1997).

Jankowski, Clark e Ivey (2000), acrescentam e sugerem, três métodos para resolver o problema da validade na análise qualitativa dos dados: triangulação: (1) o investigador recorre a múltiplas fontes de recolha de dados; (2) tomar antecipadamente consciência das ideias pré-concebidas; (3) auto-reflexão: ou seja, pensar a experiência com a pessoa, perceber o fenómeno e compreender o processo de atribuição de significado.

Tal como os contributos anteriormente apresentados, também nós concordamos na possibilidade de uma interpretação da interpretação finita.

Desta forma, e tendo em conta os pressupostos atrás analisados, decidimos elaborar o nosso estudo assente numa metodologia mista. Por um lado, damos primordial importância à metodologia qualitativa onde analisamos várias histórias de vida tendo por base o modelo de Josso (2002) e o modelo de hermenêutica de Ricoeur explorado por Jardim (2003). Por outro, e de forma quantitativa, pretendemos perceber o impacto

que o processo de reinserção social assente nos grupos arte tem no auto-conceito dos indivíduos.

### **3.1 Fundamentos e procedimentos de metodologia qualitativa**

Heidegger, em “*Ser e Tempo*” (2004), esboçou o ser humano, como alguém que em si mesmo compreende e interpreta. Por outro lado, Ricoeur (1997) em “*Tempo e Narrativa*” amplia esta concepção dando primordial importância às inter-relações entre as dimensões da experiência e sua ligação simbólica no auto-relato. De acordo com este autor, o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo; e, este define os traços da experiência temporal.

Assim, surge a hermenêutica como sendo a arte da interpretação. Nesta visão, o acto de interpretar é essencialmente uma prática dinâmica e multifactorial; o autor empresta sempre algo da sua subjectividade, sem esquecer o lugar que o outro ocupa e o contexto em que está inserido. Este palco é, como todos os outros, constituído por cenários que se cruzam, focos que iluminam partes e escurecem outras, ditos e não-ditos, outros actores que, como o protagonista, trazem as suas histórias para as entrelaçar com as histórias dos outros... coisas que se observam, coisas que não são contadas e, finalmente, coisas que não podemos perceber. Daí que uma história interpretada não é uma história finalizada, é apenas mais uma que, nem sequer, é melhor que outras.

No acto de interpretar uma história de vida temos sempre a incontrolável arbitrariedade da interpretação. Aliás, como descreve Rushdie (1999), “... em cada história, em cada corrente do mar de histórias, existe um mundo, um mundo inventado, que eu não consigo de modo nenhum controlar”. Uma interpretação é sempre passível de uma revisão, de um outro olhar, de um outro sentir... é, em si mesma, uma narrativa incompleta de uma história verdadeira” (pp. 164-165).

O momento da narração é de extrema importância, é um momento e um espaço de encontro entre a vida íntima e única de cada indivíduo com o seu contexto intrapessoal, familiar, social, histórico, cultural. São lugares, memórias, tempos que se cruzam e que permitem a construção, reflexão, renegociação e reinvenção identitária. Por isso mesmo,

escutar uma história é ouvir um discurso cortado, hesitante, duvidoso, em permanente elaboração. Narrar a sua história é descobrir uma nova história, é reengendrar a experiência vivida e oferecer-lhe um significado. É recriar o vivido de uma forma quase ficcional.

Estas são noções subsidiárias do trabalho de Ricoeur (1997), que também estão enfatizadas na obra de Jardim (2010), quando sublinha a importância da narrativa da auto-interpretação. O sujeito que pensa e relata a sua história é um autor que conta uma ficção, numa estrutura análoga a todo o acto narrativo. Assim sendo, a função narrativa permite o relato de toda e qualquer acção humana na temporalidade. Este processo envolve três níveis de operação mimética da acção (mimesis I, II, III). O discurso mais ou menos desorganizado, organiza-se de forma a que o narrador começa por contar a sua história de um tempo prefigurado da acção, de um nível vivido e da experiência – mimesis I –, para um tempo configurado de forma simbólica, com o objectivo de comunicar a sua experiência a alguém – mimesis II –, para finalizar num tempo de alteridade, o tempo refigurado, que restitui à acção o tempo vivido do narrador/autor – mimesis III. Completando, assim, o ciclo narrativo, no qual o sentido nunca se fecha em si mesmo, mas sim torna-se dinâmico.

Ricoeur (1997) apresenta, ainda, a noção de identidade de narrativa tendo em conta o cruzamento da realidade vivida e a realidade ficcional, ou seja, a identidade narrativa é o resultado da dialéctica provocada pelo cruzamento entre a história real e a ficção baseada nessa história, à qual Ricoeur chama “solução poética do círculo hermenêutico”.

Surge, assim, um indivíduo protagonista de uma identidade narrativa que se recria e oscila no seu percurso biográfico único. Um indivíduo que é parte de um mundo, de um espaço dinâmico. Nessa identidade narrativa, Ricoeur (1997), definiu um processo estrutural ao qual denomina de “ipseidade”, ou seja, uma identidade que não fica no seu egocentrismo e “autismo”, mas sim interage com o meio, uma identidade relacional aberta ao mundo externo que o altera e modifica. Através desta identidade narrativa podemos interpretar o outro enquanto ser em “si mesmo” e ser que interage com o mundo que o rodeia.

Neste trabalho de investigação serão utilizados estes pressupostos desenvolvidos por Ricoeur (1997), serão ainda considerados os contributos do modelo de análise de histórias de vida propostos por Josso (1999, 2002) e por Jardim (2003).

Desta forma, foram, essencialmente, comentadas as informações recolhidas a partir das histórias/narrativas de dez indivíduos que participaram nos grupos arte. Da análise das suas narrativas, tentamos compreender de que forma é que a arte, e os restantes vectores utilizados nos modelos dos grupos arte (humanismo-unidade-motivação-arte), influenciaram, enquanto instrumentos promotores de transformação, nos processos individuais de reinserção social, bem como na sua melhoria de auto-conceito e conseqüente melhoria da qualidade de vida. Analisaremos também a influência do grupo heterogéneo de indivíduos com problemáticas originais distintas, elemento também ele influenciador dos vectores utilizados no modelo proposto.

Estes indivíduos, foram seleccionados, com base no período de tempo em que frequentavam os grupos arte. Assim, todos eles tinham como ponto de partida o facto de participarem de forma activa e continuada há mais de seis meses em grupos arte. A colaboração neste estudo foi voluntária. De modo a manter o anonimato dos indivíduos, cada um deles passou a ser identificado no texto com as letras **X** e **A** a **I**. Todos os outros indivíduos mencionados, como por exemplo técnicos, terão a designação de letras aleatórias, não correspondendo a sigla ao próprio nome. Todos os utilizadores dos grupos arte que participaram na investigação assinaram uma declaração de autorização (anexo A).

Os grupos arte, que iremos investigar e que são a base de trabalho da metodologia de trabalho do Espaço t, apresentam como definição serem grupos semi-organizados, constituídos por indivíduos heterogéneos ao nível da problemática bio-psico-social, continuamente aberto a novos indivíduos e com um número variável de indivíduos, que se reúnem, com uma periodicidade semanal. Estes grupos são orientados por um facilitador, com experiências em áreas específicas de arte, como sejam: o teatro, a fotografia, a pintura, o jornalismo, a dança, dramaturgia, entre outros. O objectivo principal dos grupos arte consiste em trabalhar a arte, como instrumento de comunicação grupal e individual, tendo sempre por base o binómio Arte/Indivíduo. Um segundo objectivo dos grupos arte baseia-se na criação, por parte daqueles, de

componentes artísticas que serão colocadas à leitura da comunidade em geral, sob a forma de exposições, revistas, espectáculos, entre outras.

Nos grupos arte, o facilitador assume-se como o líder do grupo, no sentido da orientação e motivação, não possuindo, no entanto, qualquer tipo de conhecimento (de forma formal ou informal) sobre as características individuais de cada elemento dos grupos. As mesmas, poderão ser percebidas no desenvolvimento das actividades dos grupos arte, caso os seus utilizadores o definam.

Os grupos arte têm uma duração intemporal, cabendo aos seus utilizadores definirem as suas escolhas, em relação aos grupos que pretendem frequentar, tendo total autonomia ao nível da assiduidade e manutenção/alteração de grupos arte.

Cada indivíduo, poderá frequentar apenas um grupo arte ou, no limite, a totalidade da sua capacidade de frequência semanal, ou seja, quinze grupos arte.

Numa perspectiva de criação de sinergias entre os vários grupos arte e prestação de apoio ao nível das dinâmicas de grupo, trabalham em complemento uma equipa multidisciplinar constituída por um psicólogo, uma técnica de serviço social, uma socióloga, animadores e restante equipa da Instituição, aos quais damos o nome de facilitadores. Esta equipa multidisciplinar tem uma função fundamental na escuta activa dos utilizadores, na mediação entre os mesmos, na gestão e interacção dos grupos arte e na gestão do encaminhamento de situações, que os grupos arte não possam resolver. Este grupo de trabalho assume um papel de liderança, ao nível do grande grupo, sem nunca valorizar, em primeira linha, as suas competências técnicas, ou seja, cada elemento desta equipa tem um papel de interlocutor e mediador, baseado na relação genuína e de proximidade, promovendo relações facilitadoras e organizadoras para a melhoria de processos individuais.

O processo de recolha de informação foi desenhado de duas formas distintas:

(1) a primeira consistiu em efectuar uma análise, de forma profunda, a uma história de vida, através do estudo de caso de um indivíduo, que frequenta os grupos arte do Espaço t, há quase uma década. A escolha deste indivíduo, deveu-se ao facto de ser um utilizador com longa permanência nos grupos arte, e onde o seu percurso antes-durante

e após a frequência dos grupos arte apresenta uma enorme riqueza de factores internos e externos. O processo de recolha foi efectuado em dois tempos, ou seja, numa primeira fase o indivíduo relatou a sua história de vida verbalmente, tendo por base as suas vivências desde o seu nascimento até ao momento da recolha da história. A narrativa foi transcrita pelo investigador, reorganizando-a em termos temporais e efectuado uma análise crítica da mesma, posteriormente foi validada pelo indivíduo referenciado. Neste momento de investigação, foram corrigidas algumas incorrecções temporais ou outras incorrecções detectadas. A este indivíduo foi atribuído a designação de **X**.

O comentário crítico à história de vida, foi dividido em quatro subcapítulos, cabendo a cada subcapítulo apresentar uma reflexão sobre a influência de cada vector, utilizado no modelo dos grupos arte do Espaço t, junto do indivíduo em estudo.

(2) A segunda desenvolveu-se a partir de quatro sessões de reflexão em grupo, que se centraram, cada uma delas, em espaços e tempos distintos do ciclo vital: (a) passado, (b) presente, (c) futuro e (d) vida mágica (momento simbólico em que o indivíduo é convidado a imaginar-se num quadro de sonho).

Em cada uma destas sessões, a construção das narrativas individuais foi realizada no grupo. As sessões iniciavam-se com a indução de relaxamento e, posteriormente, era-lhes solicitado que retractassem um fractal, uma narrativa protótipo desse momento do ciclo vital; de forma falada, escrita e desenhada (ilustração), bem como efectuassem o preenchimento de uma pequena ficha de identificação (anexo B). No final da sessão, cada um dos indivíduos contava ao grupo a sua história, tentando o investigador observar comportamentos e solicitar sentimentos que estavam a vivenciar nesse momento.

Estes momentos foram sempre efectuados sem orientação, ou seja, de forma livre. A história foi transcrita para o papel pelos próprios e os sentimentos e reacções observadas foram escritas pelo investigador. Posteriormente, as histórias transcritas e comentadas foram novamente apresentadas aos sujeitos, de forma a validar as interpretações produzidas e re-significar as narrativas.

As nove narrativas deram origem a 36 momentos narrativos, correspondentes a quatro espaços temporais. As mesmas serão apresentadas, agrupadas por momento, no qual os

indivíduos apresentam a sua narrativa, bem como a sua ilustração, seguindo-se um comentário/interpretação às narrativas de forma colectiva. Com esta metodologia consegue-se, assim, obter uma percepção do conjunto do individual e do grupal dos quatro espaços de tempo distintos.

No início deste capítulo, será ainda apresentada uma caracterização dos interlocutores das histórias de vida, abordando também os factores internos e externos valorizados no Espaço t, pelos mesmos indivíduos.

A estes indivíduos foram atribuídas as designações de **A a I**.

### **3.2 Fundamentos e procedimentos da Metodologia Quantitativa**

O recurso à metodologia quantitativa permite um outro ‘olhar’ sobre os dados. O estudo quantitativo teve como objectivo avaliar uma variável de bem-estar psicológico – auto-conceito –, em duas amostras de indivíduos, de forma a perceber o impacto que a intervenção utilizada nos grupos arte tem na mudança dos padrões de definição de si-mesmo. Neste sentido, consideramos que um auto-conceito mais reforçado poderá evidenciar uma melhor integração social ou, pelo menos, ser uma característica que poderá ser alterada por um processo de (re)integração social reparador. De acordo com vários autores, a necessidade de um bom auto-conceito é de extrema importância para o sucesso da reintegração social total (Serra, 1986a, 1986b).

Serra (1986) define o auto-conceito como sendo um constructo psicológico que permite ter a noção da identidade da pessoa e da sua coerência e consistência. E acrescenta é um constructo teórico que: (a) nos esclarece sobre a forma como o indivíduo interage com os outros e lida com áreas respeitantes às suas necessidades e motivações; (b) nos leva a perceber aspectos do auto-controlo – a emergência de determinadas emoções em contextos específicos, bem como, a inibição ou o desenvolvimento de determinado comportamento e; (c) nos permite compreender a continuidade e a coerência do comportamento humano ao longo do tempo.

Maslow (1970), na sua pirâmide de necessidades, considera que um indivíduo só está integrado consigo mesmo, com os outros e com o próprio meio, somente quando atinge o topo da pirâmide, isto é, quando o seu elevado nível de auto-conceito é uma expressão do seu comportamento.

Para levar a cabo a investigação, consideramos que a selecção dos instrumentos de caracterização da amostra e de avaliação da variável em estudo deveriam reunir algumas condições essenciais: (1) medir o auto-conceito dos sujeitos; (2) facilidade de aplicação e de resposta, de forma a aumentar a adesão dos indivíduos pouco escolarizados que, tradicionalmente, não colaboram bem com questionários muito exigentes; (3) questionário adaptado para a população portuguesa e (4) garantia de boas qualidades psicométricas dos instrumentos.

Face a estas exigências, decidimos utilizar o Inventário Clínico de Auto-Conceito de Vaz Serra (1986), tendo o autor autorizado os direitos de utilização (anexos C e D). Trata-se de uma escala de auto-relato amplamente reconhecida e utilizada, tipo likert, constituída por 20 itens, com cinco alternativas de resposta, que avalia globalmente o ajustamento pessoal, nomeadamente os aspectos emocionais e sociais do auto-conceito. Estão presentes quatro factores (aceitação-rejeição social, auto-eficácia, maturidade psicológica e impulsividade-actividade). Vaz Serra, ao criar este Inventário Clínico, verificou que o mesmo estava dividido em quatro factores rigorosamente bem definidos, existindo, ainda, dois factores mistos, que não possuíam qualquer denominação. Segundo este autor, o factor um, definido como o factor da aceitação ou do agrado social, é o factor em que cada item que o compõe tem um duplo sentido de variação tanto positivo como negativo. Assim, este factor tanto pode indiciar aceitação e agrado social, como rejeição e desagrado social. Passando, assim, desta forma a ser chamado factor de aceitação-rejeição social.

O factor dois apresenta itens que realçam a capacidade de enfrentar e resolver problemas/dificuldades, sendo assim denominado o factor da eficácia. No que concerne ao factor três, este é denominado o factor de maturidade psicológica, tendo em conta as suas características, nomeadamente: capacidade de afirmação, capacidade de tolerância e responsabilidade. Relativamente ao factor quatro, este é o mais difícil de caracterizar, ao qual Serra definiu com factor de impulsividade-actividade, pois baseia-se na

iniciativa, pro-actividade, motivação individual e atitudes perfeccionistas. Os valores mais elevados totais e/ou parciais estão associados a níveis mais elevados de auto-conceito.

Foi ainda anexado um inquérito complementar (anexo E) ao inventário clínico de auto-conceito, a ser preenchido pelo grupo de investigação, por forma a podermos caracterizar a amostra.

Os dados foram recolhidos durante o ano de 2010, sendo o total da amostra de 280 indivíduos, dos quais 148 (52.9%) constituíram o grupo de estudo, denominado o grupo arte; e os restantes 132 (47.1%) constituíram o grupo controlo, denominado o grupo não arte. Os indivíduos que integram a amostra foram todos sujeitos que tiveram contacto com o Espaço t, tendo todos sido convidados a participar no estudo, sendo a sua participação voluntária.

Nos sujeitos com baixo nível de escolaridade, a aplicação da escala seguiu um método de entrevista do tipo pergunta-resposta. Esta opção: (1) possibilita o esclarecimento imediato de eventuais dúvidas na interpretação das questões formuladas, (2) evita o erro no preenchimento do material sugerido, (3) promove a adesão ao estudo e, consequentemente, a recolha de elementos a uma amostra mais abrangente em termos de níveis de escolaridade (que muitas vezes evitam a participação neste tipo de investigação pela submissão a estímulos que desqualificam as suas limitações académicas), (4) permite que no final da administração do material, e no contexto de intervenção, o facilitador possa pesquisar e aprofundar a motivação e recursos do sujeito para a participação nos grupos arte.

Os dados foram tratados através do programa informático de Statistical Package for Social Sciences. (SPSSPASW).

PARTE C

ESTUDO DE CAMPO:

ARTE UM INSTRUMENTO TRANSFORMADOR

---



**CAPITULO IV – Espaço t – Uma Experiência de 17 Anos, “a  
Transformar Homens em Príncipes e Ideias em Projectos de  
Sonho”**



Depois de 17 anos de existência de um trabalho prático, utilizando uma metodologia inovadora, também por isso empírica, quase podemos afirmar que no final destas quase duas décadas, a validade do modelo se pode aferir pela sua prática e pelas largas centenas de utilizadores que frequentaram este modelo, os utilizadores obtiveram resultados bastante positivos ao nível de qualidade de vida, através da utilização dos grupos arte que utilizam uma metodologia baseada em quatro vectores (humanidade – unidade – motivação – arte).

Assim, achamos que, no estudo de campo desta investigação deveríamos começar por contar a história, definir conceitos e metodologias da prática a validar, por um lado para compreender a sua génese e fundamentos, por outro para a constatar como uma evidência, como referem Emílio Rui Vilar (Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian), Edmundo Martinho (Presidente do Conselho Directivo Instituto da Segurança Social, IP) e Carlos Coelho (Criador de marcas Presidente da Iivity Brand Corp) :

“O trabalho do Espaço T faz-nos acreditar que é possível traçar este horizonte de mudança, pela forma sagaz como cruza intervenções sociais rigorosas em áreas socialmente fragilizadas com rasgos de inovação vindos de áreas como as artes plásticas, o teatro ou a performance. Este livro, ao testemunhar criativamente o trabalho ímpar desta instituição, renova-nos a esperança e a convicção de que o Espaço t continuará a fazer melhor, fazendo diferente” (Espaço t, 2010, p. 9).

“Fundado em 1994, o Espaço t – Associação para o Apoio à Integração Social e Comunitária, é uma organização da economia solidária que tem estado na linha da frente no combate à pobreza e à exclusão social e um exemplo de um relacionamento frutuoso entre o Estado e as organizações da economia solidária.

Para o cumprimento dos seus objectivos, no Porto, a Instituição tem em funcionamento, ao abrigo da cooperação desde 1998, a resposta social Comunidade de Inserção, onde em espaços diferenciados se desenvolvem múltiplas actividades cujo principal objectivo é a reinserção e (re)adaptação ao meio social de indivíduos desfavorecidos em situação de marginalização e tem também um Gabinete de Inserção Profissional (GIP) em cooperação com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). O Espaço t não intervém apenas nos seus espaços, desenvolve também um trabalho muito importante noutros contextos, como as escolas, outras Instituições, espaços culturais e outros espaços educativos que trabalham com crianças e jovens em risco.

O Espaço T é uma Instituição muito dinâmica e com um trabalho considerado inovador nas áreas da saúde e da acção social o que lhe vale o reconhecimento cada vez maior pelos seus pares e pela própria população”( Espaço t, 2010, p. 11).

“Quando passar na rua de Vilar 54 no Porto, entre para ver que esta marca-conto-de-fadas existe mesmo. Chama-se Espaço T e tem a onírica missão de transformar homens em príncipes.

Insisto na minha teoria supra-comercial de que as marcas são sonhos do Homem perpetuados na economia e que só assim encontram razão para existir.

Esta marca T é o sonho de Jorge Oliveira, que acredita que com uma revolução de sensibilidades se pode mudar o mundo. Nem só de comida para o corpo vive o homem (deixo, no entanto, uma nota de concidadão orgulho pela grande marca que a Isabel Jonet tem construído ao longo dos anos no Banco Alimentar, que dá comida a mais de 200 mil pessoas carenciadas). Por isso, o Jorge criou uma marca cujas características nutritivas pretendem matar a fome das diferenças dos cromossomas da alma.

T significa “de todos para todos”, um espaço livre, de ajuda, onde se pratica a inclusão social através de uma cola de magia, onde as únicas regras são os afectos. Na sexta-feira a marca T fez 15 anos.

Como nas palavras do brilhante jornalista Carlos Magno, “O mundo existe para desaguar num livro.” Ajudar a construir marcas T é uma missão de Todos para Todos. Se puder, vá a [www.espacot.pt](http://www.espacot.pt), ajude, compre o livro de histórias de princesas e de príncipes T.

Não escondo o orgulho de ter escrito uma delas: a da princesa Manu-Ela.”(i, 2010, p. 2)

Numa sociedade cada vez mais globalizada, geradora de fenómenos sociais ligados ao materialismo, à instrumentalização do indivíduo, especialização e segmentação da função, predomina a lógica da satisfação do interesse individual, em que os indivíduos procuram somente a sua própria realização pessoal, obstruindo assim os discursos mobilizadores do colectivo, de onde resultam, funestamente, novas formas de exclusão. Esta realidade, é hoje transversal a todas as classes e contextos sociais. A expressão social desta exclusão grava nos indivíduos o estigma da inutilidade, do fracasso e da desqualificação, empurrando-os para a “outra margem”. Estes indivíduos, os que “sobram”, não são capazes de encontrar vias de inclusão que promovam um verdadeiro sentimento de pertença à organização social. É aqui que o «Espaço t» opera. Nesta zona de exclusão em que o Homem é cada vez mais estereotipado, catalogado por tipos e subtipos, desde a sua classe social, religião, raça, orientação sexual, patologia, entre outras.

Mesmo os profissionais das áreas de intervenção social, por força das circunstâncias, especializam-se em fragmentos desse todo que é o Homem – o padre na problemática da fé, o médico na perspectiva biológica, o psicólogo na patologia mental, entre outros. Esquecemos o todo e conhecemos a parte; os que cuidam ou prestam serviços adoptam uma postura “profissional” e, ocultos sob essa máscara social, actuam, baseados em conceitos, preconceitos, obedecendo sempre a um conjunto de valores e normas que regem a sua prática. Mas o Homem não se resume a um mero objecto que se submete a desusados determinismos, não o podemos reduzir a uma simples entidade biológica, como não podemos limitar o nosso olhar a uma noção psicológica da personalidade. A pessoa é corpo e psique mas é também um ser social e cultural.

O Homem não é somente a soma das partes, ele deve ser visto “como uma totalidade indivisível, isto é, para compreendermos o seu funcionamento, não podemos isolar as partes do todo mas, entendê-la como uma globalidade interactiva e dinâmica” (Nunes, 1997, p. 40). A singularidade humana consiste em ultrapassar a sua esfera física e mental. Por tudo isto, por ser tão fácil esquecer o essencial, ou seja, o indivíduo global, aquele que é muito mais do que aquilo que se projecta no exterior, é que deve ser assumida uma postura diferente – de aceitação total e incondicional das características e especificidades de cada pessoa que nos procura. Assim, inscrevendo-se nas premissas básicas da tradição humanista, é proposta uma visão que se deseja mais alargada do ser humano e da forma como deve ser encarada a pessoa que pede ajuda. Considerando que os vários modelos de apoio social, clínicos ou não, actualmente em prática, apesar do seu contributo, desaproveitam a visão do que é realmente humano e humanizante. Também os nossos colaboradores (psicólogos, assistentes sociais, professores, animadores, administrativos, etc.), aos quais atribuímos o nome de facilitadores procuram ter uma atitude congruente com esta perspectiva – a autenticidade é fundamental para a relação que se pretende ser de “ajuda” e isso implica que se exponham, eles próprios, enquanto seres humanos.

Mas ao referir este tipo de relação será que falamos de “relação de ajuda”?

Tendo como referências os princípios básicos da abordagem Rogeriana, entende-se a relação de ajuda como o contacto de uma pessoa que pede ajuda, com outra que, agindo metodizada e, sobretudo, empaticamente, procura estimular o desenvolvimento, a maturidade e um comportamento mais ajustado, dotando a pessoa das estratégias necessárias para enfrentar as contrariedades da vida e, porque não, ajudando-a a atingir a sua realização pessoal. Esta abordagem assenta “numa visão do Homem como um ser essencialmente livre e com o poder de reagir activamente às situações que o constroem na sua auto-determinação, que tentam abafar a sua individualidade prendendo-o a esquemas rígidos de comportamento e de pensamento, em suma, que restringem a sua evolução e crescimento pessoais.” (Santos C., 2004, p. 22). Acreditando, assim, poder “ajudar o outro a ajudar-se a si mesmo” (Rogers, 2000, p.11), nunca esquecendo que aquele que pede auxílio, encontra-se fragilizado e sem respostas para os seus problemas, “vivenciando sentimentos de insegurança, e de incapacidade

que bloqueiam a sua auto-imagem positiva, atribuindo ao outro aquilo que não consegue encontrar em si: a solução.” (Nunes, 1999, p. 61). A relação deve caracterizar-se pela confiança, aceitação e compreensão que se estabelecem entre as duas pessoas intervenientes – utente e profissional. Para que tal seja possível, a actuação deste último deve respeitar três princípios condicionantes à criação de uma relação capaz de produzir uma mudança positiva:

(1) A aceitação positiva incondicional: exige do profissional uma verdadeira aceitação do outro, transmitindo-lhe o sentimento de ser aceite sem condições nem reservas; esta é uma condição elementar para que se consiga operar mudança na pessoa. A aceitação positiva incondicional só é possível existindo um real respeito pelo outro. Fingir aceitação quando no íntimo se fazem juízos de valor, desvirtuará toda a intervenção.

(2) A Congruência: pretende indicar o estado de coerência interna e de autenticidade de uma pessoa, a qual se traduz na sua capacidade de aceitar os sentimentos, as atitudes, as experiencias do outro e de comunicá-los (Rogers, como citado em Rafael, 2003, p. 7).

(3) A Compreensão Empática: é o processo através do qual o profissional incorpora a realidade psicológica do outro, é um exercício que requer que nos coloquemos “debaixo da sua pele”, “ver o mundo pelos seus olhos”, sem julgamentos morais nem juízos de valor; é “com delicadeza e cuidado mover-se no interior do mundo dos outros sem julgamentos, sem crítica, sensível aos seus sentimentos, respeitando o ritmo de descoberta do outro.... Empatia significa assim, compreender o mundo do outro como ele próprio o compreende” (Hipólito, como citado em Rafael, 2003, p. 7).

Não esquecendo que estes princípios encontram aplicação em contexto terapêutico, facilmente podemos pensar que eles fazem parte das relações que se criam nos grupos arte do Espaço t. Estes técnicos utilizam uma relação muito própria, o que os torna os denominados facilitadores das relações entre os indivíduos que frequentam os grupos arte.

É assim uma relação diferente, onde podemos referir que nem todos os princípios básicos de ajuda estão incluídos. Na verdade, eles estão lá, no entanto, na prática, estas relações vão muito para além da terapêutica, ou seja, tornam-se relações de ajuda humana, onde existem dois ou mais indivíduos iguais, que apesar de se sentirem e se

reverem diferentes em muitas áreas: física, cognitiva e comportamental, também sentem iguais na maioria das áreas física, cognitiva e comportamental.

Vejamos, agora, algumas características destas relações:

1. Nas relações dos grupos arte não existem relações instituídas terapeuta/utente;
2. O “não dito” é um elemento fundamental, assim como as emoções que fluem de forma espontânea em ambos os lados da comunicação/relação;
3. Os ambientes para além de um espaço terapêutico, que quase se dilui, são criados espaços abertos, onde o ar natural se difunde, quase familiares, cores claras, texturas suaves, locais confortáveis, imaginados para um lar individual, que possa ser também um espaço colectivo. No fundo é um espaço que todos sonhamos;
4. Nesse mesmo ambiente não existem lugares pré-definidos quer para os utilizadores quer para os facilitadores;
5. As regras das relações não se escrevem, sentem-se como regras humanas que não precisam de ser escritas para serem sentidas e vivenciadas;
6. Parte-se de um pressuposto fundamental: ninguém julga ninguém; todos ouvem, todos se aceitam e compreendem incondicionalmente, mesmo que essa aceitação contrarie o mundo interno do outro;
7. Os facilitadores que, teoricamente, deveriam ser os controladores das relações, não a possuem porque não necessitam, apenas medeiam as relações, deixando-as fluir de forma espontânea, como algo que pertence ao domínio do não físico do humano, ao domínio do intangível, ao domínio das barreiras para além do corpo;
8. Cabe aos facilitadores serem os agentes de informação, motivação, pró-actividade, dotar os utilizadores de informação útil e quase nunca estes facilitadores tomam o papel do agente da interpretação do outro. Pelo contrário, é esse outro que se tem de reinterpretar, redescobrimo-se.

É por isso uma relação baseado nos pressupostos das relações humanas puras, pincelada pelos conceitos de relação de ajuda.

Tendo em conta estes pressupostos, esta relação de ajuda tanto pode ser realizada pelo psicólogo, que é menos psicólogo no sentido do termo e é mais Homem no sentido pleno da palavra, como a secretária ou o professor. Todos interagem num mundo de ligações invisíveis, espontâneas, não programadas, mas verdadeiras.

Atendendo a que a nossa abordagem não é clínica, ou seja, pretendemos trabalhar competências relacionais em complementaridade com outras entidades terapêuticas, e tendo em conta um comportamento terapêutico-holístico, de forma a promover no indivíduo uma dinâmica na descoberta da sua liberdade e na busca das suas necessidades. Combatendo a tentação de simplificar e de reduzir que mais ou menos todos os indivíduos manifestam, mesmo no trabalho social, de catalogar, julgar à luz de valores pessoais exercendo um género de censura que constrange os comportamentos do outro e que pode induzir-lhe sentimentos de inferioridade, inibição ou culpa; mesmo a atitude de apoio, por mais afectiva que seja, pode revelar uma espécie de “paternalismo” que roça um tipo de carácter discriminatório e que pode provocar na pessoa um sentimento de revolta por se sentir objecto de pena ou, ainda, pode dar origem a uma postura de dependência face ao técnico.

Na relação de ajuda quase sempre existe um desequilíbrio assumido, mesmo que inconsciente, de poderes; o técnico, talvez devido a factores inerentes à sua função ou a factores individuais, intrínsecos à pessoa humana que é, pode encontrar-se desmotivado, confuso, cansado, ou agir simplesmente de forma inconsciente, levando-o a julgar, criticar, rotular por categorias profissionais, sociais, patológicas e tantas outras.

Todos estes mecanismos contribuem para uma cisão que opõe quem se encontra integrado no sistema e os que ficam fora dele. A sociedade organiza-se em função de valores que ganham a força de normas comportamentais; estas normas, funcionando como factores de integração, permitem aos indivíduos inserir-se na comunidade. Não é menos verdade que tudo o que é diferente, fora da norma, é imediatamente rejeitado, criando-se assim uma fronteira entre quem vive dentro dos limites estabelecidos pela norma e os que se lhe opõe; os ditos normais, os razoáveis, que obedecem às normas instituídas, e os anormais, marginais e loucos do sistema que dele se demarcam pelos seus comportamentos diferentes.

Rejeitando estes conceitos que tão facilmente determinam o que é ou não normal e, assentes em dados históricos que demonstram que o conceito de normalidade é ambíguo, tantas vezes se pôde confirmar que a intolerância resulta da ignorância e da criação de mitos.

O modo como a sociedade ordenada e lógica encara a diferença – a loucura – tem vindo a alterar-se ao longo dos séculos. Se nas primeiras civilizações a perturbação mental era atribuída à possessão por espíritos malignos, cujo “tratamento” consistia em expulsar esses maus espíritos através de orações, exorcismos ou pior, com torturas físicas como banhos gelados, fustigações ou ainda, privando o “possuído” de qualquer alimento. Ultrapassada a teoria demonológica, evoluímos para uma concepção que declarava que tais perturbações tinham causas naturais. Contudo, esta perspectiva não resultou num tratamento mais humano dos indivíduos considerados doentes mentais. O “louco” continuou a ser um incómodo, por isso começaram a surgir casas de reclusão destinadas a abrigar os anti-sociais de toda a espécie, inclusive os loucos. O classicismo, sendo a época da ordem e da razão, é também a época da grande reclusão, e um gesto da partilha que delimita o claro do escuro e degreda para os confins da ordem tudo aquilo que escapa aos limites da «normalidade» (Foucault, citado em Santos & Lima, 1981, p. 322).

O internamento em hospitais passou a ser uma prática vulgar e até preferencial mas, “a maioria destes hospitais só o era de nome. A sua verdadeira função consistia em servirem como lugar de confinamento onde eram segregados do resto da humanidade todos os indivíduos socialmente indesejáveis: criminosos, vadios, idosos, epiléticos, doentes incuráveis de toda a espécie e os mentalmente perturbados (Rosen, como citado em Gleitman, 1999, p. 956).

Quase duzentos anos depois de Pinel continua-se a investigar as causas das doenças e das perturbações mentais. Hoje, os internados deixaram de ser prisioneiros, pelo menos em teoria, e passaram a ser doentes. Mas a origem orgânica ou psicológica da doença, não os poupa a contrariedades. A sociedade moderna reage à “diferença” estigmatizando e excluindo; basta tão pouco para ser-se vítima de segregação: doente mental, doente de qualquer outra patologia, preto, muçulmano, estrangeiro, homossexual ou, apenas, mulher. É um exemplo paradigmático; desde a antiguidade

que as mulheres são consideradas inferiores ao homem; Aristóteles afirmava que as mulheres eram “homens deficientes”; ou São Tomás de Aquino *imbecillitas sexus*; a inquisição perseguiu-as; no século XIX Madeleine Pelletier foi internada compulsivamente num hospital psiquiátrico por defender o direito ao aborto. Actualmente, as mulheres auferem em média salários inferiores aos homens, são vítimas de violência sexual, continuam insuficientemente representadas no universo político e empresarial, entre outros. A emancipação feminina continua a estar associada a comportamentos de transgressão.

Apesar de tudo isto que foi exposto, continuam a criar guetos onde se arrumam estas pessoas, “os que raciocinam com outros princípios e valores e são diferentes da ordem estabelecida.” (Foucault, citado em Santos & Lima, 1981, p. 323). Continuam a existir inquisidores, “mestres da loucura” que impõem parâmetros de normalidade, mas:

“...haverá de facto uma realidade comum a todos, com características fixas e definidas, a qual todos poderiam ver e sentir do mesmo modo? Se alguém se recusa a aceitar essa pseudo-realidade vestida de acordo com o esquema lógico-científico, deve necessariamente ser encarado como psicótico ou neurótico? Quem (ou o quê) são esses tais indivíduos logicamente equilibrados, que com tanta facilidade e certeza tacham o próximo (que não concorda com eles ou com o sistema imposto) de esquizóide, debilóide, ou mesmo de primitivo? Quem nos garante a integridade psíquica desses racionalistas profissionais? “ (Bono, como citado em Santos & Lima, 1981, p. 324).

Assim, no Espaço t, utilizamos um outro postulado que é o facto de não existirem verdades absolutas e que tudo é mutável, mesmo o conceito de normalidade.

É através deste prisma que se encara o meio em que o Espaço t actua. A bipolaridade da sociedade contemporânea origina, inevitavelmente, desigualdades entre os “ditos normais e os menos normais”. Recorrendo à teoria de Castel (Castel, como citado em Carreteiro, 2003, p. 59), podem-se decompor duas formas de pensar o indivíduo: “o indivíduo por falta” e o “indivíduo por excesso”. Os primeiros não encontram apoios sociais objectivos e não são capazes de desenvolverem “estratégias individuais e de terem, a partir deles próprios, margens de manobra” (Castel, como citado em Carreteiro,

p. 59); esta ausência de suportes pode deixar o indivíduo a resvalar para um “processo de desfiliação social” (Castel, como citado em Carreiro, p. 59). Os denominados “indivíduos por excesso” são aqueles que estão perfeitamente inseridos nas estruturas sociais e utilizam estratégias adequadas o que lhes confere total autonomia e independência; são geralmente associados à ideia de sucesso económico e social. Ironicamente, tantas vezes, os ditos normais escondem por detrás da sua máscara “uma patologia menos evidente e mais perigosa, de cujo método próprio a dissimulação faz parte: a loucura que se encobre a si própria e se mascara com saúde mental. Essa não tem dificuldade em ocultar-se num mundo, em que o engano e o artil são comportamentos adequados à realidade.” (Gruen, 1995, p. 12).

Quando as desigualdades se evidenciam e os indivíduos mais vulneráveis, muitas das vezes, nem as necessidades básicas conseguem satisfazer, é natural que surjam sentimentos de injustiça, humilhação e revolta. O sofrimento social destas pessoas é óbvio, ainda mais porque se inscreve no domínio da invisibilidade social.

Um dos factores menos valorizados nos actuais modelos de intervenção social para a inserção é o afecto; considerado, talvez, utópico ou romântico. No entanto, alguns autores propõem o estudo da exclusão, precisamente, a partir da afectividade. designa de sofrimento ético-político aquele que deriva das injustiças sociais. Regularmente são as pessoas das classes desfavorecidas que mais sofrem, mas não só; também os “diferentes”, oriundos de todas as classes e contextos sociais, estão sujeitos a situações que os depreciam, humilham e anulam enquanto pessoas e cidadãos de plenos direitos. Estas lógicas invalidantes mais do que submeter os indivíduos pretendem, segundo uma perspectiva Foucaultiana, torná-los dóceis ou transformá-los em pessoas diferentes, conseguem que os indivíduos integrem no seu sistema de crenças uma dimensão simbólica de identidade social, através do qual constroem um auto-conceito marcado pela negatividade e baixa auto-estima.

Os afectos e sentimentos que resultam deste processo de exclusão são condenados ao silenciamento e à invisibilidade. É justamente neste degrau dos afectos que é alicerçado a metodologia dos grupos arte. Mergulhando no domínio do menos tangível, daquilo que é alcançável através do “sentir humano”; dá-se visibilidade aos invisíveis, ou visão aos (verdadeiros) cegos. Saramago termina o seu “Ensaio Sobre a Cegueira” dando voz

a uma personagem que afirma “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, ... Cegos que, vendo, não vêem.” (Saramago, 1995, p. 16). É possível esta cegueira social através de uma prática que não é nem pretende ser *outsider* ou anárquica, será por ventura, menos formal, mas, por isso mesmo, capaz de individualizar a sua acção para chegar a todos e a cada um. Cremos na criação de um novo paradigma da inclusão, adaptado às novas realidades, que adopte novas formas de relação e de comunicação:

1.º- que negue terminantemente a exclusividade do actual modelo de inserção praticado por tantas instituições que transformam a exclusão num quase projecto de vida;

2.º- que atribui à miséria um valor quantificável: subsídios, rendimento mínimo de inserção, seguros sociais de doença ou invalidez, etc., constituindo-se tantas vezes no único suporte com que o indivíduo saber contar e é capaz de pensar.

Só promovendo uma efectiva mudança na filosofia da Reinserção Social é que os indivíduos, que vivem no limiar social, entenderão que a integração é mais do que um cheque para a alimentação e um quarto pago pela segurança social; um recluso alcançará que a reclusão não é mais do que uma etapa da sua vida e, reconquistada a liberdade, pode e deve encarar com mais confiança os seus projectos de vida; e o “dito normal”, entenderá, que ser feliz não se resume ao status que o dinheiro proporciona, nem às imagens estereotipadas do conceito de beleza.

Outro factor que define a nossa prática é o conceito de grupo – um contexto psico-social rico em estímulos e potencialidades e que favorece o desenvolvimento de processos de aprendizagem, crescimento pessoal, estratégias relacionais, entre outros., e que se afirma como espaço aberto a todos os indivíduos sem excepção, desde os ditos normais aos indivíduos com problemas físicos, psíquicos e sociais.

O conceito de Grupo é central na nossa abordagem e dedicamos-lhe algum cuidado, pois grande parte do trabalho que efectuamos é nesse âmbito. Os nossos facilitadores trabalham, geralmente, com grupos inseridos em diferentes contextos e nas mais variadas condições. Desde os grupos arte nas instalações do ‘Espaço t’, à intervenção das ‘brigadas do Espaço t’ em contextos tão diversos como escolas, estabelecimentos prisionais, entre outros. O meio envolvente e as condições de trabalho variam tanto quanto os objectivos das intervenções. Esta diversidade de contextos e circunstâncias

exigem dos facilitadores uma grande capacidade de adaptação e polivalência técnica. Estes, em cada sessão, optam por um tipo de abordagem não directiva. Sendo uma abordagem não directiva, a escolha dos temas é deixado a cargo dos utilizadores, que são incentivados a expressar-se e a explorar o possível significado dos seus trabalhos; um “tipo” de associação livre através da arte. O facilitador escolhe e disponibiliza os materiais que vão ser utilizados, explica o objectivo da sessão e define as bases do processo. As sessões podem explorar temas superficiais, ou questões mais problemáticas e pessoais. Em qualquer dos casos, nos nossos grupos (heterogéneos/homogéneo<sup>7</sup>), pretende-se que os membros possam interagir entre si, em torno de problemas comuns.

Apesar de não estipularmos um número, procuramos sempre que o grupo tenha uma dimensão “equilibrada”.

“A dimensão do grupo tem influência nos processos de interacção e consequentemente nos resultados...à medida que a dimensão do grupo aumenta maior é a diferenciação na participação relativa dos membros. Mais especificamente, quanto maior o grupo, maior a tendência para que uma minoria tenda a dominar e maior, por isso mesmo, a percentagem das comunicações dirigidas por essa minoria ao grupo como um todo” (Vala & Monteiro, 2002, p. 299).

A composição do grupo é outro factor fundamental e muito característico da nossa abordagem. O grau de heterogeneidade e de homogeneidade, no que se refere a características físicas, sociais e/ou psicológicas (patológicas ou não), tem também muita influência nos processos de interacção do grupo e, consequentemente, no seu efeito.

---

<sup>7</sup> Heterogéneo porque o mundo é hoje uma diversidade multicultural e homogéneo pela integração das diferenças individuais.

Se fizermos uma revisão da literatura percebemos a dificuldade em definir uma composição óptima do grupo. A ambivalência é clara. A título de exemplo, Hofman (1959) mostrou que os grupos de composição mais heterogénea obtinham melhores resultados na resolução de problemas. Já Rosenberg, Erlick e Berkovitz (1955), concluíram que os grupos homogéneos eram mais eficazes a executar tarefas mecânicas. Outras dimensões do grupo foram estudadas, a compatibilidade ou incompatibilidade é, talvez, uma das mais importantes porque está directamente relacionada com a forma como as pessoas gerem os afectos.

“Shaw (1981) concluiu que os grupos compatíveis, no que se refere a motivações e características de personalidade, consagram menos energia às interacções socio afectivas e por isso atingem os objectivos de forma mais eficaz do que os grupos incompatíveis. Por outro lado, os membros dos grupos compatíveis declaram-se mais satisfeitos com o desempenho do grupo do que os membros dos grupos incompatíveis” (Vala & Monteiro, 2002, p. 300).

Iniciar ou introduzir um novo utilizador no grupo pode ser uma tarefa complexa. Nestes casos, os facilitadores assumem um papel essencial. A relação que este estabelece com os indivíduos é determinante para o modo como estes se vão integrar; apoio e motivação pessoal para os primeiros passos ajudam a superar as primeiras barreiras, a vencer a timidez inicial. É muito comum ouvir utilizadores afirmarem ‘não sou capaz, não consigo, não sei fazer isto’... É um constrangimento que deve ser vencido. Naturalmente cada pessoa tem o seu tempo próprio e se alguns demoram um minuto, outros podem levar semanas; ocasionalmente surgem pessoas que não se adaptam a um grupo arte ou a um qualquer tipo de expressão. Nesses casos procuram-se alternativas: se o indivíduo é demasiado introvertido para fazer teatro ou expressão corporal, pode encontrar na pintura ou na fotografia uma alternativa mais adequada à sua personalidade. O importante é manter em perspectiva os objectivos. Por vezes não ambicionamos mais do que melhorar a atitude que a pessoa tem consigo própria, o seu auto-conceito, a sua auto-estima. Fazer um “simples” desenho exige coordenação e destreza manual, criatividade e motivação; e perceber, sentir que se é capaz de fazer algo bem, que é valorizado por outros desafia um auto-conceito negativo e uma baixa auto-estima.

A criatividade é um factor que vai para além do ser-se capaz de imaginar algo novo, diferente. Uma pessoa excessivamente tímida e insegura não é capaz de ser criativa. A arte pode ser o meio capaz de superar estas limitações. Ao adquirir maior capacidade de expressão, a pessoa liberta-se dos medos que restringem a forma como se relaciona consigo própria e com os outros. Ganhando auto-confiança, torna-se mais espontânea e logo, mais criativa. Encaramos, assim, a criatividade como indício de ‘saúde’ e bem-estar. Desta forma promovemos a inclusão social sem qualquer tipo de segregação, quer positiva quer negativa.

O grupo é determinante no nosso trabalho: da partilha de ideias à comunhão de sentimentos, sem perder de vista os universos particulares, pretendemos que cada um se reveja nos problemas do outro, criando os laços afectivos necessários à organização do Eu individual e do Eu colectivo, partindo do único ponto em comum que é o facto de todos sermos seres humanos. Este conceito que denominamos – grupo heterogéneo/homogéneo é fundamental para a total compreensão do que é o Espaço t e da forma como trabalhamos. Heterogéneo porque os seres humanos sempre foram um conjunto irrepetível de indivíduos, e homogéneo porque, apesar de diferentes em imensas particularidades físicas e não físicas, somos na essência iguais, no que se refere ao conceito que define o que é ser humano.

Importa referir que esta visão bastante aberta e dinâmica do grupo, pressupõe que os indivíduos com problemas físicos, psíquicos e sociais se encontrem em paralelo num processo terapêutico de tratamento ou aconselhamento. Ou seja, para que todo o processo funcione, os indivíduos com problemas, como por exemplo a toxicoddependência, terão de estar em processo de abstinência e em acompanhamento técnico; pessoas com problemas mentais terão de estar controlados do ponto de vista clínico; ou problemas derivados de questões sociais (emprego, habitação, formação profissional, entre outros.), devem estar orientados e ter as suas necessidades básicas satisfeitas. E quanto aos “ditos normais”? É importante referir que estes indivíduos têm um papel fundamental na estruturação do grupo. Por um lado auxiliam, servindo-se das competências adquiridas ao longo da sua vida; por outro, contactando com estas realidades, descobrem que a “diferença” não é uma fronteira e “aquilo que nos aproxima uns dos outros é mais do que aquilo que nos separa”. Ao terem contacto com realidades,

por vezes tão adversas, acabam por relativizar questões pessoais; é uma relação simbiótica em que ambas as partes saem beneficiadas. Todos acabamos por acrescentar algo ao nosso universo pessoal e ao do outro que com o nosso interage.

Outro aspecto importante é o lugar físico onde tudo acontece. Pensamos, como já elencado, definir um espaço de qualidade e conforto, onde não há lugar a estereótipos nem estigmas sociais, onde as fronteiras entre utilizadores e facilitadores são ténues e se diluem uma vez que não existe a necessidade de assumir uma posição de dominância em nenhum dos lados. Na própria equipa de trabalho são integradas pessoas com problemas bio-psico-sociais, o que por si só contribui para ultrapassar certas barreiras culturais que criam uma separação entre o nós e eles. A própria função dos técnicos (psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, relações públicas, professores, etc.), vai além da função terapêutica ou de resolução de problemas sociais ou outros; o técnico é um mediador e/ou facilitador da relação grupal, que parte para a relação sem conhecer os antecedentes pessoais de cada um, descobrindo o indivíduo sem ideias preconcebidas. No fundo, opera uma desconstrução do conceito de terapeuta, configurando e assumindo-se antes de mais enquanto ser humano. Esta postura revela uma força enorme na relação de ajuda e, num espaço transformador onde o “instrumento” essencial de trabalho é a relação, torna-se imprescindível que esta seja genuína, profunda. Obviamente, existem limites, mas que podemos interpretar como limites da relação humana e não da relação que se estabelece entre um terapeuta e um paciente.

A importância do instrumento arte do grupo heterogéneo/homogéneo, da relação facilitador/utilizador, o espaço onde decorrem os grupos arte, a ligação dos grupos arte à sociedade civil, são os principais agentes que contribuem, de forma efectiva, para que os utilizadores dos grupos arte possam usufruir dos quatro vectores da metodologia utilizada com estes grupos.

Importa agora reflectir acerca dos principais objectivos da nossa abordagem. Foram desde a sua fundação, em 1994, definidos dois grandes objectivos: o primeiro, promover a integração e a reinserção na sociedade de indivíduos com problemas bio-psico-sociais e de indivíduos “ditos normais” através da arte, e um segundo, mais abrangente,

promover a mudança social através da cultura produzida por esses mesmos indivíduos, criando assim uma melhoria da aceitação da diferença por parte da sociedade em geral.

“Existe especialmente um caminho de retorno que conduz da fantasia à realidade: a arte.” (Freud, como citado em Santos & Lima, 1981, p. 614).

Um aspecto fundamental da nossa prática é a arte. A prática das artes não apenas com o objectivo criar beleza, mas no sentido de ser um instrumento libertador do EU, de veículo de transformação do indivíduo. Ao criar, a pessoa revela-se, transcreve para a matéria algo do seu mundo inconsciente, coloca-se frente a frente com os seus próprios medos e conceitos não elaborados trazendo-os à superfície; revelando a sua realidade interior o sujeito liberta-se, transformando os seus conflitos em algo visível que pode exhibir (os psicanalistas chamam a este processo *catarsis*). Ao passar para o objecto artístico as suas emoções e vivências o sujeito reorganiza-se, recria o seu SELF e desenvolve também um elemento de ligação com os outros, estabelecendo assim uma troca entre si e o mundo que o rodeia. Esta actividade estimula a criatividade individual e grupal – a imaginação é um poderoso processo de recriação do mundo e do próprio indivíduo, “Pela imaginação abandonamos o curso normal das coisas....Imaginar é ausentar-se, é lançar-se para uma vida nova.” (Bachelard, como citado em Santos & Lima, 1981, p. 612). Através desta acção verificamos uma melhoria considerável da qualidade de vida e sentimentos de liberdade, por parte dos utilizadores do Espaço t.

Mais do que a reconhecida função de estabilidade psicológica, a arte tem o poder de descodificar estes submundos da comunicação humana e de chegar aos outros. A arte, desde o desenho, pintura, escrita, música, dança, teatro entre outras, é a ponte entre o Espaço t, os seus utilizadores, e a sociedade em que eles procuram encontrar o seu lugar.

Este ponto expressa uma enorme dinâmica, em relação ao segundo objectivo, promoção da mudança social através da cultura do Espaço t. É reconhecido que uma minoria pode exercer influência na maioria e contribuir para modificar o seu comportamento.

“A história mostra que pequenas minorias conseguem frequentemente criar inovações sociais. Começam por desafiar as maiorias estabelecidas, como no caso da luta...pelos direitos humanos....À medida que o tempo passa, estas

minorias tendem a converter os seus oponentes de outrora... O efeito de uma minoria unânime e firme... pode levar a mudanças genuínas naquilo que as pessoas pensam e sentem” (Maass & Moscovici, como citado em Gleitman, 1999, p. 634).

Sendo o Homem um sujeito cultural, simultaneamente produto e produtor de cultura, e sabendo nós que a cultura, neste caso a produção de objectos artísticos, tem um potencial efeito transformador da sociedade, é ao seu exercício que recorreremos para exercer a nossa luta pela criação de uma sociedade verdadeiramente inclusa.

Partindo do pressuposto que a inclusão total do indivíduo se faz de forma dinâmica e contínua e porque escolhemos como ponto de partida as necessidades humanas referenciadas por Maslow (teoria<sup>8</sup> à qual propomos uma outra alternativa).

Maslow, na sua teoria, defendia que a realização pessoal só era possível quando todas as necessidades inferiores hierarquicamente estiverem satisfeitas, no entanto, “para compreender o que é realmente humano, têm de se considerar os motivos para além das necessidades deficitárias” (Maslow, como citado em Gleitman, 1999, p. 930). Entendemos que as necessidades humanas têm de estar interligadas, colocadas ao mesmo nível de priorização, em que será o próprio indivíduo a definir as suas necessidades e reajustá-las face aos seus objectivos particulares e únicos, podendo até criar necessidades singulares e irrepetíveis.

Isto leva-nos ao nosso objectivo final: a integração total do indivíduo na sociedade contribuindo para a sua realização pessoal. A realização pessoal descreve-se como “o desejo de tornar real ou passar ao acto o potencial de cada qual, cumprir-se a si próprio,

---

<sup>8</sup> Em que as necessidades fisiológicas estão na base da pirâmide, seguindo-se a necessidade de segurança, logo acima estão as necessidades de pertença e de amor, de estima, cognitivas, etc., encontrando-se no topo da hierarquia encontra-se a necessidade de realização pessoal – o desejo de se realizar ao máximo enquanto pessoa.

tornar-se aquilo em que o indivíduo pode tornar-se” (Maslow, como citado em Gleitman, 1999, p. 932). Para que tal objectivo se cumpra, o indivíduo deve ser objectivamente informado e motivado; ser capaz de aceitar-se a si próprio tendo em conta as suas limitações, o seu potencial, valores, desejos e projectos de vida; aprender a aceitar os outros e ser capaz de desenvolver relações positivas e satisfatórias. Podemos assim falar em processos autonomizantes, de integração social distintos e irrepitíveis, onde cada um tenta encontrar o seu caminho e o seu lugar neste grande grupo que é a humanidade.

Sendo a total integração do indivíduo na sociedade um objectivo que, devido a circunstancialismos sociais complexos, é por vezes tão difícil de concretizar, sentimos necessidade de complementar a nossa abordagem com outras valências que julgamos serem essenciais para a concretização do nosso objectivo. Desta forma, em 1998 foi criado o “Departamento de Emprego” que trabalha exclusivamente na orientação vocacional e profissional e na procura activa de emprego. Este espaço possui dois objectivos fundamentais: primeiro, incrementar a procura activa de emprego junto de indivíduos com essa necessidade, oriundos dos nossos grupos de arte ou outros; segundo, assumir um papel fundamental de sensibilização junto das empresas empregadoras para as questões que levam à exclusão social.

Porque hoje o trabalho exige cada vez mais competências específicas, sentimos necessidade de criar uma outra valência direccionada, também, para esta forma de aprendizagem. É assim que, em 2001, surge o “Departamento de Formação e Projectos”, espaço este que vem crescendo e afirmando-se como complemento aos outros e que assume como missão específica apoiar a (re)integração na vida activa e profissional de grupos desfavorecidos através da concepção, promoção e execução de projectos formativos. Ao direccionar as suas actividades educativas e formativas a grupos carenciados, dotando-os de competências pessoais e profissionais, este departamento actua com um objectivo: O combate à exclusão social pela integração profissional. Sendo a acção do departamento transversal aos vários departamentos, decidimos incluir os utilizadores dos grupos arte nos cursos de formação de adultos, e alunos dos cursos de formação, nos grupos arte. É importante salvaguardar que, apesar deste espaço formativo ser idêntico a tantos outros e os conteúdos programáticos serem

definidos oficialmente pela entidade que o tutela, não abdicamos da arte e dos nossos conceitos de relação e de heterogeneidade/homogeneidade do grupo, como sendo estes factores diferenciadores e fundamentais em todo o processo.

Posteriormente, ainda dentro desta linha orientadora – formação/educação – e num esforço para complementar e reforçar o que até aí vinha sendo desenvolvido, foi criado o “Centro de Novas Oportunidades do Espaço t”. O Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências tem em vista a melhoria dos níveis de certificação escolar dos adultos maiores de 18 anos de idade que não possuam o nível básico ou secundário de escolaridade. Este projecto, identifica-se bastante com a filosofia do Espaço t, pois promove a formação através da validação de competências adquiridas pelo indivíduo ao longo da sua vida. Pela apresentação da sua experiência de vida, da sua história de vida e com a ajuda de profissionais especializados é possível identificar competências/conhecimentos que podem, posteriormente, ser certificados. Os pressupostos mantêm-se: Arte, relação, grupo.

Tem sido bastante gratificante verificar a quantidade de pessoas (tantas vezes com os mais diversos problemas bio-psico-sociais), que vêm reconhecidas as suas competências e que obtêm certificação escolar, melhorarem o seu auto-conceito e aumentarem a sua auto-estima.

Paralelamente, foi criado um “Gabinete de Ligação à Comunidade”, que tem como finalidade cooperar com a comunidade tentando facilitar a mudança de determinadas atitudes e comportamentos, assim como incentivar, apoiar e desenvolver acções de carácter social que visem a melhoria das condições de vida da população em geral. Este gabinete desenvolve grande diversidade de acções, entre as quais encontra-se o apoio a indivíduos com necessidades básicas como habitação, alimentação, saúde e higiene, entre outras. Ainda no âmbito deste gabinete, existem as “Brigadas Espaço t”, que se apresentam como a aplicação de grupos arte, em instituições externas, que de outra forma não poderiam usufruir deles, nomeadamente: cadeias, colégios de reinserção social, entre outros. Deste modo e, seguindo a filosofia de fazer chegar a todos a arte como forma de expressão e despertar na população o interesse por actividades de carácter socio-cultural e de hábitos de vida saudáveis. As brigadas desenvolvem várias

actividades: expressão plástica, fotografia, expressão corporal, expressão musical/musicoterapia, teatro, entre outros.

Por último, alargamos este conjunto de valências, através da criação de uma linha telefónica generalista “Linha Urgência Espaço t” uma linha de encaminhamento nacional, dirigida a indivíduos com problemas bio-psico-sociais, promovendo o seu encaminhamento para entidades competentes da sua área de residência e de acordo com as suas problemáticas. Esta linha em funcionamento de 2ª a 6ª, das 14 às 18h00 surge como resposta à crescente necessidade de apoiar pessoas que atravessassem momentos de crise e situações de angústia. O contacto telefónico é um meio rápido e confidencial de fornecer informações, apoio e/ou encaminhamento para os nossos serviços e/ou serviços de outras instituições. Além disso, a linha tem sido de grande utilidade na divulgação e informação da população sobre o Espaço t e as actividades que nele decorrem.

Debrucemo-nos, nesta fase, sob as estratégias para desenvolver o segundo objectivo delineado pelo Espaço t, e que consiste em contribuir para a mudança social, através da cultura Espaço t, melhorando a aceitação da diferença.

Mas, o que é a cultura Espaço t?

Ao longo de mais de 17 anos de actividade, já construímos um conjunto significativo de projectos culturais que fomentam uma visão de inclusão na sociedade. Além da realização dos mais de 20 grupos arte, que decorrem ao longo do ano nos quais são desenvolvidos produtos artísticos, posteriormente expostos.

Através desta criação artística damos oportunidade aos utilizadores dos grupos arte de darem a conhecer o seu trabalho e de promoverem uma interacção com o público, possibilitando um contacto mútuo entre as suas distintas realidades, levando à partilha de conceitos e preconceitos instituídos pela Sociedade.

Em Março de 1998 surge a “revista Espaço Con(tacto)” . Esta revista foi editada pela primeira vez, numa época em que as actividades desenvolvidas nos grupos arte do Espaço t começavam a revelar resultados bastante positivos, quer ao nível da criatividade, quer pela motivação demonstrada pelos utilizadores. Com este elemento criativo contribuímos, de forma estruturada, para o desenvolvimento positivo da auto-

estima dos utilizadores e para uma conseqüente valorização destes como seres humanos. Colocamos os utilizadores e o seu trabalho fora do anonimato das salas e dos arquivos do Espaço t, para algo sustentado que permite expor perante a comunidade as capacidades e a afirmação de grupos tradicionalmente ignorados – considerados inadaptados e até com capacidades cognitivas reduzidas, levando à incapacidade de produzir nos outros emoções, sendo-lhes retirado o direito a uma participação livre na vida da comunidade à qual pertencem.

Surgiu então a ideia de uma publicação que reflectisse na comunidade um pouco daquilo que é e o que pretende o Espaço t: os objectivos, as expectativas e os resultados conseguidos – o reconhecimento sem distinção das capacidades da população desta entidade, a afirmação da criatividade como linguagem privilegiada de comunicação e de reabilitação. Por isso, a revista é elaborada por utilizadores e técnicos; em linguagem negra, Braille e áudio. Assim surgiu, pela primeira vez em Portugal, uma revista inclusiva de todos e para todos, sem excepção, desde então foram publicadas 17 revistas com periodicidade semestral e distribuídas em todo o território nacional.

Um outro produto artístico desenvolvido pelos grupos arte foi o “Corpo Evento Ciclo de Espectáculos em Teatro e Dança”. No dia 26 de Junho de 1998 estreou, no Ballet-Teatro Auditório, a peça “Alcatifa”, com encenação de Joclécio Azevedo e interpretação dos utilizadores do grupo arte de teatro do Espaço t: dava-se início ao Corpo: Evento Ciclo de Espectáculos em Teatro e Dança.

Desde então, o Espaço t realiza anualmente este ciclo, que já vai na 13ª edição. Este ciclo de espectáculos resulta na apresentação ao público do trabalho diário desenvolvido pelos nossos utilizadores nos grupos de arte de teatro e dança, tal como na concretização de parcerias com outras instituições que desenvolvem um trabalho idêntico na utilização de metodologias com arte. O Espaço t pretende desta forma demonstrar, a toda a comunidade, que as barreiras físicas, psíquicas, intelectuais e sociais, inerentes a alguns indivíduos, podem ser ultrapassadas através da arte como um instrumento privilegiado de comunicação na valorização pessoal e na integração social. Com este produto contribuimos para a criação de novos grupos, novos públicos esses também capazes de receber a emocionalidade dos utilizadores dos grupos arte e desta forma, contribuir para que estes consigam transmitir o seu não verbal de uma forma sentida e plena.

As três galerias de arte “Galeria Espaço t, Quase Galeria, Galeria Itinerante Espaço t“, nas quais mais de 100 artistas já apresentaram os seus contributos artísticos, numa perspectiva de criar um espaço de convergência de diferentes tipos de arte, desde a “arte marginal” até à arte contemporânea. São assim laboratórios de experimentação artística, tendente à criação de novos conceitos de arte, nomeadamente: a arte como forma de comunicação transversal entre diferentes públicos; a arte como forma de integração de grupos, numa sociedade cada vez mais segregada e segregadora. Desde artistas contemporâneos aos utilizadores dos grupos arte, todos expõem no mesmo espaço, no mesmo lugar. E ao exporem todos se afirmam e se projectam nas suas extensões artísticas o seu inconsciente que também quer ser consciente.

Com a organização de “Congressos”, o Espaço t pretende, desde o ano 2000, debruçar-se sobre temáticas que, de alguma forma, são ainda vistas como temas tabu. Assim, com a realização destes congressos temos sempre o objectivo de através de várias abordagens transversais discutir, sensibilizar e abrir portas, não para chegar a conclusões, mas apenas para criar caminhos. São convidados personalidades de diferentes áreas, provenientes de diferentes países, para que durante dois dias possamos discutir experiências resultantes quer das suas actividades profissionais como também das suas vivências pessoais e/ou perspectivas dos temas em abordagem. Estes congressos têm reunido públicos muito heterogéneos.

Com o intuito de disseminar os conceitos do Espaço t, desenvolvemos vários projectos de “Arte Pública”. Periodicamente convidamos artistas a intervir com os seus trabalhos em locais públicos (Ruas, Estações de Caminhos de Ferro, Estações de Metro, etc.), demonstrando que a arte pode ser um instrumento preponderante na revitalização e humanização de lugares de utilização pública, contribuindo para uma maior sociabilização e satisfação de todos. Para tal, estabelecemos como objectivos: descentralizar a criação artística contemporânea, levando esta iniciativa cultural a locais habitualmente conotados com outras actividades, possibilitando deste modo a criação de sinergias entre áreas consideradas como pólos de interesse distintos; criar novos públicos; demonstrar e divulgar a expressão artística como um instrumento privilegiado de intervenção social.

Mais recentemente, o Espaço t foi integrado na rede de “Clube Unesco”, passando assim a assumir as seguintes atribuições: colaborar e/ou cooperar com instituições locais, regionais, nacionais e transnacionais, nas acções e realizações que têm ligação com os objectivos da Unesco, em particular com a Comissão Nacional da Unesco; suscitar e encorajar a defesa dos valores proclamados pela Unesco, procurando e promovendo os meios eficazes para os atingir; contribuir para a promoção do exercício de uma cidadania mais consciente e participativa em torno das questões ambientais.

O Clube Unesco tem vindo a desenvolver diversas actividades: conferências e debates, seminários e jornadas de estudo, colóquios e simpósios, divulgação de material de informação, actividades culturais, acção social, entre outras.

Interessa ponderar sobre o Espaço t, e também sobre os efeitos da sua acção nos indivíduos e na comunidade em geral. Se a validação científica do nosso *método* poderá ser discutível, já os resultados obtidos ao longo destes últimos 17 anos são bem concretos e dificilmente deixarão dúvidas. No fim deste trabalho, facilmente chegaremos a conclusões sobre a nossa capacidade de alicerçar vidas, de promover a cidadania e de criar dinâmicas inclusivas.

É urgente superar velhos modos de lidar com a exclusão social; impõe-se a criação de novas estruturas mediadoras capazes de desconstruir preconceitos e atitudes que se mantêm estagnados no tempo e que são causa de tantas problemáticas sociais. O Espaço t assume-se como uma entidade intermediária capaz de acolher e restaurar o sentimento de confiança perdida, um local onde os indivíduos não se sintam como fazendo parte de uma multidão de desintegrados, mas acolhidos na sua totalidade independentemente das suas singularidades. Onde podem encontrar outros indivíduos com problemas semelhantes aos seus, profissionais cuja postura ultrapassa de longe meros tecnicismos, assumindo-se acima de tudo como pessoas; e os ”ditos normais”, que afinal, não são assim tão diferentes. Propomos uma nova *praxis* que desvende o Homem através da linguagem da arte. É neste sentido que o objecto artístico é, para nós, uma fonte de mudança contra a inércia social que impede o indivíduo de se realizar enquanto ser pertencente à organização social e, ao mesmo tempo, permite que as pessoas criem algo valorizado socialmente.

Privilegiamos a linguagem artística como meio preferencial de trabalharmos aos níveis individual e de grupo; elogiamos acima de tudo a relação de empatia como ponto de partida para a verdadeira inclusão; procuramos chegar a todos abandonando o caminho da monoculturalidade. Sobretudo – acreditamos e apostamos na ética da diferença.

**CAPÍTULO V – Uma história de Vida; Uma Vida com Histórias -  
Estudo de Caso**



### **Nota introdutória**

A reflexão que nos propusemos fazer, neste capítulo, está centrada num comentário subjectivo da história de vida de **X**.

Pretendemos, de alguma maneira, focar aspectos transversais a muitos indivíduos senão a todos; pois é nossa intenção defender e propor um conjunto de pressupostos para um modelo de reinserção incluso. Assim, não é tão importante para nós, a patologia como aspecto prioritário de análise, mas sim o que está para além dela, ou seja, o indivíduo multifactorial.

Todo o indivíduo que se sente integrado tem, necessariamente, que satisfazer todas as suas necessidades humanas, numa perspectiva autónoma, dinâmica, em constante interacção, como o seu “eu” interno e com os outros.

Esta perspectiva prende-se com o facto do indivíduo não se dividir em físico e não-físico, mas antes o físico e não físico serem complementares. Desta forma, as necessidades nunca são estanques são, pelo contrário, complementares umas das outras, podendo mesmo afirmar que por vezes se criam necessidades híbridas, ou seja, duas necessidades podem ser integradas numa só. A título de exemplo: a auto-estima pode, em alguns indivíduos, depender da sexualidade e vice-versa.

Nunca podemos esquecer que falamos de integração total e por isso dirigimo-nos a todos os indivíduos, sem excepção, e não somente àqueles que fazem parte das franjas sociais. Por outro lado, integrar é muito mais do que contribuir de uma forma centrada na pobreza e na subsídio-dependência, pois dessa forma iremos continuar a ter pobres, que apesar de terem as necessidades básicas satisfeitas, continuam pobres e ao nível das outras necessidades continuam desintegrados.

Construir novos paradigmas, nesta área, seria urgente e prioritário.

Indivíduos mais excluídos e/ou no limiar da pobreza, não estariam mais integrados se numa primeira fase, lhes promovêssemos o desenvolvimento das suas competências relacionais, cognitivas, de realização e até de auto-conceito. No final, talvez encontrássemos homens pobres, no entanto homens mais elaborados, com sentido crítico, com capacidade de pró-atividade, motivados para identificar o seu próprio emprego e com autonomia para satisfazer as suas próprias necessidades básicas. Todo este processo poderia ser sempre elaborado com a ajuda dos facilitadores e num processo dinâmico interno e externo do indivíduo como um meio.

Desta forma, deixaríamos de ter Homens pobres e passivos e passaríamos a ter Homens em processo contínuo de integração e com mais autonomia.

É neste paradigma que nós queremos acreditar, tendo a consciência de que é mais fácil atingi-lo, do que imaginamos.

Kant já afirmava que a ignorância nos torna escravos, temos de criar formas de encontrar em todos nós a dimensão humana e a dimensão da cidadania. Com a capacidade crítica e a liberdade da razão, passamos verdadeiramente a ser livres.

“É necessário educar na cidadania pela cidadania, ou seja, para a liberdade, pela liberdade e com responsabilidade”(Figueiredo, 2001, p. 88).

Qualquer processo de integração tem, forçosamente, de ser um processo educativo e não um processo assistencialista pois este - como vemos nos países pobres e até nos países em vias de desenvolvimento - evidência uma enorme força, mesmo que inconsciente, em manter um grande segmento da população desintegrada que, normalmente, são os mais pobres. São aqueles que possuem menos sentido crítico, aquele que de tanto pensarem e sentirem que são pobres, já não sabem o que poderiam ser senão pobres. Dar de comer de forma pouco humana àqueles que necessitam de estar integrados é, manifestamente, insuficiente, ou seja, não podemos falar de integração, falemos antes de sobrevivência.

Desde sempre há quase uma necessidade, inconsciente, de manter classes pobres, desintegradas e não pensantes, ou seja, livres. No entanto, aparentemente, podemos pensar que estamos a fazer muito por estas classes e por vezes, mediaticamente, estes processos parecem ser um grande contributo, mas realmente não são, apenas se limitam a manter os integrados no limiar da sobrevivência. Normalmente, quem ganha com este processo são as classes mais favorecidas, pois conseguem criar estruturas de apoio assistencialista mas somente isso, conferindo-lhes poder e auto-estima.

No fundo a pobreza gera riqueza, mas para os ricos, uma vez que estes têm sentido crítico, razão, ou seja, são livres e os pobres não. Esta é a grande diferença.

No nosso modelo queremos ir mais além, entendemos que todos os indivíduos deverão ter necessidades fisiológicas satisfeitas e essas terão de ser satisfeitas de uma forma digna e igualitária em relação aos outros, pelo menos ao que refere aos princípios básicos de higiene, conforto e qualidade. Mas mais do que isso, aqueles que querem e devem ser integrados, como todos nós, têm necessariamente de atingir um processo pleno de integração, no qual a formação é o maior pilar. Formação para cidadania, formação do que é ser “eu” e os outros, sobre os afectos, e tudo o que está para além do homem físico, a sua relação consigo e com os outros.

“...a educação para a cidadania tem por objectivo formar indivíduos através da agregação de valores, não é menos verdade que deve possibilitar, primeiro de tudo, a realização plena e integral do ser humano” (Pinto, 2005, p. 118).

Se pensarmos, objectivamente, esta mudança estrutural consegue-se facilmente se valorizarmos cada um de forma consciente e positiva, se forem motivados para conseguirem satisfazer todas as suas necessidades de uma forma plena. Surge, assim, a necessidade de transformar o processo de integração numa escola, na qual os terapeutas, aos quais chamamos facilitadores, terão forçosamente de ser menos terapeutas e mais pessoas, lutando para que os seus indivíduos em processo de integração sejam capazes de construir por si essa mesma integração.

“... todo o homem é diferente de mim, e único no universo; que não sou eu, por conseguinte, quem tem de reflectir por ele, não sou eu quem o sabe o que é melhor para ele, não sou quem tem de lhe traçar o caminho; com ele só tenho

direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio; com o dever essencial que tenho comigo que é o ser o que sou ” (Silva, 1996, pp. 8-9).

De tal forma, que no final deste processo, esses mesmos indivíduos consigam estar numa dimensão humana, moral e ética muito próxima da dos outros, ou seja, deles. Aí terão, certamente, crescido no sentido metafórico neste processo único e contínuo, que é o processo de integração humana – “ rumo à conquista de uma fronteira avançada de cidadania” (Carneiro, 2001, p. 268).

Mas voltemos a este capítulo, concentremo-nos na nossa interpretação da história de **X**, que apesar de conter muitos hiatos, consegue ser uma história com profundidade com histórias que se cruzam, nas histórias de muitos que passaram pela história de **X**. Esta história foi relatada ao longo deste processo de estudo, sendo no final validada pela mesma.

A sua história poderia, como já referimos, ser a história de muitos, não fossem as particularidades únicas de cada um, pois como qualquer história humana cruzam-se histórias positivas com histórias negativas, em que o balanço tenta sempre ser o melhor, numa busca contínua dos afectos e da felicidade.

A história de **X**, é a história de alguém que procura, quase continuamente, o afecto.

Certamente, procura aquilo que está no não físico, mas que condiciona o físico e toda a sua complexidade que é ser-se e sentir-se ser humano. E esta procura não será também a procura de todos nós? Que apesar de muitas vezes constatarmos, consciente ou inconscientemente, que possuímos tudo, quase sempre nos falte o essencial - os “afectos”, e a sua “mágica” de transformação no caminho da felicidade.

É, por isso, um bom ponto de partida ver a história de **X** como se fosse a história de todos, apesar das particularidades de cada um, mas que se as retirássemos todas elas seriam iguais.

Assim, a nossa reflexão, terá como ponto de partida a história de vida de **X**, a partir da qual tentaremos analisar criticamente, o papel dos quatros vectores utilizados, que consideramos fundamentais, no trabalho desenvolvido nos grupos arte do Espaço t –

(humanismo – unidade – motivação - arte); tentando compreender os seus efeitos na história de vida de **X**; na sua reorganização individual e na sua própria descoberta de indivíduo, como ser mais integrado de forma quase plena, ou seja, livre.

### **5.1 Uma História de Vida – Estudo de Caso**

“Nasci a dezoito de Julho de mil novecentos e cinquenta e sete na Foz do Douro, de parto natural, em casa, com a ajuda de uma “mulher habilidosa”. Nesta altura, a minha mãe tinha trinta e dois anos de idade e o meu pai trinta e sete. Nasci à meia-noite e pesava quatro quilos, sou a sexta filha de dez, mas infelizmente dois faleceram durante o parto e um na idade adulta. E tenho duas irmãs mais novas. Vivi até aos quarenta e quatro anos com os meus pais. ....

Com quarenta e dois anos fiquei reformada por invalidez. Actualmente vivo sozinha em Matosinhos, no início era difícil pois não suportava a solidão, agora já sei lidar melhor com ela. A casa onde vivo era do meu pai, que faleceu em dois mil e três. Actualmente, vivo com uma pensão de trezentos e setenta euros mensais, faço os almoços na S.A.O.M. pagando dois euros por refeição, o que torna a minha vida mais complicada...

Naquela altura, os infantários eram quase inexistentes, pelo que fui criada em casa pelos meus pais. Aos seis anos fui para Escola Feminina nº 88 (Escola da Feira)...”

**X.** refere que nesta escola tinha muitos colegas - “...e ainda me lembro do nome de alguns como, por exemplo, a S, as gémeas que viviam na Rua Padre Luís Cabral. Recordo-me do nome de muitas professoras... Recordo com saudade dos jogos ...da patela, do lobo, do barqueiro, do Manel Tintin, do lencinho na mão...”

Segundo a própria, na altura – “... era uma matulona...” – e só se lembra de si através das fotografias que tem da época. É neste período da infância que – “...por volta dos dez, onze anos de idade comecei a ter acompanhamento médico no hospital.” Segundo **X**, a sua mãe notava que – “...andava muito parada, não desenvolvia ...a minha mãe punha-me num cantinho à beira da porta de casa...ela deixava-me ali e eu não ia brincar, ... dava-me uma falta de ar que a minha mãe dizia que era o momento...”

Acrescentou que tinha de ir a correr para o Hospital Maria Pia, local onde acabou por ser operada ao nariz e à garganta e onde, posteriormente, descobriram que tinha problemas glandulares, sendo reencaminhada para endocrinologia. Ainda nesta época, e paralelamente à escola, **X.** refere que com dez anos de idade frequentava o Centro Social Foz onde pagava “...dois escudos e cinquenta centavos por semana. E foi aí que descobriram que tinha dificuldades de aprendizagem, que não aprendia...”, acrescentou “...que aos dez anos ainda andava na segunda classe, uma assistente social, a Dra. T, ainda se lembra a matrícula do seu carro ..., chamou a sua mãe ao Centro e aconselhou-a a levar-me ao Hospital Magalhães Lemos, tendo começado a ser acompanhada pelos pedopsiquiatras Dr. MR e Dra. MC. Aos onze anos já estava na terceira classe...”.

“A nível de Saúde, sou acompanhada no Hospital Magalhães Lemos, e iniciei as consultas em 1967, tendo habitualmente consultas mensais. Até 2003 recorria aos internamentos e urgências de forma compulsiva. A partir desse ano conheci o Espaço t e reduzi o número de internamentos, tendo sido internada quatro vezes até hoje. O que me provocava estes internamentos era a dificuldade em resolver situações do dia á dia ...de início tomava comprimidos e de seguida chamava o INEM, para não morrer, mas para não me sentir só e ser ajudada pelos outros...”.

Voltando ao seu período escolar, **X** referiu que apesar de ter tido algumas reprovações escolares nesse período, foi uma época positiva. Lembra-se que fazia muitos jogos com os colegas e achava que era uma pessoa que vivia como as outras crianças – “...se calhar não era a única que reprovava... gostava de andar na escola...gostava de estar com as pessoas, de aprender, gostava de ser como a minha irmã que andava comigo.... Em casa brincava com os meus irmãos ao gato e ao rato....”.

Depois da quarta classe, a qual reprovou três anos, entre os 12 e os 14 anos, refere – “... que a sua irmã mais nova apanhou-a...”. Depois dos 14 anos, a sua mãe passou a levá-la com ela para a escola da noite, que também frequentava a quarta classe. Segundo **X** – “... a professora queria que eu fosse para a quarta classe da noite fazer o exame mas a minha mãe não concordou, pois queria que fizesse o exame de dia...”. Deste modo, continuou a frequentar a mesma escola e fez aí a primária complementar, quinta e sexta classe. Neste período recorda um acidente que teve no rio. Segundo **X** – “...a professora tinha faltado à tarde e eu, juntamente com as minhas colegas de sala, fui colocar as

pastas em casa de uma outra colega e fomos passear junto ao rio. Caí no rio vestida e os meus colegas foram buscar-me. Pensei que a minha vida acabava ali, depois ouvi chamar **X! X!...**”.

Aos 17 anos foi para Escola Secundária Clara Resende, que ficava na Boavista, à beira do Campo do Bessa, com a sua irmã, ambas frequentaram a mesma turma. As duas reprovaram o sétimo ano (na altura terceiro ano, primeiro ano do Curso Geral do Comércio). Foi nesse ano, a 19 de Fevereiro que teve um acidente de automóvel e lembra-se que levou pontos na cabeça. No ano seguinte passou para o 7º ano unificado, tinha 18 anos de idade. Acrescentou – “... passei do sétimo para o oitavo e do oitavo para o nono sempre com a minha irmã que era melhor aluna que eu...”.

No entanto, no nono ano de escolaridade **X** reprovou e a sua irmã foi para o Liceu Garcia da Horta, tendo ela permanecido na mesma escola a frequentar o nono ano que havia reprovado. Foi nesta altura que lhe faleceu o sobrinho – “...facto que mexeu muito comigo, ainda hoje vejo o funeral, ele morreu de pneumonia...”.

“...Na adolescência, um dia, tentei fugir de casa, os meus pais estavam a discutir, eu detestava ouvi-los discutir...agora tenho pena de não os ouvir discutir... O casamento dos meus pais, nas bodas de ouro, foi o dia mais feliz, foi emocionante. Voltando ao dia em que tentei fugir de casa, saí de casa e encostei-me à beira da porta, só para chamar à atenção. O meu pai não me queria ir buscar e a minha mãe, apesar de querer, o meu pai não deixava. As minhas irmãs andavam à minha procura por todo o lado e eu ali à beira da porta. No final eu disse: L estou aqui!!... e eles ficaram contentes. Cheguei a casa, fui para o quarto e comecei aos gritos...”.

Aos vinte e três anos de idade, **X** fez o nono ano de escolaridade na Escola Carolina Michaelis, tendo depois estado um tempo sem estudar. Nesta fase – “...fiz um curso de dactilografia na escola Maratona na Praça D. João I, durante alguns meses, inscrevi-me no Instituto de Inglês do Porto, e andei a aprender a tricotar na Escola Singer, na Rua Sá da Bandeira, até ensinei a minha mãe e a minha irmã a tricotar...Depois fiz, ainda, um curso subsidiado de planeamento e produção de empresas, promovida pela CEE em Vila Nova de Gaia, durante seis meses juntamente com a minha irmã mais velha, fiz

fotografia e desisti e, entretanto, fiz jardinagem através do Centro de emprego, mas só frequentei um mês...”.

“...Com vinte e sete anos retomei os estudos na Clara de Resende à noite para fazer o décimo ano e é neste período que começaram os meus internamentos...”. Segundo **X** – “... quando tinha vinte e nove anos a irmã do meu cunhado foi assaltada em casa... o marido era ourives, levou quatro tiros e foi hospitalizada, tendo ficado paraplégica...”.

“...Foi com esta tragédia que se deu o meu primeiro internamento em psiquiatria Hospital Magalhães Lemos e muitos pensamentos de suicídio, acho que estas ideias eram uma chamada de atenção para a resolução dos problemas...”. Nesta altura esteve internada, 15 dias, tendo sido acompanhada pela psiquiatra MJ e posteriormente pela OF. Refere que a medicação que fazia, nesta altura, era – Thyranon e Stugeron forte.

Depois do internamento, com 29 anos, fez o décimo primeiro ano do curso complementar de contabilidade na Clara Resende e fez organização e métodos do décimo ano que tinha deixado. O décimo primeiro ano de escolaridade foi concluído em dois anos e, entretanto, arranjou um trabalho na Secção da Escola Gomes Teixeira, na qual era auxiliar de acção educativa e onde exerceu funções durante quatro anos. Depois foi exercer a mesma função profissional na Escola Fontes Pereira de Melo onde se manteve durante oito anos, embora tenha estado vários e longos períodos de baixa médica.

**X** refere – “...sofria muito com a dificuldade em esconder a doença e manter o trabalho...”. Segundo **X**, o melhor período profissional ocorreu no primeiro local onde tinha um bom relacionamento entre colegas. No segundo local – “...aumentaram os meus internamentos porque tinha mau ambiente, tinha má relação com colegas e funcionários...lembro-me que fazia queixa deles porque eles gostavam de dar ordens e comecei a pensar que estava a ser mandada por todos...”. Foi na Escola Fontes Pereira de Melo – “...que tive vários períodos de baixa, muitas desilusões e um problema relacional com o chefe...Cheguei a ter nojo do sexo oposto, repugnava-me, nunca tive relações sexuais, tive alguns homens que tentaram abusar sempre de mim, mas consegui sempre fugir...os meus pais protegiam-me muito...o meu chefe tentou abraçar-me com o pénis de fora, mas consegui fugir. Agora acho que não há príncipes encantados, quero

viver só. A imagem dos homens é negra e não consigo ter outra...”. Participou do chefe ao conselho directivo, à comissão instaladora e ao advogado. Teve cerca de quatro anos de atestado médico e posteriormente foi a uma junta médica tendo-lhe sido atribuída uma pensão por invalidez – “... a minha doença é hereditária por parte da minha mãe, nessa fase já tomava muita medicação, 16 comprimidos por dia (Diplexil, Zyprexa, Prozac, EffexorXR 75 mg, Lorenim 2,5 mg, entre outros)...”. Depois de deixar a vida profissional, **X** passou a cuidar dos seus pais e a frequentar a terapia ocupacional no Hospital Magalhães Lemos. Com 39 ficou a viver com os pais, altura em que a irmã mais nova casou. A mãe de **X**, que fez hemodiálise durante sete anos e esteve internada durante meio ano por ter partido o colo do fémur, faleceu quando **X**. tinha 42 anos. Entretanto, o seu pai faleceu cerca de quatro anos mais tarde, quando **X**. tinha 45 anos de idade. **X** refere que – “... fui a cuidadora deles até à morte...”.

Refere, ainda – “...que com a morte dos pais sempre pensei que os meus irmãos tinham em mente colocar-me num lar, mas eu consegui mostrar a minha autonomia mesmo que em silêncio. Nesta altura, já estava no Espaço t, o que me ajudou a cuidar dos meus pais e de mim...”.

A entrada no Espaço t ocorreu em Janeiro de 2003, tendo-se inscrito na Instituição em Fevereiro do mesmo ano, no Edifício Capitólio. Segundo **X** – “...tive conhecimento desta Instituição através de uma Linha de Emergência ‘A voz Amiga’, embora já tivesse tido conhecimento da mesma através do Hospital Magalhães Lemos...”. **X** começou a frequentar o Espaço t de segunda a sexta-feira com bastante regularidade. Entre os grupos arte que frequentava destacam-se: Pintura, Experimentação Musical, Musicoterapia, Canto, Jornalismo, Expressão Corporal, Teatro, Tai Chi Chuan, Escrita e afectos e Oficinas Vivenciais. Nesta Instituição actualmente, reduziu os ateliês para metade, e frequenta também o espaço de apoio psicológico sempre que necessita.

Actualmente **X** tem consultas de psiquiatria mensais, e faz uma medicação baseada em – “Prozac, Lorenim 2,5 mg, Diazepan 5 mg... já não sou internada há cerca de três anos...”.

Nos anos em que antecederam a entrada no Espaço t, frequentemente dava entrada no Hospital Geral de Santo António, no período da noite, por tentativa de suicídio. Desde

que entrou no Espaço t **X** não recorreu àquela prática e durante oito anos foi internada, apenas, quatro vezes. Desde que ingressou no Espaço t, a sua vida foi criando novos caminhos, com altos e baixos, reaprendeu a conhecer-se e ao mundo que a rodeava. Assim **X** refere – “...neste espaço sinto como se fosse um refúgio para a alma...em casa dava em maluca...no hospital não me sentia bem após as tentativas de suicídio...tinha horas marcadas...muitas regras, muitos medicamentos. No Espaço t achei libertador, um espaço aberto, não me cobravam as ausências, eu venho porque sinto que necessito...aqui crio muitos afectos com os colegas, os professores e toda a equipa...não há medicamentos, há amizade...”. E diz ainda – “... criei muita autonomia porque aprendi a criar mais responsabilidades, aprendi a gerir o dinheiro, os afectos, a solidão...até comecei a usar o facebook...Eu venho só e tenho que ir só para casa, não me levam a casa e isso é bom... no fundo aprendi a ser autónoma...não é um espaço só de doença psiquiátrica, é um espaço de pessoas; a R, a Y, a P, a M, a T que me ajudaram muito, outros andam à procura de emprego, é um espaço onde nos dão afecto...”.

“...E há outros que já desapareceram mas nos deixaram saudade porque criamos laços entre nós...é a minha segunda família...Num programa que fui falar à televisão, falei mais do Espaço t do que da minha família, depois no dia seguinte a minha família recriminou-me e eu disse-lhes que o Espaço t me dá mais do que eles...o Espaço t ajuda-me a arranjar comida noutras instituições...”.

“...um dos marcos da minha vida no Espaço t foi o discurso que fiz nas comemorações dos 10 anos, em que falei de mim: foi bom ver uma sala enorme ouvir-me, escutar-me...”. “as actividades, o convívio no grupo, as consultas, as dinâmicas de grupo, ensinaram-me a descobrir o meu sentido crítico...eu era muito ansiosa, pois não convivía, não estava informada, aqui aprendi coisas novas, com pessoas novas, com temas novos, com histórias de vida diferentes da minha, respeitavam-me e eu a eles...”

“...agora já não faço tentativas de suicídio para chamar à atenção, pois na altura, quando fazia, tomava medicação e chamava o INEM, uma vez que não conseguia resolver os problemas e era incapaz de chamar a família...sempre me senti desvalorizada pela família... uma altura houve uma reunião pedida pela psiquiatra Dr.<sup>a</sup> OF, com a família, e só apareceu um irmão e os meus pais, se calhar ele só foi para

levar os meus pais, sempre senti que eles não me davam a importância necessária... o dinheiro é controlado pela minha irmã B, que de longe a longe aparece em casa...no fundo tenho o material mas não tenho afectos... Sempre senti que o facto de ter um problema congénito, hormonal e cromossomático, que me dava alterações de humor, assim como alterações da personalidade, me fez afastar das pessoas que mais queria que me dessem afecto...o meu problema é transmitir, receber e dar afectos; ligo mais depressa para a Saúde 24, do que para um irmão meu. Era amiga da minha irmã, foi a única que soube que eu tinha caído no rio, ela ia a casa do namorado e eu encobria-a. O meu pai sempre foi muito severo e tentava bater-lhe, aí eu metia-me à frente e falava da doença e eles tinham medo que me desse a crise e acabavam por parar. Só gostava de sair com a minha mãe... a minha fuga era o meu quarto...Agora sinto-me mais autónoma...não me dava a viver com mais ninguém de qualquer sexo...não gosto de dormir na casa dos outros, uma vez fui dormir a casa do meu irmão, quis ir e não consegui dormir, pois não me sentia à vontade. Quando entro na minha casa, agora sinto que entro no céu e isto aprendi com o Espaço t, pois sei que os meus amigos estão lá e se quiser falar com eles utilizo o facebook...”.

“Fiz amigos cá dentro que agora são de lá de fora, já foram a minha casa e partilhamos afectos, vemos fotos, lemos poemas, falamos muito pelo telefone, pois aqui não há privacidade suficiente, pois estamos todos juntos. Criei o hábito de escrever textos e de trocar com os meus colegas. O ateliê que mais me marcou foi o de Escrita e Afectos. A Pintura também me marcou. Quando o B tocava viola era bom, mas já faleceu. Os estagiários também são uma lufada de alegria. O P é o meu estagiário favorito. Era espanhol, é pena não virem mais pessoas estrangeiras. Aprendi coisas novas de outras culturas, até retomei o inglês. Desde que estou cá reduzi muito os meus internamentos, só estive internada quatro vezes. O primeiro foi quando o Espaço t fechou para férias, pensei que o mundo ia fugir...depois até acabou por ser bom pois foi a primeira vez que fui sozinha para a aldeia e adorei. Um outro foi pela morte do meu irmão e os restantes por cansaço. Mas foram muito diferentes, pois foi para me recuperar e não para chamar à atenção. Nos anos anteriores, ia em média todas as semanas para o hospital. O meu irmão diz que desde que vim para o Espaço t melhorei mais de 80%, estava escondido dentro de mim aquilo que sou hoje. Agora, apenas, tomo 6 comprimidos por dia...”.

“Tive uma disciplina Artistic Book e a partir daí ando sempre com um livro, onde escrevo o que sinto, o que penso e também faço a ficha de funções do dia para não me esquecer. Às vezes acordo, à noite, e vou para o computador escrever...”.

Após a conclusão da narrativa de **X**, a mesma pediu-nos para anexar um texto que nos entrega, a história é sua, por isso decidimos reproduzi-lo na íntegra.

“Este trabalho foi feito no dia 28/05/2009, às 23h35, e foi concluído no computador no dia 02/06/2009, às 4h40

Quero

Quero ser como uma fonte de água pura para os outros beberem.

Quero ser como uma estrela para poder brilhar para os que se sentem sós.

Quero ter muitos valores para poder distribuir a quem mais precisa.

Quero ser como uma flor para os outros poderem sentir o meu perfume.

Quero ser como um brinquedo para poder alegrar as crianças.

Quero ser como um palhaço para alegrar os tristes.

Quero ser como uma ave, para poder voar, conhecer o mais alto dos céus e ser admirada.

Quero ser como um pincel, para pintar tela, da concórdia, da paz, da justiça...

Quero ser eu!

Quero amar e ser amada, compreender e ser compreendida!

Posso querer, não posso?

Então porque é que não sou?!

Porque é que não me deixam?

Tenho direito a querer, pois tenho?

Eu quero!!! Deixai-me querer e ser”

“...O facto de haver pessoas diferentes, partilhamos ideias diferentes, há testemunhos diferentes e é bom porque somos todos humanos, faço colegas... às vezes utilizo o método que aprendi, no Espaço t, em casa aos sábados para relaxar, e assim encontro os meus momentos de não estar só... de felicidade... às vezes quando tenho insónias desenho o boneco das doenças, o boneco das insónias, o boneco da tristeza e passa-me...”.

A vida de **X** não acaba aqui, pelo contrário, muitos outros caminhos irá percorrer, numa ambivalência contínua de dar e receber afectos, numa procura constante de si e dos seus espaços, certamente o seu percurso de nove anos no Espaço t contribuiu para melhorar o caminho que há muitos anos percorre. Certamente não encontramos uma **X** diferente da outra **X**, encontramos uma **X** talvez com outras angústias, mas acima de tudo com uma maior capacidade de se compreender e de se aceitar... e refere: ”...apesar da minha autonomia vou precisar de afectos, porque a vida não é um mar de rosas, pois vou continuar a precisar de ajuda, pois a vida de uma pessoa normal é feita de altos e baixos. Contudo acho que evolui bastante...”.

## **5.2 Comentário Crítico**

De seguida, será efectuado um comentário crítico, à história de vida, sendo este dividido em quatro subcapítulos, cabendo a cada um deles apresentar uma reflexão sobre a influência de cada um dos quatro vectores, utilizados no modelo dos grupos arte do Espaço t, junto do indivíduo em estudo.

### **5.2.1 Espaço t – Um espaço humanista.**

Após a leitura aprofundada da história de **X**, parece-nos compreender facilmente e tendo em conta as suas particularidades, que existe uma luta contínua pelos afectos, pelo dar e receber, pelo estar em sinergia com os outros. Uma mulher numa luta contínua.

Os motivos que levaram a esta busca poderão ter múltiplos factores, nomeadamente a sua própria patologia e o facto da mesma lhe criar condições cognitivo-comportamentais diminuídas, apresentando assim um défice de capacidade de inter-relação com o outro. No entanto, para nós, não será esse o ponto fulcral da interpretação, mas sim todo um conjunto de factores intrínsecos e extrínsecos que colocam na situação de ser humano na necessidade limite de tocar e sentir os afectos.

Todos os seres humanos têm a capacidade e o direito de terem quase tudo, principalmente no domínio do tangível, mas o que torna mais fascinante o mundo do humano é essa busca de afectos, essa busca que está para além do físico, que apesar de serem intangíveis produzem um efeito reorganizador provocando um bem-estar global no indivíduo.

Facilmente percebemos que **X** possui essa busca nesta área tão importante para os seres humanos, o que a torna frágil e pouco autónoma. No entanto, essa falta também a coloca nesse mesmo limiar, mas na realidade, mesmo de uma forma muito menos evidente, todos nós temos um pouco de **X**.

**X**, já em criança, apresentava estratégias, até um pouco ortodoxas, para reivindicar esse afecto, como podemos constatar na sua citação “...Na adolescência, um dia, tentei fugir de casa, os meus pais estavam a discutir, eu detestava ouvi-los discutir...agora tenho pena de não os ouvir discutir... O casamento dos meus pais, nas bodas de ouro, foi o dia mais feliz, foi emocionante. Voltando ao dia em que tentei fugir de casa, saí de casa e encostei-me à beira da porta, só para chamar à atenção. O meu pai não me queria ir buscar e a minha mãe, apesar de querer, o meu pai não deixava. As minhas irmãs andavam à minha procura por todo o lado e eu ali à beira da porta. No final eu disse: L estou aqui!!... e eles ficaram contentes. Cheguei a casa, fui para o quarto e comecei aos gritos...”.

Através de “lógicas” absurdamente subjectivas, que acabam por marcar os indivíduos que atingem, originando a que os próprios a que se simbolizem como inadequados, “anormais” ou “segregados sociais”; **X** teve esta percepção ainda muito jovem.

Na idade adulta essa mesma luta evidencia-se, ao longo da sua narrativa, através de comportamentos apelativos como as situações contínuas, que produzia para chamar a

atenção, através da ingestão de comprimidos e a consequente ida ao hospital. Pensamos que na perspectiva de **X**, estas incursões no hospital, eram não para ser tratada, mas para encontrar gente anónima que lhe desse esse afecto, essa atenção, esse estar de interacção. Contudo, a mesma “lógica” invalidante, que rotula e deprecia **X**, ocorre predominantemente em instituições das quais se destacam, a escola e o hospital. **X** foi marcada (diagnosticada), diminuída; por isso fechou-se em si própria, ocultou os seus reais sentimentos, e se por um lado a expressão desses sentimentos é reprimida por si própria, por outro lado a sociedade, que a deveria proteger, não dispõe nem de meios nem de vontade para auxiliar essa expressão.

Nessa ambivalência de luta entre a vida e a morte, que tantas vezes provocou e sentiu, **X** tinha plena consciência que queria viver por oposição à morte, mas se tivesse de correr esse risco, corria-o, para obter esse amor negado.

Com o passar dos anos, **X** concluiu que o afecto ou a atenção dos outros nunca viria através de estratégias planeadas ao limite. Mas esse afecto que ela tanto desejava também não fluía na sua rede familiar, muitas vezes ter-se-á questionado porquê.

Certamente, nunca saberemos os motivos, ou eles nunca mesmo foram elaborados; poderemos reflectir sobre algumas questões: será que a sua condição afectiva a colocava num patamar de ansiedade tão elevado, devido à procura de algo que ela tanto desejava, que em sequência surgia a rejeição? Ou será que a cultura da sua geração valorizava mais as regras e a moral racional de forma mais rígida e menos emocional, e onde os afectos existiam de uma forma quase subliminar? São questões que importa reflectir em todo este processo.

Na vida de **X** surgiram, por parte de terceiros, tentativas de violação, mas **X** conseguiu sempre ultrapassá-las. Por um lado **X** evidenciou de forma inequívoca a sua componente moral com as quais se identificava, por outro lado e apesar dos medos, angústias e carências e mesmo fragilidades soube criar condições, mesmo que de forma inconsciente, e dizer não à violação e consequentemente à sexualidade. Certamente, estes episódios ajudaram a que **X** bloqueasse esta fonte de afecto. Para **X** o sexo não existe, como refere ”...Cheguei a ter nojo do sexo oposto, repugnava-me, nunca tive

relações sexuais, tive alguns homens que tentaram abusar sempre de mim, mas consegui sempre fugir...”

Com todas estas formas de sofrimento **X**, ainda, refere na sua narrativa que se considerava e também a consideravam “uma matulona”. O mundo de **X** pede algo que o mundo real não lhe dá, ou pelo contrário dá, no entanto **X** não consegue perceber essa mesma realidade.

Contrariando essa sua incapacidade de ser feliz e esta incapacidade de atingir o inatingível que **X** tanto procura, esta mulher consegue dar afecto da melhor forma que sabe dar.

Ao cuidar dos seus pais, **X** demonstrou sentir-se bem pois, ao cuidar, também se sentia útil, como refere: “...foi a cuidadora deles até à morte...Este cuidar, incondicional, de filho para os progenitores poder-lhe-á ter dado forças para sobreviver e se aceitar enquanto pessoa.

Encontramos, na sua narrativa, várias alusões à protecção da irmã mais nova, através da verbalização da sua doença. Esta seria uma forma de cuidar, proteger, mas também com o intuito de estreitar relações positivas com os outros, nomeadamente com a família.

O mais interessante de todo este trajecto da história de **X**, é que nas suas pequenas histórias, que vivencia e nos relata. **X** refere o seu grande sofrimento aquando da morte de outros, que apesar de tudo não lhe deram nada, e que **X** chora e sofre até ao limite do internamento. Com a morte do irmão, com o acidente da cunhada – que ficou paraplégica -, **X** sofre incondicionalmente. Poderemos dar uma nova interpretação a este sofrimento, embora mais complexa, ou seja, quando **X** transmite este sofrimento nestas situações limite (apesar do indivíduo viver inserido no meio em que a rodeia) **X** poderá sofrer, também, como forma de chamar a atenção, pois nestes momentos existem indivíduos que se encontram em situações limite mais dramáticas do que **X**. Parece-nos que, de uma forma quase umbilical, **X** verbaliza o seu sofrimento, pois aos seus olhos o seu sofrimento é o maior de todos. E assim, apesar do enorme quadro apelativo, as relações afectivas não surgem, nem as relações de sinergia e de interacção com os seus familiares e com os outros.

Na narrativa de **X** podemos ler um poema, de 2009, escrito já na sua história mais recente, no qual ela transmite a sua ambivalência no domínio da relação consigo própria e com os outros. Neste poema ela exorciza os seus desejos de dádiva, em relação aos outros, utilizando adjectivos de felicidade. Ao longo do poema, consegue ler-se nas entrelinhas que **X** também espera isso dos outros, e se estes não lhe deram, também ela não saberá dar. Termina, quase, “culpando” os outros por não ser capaz de dar e inconscientemente por não ser capaz de receber. É assim que **X** sofre nas suas vivências, nas suas lutas, nas suas vidas, mesmo com o apoio de reguladores de humor, de anti-depressivos, de técnicos da saúde mental, de quase tudo, apesar disso esta mulher sofre...

Não podemos nem queremos nunca julgar **X**, nem afirmar que esta culpa está toda centrada no seu mundo. Trabalhar os afectos e sentir os afectos é muito mais do que o mundo interno, é um caminhar ensinando dar e receber e isso não depende, somente, da sua cognição, pois **X** até consegue demonstrar que gostava da mãe e da irmã e das professoras e de muito mais, que apesar não ter dito, é sentido.

Quando, em 2003, **X** ingressa no Espaço t, a sua vida sofre algumas mudanças, nomeadamente no campo afectivo. Como ela transmite, através das suas palavras, passa a considerar a equipa e os seus pares heterogéneos como a sua segunda família e refere esse espaço como “...neste espaço sinto como se fosse um refúgio para a alma...em casa dava em maluca...no hospital não me sentia bem após as tentativas de suicídio...tinha horas marcadas...muitas regras, muitos medicamentos. No Espaço t achei libertador, um espaço aberto, não me cobravam as ausências, eu venho porque sinto que necessito...aqui crio muitos afectos com os colegas, os professores e toda a equipa...não há medicamentos, há amizade” e refere, ainda “as actividades, o convívio no grupo, as consultas, as dinâmicas de grupo, ensinaram-me a descobrir o meu sentido crítico...eu era muito ansiosa, pois não convivía, não estava informada, aqui aprendi coisas novas, com pessoas novas, com temas novos, com histórias de vida diferentes da minha, respeitavam-me e eu a eles...”...e leva os conceitos para o exterior “Fiz amigos cá dentro que agora são de lá de fora, já foram a minha casa e partilhamos afectos, vemos fotos, lemos poemas, falamos muitos pelo telefone, pois aqui não há privacidade suficiente, pois estamos todos juntos. Criei o hábito de escrever textos e de trocar com

os meus colegas...” e diz “O facto de haver pessoas diferentes, partilhamos ideias diferentes, há testemunhos diferentes e é bom porque somos todos humanos, faço colegas...”

Podemos afirmar que **X** continua, através das suas particularidades intrínsecas, na busca de afectos, no entanto, já não quer ser internada para os encontrar, aliás se é internada refere saber que é por outros motivos.

**X** encontra um espaço, centrado num modelo humanista, no qual as regras se diluem por entre as vivências do grupo, as emoções são partilhadas por todos e para todos de forma genuína. Este modelo de interacção poderá ter ajudado **X** a afirmar: “Contudo acho que evolui bastante...”

“...É importante pensar na construção de espaços intermediários que restaurem o sentimento de confiança, onde os sujeitos não se sintam fazendo parte de uma massa de desqualificados, mas acolhidos em suas singularidades. É necessário poder criar ou transformar estruturas sociais, sensibilizando-as a respeitarem a autonomia dos grupos sociais. Há organizações, governamentais ou não...que estão aptas a experimentar desvios criativos, através de estruturas mediadoras e encontrar, juntamente com os colectivos, novas praxis expressivas. Estas organizações trabalham no lugar de mediação, construindo novas simbolizações dos sofrimentos sociais. Elas permitem novas experiências e acreditam nas potencialidades dos sujeitos.” (Carreteiro, 2003, p. 68).

### **5.2.2 A Unidade de X e a unidade total à qual poderíamos chamar sociedade.**

**X** entendeu, desde sempre, que necessitava de ser autónoma, por outro lado isso era um processo complexo para ela. **X** sempre tentou trabalhar e estudar, mas os resultados nem sempre eram os esperados, ou desistia ou levava mais tempo a realizar do que o normal. **X**, mesmo de uma forma inconsciente, sabia que queria ser autónoma, sem depender dos outros, gozando do privilégio da interacção com os outros num processo autónomo – este era o seu sonho, que acaba por continuar a ser o desejo incondicional da sua vida. É fácil entendermos isso na sua narrativa, quando **X** refere: “...sofria muito com a

dificuldade em esconder a doença e manter o trabalho...” e numa fase bem mais recente, **X** volta a referir algo que sustenta esta necessidade - “...que com a morte dos pais sempre pensei que os meus irmãos tinham em mente colocar-me num lar, mas eu consegui mostrar a minha autonomia mesmo que em silêncio. Nesta altura, já estava no Espaço t, o que me ajudou a cuidar dos meus pais e de mim...”.

Quando **X** começa a frequentar o Espaço t, facilmente, entende que para se integrar tem de se considerar um todo, uma unidade integrada, ou seja, com todas as suas necessidades (bio-psico-sociais) realmente satisfeitas e após essa noção de unidade, perceber facilmente que é importante a promoção da interacção de dar e receber entre os outros, pares e não pares, que constituem a sociedade. Este processo foi o que mais se evidenciou na análise da sua narrativa pois, num percurso de poucos anos, **X** entende a necessidade de reduzir os internamentos, que aconteciam de forma quase contínua e até mesmo a medicação que acabou por reduzir para mais de metade.

De uma forma geral, reaprendeu a situar-se no seu espaço, como refere “...No Espaço t achei libertador, um espaço aberto, não me cobravam as ausências, eu venho porque sinto que necessito...aqui crio muitos afectos com os colegas, os professores e toda a equipa...não há medicamentos, há amizade”. Segue-se uma outra citação, também ela reveladora - “...criei muita autonomia porque aprendi a criar mais responsabilidades, aprendi a gerir o dinheiro, os afectos, a solidão...até comecei a usar o facebook...Eu venho só e tenho que ir só para casa, não me levam a casa e isso é bom...”.

Assim, **X** começa a entender que necessita de estar minimamente bem e em interacção com os outros, e nesta fase até consegue interagir com o mundo virtual das redes sociais, sendo que o mais importante de tudo é o facto dos seus amigos virtuais corresponderem aos seus amigos reais, não denotando, por isso, uma fuga à realidade, mas sim uma continuação da realidade. Apesar de toda a singularidade da narrativa de **X**, podemos afirmar que **X** começa a utilizar alguns instrumentos, que todos os outros serem humanos utilizam, para promover interacção com os seus pares e não pares.

Certamente, **X** continuará a utilizar as redes sociais de uma forma apelativa para reclamar a aceitação dos outros, no fundo não mais do que todos os indivíduos fazem nas redes sociais, no entanto tendo em conta as suas particularidades.

Quando encontramos, na sua narrativa, o seu poema, **X** transmite essa dupla unidade, por um lado querer ser e receber e por outro lado, mesmo que de uma forma exacerbada, querer dar. Quase como se dissesse olhem para mim, eu estou aqui para dar e receber. Desta forma **X** diz: “... no fundo aprendi a ser autónoma... não é um espaço só de doença psiquiátrica, é um espaço de pessoas; a R, a Y, a P, a M, a T que me ajudaram muito, outros andam à procura de emprego, é um espaço onde nos dão afecto...”, e refere ainda: “...“as actividades, o convívio no grupo, as consultas, as dinâmicas de grupo, ensinaram-me a descobrir o meu sentido crítico... eu era muito ansiosa, pois não convivía, não estava informada, aqui aprendi coisas novas, com pessoas novas, com temas novos, com histórias de vida diferentes da minha, respeitavam-me e eu a eles...”. Nesta citação percebemos a importância da sua integração com o meio que a rodeia, ou seja, a sociedade, à qual chamamos unidade total.

### **5.2.3 A Motivação na vida de X.**

Todos necessitamos de motivação interna para levar a cabo a luta pela integração global do indivíduo. Através desta motivação externa e em múltiplas reacções, com outros indivíduos e situações que nos surgem ao longo da vida, vamos tendo também factores de motivação externa, que criam interacção no indivíduo, ou seja, a motivação externa exagera a motivação interna e esta também ajuda encontrar focos de motivação externa. Em toda a narrativa de **X** constatamos, sempre, uma baixa motivação interna e uma quase ausência de motivação externa. Como podemos aferir, no momento em que **X** refere “...se calhar não era a única que reprovava... gostava de andar na escola... gostava de estar com as pessoas, de aprender, gostava de ser como a minha irmã que andava comigo”... **X** refere, ainda, que os seus pais a protegiam muito, ou seja, vivia sempre sob protecção dos seus progenitores. **X** acabou por nunca saber que entidade era a sua, neste seu mundo tão proteccionista. Ao longo da sua história e relativamente ao período antes da entrada no Espaço t em 2003 uma das poucas palavras positivas que verbalizou na sua narrativa foram as palavras feliz e emocionante, e estas foram referenciadas em relação ao seu mundo familiar, como cita “...O casamento dos meus pais, nas bodas de ouro, foi o dia mais feliz, foi emocionante...” Certamente o

seu mundo era um mundo de medos, de reprovações, de castigos, de regras, de doenças, de estigmas, de comprimidos, de imagens deturpadas de si, de leituras não ditas pelos outros mas sentidas por si. Perante este cenário, era muito difícil para **X** ter algum nível de motivação, quer ao nível interno quer ao nível externo. Apresentava de forma, evidente, condicionalismos da sua liberdade, verdadeiros suportes de protecção e até mesmo anulação. O grande problema e mediante esta situação, **X** pensava como todos nós e por isso geria as situações de angústia, de debilidade emocional e lutas internas, mas nada disto eram fontes de motivação, muito pelo contrário, actos ou acções negativos que levavam esta mulher, ainda, a estados mais profundos de depressão.

Com a entrada de **X** no Espaço t, ela começa a saber o que é a liberdade e dela retirar-lhe toda a sua motivação. O primeiro passo foi quando percebeu que, após a morte dos pais, ficaria só em casa e não iria para um lar de idosos, talvez aí tenha dado o seu primeiro grito de emancipação, mesmo que em silêncio e solitário.

Por outro lado, **X** conseguiu mostrar a si e aos outros que tinha valor uma vez que tinha sabido cuidar dos seus familiares e de si.

Na sua história entendemos, frequentemente, a sua necessidade de motivação externa, a necessidade de ser actriz no palco da vida “...Num programa que fui falar à televisão, falei mais do Espaço t do que da minha família, depois no dia seguinte a minha família recriminou-me e eu disse-lhes que o Espaço t me dá mais do que eles...o Espaço t ajuda-me a arranjar comida noutras instituições...”. Nesta citação e neste momento concreto, e apesar de ter uma plateia imensa, ela até consegue falar de afectos e talvez, pela primeira vez, compromete a sua família, repreendendo-os do que eles não lhes deram “...um dos marcos da minha vida no Espaço t foi o discurso que fiz nas comemorações dos 10 anos, em que falei de mim: foi bom ver uma sala enorme ouvir-me, escutar-me...”. Uma necessidade enorme de ser ouvida, de ser escutada.

A motivação no seu expoente máximo “...Agora sinto-me mais autónoma...não me dava a viver com mais ninguém de qualquer sexo...não gosto de dormir na casa dos outros, uma vez fui dormir a casa do meu irmão, quis ir e não consegui dormir, pois não me sentia à vontade. Quando entro na minha casa, agora sinto que entro no céu e isto

aprendi com o Espaço t, pois sei que os meus amigos estão lá e se quiser falar com eles utilizo o facebook...”.

**X** reaprendeu a estar só e adquirir mecanismos de motivação, conseguindo agora comunicar com os outros, mesmo que através de uma forma menos convencional, como é o caso das relações virtuais.

**X** quer sempre mais, quer outras vivências, quer outras experiências, quer outras coisas. Ela já percebeu que tudo isto também podem ser formas de afecto “...Os estagiários também são uma lufada de alegria. O P é o meu estagiário favorito. Era espanhol, é pena não virem mais pessoas estrangeiras. Aprendi coisas novas de outras culturas, até retomei o inglês. Desde que estou cá reduzi muito os meus internamentos...” E mostra de uma forma bem explicita a sua própria motivação quando diz: “...Tive uma disciplina Artistic Book e a partir daí ando sempre com um livro, onde escrevo o que sinto, o que penso e também faço a ficha de funções do dia para não me esquecer. Às vezes acordo, à noite, e vou para o computador escrever...”.

**X** encontrou no seu espaço, na sua solidão, o seu equilíbrio e gosta de estar só, pois sabe que sozinha pode ter afecto, por exemplo: quando escreve um poema no seu computador e torna-o público no Facebook, ou partilha com os amigos.

Há uns anos atrás, **X** já tinha computador, mas nem o via, nem se lembrava que sabia escrever, apenas gastava energia infindável na procura incessante da atenção.

Agora, esta mulher entende e apesar de referir que a vida não é um mar de rosas “... apesar da minha autonomia vou precisar de afectos, porque a vida não é um mar de rosas, pois vou continuar a precisar de ajuda, pois a vida de uma pessoa normal é feita de altos e baixos. Contudo acho que evoluí bastante...”.

Pela primeira vez **X** assume-se como uma pessoa normal, pois embora tenha limitações, considera-se igual às outras. Poderá, assim, sentir-se mais integrada no mundo dos normais ou dos “ditos-normais” como nós afirmamos.

#### 5.2.4 A arte como meio transformador de X.

Ao longo da história desta mulher é fácil compreender a sua paixão pelas manualidades e pelo jogo, a sua necessidade de relação com os outros através do lúdico é bastante evidente, como podemos constatar.”...Recordo com saudade dos jogos ...da patela, do lobo, do barqueiro, do Manel Tintin, do lencinho na mão...” e ”...Em casa brincava com os meus irmãos ao gato e ao rato...e andei a aprender a tricotar na Escola Singer, na Rua Sá da Bandeira, até ensinei a minha mãe e a minha irmã a tricotar ...”.

Conseguimos identificar X como uma pessoa, que tem uma enorme necessidade de expor, de se mostrar, de ser aceite; desde sempre os seus pais protegeram-na de uma forma exponencial, quase como que de uma extensão deles se tratasse; quase anulada, estando a sua emocionalidade coarctada de ser mostrada aos outros.

Quando X entra para o Espaço t e começa a frequentar os grupos arte do Espaço t, o seu mundo abre-se para novos caminhos. Com os instrumentos de arte dos grupos arte, aquela vida contida no seu interior, aquela necessidade de ser ouvida, de ter um palco maior do que a sua vida, começou a surgir.

As suas capacidades histriónicas eram evidentes nos vários grupos arte, tinha encontrado uma forma mais fácil de se mostrar e ser aceite. Começa, assim, a encontrar algum equilíbrio e a entender que através da arte, ela consegue passar para os outros a sua emoção, o seu interior. Aquilo que sempre quis e nunca alcançou. “...Criei o hábito de escrever textos e de trocar com os meus colegas. O ateliê que mais me marcou foi o de Escrita e Afectos. A Pintura também me marcou...”.

Esta mulher conseguiu levar as experiências da arte para o mundo real, como forma de organização das suas necessidades, da sua vida “...Tive uma disciplina Artistic Book e a partir daí ando sempre com um livro, onde escrevo o que sinto, o que penso e também faço a ficha de funções do dia para não me esquecer. Às vezes acordo, à noite, e vou para o computador escrever...”. Através da escrita ela consegue obter a fórmula para se expor, para dar aos outros o seu eu e chegar ao quase impossível de se auto-motivar, pois consegue passar a viver no seu mundo solitário, que ela tanto detestava e agora gosta e usa-o para se dar escrevendo “...Este trabalho foi feito no dia 28/05/2009, às

23h35, e foi concluído no computador no dia 02/06/2009, às 4h40”, “Eu quero!!! Deixai-me querer e ser...”.

Essa busca pela felicidade, que tanto a atormentava, parece tê-la encontrado mesmo que por períodos... “... às vezes utilizo o método que aprendi, no Espaço t, em casa aos sábados para relaxar, e assim encontro os meus momentos de não estar só... de felicidade... às vezes quando tenho insónias desenho o boneco das doenças, o boneco das insónias, o boneco da tristeza e passa-me...”. Como também reencontra, quase que como se de uma criança se tratasse – uma história para adormecer. Ela transforma a história no boneco das insónias para lutar contra elas. Mas aqui, mais uma vez, passa a ser ela e o seu mundo solitário, sem necessitar dos outros para lhe contar a história.

Com a Arte, a mulher cresceu em termos pessoais, redescobriu-se a si e aos outros, encontrou o seu palco interno e externo que tanto lutou para o encontrar e como diz vai continuar a lutar por ele, pois “...apesar da minha autonomia vou precisar de afectos...”, isso a arte deu-lhe, certamente eles já existiam, ela encontrou na arte um meio para chegar até eles.

**CAPÍTULO VI – Nove Histórias, Nove Viagens que Emergem do  
Passado e Vão Para Além do Imaginário**



## **Nota Introdutória**

Neste capítulo iremos apresentar nove histórias de vida, relatadas por nove indivíduos, utilizadores de grupos arte do Espaço t, e que os frequentam há alguns anos. A escolha destes indivíduos, foi efectuada de forma aleatória, representando um grupo heterogéneo, desde homens a mulheres, de jovens a adultos, com problemáticas bio-psico-sociais completamente diferenciadas. Todos estão lá. Nas suas heterogeneias conseguimos encontrar traços comuns, desejos comuns, sonhos tão próximos, tão perfeitos de tão simples, apesar de todos eles serem diferentes em quase tudo.

Com formações diferentes, culturas diferenciadas, níveis de cognição distintos. Uns conseguem passar para o papel o que sentem, outros só entendemos o que vai para além da palavra, mas está lá.

Lançamos um desafio a estes nove homens e mulheres, utilizadores dos grupos arte, juntaram-se em quatro sessões e em conjunto pensaram individualmente, os três ciclos vitais da vida: o passado, o presente e o futuro.

Da solidão da escrita à partilha no grupo, a intensidade foi grande, assim como as alegrias da partilha das boas histórias e o sofrimento e a dor sentidos ao ter de escrever esse sofrimento e verbalizá-lo no grupo.

Não foi tarefa fácil colocar estes nove seres humanos, a passarem a sua história vivida e não vivida para o papel, em tão pouco tempo. Mas conseguiram-no! Está tudo lá, do sofrimento às vitórias, as conquistas, a crítica, a consciência dos medos, tudo ficou registado.

Pedimos ainda uma ilustração, quase fotográfica, que representasse cada um desses ciclos, apesar de tão grandes em termos temporais.

Por último, e talvez o maior desafio lançado, foi o facto de lhes termos pedido para criarem um quarto ciclo: o da imaginação, o do sonho, e ele surgiu assim como a ilustração.

Para apresentarmos as histórias, com a maior veracidade possível, decidimos transcrevê-las sem correcções de forma ou conteúdo, umas telegraficamente escritas, outras quase de uma forma ingénua e outras, ainda, como se fossem um turbilhão de emoções que não chegamos a perceber se os erros das palavras são fruto do turbilhão das emoções e da vontade urgente de as passar para o papel, ou fruto das escassas capacidades do domínio formativo. Apesar disso, as ideias conseguem ver-se e sentir-se, quase entramos nesses mundos tão reais e tão sofridos, como alegres às vezes. No entanto, todos sabem bem o que desejam; esse conceito único e quase utópico que é a Felicidade.

Que busca, que luta, que caminhos tão verdadeiros, tão genuínos nos levam a pensar que também; às vezes, estamos lá!

No sentido de melhor apresentarmos este capítulo, as narrativas serão agrupadas por ciclo vital, assim como as ilustrações, seguindo-se uma análise crítica e subjectiva do colectivo das várias narrativas, pois apesar de serem tão diferentes, acabam por ser tão próximas.

## 6.1 Caracterização do Grupo

*Tabela 1.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por sexo

<b>Sexo</b>	<b>Frequência</b>
Masculino	5
Feminino	4
Total	9

Após a análise dos dados da tabela nº 1, podemos aferir que foram efectuadas cinco histórias de vida de indivíduos do sexo masculino e quatro histórias de vida de indivíduos do sexo feminino, num total de nove histórias de vida.

*Tabela 2.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por patologia

<b>Patologia</b>	<b>Frequência</b>
Esquizofrenia	2
Dependência	1
Doença infecto-contagiosa	2
Outras Doença mentais	2
Outras patologias	1
Sem patologia	1
Total	9

Após a análise dos dados da tabela nº 2, constatámos que oito dos nove indivíduos referem patologia e somente um refere não ter patologias, sendo de mencionar que as patologias com maior incidência são a esquizofrenia e as doenças infecto-contagiosas.

*Tabela 3.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por tempo de frequência no Espaço t

<b>Tempo de frequência no Espaço t</b>	<b>Frequência</b>
1 Ano	1
2 Anos	1
3 Anos	1
4 Anos	4
5 Anos	1
Mais de 5 anos	1
Total	9

Após a análise dos dados da tabela nº3 podemos constatar que o maior número de interlocutores frequentam o Espaço t há quatro ou mais anos.

*Tabela 4.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por factor de encaminhamento para frequência do Espaço t

<b>Razão para começar a frequentar o Espaço T</b>	<b>Frequência</b>
Ocupação do tempo	2
Aconselhamento psicológico / psiquiátrico	3
Aconselhamento de amigos/conhecidos	1
Necessidade de cuidados de saúde	1
Não refere	2
Total	9

Tendo em conta as respostas dadas pelos interlocutores à pergunta – razão pela qual começou a frequentar o Espaço t, podemos concluir que 33,3% (3) vieram através de aconselhamento psicológico ou psiquiátrico, havendo dois indivíduos que não referiram o motivo.

*Tabela 5.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por aspectos que mudaram as suas vidas, durante a frequência do Espaço t, na dimensão – factor externo.

<b>Aspectos que mudaram na vida dos utilizadores do Espaço t</b>	<b>Dimensão</b>	<b>Frequência</b>
	Relações*	4
Factor externo	Transformação pessoal**	1
	Realização pessoal***	2
	Não refere	2
Total		9

\*a dimensão das relações é relativa a indivíduos que referiram, recorrentemente, a questão da amizade, da melhoria das relações com as outras pessoas, após a entrada no Espaço t.

\*\*a dimensão da transformação pessoal diz respeito a um indivíduo que afirmou ter ficado “mais valente”, “mais forte” após começar a frequentar o Espaço t.

\*\*\*a dimensão da realização pessoal diz respeito a indivíduos que afirmaram sentir-se mais alegres, mais felizes, após a entrada na associação.

À pergunta aberta – Qual foi o factor externo que mudou a sua vida durante a frequência do Espaço t ? A resposta mais frequente foi a dimensão relações dada por 44,4% (4) dos inquiridos; sendo a dimensão relações (relativa a indivíduos que referiram recorrentemente a questão da amizade, da melhoria das relações com as outras pessoas após a entrada no Espaço t).

*Tabela 6.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por aspectos que mudaram na sua vida, durante a frequência do Espaço t, na dimensão – factor interno.

Aspectos que mudaram na vida dos utilizadores do Espaço t	Dimensão	Frequência
Factor interno	Integração*	2
	Perturbação**	1
	Transformação pessoal***	2
	Actividades***	1
	Relações	1
	Não refere	2
Total		9

\*a dimensão da integração diz respeito a indivíduos que declararam sentir-se mais integrados socialmente.

\*\*a dimensão da perturbação diz respeito a um inquirido que declarou sentir-se perturbado, afectado, pelo mau relacionamento entre os utilizadores do Espaço t.

\*\*\*a dimensão das actividades é relativa à questão da alteração das actividades quotidianas desenvolvidas após a entrada no Espaço t.

Tendo em conta a pergunta aberta formulada aos inquiridos - Qual o aspecto no Espaço t que mudou a sua vida – Factor Interno, as respostas variaram entre integração (indivíduos que declararam sentir-se mais integrados socialmente) com 22,2% (2), transformação pessoal (alteração das actividades quotidianas desenvolvidas após a entrada no Espaço t) também com 22,2% (2). De referir ainda que 1 indivíduo refere a dimensão perturbação (sentir-se perturbado, afectado, pelo mau relacionamento entre os utilizadores do Espaço t) como factor interno que mais mudou a sua vida.

*Tabela 7.* Distribuição dos interlocutores das histórias de vida por aspectos mais valorizados no Espaço t.

Aspectos mais valorizados no Espaço t	Frequência
Amizade	2
Actividades	3
Bem-estar	2
Não refere	2
Total	9

Os aspectos que os inquiridos afirmam valorizar mais no Espaço t são as actividades disponibilizadas aos utilizadores, as amizades desenvolvidas dentro e fora da associação, bem como o bem-estar físico e psicológico que a frequência do Espaço t lhes proporciona.

## **6.2 Do sofrimento Passando Pelas Coisas Simples – Relatos de um Passado**

### **6.2.1 Momentos do passado de A.**

“Lembra-me quando era criança ter um boneco de borracha, não sei se era D, se era F, eu tenho ideia dele de uma cor clara.

Lembra-me que aos 6 anos fui ao hospital de Maria Pia e para tirar sangue tiveram-me que me tirar no pescoço, porque era muito gorda, lembra-me que fui lá não sei se foi nessa altura que fui internada estava uma colega da escola, uma irmã gémea, lembra-me que mijei até grande, e que um dia no hosp. Maria pia eram as freiras vestidas de branco me puseram um lençol “mijado” às costas na frente dos outros doentes e me levaram para a varanda do hospital.

Gostava de voltar a lembrar o hospital por dentro.

Em casa lembra-me de andar ao gato e cão rato com os meus irmãos às escuras, lembra-me a minha irmã mais nova nascer, lembra-me da minha comunhão.

No passado eu em criança fui muito doente não aprendia, até que andei no S. João, Maria pia e Magalhães Lemos por causa da aprendizagem, mas o meu problema era glandular e obesidade, que permanece até aos dias de hoje, mas com uma melhoria muito grande.

A minha Mãe dizia que eu tinha as mãos deformadas em relação aos dedos, que parecia uma mongolóide, ela punha-me com 6 anos num sitio e eu ali ficava, era diferente das outras crianças.

Mas depois andei no centro Social na Foz, e mandaram-me ir para o Magalhães Lemos e então comecei lá a fazer o tratamento e fui melhorando lentamente.

Eu com 10 anos andava na 2.<sup>a</sup> classe, depois do tratamento comecei a passar sempre de ano.

A minha Mãe foi fazer a 4.<sup>a</sup> classe nocturna quando a mim, para eu conseguir fazer no mesmo ano fez a minha irmã Lena.

Eu tinha 14, e ela 9, depois andamos sempre as duas a estudar até ao 5º ano.

Chegamos ao 5º ano (9.º antigo) reprovei e ela andou em frente.

Houve um período que eu não estudei, mas fiz outras coisas (cursos de formação), mas sempre dependente dos meus pais, pois eu cá fora não tinha amigos para conviver e os meus pais, mais a minha Mãe que trabalhava e o meu pai não, tinham receio do mal que me pudesse acontecer.

Não me deixavam ir às compras sozinha, a minha cunhada Graça falava muito desta situação.

Mais tarde fui estudar outra vez à noite, 10.º e 11.º ano, até que quando eu tinha 28 anos a irmã da minha cunhada levou um tiro, eu senti-me mal, porque fui visitá-la, então fui levada para o S. João para o Magalhães Lemos para ser internada, mas fui continuando a estudar e mais tarde a trabalhar, mas andava sempre a ser internada.

Eu não conseguia decidir as coisas e então fazia “trinta por uma linha” para ser internada (tomava medicamentos, facões, enforcamentos) mas tudo como uma chamada de atenção.

Na adolescência e em Adulta tive mais alguns dissabores, com pessoas do sexo oposto, embora e felizmente nunca fui violada, nem me chegaram a fazer mal.

Também na minha adolescência caí ao rio, desde aí fiquei a ter medo da água, os meus pais só souberam quando tinha 30 anos.

Estando já a trabalhar também foi difícil eu relacionar-me com os meus colegas, pois fazia “queixa”.



Ilustração 1. Ilustração Passado de A

### **6.2.2 Momentos do passado de B.**

“a minha vida

o que eu gostava mais quando era criança era brincar a reca

porque quando atirava o espeto do outro ao chão ai depois mandava para longe e enquanto o outro ia buscar eu fugia para trás e o outro tinha que espetar três vezes nesse locale e ir acaçar-me e trazerme ás costas ate esse locale do jogo.

P.S

Tambem gostava de andar aos ninhos de melros para le tirar o filhotes e quando os tinha metiaos numa gaiola uma vez depois apanhei um melro ferido numa asa trouxe-o para casa tive aquele melro durante um a dois anos até que um dia apareceu morto dentro da gaiola.

P.S.

Tambem gostava de andar a cavalo tenho um cavalo eu gostava do maior eu gostava mais de andar a cavalgare e saltava o muro da lameira a cavalo porque ele corria tam de pressa que eu ficava encantado e cutente”.



*Ilustração 2. Ilustração Passado de B*

### 6.2.3 Momentos do passado de C.

“historia da

minha vida

ao longo do meu

cavalo branco

da paz e

sofrimento

fui muito feliz em criança, vivia com os meus pais e irmão fomos muito felizes, mas desde que o meu irmão casou a família de repente começou a desmonorar-se porque o meu pai se reteu no alcool mas eu ajudei com a ajuda dos médicos a recuperá-lo, pois o meu pai e eu como filha sofria muito, pois viu-o sofre e não pude fazer nada só lhe dava carinhos e conpeensão, o casamento dele estava a desmonorar-se cada vez mais para o fundo do poço, dado à doença do meu pai que sempre trabalhou e nunca nos faltou com nada. Era um paz de alma, mas o feitio da minha mãe era mau. Desde que o meu caso, eu fiquei como filha na casinha dos meus pais, tentei evitar discussões entre ambos, a família resmongava do meu pai pouco lhe ligava, o filho desprezava-o como ainda agora a mim despreza. Aos poucos eu ia levando o meu pai doente aos hospitais, até que soube pelo médico que o meu pai sofria de bronquite asmática, e levei logo às urgências e tinha os pulmões e o cérebro enfraquecidos.

Éramos gandes amigos, desabafa-nos os problemas um com o outro.

Quando mudei de casa para o bairro sobral, aconteceu o pior momento da minha vida, que foi receber a noticia em casa em que o meu pai se suicidou há 5 anos 23/8/07, e deixou uma carta Adeus amigos não culpo ninguém ao que vou fazer.

O meu pai e eu queríamos ver os netos e sobrinhos, mas a minha cunhada não deixava nem sequer falam com a minha mãe, ainda há pouco tempo descobri num rx à coluna

que a minha mãe fez que ela tem esclorose múltipla, neurose ansiose apelativa e osteopenia e osteoprose isso chocou-nos bastante e deixou-me bastante triste.

Devido à doença dela nos aproximamos mais, choramos ambas juntas lágrimas de sangue, a minha mãe tem uma de sofrimento e o nosso coração está de luto para sempre.

Depois da morte do meu pai estive internada 2 meses no hospital conde Ferreira, tive bastante apoio dos enfermeiros e outras pessoas que me apoiaram no Internamento e alguns doentes criei laços de amizade que jamais esquecerei. Depois de ter alta tive uma carta e foi aí graças a deus que vim para o Espaço t, tem e trazer a ficha ao Dr. W que hoje é meu Psicólogo, sempre tive o apoio dos utentes do et, dos funcionários, e técnicos e formadores do et. O meu muito obrigado a todos. Pois muitas vezes eu me sentia no fundo do poço e os utentes do et, me ajudaram a erguer com as várias actividades lúdicas e reflexão, dão-me mais força para enfrentar as dificuldades no meu dia-a-dia. Neste momento encontro-me numa fase de depressão nervosa, com tentativas de suicídio e esgotamento nervoso, em Agosto foi-me diagnosticado epilepsia mas está controlada até agora.



Ilustração 3. Ilustração Passado de C

#### **6.2.4 Momentos do passado de D.**

“As dores inexplicáveis aumentavam, dia a dia mais difícil se tornava a condução, ninguém na Escola me entendia como já no mês de Setembro dizia que estava cansada (e só dizia que estava cansada) certo dia, em vez (ainda antes do início das aulas) ir para casa fui para o Hospital e na Urgência fizeram-se análises, fiquei internada, estava separada do meu 2.º companheiro desde 1 de Maio e completamente só desde esse dia; até essa altura tinha tido 2 homens.

Durante o internamento fiz muitas análises e finalmente deram-me alta dizem-me que estava doente mas que poderia ser acompanhada em ambulatório e logo tive consulta em Infeciologia, no Próprio Hospital Santos Silva, quando a médica me disse que era HIV positiva, o mundo caiu à minha volta.

De seguida revelei a amigas, a famílias fui discriminada. A junta médica impediu-me de voltar a dar aulas, isto depois compôs-se mas já eu estava com muitos danos.

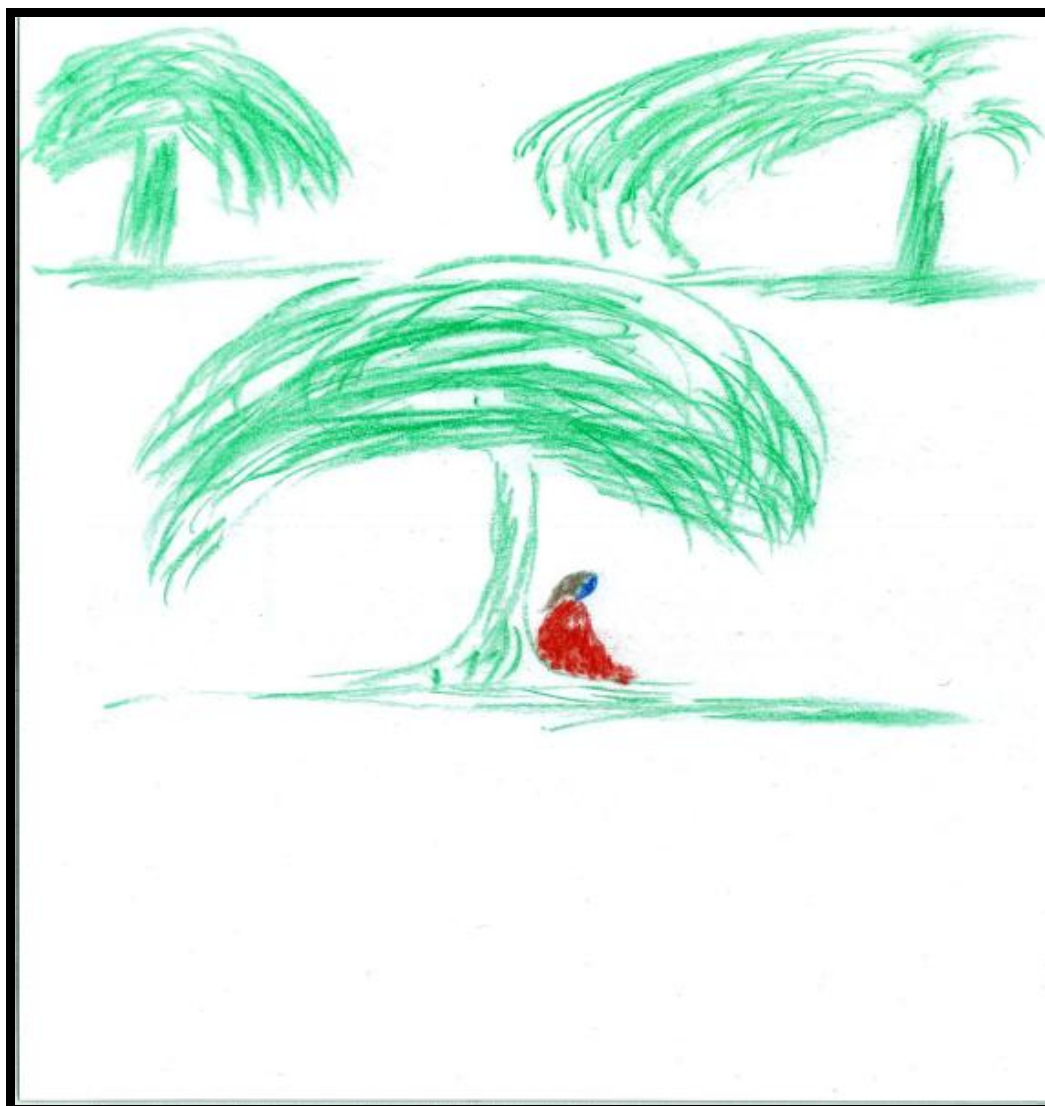
Mas foi a discriminação a que eu fui sujeita talvez dos piores momentos da minha vida pois não contribuí nada para ele, alguém me traiu e escondeu a mão.

Perdi tudo os meus amigos seriam?

Sinto que não, o amigo não abandona quando o outro mais necessita.

Deixei de conviver pois não tinha com quem, por isso cheguei ao Espaço t, aqui encontrei um bom grupo de amigos onde se pode falar, conviver e até encontrei um novo companheiro, que amo.

Esta foi a parte, uma das fases da minha vida mais dura, pois eu como professora lidava com miúdos portadores do vírus, mas eu (tive 20 anos com 1 primeiro companheiro que morreu, e vivi com este que me infectou 12 anos de quem me tinha já separado), ninguém me falasse jamais vir a ter esta doença”.



*Ilustração 4.* Ilustração Passado de **D**

### 6.2.5 Momentos do passado de E.

“A MINHA VIDA

Vou contar um momento que foi mau mas que também este o seu bom.

Foi quando tive o acidente de carro ou seja eu e o meu irmao mais velho vínhamos da escola (infantario) e eu atravessei a rua sem olhar e o carro chocou contra mim, o meu pai não nos pode trazer porque a minha avo que ja faleceu tinha tido uma tromboze e eu e o meu irmão tínhamos vívido sozinhos.

Fizemos uma corrida e eu para ganhar balanço tentei atravessar a rua mas o auto movel não deixou. A parte boa é que se não tivesse sido atropelado não teria feito muitos amigos no Espaço t”.

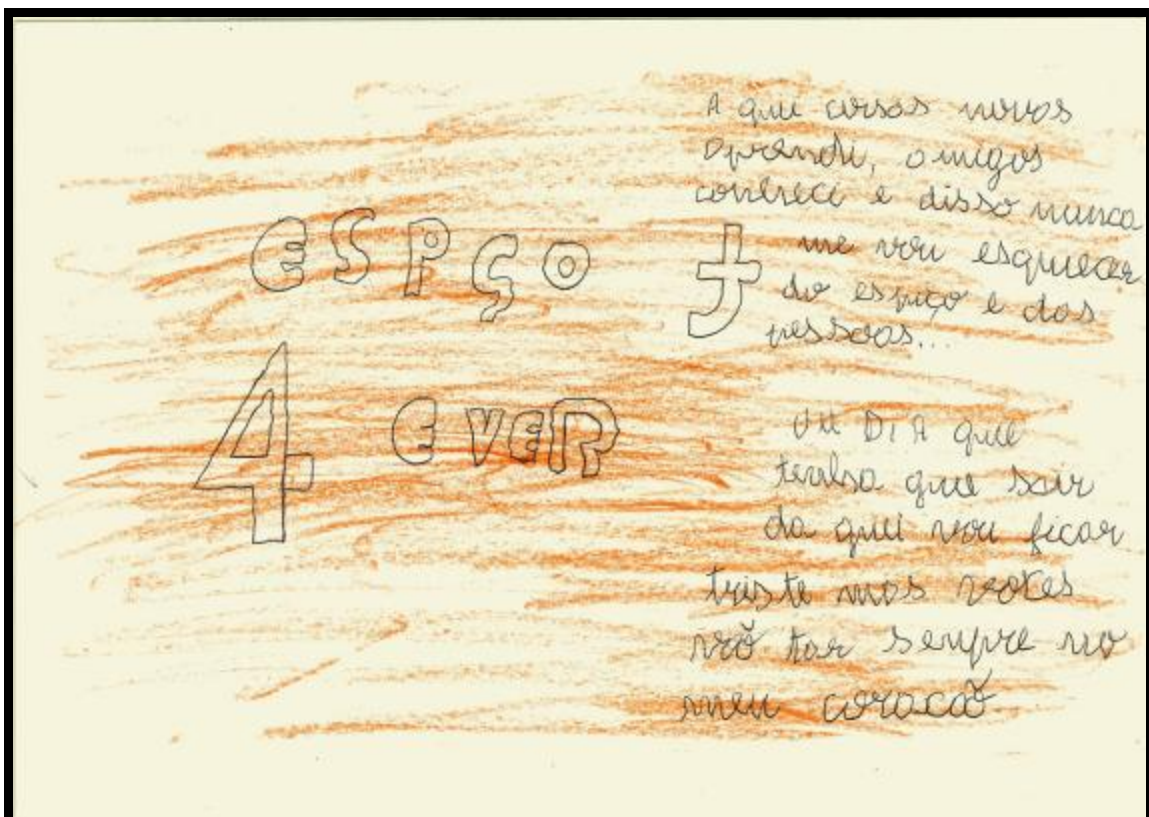


Ilustração 5. Ilustração Passado de E

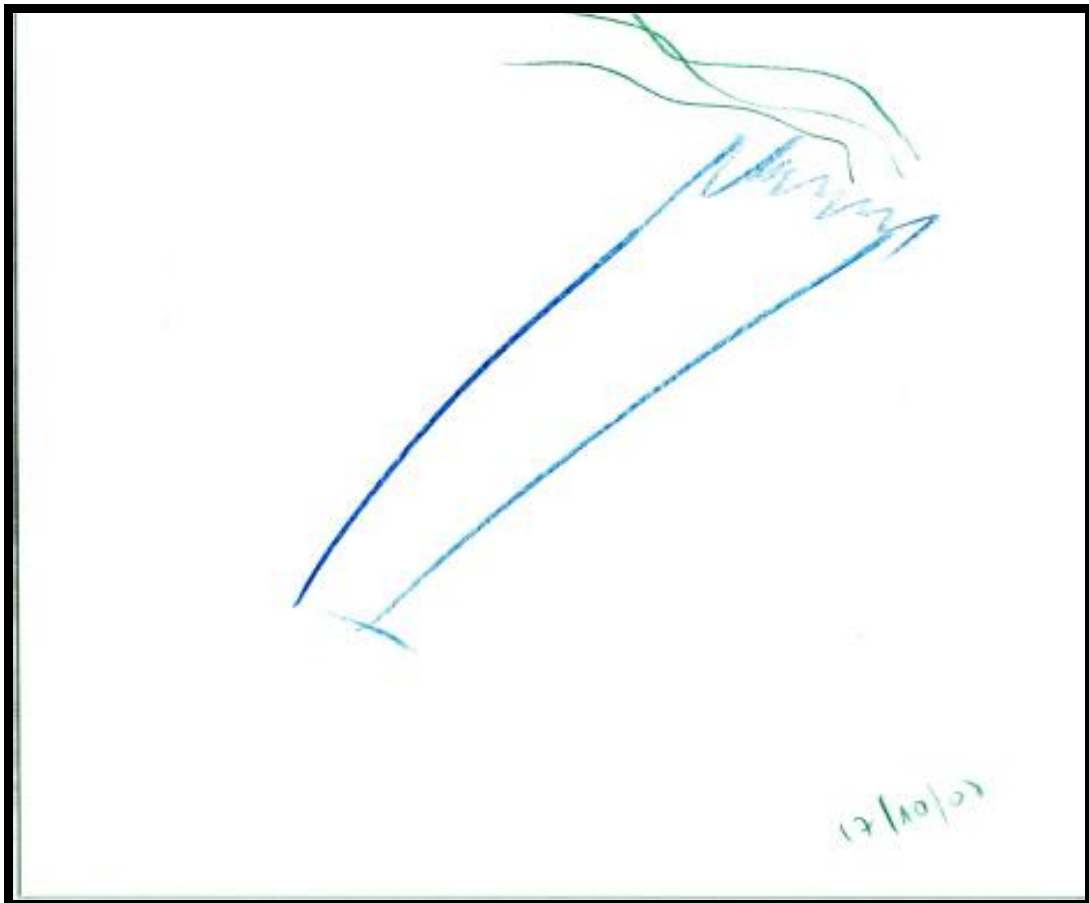
### 6.2.6 Momentos do passado de F.

“... São serca das quatro da tarde de um sabado como muitos outros saí do cinema com 4 dos meus amigos. Fomos como muitas vezes para a Quinta do Fojo. Á fruta ou às castanhas só que naquele dia foi diferente:

Fizemos uma pequena fogueira:

Assamos um chouriço cortamos às rodelas e toda a gente comia uma rodela e bebia a sua a sua cerveja e fumava o seu “charro” de erva e deitavam-se por baixo do castanheiro fazendo a sua viagem astral.

Os Anos foram passando”



*Ilustração 6. Ilustração Passado de F*

### 6.2.7 Momentos do passado de G.

“Discussão entre família. Desconfiava que o meu iramão andava metido na dogá. Eu guerra sempre dento de casa assistir. Eu sempre assistir as discussões fui saíndo de casa...Para a rua. Dicia o meu Pais. Fui encontrado como uma pessoa e que eu gostava e contassem que Eu apelhei uma doença grande no sangue o HIV... fiquei desamínada. Rvltada não queria miguém à minha veira, ficava sosinha a pensar na vida, que umais vês era Negativa outra era Positiva cando pessava menhore peisei seramente ficarea como a istória da ciderela a barre a casa.

Quer casam com a carochinha, que é bonita e apracia sempre qualquer coisa para impedir a minha vicidade.

andar por caminho inproprios da vida não estava contete.

fiquei com depreção. também ficava pretubada com tudo que ia contecedo.

ficava confuza como a vida que levava.

querinha que fosse melhor.

No pesente no pasado e no futuro.

Ouveia os melros a cantar.

Para passar a tencidade a vida.

Sentia socinha triste. Revoltada como tudo na vida.

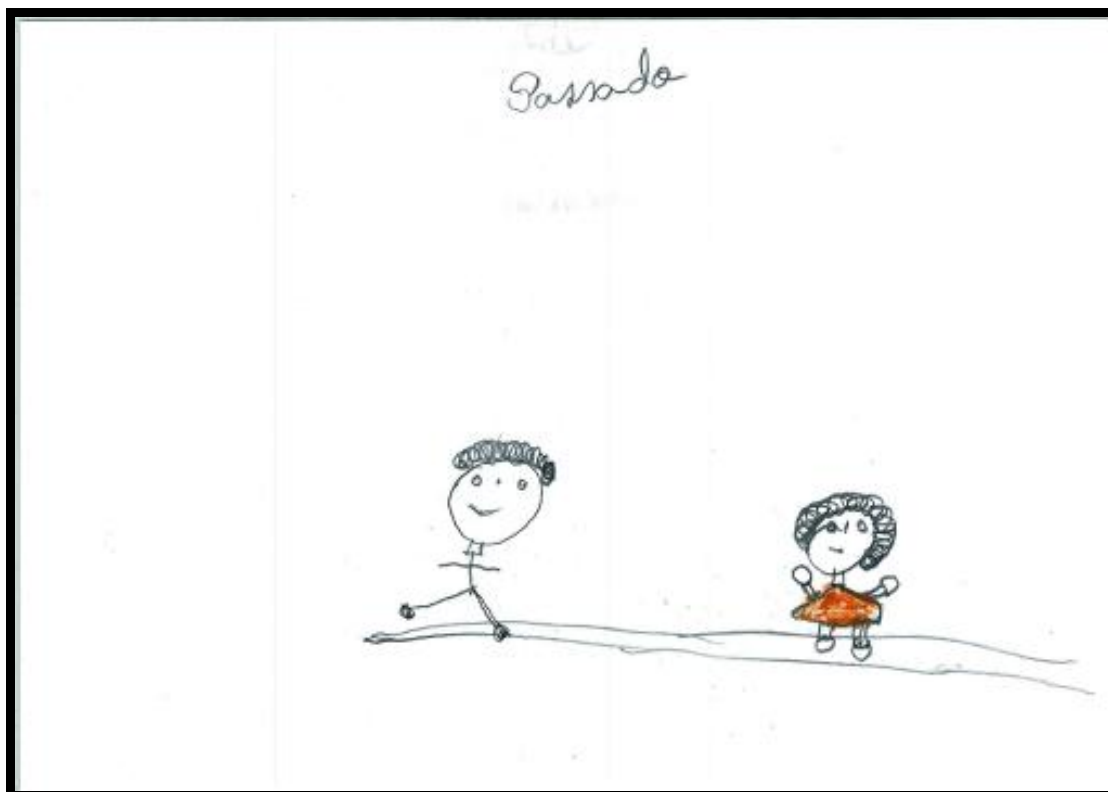
antete quero ver mais.

complicado esta confução toda centia a felita quando o meu irão cio de casa.

Era muito a garrada a ele. Depois comeceia a mamorare como uma meu mamorado.

Sentiam fraca donte tristaza amagora des desgostosa raseousa.

Viameme com muitos levelemas e o memos tempo doente”.



*Ilustração 7. Ilustração Passado de G*

### **6.2.8 Momentos do passado de H**

“Conto que a minha vida esteve muito má há 5 anos atrás porque estive internado no hospital na area de psiquiatria, porque me meti aonde não devia nunca me devia ter metido, foi durante “enquanto” eu andava na toxicodependência, consumia ax, erva, extasie depois deu-me uma psicose, foi quando me levaram para o hospital.

A minha vida desde aí quando me deu a psicose, nunca mais fui o mesmo.

Estou um bocado arrependido de me ter metido nas drogas porque não pensava que me ia dar uma psicose.

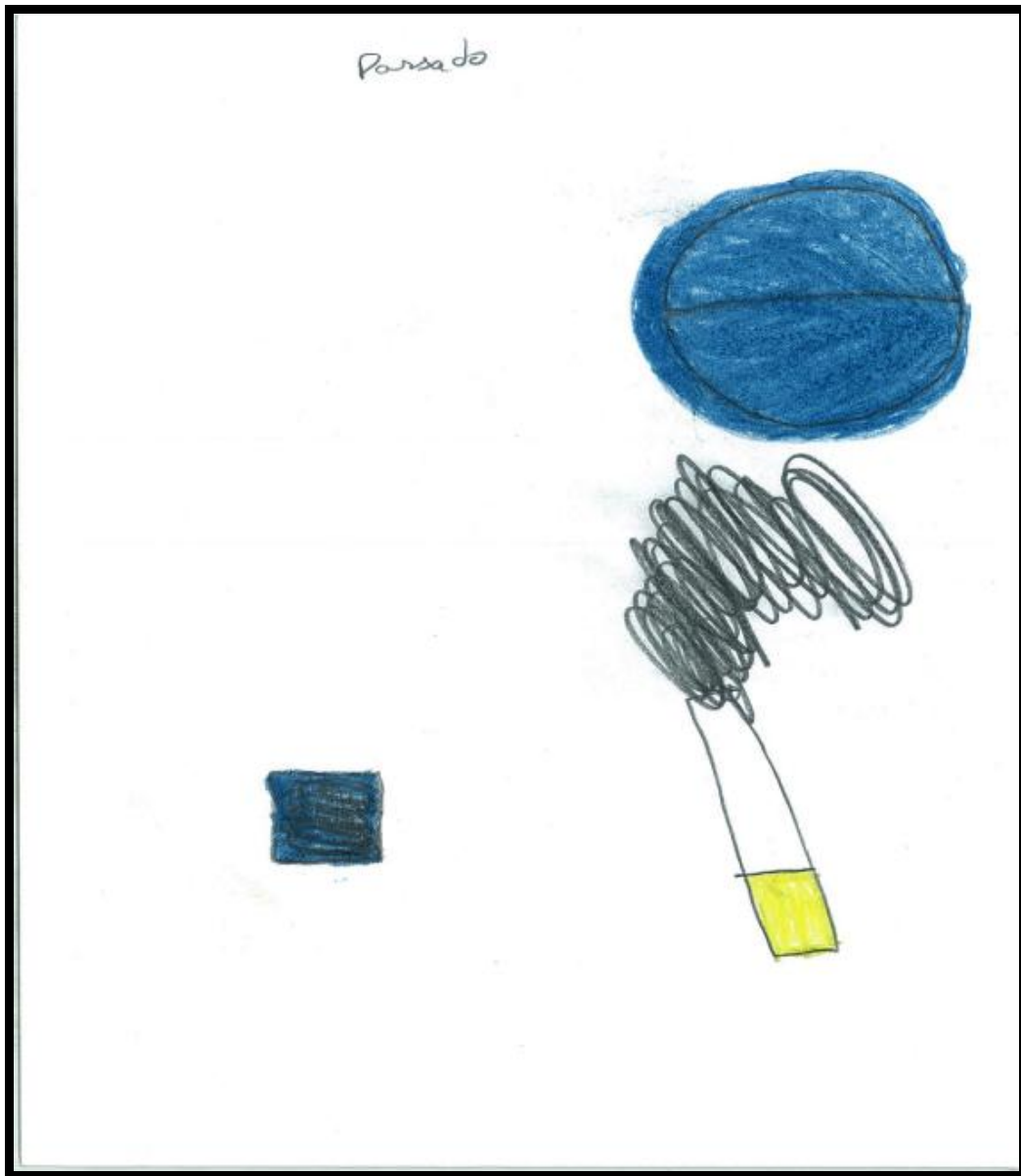
Agora sei que as drogas não me levam a lado nenhum porque só nos poêm doentes.

Agora espero que eu fique tratado das drogas para sempre e nunca mais me meter nelas.

Porque poderia ter mais saúde, um melhor futuro para mim se nunca me tivesse metido nas drogas.

Gostava de ter uma vida melhor para mim, um dia talvez até casar, ter filhos, uma mulher, um emprego (trabalho) mas para isso tenho que ficar bom duma vez por todas.

Se eu soubesse nunca me tinha metido nas drogas”.



*Ilustração 8. Ilustração Passado de H*

### 6.2.9 Momentos do passado de I.

“A minha vida dolorosa e passei ificolades sofri muito na vida tinha provolemas com a família. Nos ermos 7 ermos

Gosta brincadeira jogava abola estive osgotamento serval eu gostava breçar com os criaças. Sofrim muito

Tenho 37 anos os sofeliz Tenho saúde mos lembros muito do passado

Gora desde que entrei no Espaço t a minha vida menificou

Gosto meus irmos dasmos todos vem

Tenho Filicidades Amor-te mor para dar sinto bem nos espasso T

Tenho uma reformada de 25 € tenho para deisser tenho saúde alegria sou feliz”.

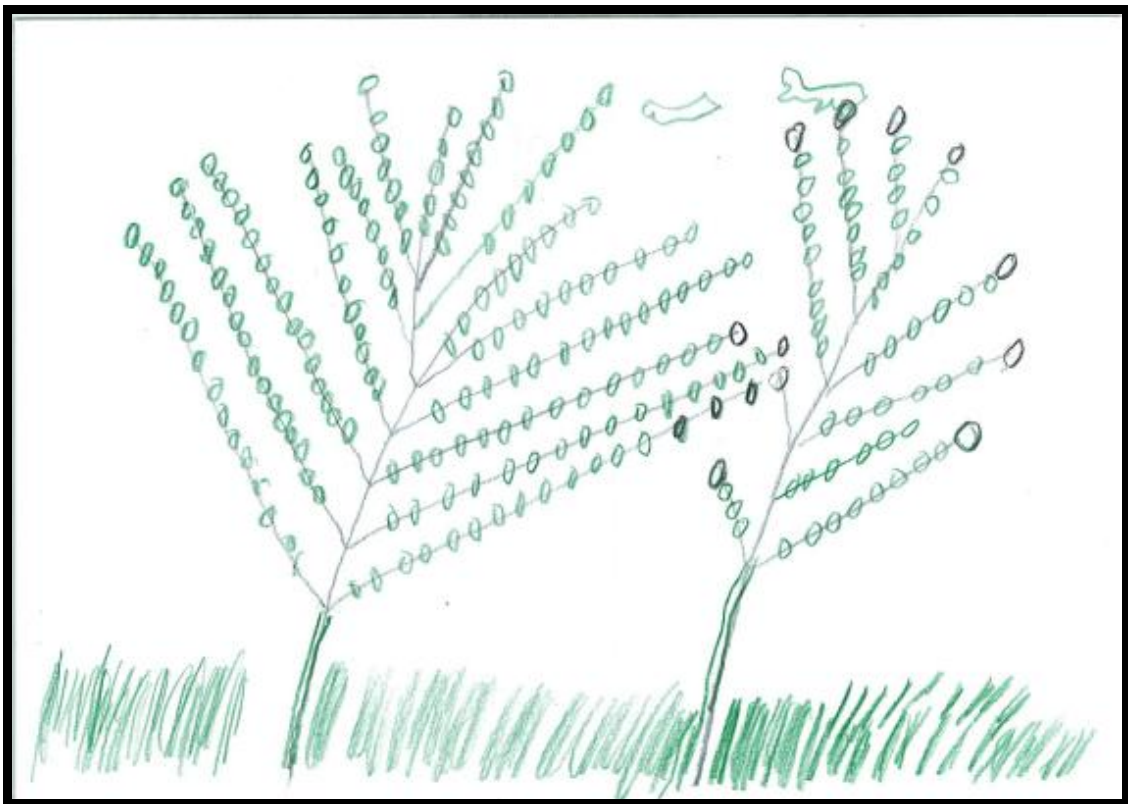


Ilustração 9. Ilustração Passado de I

### 6.2.10 Comentário às narrativas.

Ao reflectir sobre estas nove narrativas, nomeadamente sobre os seus passados, ficamos com uma sensação de impotência, tanta é a riqueza de emoções que apesar de estarem contidas sob a forma de caracteres, elas vão muito para além deles. São histórias perfeitas, de tão reais que são, histórias que podemos imaginar para além do que conseguimos ler e sentir. Todas elas possuem mundos muito diferentes, principalmente ao nível das suas competências cognitivas e mesmo ao nível das aprendizagens informais que adquiriram ao longo da vida; desde indivíduos com formação superior, a indivíduos reformados com visíveis estados de reduzida cognição. As palavras, as idades, as redes familiares, as culturas a que estão associados evidenciam essas diferenças. Mas muito há em comum; desejos de querer, desejos de conseguir, medos de não ter, sofrimentos tão diferentes, mas tão iguais, fazem destas histórias reais, uma realidade, muitas vezes, sofrida ao limite da angústia, do medo, ou até mesmo ao desejo da morte. Tudo aquilo que menos desejamos, enquanto seres humanos, passa pelas histórias destes homens e mulheres. Mas todos eles foram capazes de compreender, entender e não fugir, assumir o sofrimento como ponto de partida e início de algo que não sabem o que vai ser, mas querem e desejam que o seja. Em oposição à dor, que não a desejam, mas sentem-na.

Todos, apesar das suas particularidades singulares, possuem crítica e questionam-se, perguntam o destino, questionam o real, os “deuses” das suas culturas e claro questionam-se a eles próprios numa luta constante pela mudança, que querem ver surgir antes de ser impossível. Como refere **A** “...No passado eu em criança fui muito doente não aprendia, até que andei no S. João, Maria pia e Magalhães lemos por causa da aprendizagem, mas o meu problema era glandular e obsidade...”; **B** é o único que em toda a sua narrativa fala em coisas simples, da natureza, do seu mundo, sem complicações apesar de talvez as ter, e **C** refere “...Quando mudei de casa para o bairro sobral, aconteceu o pior momento da minha vida, que foi receber a noticia em casa em que o meu pai se suicidou há 5 anos 23/8/07, e deixou uma carta Adeus amigos não culpo ninguém ao que vou fazer...”; **D** de um momento para o outro percebeu que o mundo lhe caiu à sua volta ”...Durante o internamento fiz muitas análises e finalmente deram-me alta dizem-me que estava doente mas que poderia ser acompanhada em

ambulatório e logo tive consulta em Infecçciologia, no Próprio Hospital Santos Silva, quando a médica me disse que era HIV positiva, o mundo caiu à minha volta...”; **E** prefere ver o mundo de duas formas antagónicas “...Vou contar um momento que foi mau mas que também este o seu bom...”; e **F** não diz nada do seu sofrimento, mas mostra o caminho...Os Anos foram passando”.

Na narrativa de **G**, toda a sua história é um drama, uma verbalização levada ao limite de um sofrimento intenso. “...Fui encontrado como uma pessoa e que eu gostava e contassem que Eu apelihei uma doença grande no sangue o HIV... fiquei desamínada. Rvltolada não queria miguém à minha veira, ficava sosinha a pensar na vida...”; e **H** refere “...Conto que a minha vida esteve muito má há 5 anos atrás porque estive internado no hospital na area de psiquiatria, porque me meti aonde não devia nunca me devia ter metido, foi durante “enquanto” eu andava na toxicodependência, consumia ax, erva, extasie depois deu-me uma psicose, foi quando me levaram para o hospital...”.

Nestes mundos já duros e sofridos, histórias quase impossíveis de contar, e principalmente de viver, são histórias que apesar de todas estas situações limite, ainda conseguem revelar histórias de segregação e auto-culpabilização. Homens e mulheres colocados em “gavetas”, em espaços de um espaço que deveria ser livre. Homens e mulheres que deveriam viver essa liberdade e não sentirem-se continuamente reprimidos, julgados, privados de auto-estima, levados ao extremo da rejeição, ao extremo do não ser, sabendo que o são. Como refere **A** ”...as freiras vestidas de branco me puseram um lençol “mijado” às costas” e “...A minha Mãe dizia que eu tinha as mãos deformadas em relação aos dedos, que parecia uma monglóide”; e **B** continua a falar em pássaros e melros e na natureza. Talvez fale do que não sente, para não sentir mais ou a natureza é o seu refúgio imaginário; e **C** diz ”...como ainda agora a mim despreza...”; e **D** sente uma revolta enorme por um dia ter sido professora também de seropositivos e agora passar a ser um deles, e diz ainda ”...Perdi tudo os meus amigos seriam?...”; e **F** define por palavras contidas um grupo, um subgrupo que sabe sê-lo secreto da Quinta do Fojo que faz coisas diferentes, que a sociedade rejeita ”...Á fruta ou às castanhas só que naquele dia foi diferente...”; e **G** imagina mundos que lutam como o seu, compara o seu mundo ao da Carochinha “...Quer casam com a carochinha, que é bonita e apracia sempre qualquer coisa para impedir a minha

vicidade...”. ; e **H** consegue culpar-se do mundo em que entrou “Se eu soubesse nunca me tinha metido nas drogas”.

Mas estes seres tão diferentes, tão únicos, onde uns sofrem mais (alguns de uma forma mais intensa, quase dramática), outros sublimam esse sofrimento, preferindo recriar um mundo mais calmo, mais leve, quase poético apesar de o saberem também dramático.

É nestes passados já contados no presente, alguns, quase todos preferem acabar o passado, a contar o presente e do presente desvalorizar essa vida dura, mas cheia de amor para dar e vidas para viver...e alguns começam mesmo a falar da influência dos grupos arte e das coisas que lá conquistam, dos amores, aos amigos, às forças que aparecem, ao encontro com outros e aí criam novos espaços para um novo recomeço.

Todos eles se encontram

“em processo de crescimento, de metamorfose, também ao nível do olhar, do interpretar e ler o mundo, viajando de corpo e alma, em posição e em situação. O sujeito orienta-se com a sua própria bússola no labirinto do Livro que é a Vida. No meio das palavras, de páginas abertas e fechadas, na biblioteca de imagens que um só objecto caleidoscopicamente é capaz de produzir...” (Malpique, Pinheiro & Jardim, 1999, p. 27).

Quase a esquecer o passado, começam a revelar o futuro, como refere **A** ”...mas com uma melhoria muito grande...”; e **C** diz ”...Depois de ter alta tive uma carta e foi aí graças a deus que vim para o Espaço t, tem e trazer a ficha ao Dr. W que hoje é meu Psicólogo, sempre tive o apoio dos utentes do et, dos funcionários, e técnicos e formadores do et. O meu muito obrigado a todos. Pois muitas vezes eu me sentia no fundo do poço e os utentes do et, me ajudaram a erguer com as várias actividades lúdicas e reflexão, dão-me mais força para enfrentar as dificuldades no meu dia-a-dia....” ; e **D** refere ”...Deixei de conviver pois não tinha com quem, por isso cheguei ao Espaço t, aqui encontrei um bom grupo de amigos onde se pode falar, conviver e até encontrei um novo companheiro, que amo...”; e **E** refere ”...A parte boa é que se não tivesse sido atropelado não teria feito muitos amigos no Espaço t”..

A importância do grupo, o conforto dos pares, o conforto de não se estar e não ser só num mundo de muitos, um simples olhar, ajudou-os a encontrar o seu espaço num espaço de todos, “...num espaço propício ao encontro consigo; propício a um convite que tem que ver com a situação em que está, um solicitar de rever coordenadas no seu mapa de existência” (Malpique, Pinheiro & Jardim, 1999, p. 35).

Nas ilustrações conseguimos ver para além da escrita, muitas vezes é possível imaginar que as imagens projectadas no texto não correspondem à imagem real que eles têm de si, como em **A** que se assume “matulona” e se auto-retrata na ilustração de uma forma quase feliz e harmoniosa. Mas outros, conseguimos ver reforçado o texto como reforço de certezas e verdades contadas, como **B** que gosta de pássaros e se pinta também pássaro e **C** que assim como no texto mostra a sua revolta intensa e dramática, também na ilustração, carrega traços, cruza linhas, escreve palavras duras e frias como a sua vida; e **D** que se veste de negro assim como no texto, rodeada de árvores, onde ela é única, apesar de na sua narrativa falar de um novo amor que ama; e **E** que ilustra com palavras as alegrias dos seus pares dos grupo arte, esquecendo até o acidente; e **F** que em cinco traços tenta dizer tudo o que não disse mas começa por dizer; e **H** que tendo consciência da doença e dos erros que diz seus, reafirma a negro, carregando essa dor, esses medos, essa angústia; e **G** que apesar da dureza de toda a sua narrativa, continua a manter alegria na sua imagem, com traços simples tenta mostrar essa alegria com dois seres, embora separados por espaço de nada como na história.

Passados duros, quase impossíveis de acreditar, mas são histórias tão reais como as imensas que todos os dias acordam e tentam viver pensando que o amanhã pode ser melhor. Como estes homens e mulheres que assim tentam o fazer, querendo acreditar que o passado acaba, quando o presente surge e este dia foi só uma entrada sofrida nesse espaço que já tentaram fechar definitivamente, embora às vezes eles gostem de lá voltar para rever e abrir esse baú de histórias que apesar de tudo também são a sua história. Como se visitar o passado permitisse uma “re-arrumação” de questões mal resolvidas – as pessoas e as suas circunstâncias; os pedaços das suas histórias encaixam-se em harmonia, fazendo sentir e desimpedindo o caminho para o futuro.

### **6.3 O Presente é Já, Antes que Passe a Passado**

#### **6.3.1 Presente de A.**

“Eu tenho de olhar mais por mim, tenho que pensar mais em mim, tenho que não me preocupar não preocupar com os problemas dos outros tanto como me preocupo.

Este ano de 2007 foi um ano ou está a ser um ano diferente.

É um ano de mudança, de querer mais e melhor.

Eu há 5 anos para trás, eu tinha tentativas de suicídio, e cheguei a ter na própria terapia e no próprio internamento. Então a terapia neste momento, trouxe-me à lembrança estes maus momentos que eu passei lá, e estava a vivê-los todos os dias presentemente.

Lembro de há uns anos atrás tive que ir para o hospital no 112, pois eu tive a fobia de não querer ir para casa, pois eu ao outro dia não queria ir para a terapia, enfrentar as mesmas situações: situações de dependências, de suicídio, de medo de enfrentar, da confusão de estar com aqueles doentes alguns muito graves, para mim era muito difícil.

O Assistente Social do hospital telefonou para a enfermeira do hosp. M.L. disse o que estava a passar, e eu saí da terapia, mas foi muito difícil pois eu já estava dependente.

Eu estava ansiosa pela minha autonomia, pois dependente estive muitos anos da minha vida.

Agora, vou lutar para uma vida melhorar, também irei fazer uma formação e continuação de Voluntariado, para estar só num sitio, não estar dependente e estar mais ocupada.

E vou tentar olhar mais por mim, porque eu sei que sou capaz”.

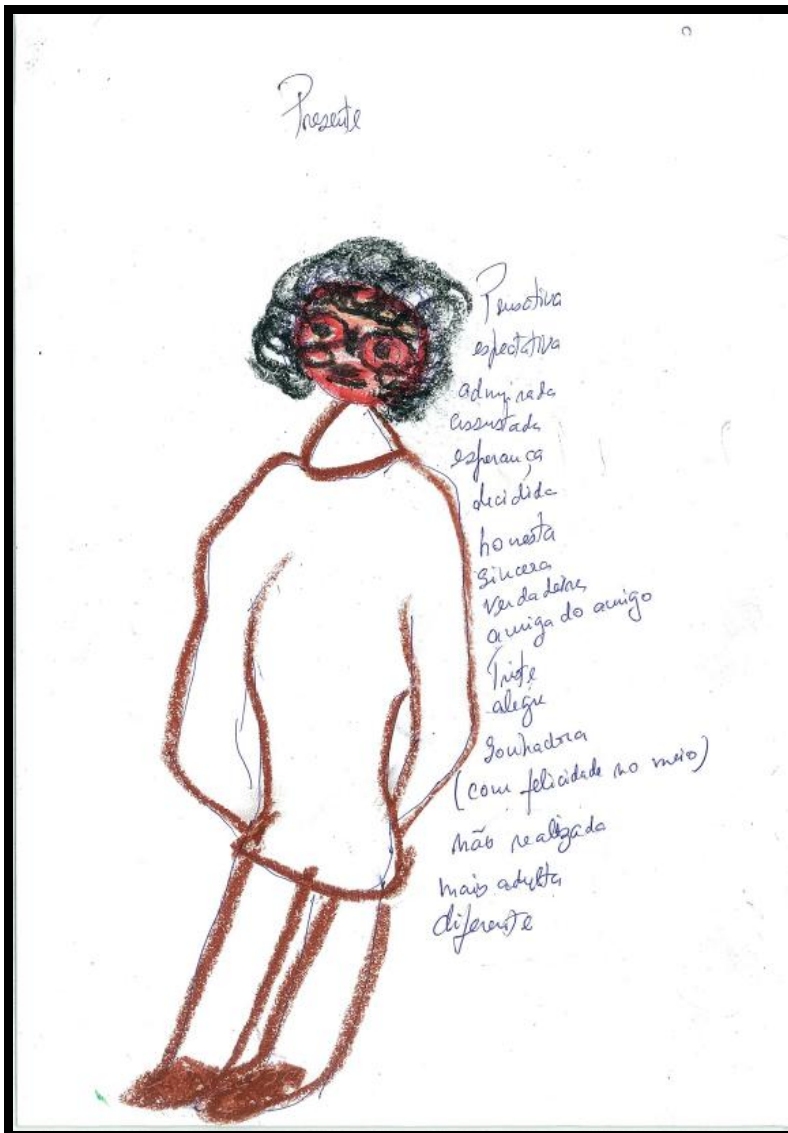


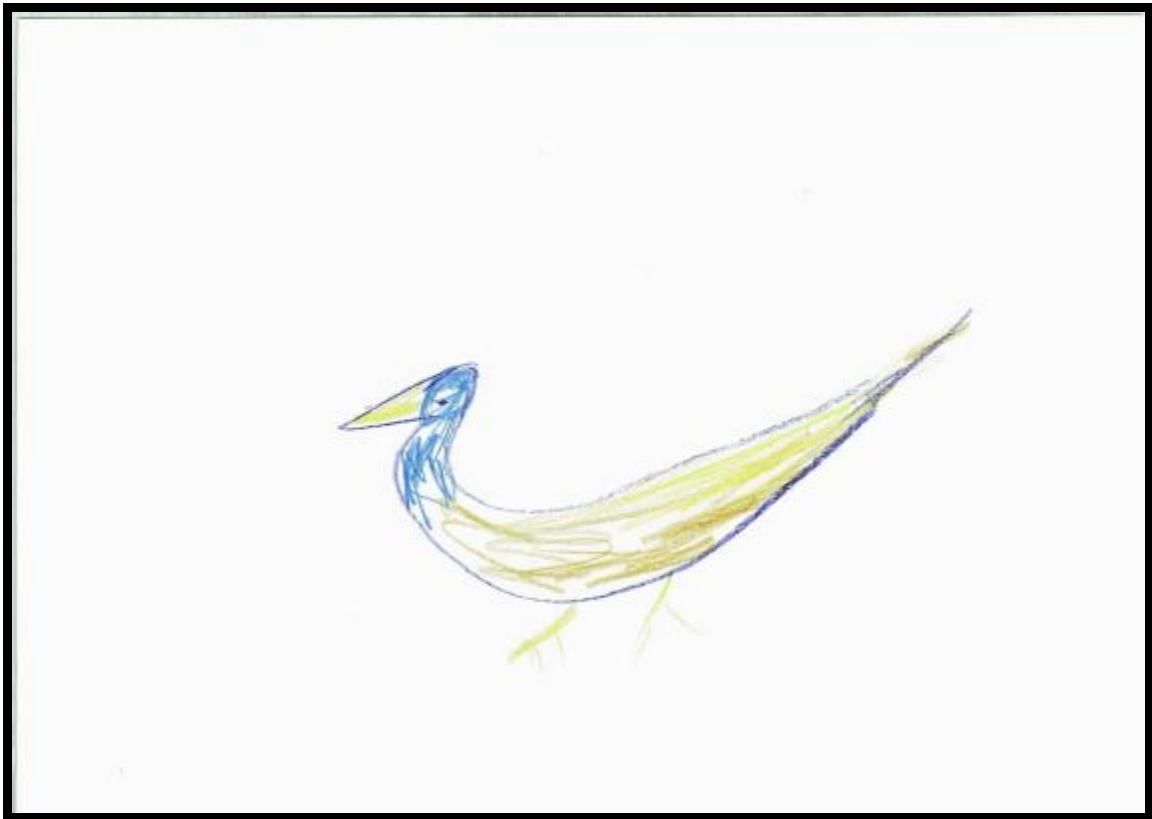
Ilustração 10. Ilustração Presente de A

### 6.3.2 Presente de B.

“No fim de 2005 fiz uma exposição, na galeria do Espaço t, a qual teve algumas telas minhas, ao qual eu dei o nome de Alerta.

Era para avisar as pessoas por causa da Natureza.

Na qual tinha uma tela que representava um incêndio e tinha incajurado um pássaro, que levava um balde nas patas e o balde deixava cair agua sobre o fogo, isso queria avisar as pessoas que até os pássaros ajudam a natureza. Porque a natureza é feita por arvores, água e se destruímos isso estamos a destruir a natureza e a nossa própria vida.”



*Ilustração 11.* Ilustração Presente de **B**

### 6.3.3 Presente C.

“No ano de 2006/2007 → por vezes tenho muitas dificuldades em compreender a minha mãe, sou agressiva para com ela, nos gestos, sou dura nas palavras, chamo-lhe nomes que sei que não deveria chamar, estou agora em 2007 a passar um momento muito difícil da minha vida que a minha mãe tem uma doença crónica ostoprose e esclerose multipla no cerebro afectou-lhe as celulas cerebrais mas fala Graças a Deus, eu chego a casa ela insulta-me bate-me, e eu choro conclusivamente e sinto-me culpada e fecho-me no meu quarto e no escuro sei que ela tem razão pois é de idade e é um ser humano idosa que já percorreu por caminhos difíceis na vida dela, há dias que nos falamos outros não e eu culpo-a da morte do meu pai que morreu há 5 anos, fez agora em Agosto 07 e nesta altura infelizmente tive só o apoio moral da minha vizinha, pois foi a transladação do corpo do meu Pai → os coveiros abriram a campa do meu Pai e eu não tive coragem mas vi mas logo desmaei e não recuperei, mas naquele vi o meu pai vivo e é o meu anjo da guarda e um sonho como foi sempre em vida alegre bem disposto amigo do proximo da família, estava sentado na campa com a cruz no peito e o terço da nossa senhora de Fátima nas mãos sagradas do meu santo pai. logo fecharam e a minha mãe ficou na secretaria mas desmaiou parecia que antes de que eu não tive coragem de lhe contar o que tinha visto ela desmaiou nos meus braços chamaram o Inem 112 no cemitério prado do repouso onde o meu pai está enterrado quando nos disseram que o meu pai já não se para aguentar iria ficar mais dois anos na campa onde está agora o Inem nos examinou e estávamos assustados. Fomos directas para casa mesmo assim a minha mãe naquele momento mais difícil da minha vida, foi rude e áspera não me deu atenção eu culpei-a da morte do meu pai de suicidio no caminho pois ele deixou a dizer não culpo ninguém do que vou fazer meus amigos não falou na familia derivado a minha mãe estragou o nosso lar, pois eu dava-me melhor com o meu pai que era o meu heroi preferido e real era carinhoso e compessivo e disse quando nasceu o meu irmão os meus pais ficaram muito felizes, o meu irmão é que me ensinou a andar.

Quando eu nasci a minha mãe recusou à nascença mas o meu pai antes de eu nascer disse à minha mãe ana eu quero uma menina então mais tarde, nasci. Só o meu pai e tios que eu sou transmontana é que ficaram felizes com o meu nascimento. hoje estou viva graças ao apoio de todos os utentes, funcionários, formadores e o Dr P Sr presidente do

et do apoio que me tem dado. Mas neste momento ando muito depressiva, tenho andado a pensar em tentativas de suicídio, no mau ambiente em casa, pois a minha mãe disse-me era melhor que não tivesses nascido e ficasse só eu com o teu irmão, neste momento não quer saber da mãe nem a minha cunhada nem netos, nem a família dela nem a família minha do meu sangue, de Constantim Vila Real onde tenho vários familiares que dão contacto através de telemóvel. A minha mãe não me compreende que eu quero seguir o meu percurso de vida no et.

Ela é má e eu como tenho epilepsia, não é desculpa, para me meter na rua, e estou em tribunal que ela fez queixa, no tribunal em violência doméstica, mas ela já retirou a queixa. Mas a CMP quer e tem baixos assinados, e querem tirá-la de lá, ordem de despejo, por ela perceber os erros, quero viver sozinha ter a minha independência não posso trabalhar ela usa-me quando precisa humilha-me, e quer-me pôr fora de casa, já recorri sozinha, a percorrer mais informações da segurança social, para ter apoio complementar, mas eu estou sozinha como um ser humano que sou, vivo revoltada nesta sociedade nem toda, pois só nos olham de lado e como malucos vai para o hospital Magalhães lemos e ao conde ferreira ou o HS João

neste momento não sei porquê ando revoltada a nível sentimental nunca consigo ter uma relação certa porque sou e nunca consigo e quero ajudar mais os outros eu sei que todos têm os problemas. mas eu hei de conseguir batalhas e força”.



*Ilustração 12. Ilustração Presente de C*

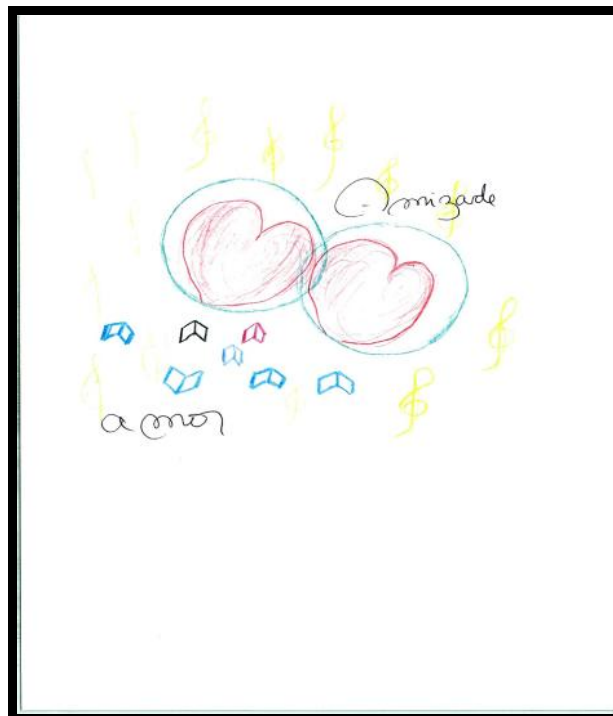
### 6.3.4 Presente de D.

“Estando eu sozinha, porque me separei, no ano do 2002; em 2006 encontrei um colega que me fez ver que a vida era muito complicada mas havia sempre uma luz, este colega e amigo estava no Espaço t era e é o T. tornamo-nos amigos inseparáveis, tínhamos muitas dificuldades económicas, e no que podíamos ajudavamo-nos.

Até que a amizade tornou-se em amor e começamos a viver juntos, há quase 2 anos que vivemos assim, temos sidos felizes, mas há sempre muitas arestas para limar, mas a felicidade compõe-se de pequenos momentos que vão passando na nossa vida.

Fico feliz com a saída dos livros que o Mendes escreve.

Por vezes olho para mim e espanto como ainda tive coragem para depois de ter sofrido algumas agruras, experimentar uma nova vida a dois, e pergunto se “valerá a pena” até hoje digo que sim e uma vida a dois não é um mar de rosas, há de tudo, há que ajustar, mas, este foi o acto mais importante da minha vida e que se passou após ter estado muito doente e ter vindo para o Espaço t e com um utente do Espaço t”.



*Ilustração 13. Ilustração Presente de D*

### 6.3.5 Presente E.

“Uma grande amizade

Hoje dia 15 de Novembro eu fui a escola tecnico profissional de gaia e vi la uma amiga minha, ela e gira e enteligente e eu como não sou rapaz de resistir a uma miuda assim perguntei-lhe se ela não queria andar cmg ela virou-se para mim e disse para ja não mas olha quero ser sempre tua amiga.”



Ilustração 14. Ilustração Presente de E

### 6.3.6 Presente F.

“Nesta nova face da minha vida foi uma autentica reviravolta. Logo após a minha separação: começou uma nova relação que foi muito rica em Amor, Partilha, inter – ajuda: com altos e baixos foi e é como se estivesse a começar uma nova vida: Mas não fico por aí consegue neste ano o lançamento de dois livros Milinda e Sentimentos nunca seria possível se não tivesse o Apoio da minha Amada e Companheira. Tem me dado muita força para tudo principalmente para não disistir de viver.

Só nestes ultimos dois anos e consegui sentir o sabor dumas férias diferentes, do empenhamento mutuo, ate do saborear a companhia do café e todas as refeições juntos partilhamos Bons e Maus momentos.

A Alegria e a tristeza

Tudo partilhamos

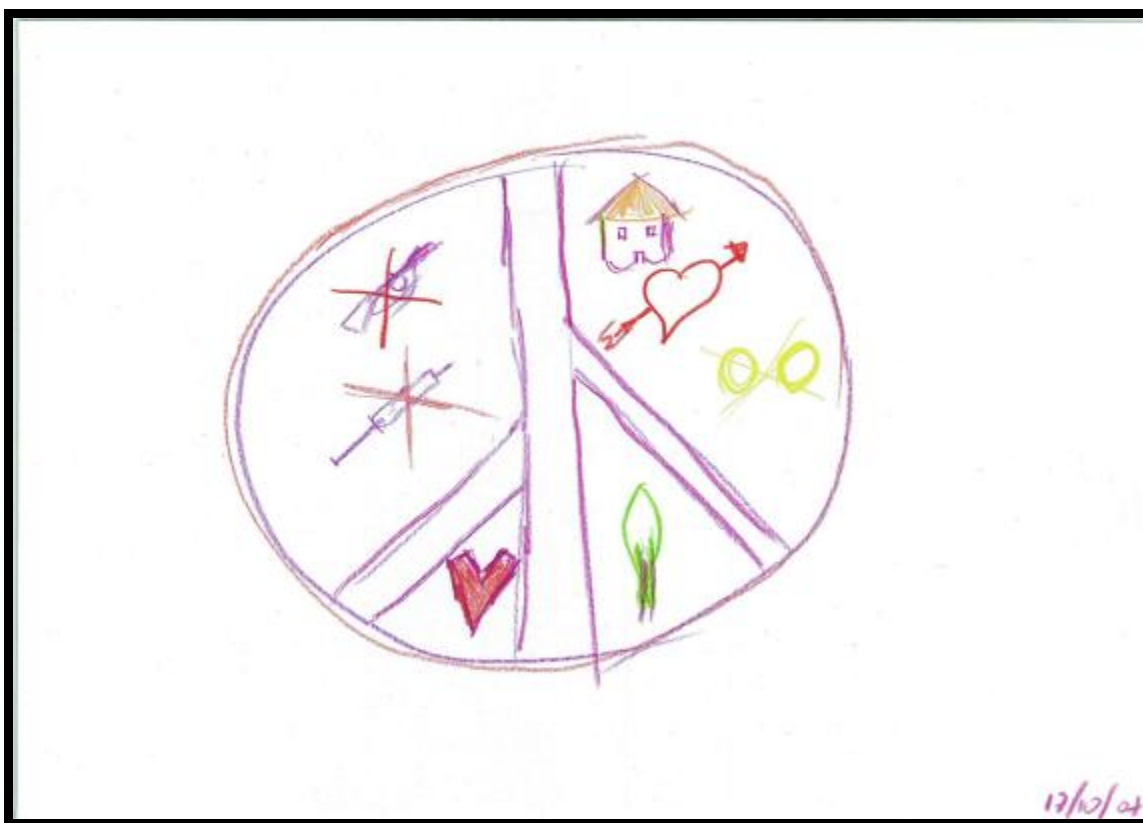
Mas eu tenho a certeza

Pois nós dois nos amamos

Sofri, Lutei, Dei a volta por cima tenho conseguido muito dos meus objectivos, e partilha-los.

Nota: ainda este ano vão sair mais 2 livros Reviver o Passado – Fonte de Luz com um lançamento que sempre idealizei.

Sem mais de momento”.



*Ilustração 15.* Ilustração Presente de **F**

### 6.3.7 Presente de G.

“Dia de Maio, dia que fazia anos tife uma relação espezialle com uma pessoa que eu gostava muito dia 16 de Maio.

Fiquei mais gorda fiquei.

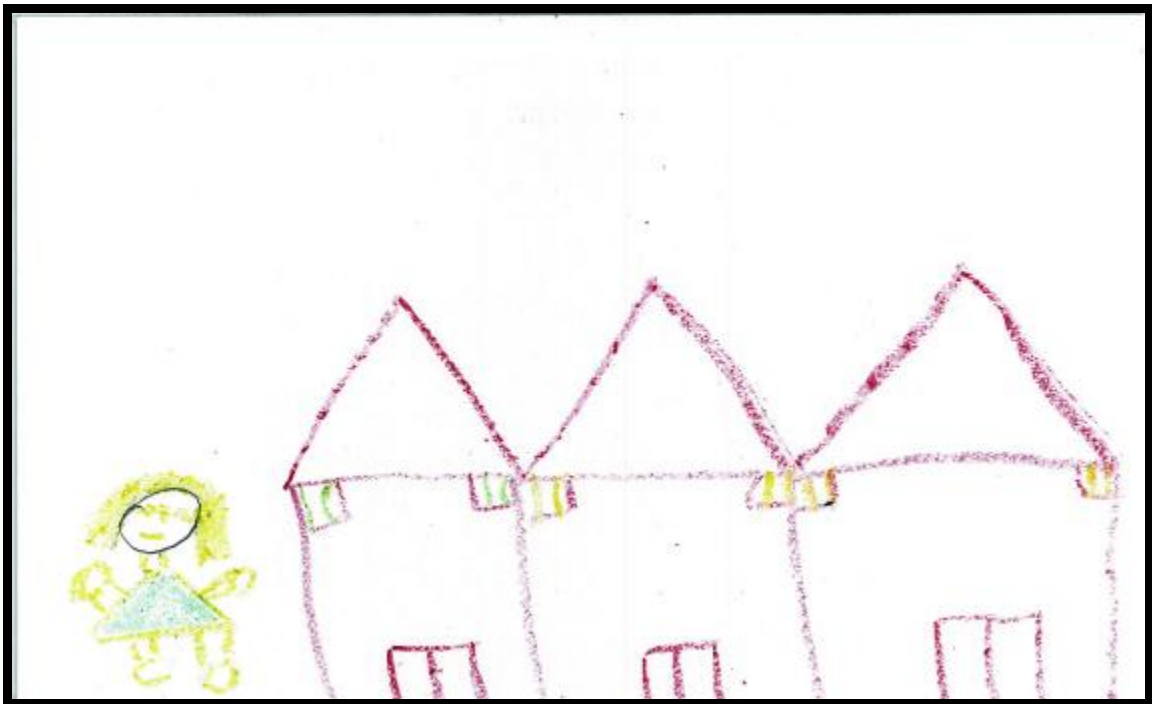
Com um filho do meu namorado que me tinha engravidado. Não podia ter o filho.

De pois o tempo fosse passando fique com 2 meses e meio.

Tive de fazer um abroto e pore um empelante. E tive a chuda da mamela nos momentos que eu estava trisete. Como se não tivesse acacantessedo o amor.

Como a pessoa que eu gostava, palavras carinhozas, gestos carinho.

Bonviver como os amigos e a migas dos Espaço t”.



*Ilustração 16.* Ilustração Presente de G

### 6.3.8 Presente de H.

“O meu Presente é o ESPAÇO T veio me ajudar muito porque é sinal que não estou em casa sem fazer nada e distraio-me muito a vira para o ESPAÇO T.

Tem contribuído para a minha felicidade, conhecido muitas pessoas novas, e que me, têm ajudado um pouco. Neste momento o meu presente tem sido óptimo porque não me tenho metido em nada de drogas e sinto-me a melhorar da doença, que eu tenho, a psicose e princípios de esquizofrenia. Por outros lados está mau porque tenho um avô muito doente no hospital. Isto é o meu presente. Tenho no meu presente umas coisas que me têm atormentado a minha cabeça e umas pequenas dúvidas e cismas que são as videntes, bruxas e a igreja do Reino de Deus. Gostava de esquecer as videntes e as bruxas e a igreja do Reino de Deus e o que essas videntes e essas bruxas me fizeram, a mim e a igreja do Reino de Deus o que essa igreja do Reino de Deus me fez a mim, gostava de me ver livre das videntes e das bruxas e da igreja do Reino de Deus e do que eu fiz lá na igreja do Reino de Deus, e do que eu fiz nas bruxas e nas videntes, e por o contrário. Também gostava de me ver livre do que as bruxas e as videntes e a igreja do Reino de Deus me fizeram a mim. Era bom para o meu presente”.

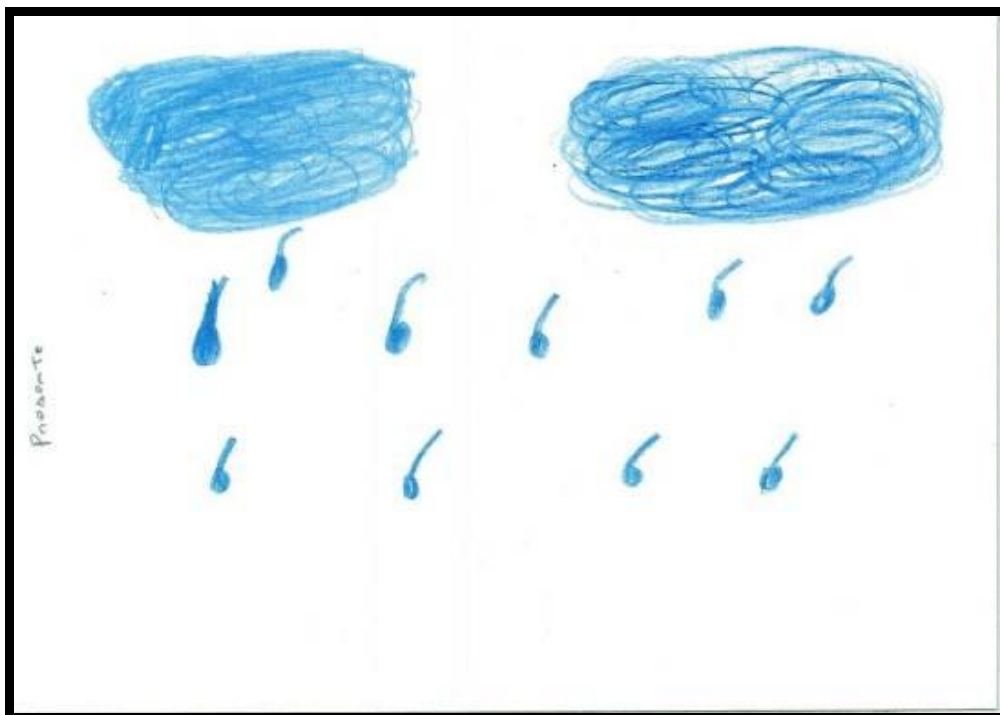


Ilustração 17. Ilustração Presente de H

### 6.3.9 Presente de I.

“Passo espaço t uma covivo com os meus colega sinto nem passar bem legria Amor – para dar tenho muito algria quero quer ir para bem espaço - T

Gosto comviver com uns meus colegas temto molhorar no espaço T

Alegria bem desse-te modar a aminha vida Espaço T seicrever esta minha

No meu entreor ir para ferent a meu vida esta no espaço T”.



*Ilustração 18.* Ilustração Presente de I

### 6.3.10 Comentário às narrativas.

Falar do presente será talvez o mais difícil, para estes homens e mulheres, pois é o agora, o presente, o que ainda sentimos e não podemos recriar nem recordar. É o agora, o momento, o real, das memórias recentes ainda sem tempo para sonhar.

Estes homens e mulheres continuam as suas histórias, agora aparentemente mais positivas, menos dramáticas, contudo ainda sofridas, pois os ciclos vitais continuam-se e transformam-se, recriando-se sem nunca se anularem. Os problemas estão lá, apesar de os conseguirem elaborar, construindo um novo ser, conseguem ver mais além e sair desse sofrimento limite. Utilizando as metodologias dos grupos arte e deixando libertar todas as suas capacidades muitas vezes adormecidas, conseguem-se recriar de diferentes formas, pois também eles são diferentes e únicos.

Percebemos que o presente passa depressa e amanhã, o hoje já é passado. Por isso querem viver tudo de forma positiva e construtiva, muitas vezes sem pensar no futuro, pois esse pode não existir ou voltar a ser como o passado.

O indivíduo A consegue elaborar e dizer que tem que lutar ainda muito e pensar nela como elemento fundamental "...Eu tenho de olhar mais por mim, tenho que pensar mais em mim, tenho que não me preocupar não preocupar com os problemas dos outros tanto como me preocupo...", apesar disso neste seu presente, ainda tem o passado muito pouco apagado. O passado que lhe fica sempre na memória, recorda, embora a faça sofrer "...Eu há 5 anos para trás, eu tinha tentativas de suicídio, e cheguei a ter na própria terapia e no próprio internamento. Então a terapia neste momento, trouxe-me à lembrança estes maus momentos que eu passei lá, e estava a vivê-los todos os dias presentemente...", mas finaliza "...E vou tentar olhar mais por mim, porque eu sei que sou capaz".

Ela entende que está motivada e é dela que tudo parte e que tudo surge e quer ir mais além, dar aos outros aquilo que também ela quer.

Na sua ilustração do presente e contrariando a do passado auto-retratasse numa mulher quase sem linhas, onde o corpo parece ter menos sentido, por isso dá-lhe formas com

adjectivos e coloca-os como símbolos, que por vezes se antagonizam, mas caracterizam-na como ela se vê e sente.

Na história do indivíduo **B** o seu mundo contínua o mesmo, sempre o mesmo, um mundo de pássaros, de harmonia, de paz; apesar disso no presente ele deixa de ser o utilizador da natureza, para utilizar a sua arte como estratégia de fazer sentir aos outros a função dessa mesma natureza e também para mostrar a sua arte, começando mesmo a lançar alertas aos outros, está consciente do seu papel. Passa de um ser adormecido para um ser proactivo, motivado, onde através da sua arte ele quer ter um papel fundamental nesse mundo que é de todos, mas também é dele. Como refere **B** “...No fim de 2005 fiz uma exposição, na galeria do Espaço t, a qual teve algumas telas minhas, ao qual eu dei o nome de Alerta...”. e diz ainda “...Porque a natureza é feita por arvores, água e se destruímos isso estamos a destruir a natureza e a nossa própria vida”.

Quando desenha o presente também o transforma de um colectivo de pássaros, para agora cria um só embora de linhas simples tenta-o definir como se tenta definir a ele.

Mas **C** continua as suas lutas familiares, as suas angústias, os seus medos, continua a falar da morte dos seus sofrimentos. Apesar disso começa a elaborar um novo mundo, mesmo que esse não seja compreendido pela mãe. Um mundo de outros com ela, um mundo de grupos, de seres que a apoiam “...hoje estou viva graças ao apoio de todos os utentes, funcionários, formadores e o Dr P Sr presidente do et do apoio que me tem dado...” e “...A minha mãe não me compreende que eu quero seguir o meu percurso de vida no et”. Quando **C** retrata o presente, apesar de toda a dor e angústia e mesmo essa luta existencial, ela esboça já um mundo de seres humanos com traços de felicidade e reforça-os com palavras que a adjectivam e os traços tornam-se mais leves como ela também quer tornar e ver a sua vida.

A mulher elaborada que é **D**, mulher do ensino reencontra a felicidade julgada perdida num novo amor, um novo par, diferentes mas complementares, também ele utilizador dos grupos arte. Projecta-se nos livros do seu par, esses livros de histórias contadas também são ela e o seu eu “interno” e a sua luz, a sua vida.

É essa vida de dor que se transforma num amor e se materializa nos livros, mesmo que esse amor também tenha dor e contextos menos positivos, como ela diz “...Por vezes

olho para mim e espanto como ainda tive coragem para depois de ter sofrido algumas agruras, experimentar uma nova vida a dois, e pergunto se “valerá a pena” até hoje digo que sim e uma vida a dois não é um mar de rosas, há de tudo, há que ajustar, mas, este foi o acto mais importante da minha vida e que se passou após ter estado muito doente e ter vindo para o Espaço t e com um utente do Espaço t”; também ela revela isso através da sua ilustração, onde dois seres, simbolizados em dois corações fechados, cada um no seu círculo, tocando-se num espaço qualquer e produzem livros sobre a forma de amor ou amizade. Ela como diz, também não sabe.

O mais jovem do grupo é o **E**, jovem de pouca idade, não deseja nada de especial, apenas amar, conquistar, seduzir, próprios da idade. Não precisa de pensar muito pois também não quer sofrer, mas viver o que puder viver. Prefere o momento de encontro, as coisas boas como a amizade e ilustra-se através dos símbolos do amor onde nele cabem todos.

O indivíduo **F** encontra um novo amor e como diz ”...Tem me dado muita força para tudo principalmente para não disistir de viver...”. o amor da sua amada e a vontade intensa de escrever antes que o tempo acabe, fazem-lhe sentir outro homem, outro ser. Consegue mesmo não só escrever mas também fazer chegar aos outros aquilo que escreve através da edição dessas histórias contadas sob a forma de livro. Reaprendeu a saborear outras coisas, outros sentimentos e estados ”...Só nestes ultimos dois anos e consegui sentir o sabor dumas férias diferentes, do empenhamento mutuo, ate do saborear a companhia do café e todas as refeições juntos partilhamos Bons e Maus momentos”.

Ilustra-se através de símbolos que caracterizam o presente mas, no entanto, não quer esquecer o passado. Esses estão lá e não os quer esquecer, porque ele é sempre o mesmo, embora os mundos diferentes e os locais também.

As lutas constantes por afectos e amores impossíveis continuam na vida de **G**, como tenta transmitir na sua ilustração. A felicidade num rosto solitário, embora rodeado de casas como se de pessoas unidas se tratasse. A única que está só é ela, como na sua vida, sobra espaço para tão pouca gente. Na sua vida de lutas e perdas e sofrimentos, de paixões e filhos que não podem nascer, porque decide não os ter este e todos os outros e

o único conforto é o do grupo dos pares, dos amigos que como ela sofrem, mas também conseguem dar amor que também ela quer receber e também dar ”...Tive de fazer um abroto e pore um empelante. E tive a chuda da mamela nos momentos que eu estava trisete. Como se não tivesse acacantessedo o amor. Como a pessoa que eu gostava, palavras carinhosas, gestos carinho. Bonviver como os amigos e a migas dos espaço T”.

**H** vive consciente das suas lutas e dos seus medos, de antes de ser doente porque não o sabia e de ser doente agora que até sabe bem o que a doença é, mas sabendo da doença e das lembranças que ela lhe faz ter, ele luta contra esses mundos que o atormentam e sabe que se os esquecesse seria melhor para ele. O mundo mágico da terra onde habitam as videntes, as bruxas e as igrejas, que o faz menos feliz; como diz repetidamente, quase a pedir para não as ter ”...Tenho no meu presente umas coisas que me têm atormentado a minha cabeça e umas pequenas dúvidas e cismas que são as videntes, bruxas e a igreja do Reino de Deus. Gostava de esquecer as videntes e as bruxas e a igreja do Reino de Deus e o que essas videntes e essas bruxas me fizeram, a mim e a igreja do Reino de Deus o que essa igreja do Reino de Deus me fez a mim, gostava de me ver livre das videntes e das bruxas e da igreja do Reino de Deus e do que eu fiz lá na igreja do Reino de Deus, e do que eu fiz nas bruxas e nas videntes, e por o contrário. Também gostava de me ver livre do que as bruxas e as videntes e a igreja do Reino de Deus me fizeram a mim. Era bom para o meu presente”.

No Espaço t encontrou o grupo e os seus pares dão-lhe um novo rumo. Deixou de não fazer nada como diz “...O meu Presente é o ESPAÇO T veio me ajudar muito porque é sinal que não estou em casa sem fazer nada e distraio-me muito a vira para o ESPAÇO T” e acaba a história do presente pintando a chuva que se repete como as palavras que o atormentam. Quase a querer dizer que assim como a água torna tudo mais limpo, era bom também ele limpar essas palavras que tanto o tornam doente e menos feliz.

As histórias do presente terminam com o presente de **I** que cria um desenho quase surreal, com uma casa carregada a negro e um homem disforme de contornos pouco elaborados em oposição às palavras do presente que se fossem cores seriam tudo menos negras “...alegria...amor...conviver...colegas e modar a minha vida Espaço t...a minha vida está no Espaço t”.

Nesta luta entre histórias boas e más, cores claras e negras, palavras, figuras e sentimentos, o equilíbrio começa a surgir, pois **I** está feliz assim como escreve, vê-se no rosto e nos olhos; talvez ainda não os saiba desenhar, mas já os consegue escrever.

## 6.4 Que Mundo é Este Que Não Vivi, Mas Desejo e Quero?

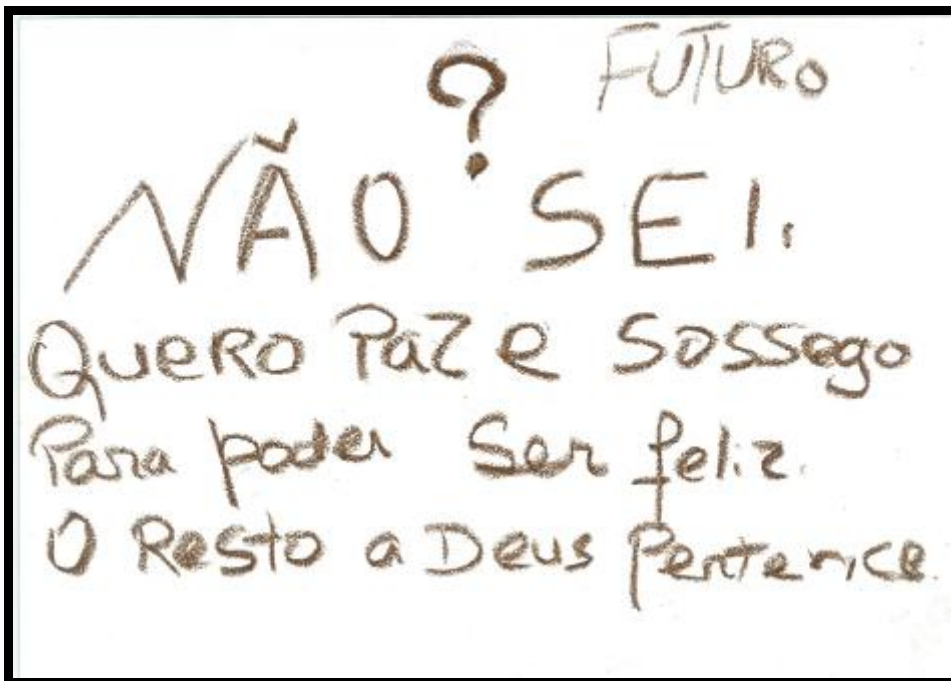
### 6.4.1 Momento do futuro de A.

“O meu futuro passa por uma mudança interior, quer a nível intelectual, quer a nível físico.

Esta mudança tem de ser um esforço, tenho que ser ajudada, orientada.

No meu futuro gostava de ajudar mais os outros, do que me ajudarem mais a mim, ou seja fazer um pouco de voluntariado, ter menos consultas, ter mais autonomia, seno mais calma, mais capaz de gerir as minhas emoções, a minha casa, a minha vida. Gostar mais de mim, pois assim poderei ter uma auto-estima mais elevada, e ser mais útil para mim e para os outros.

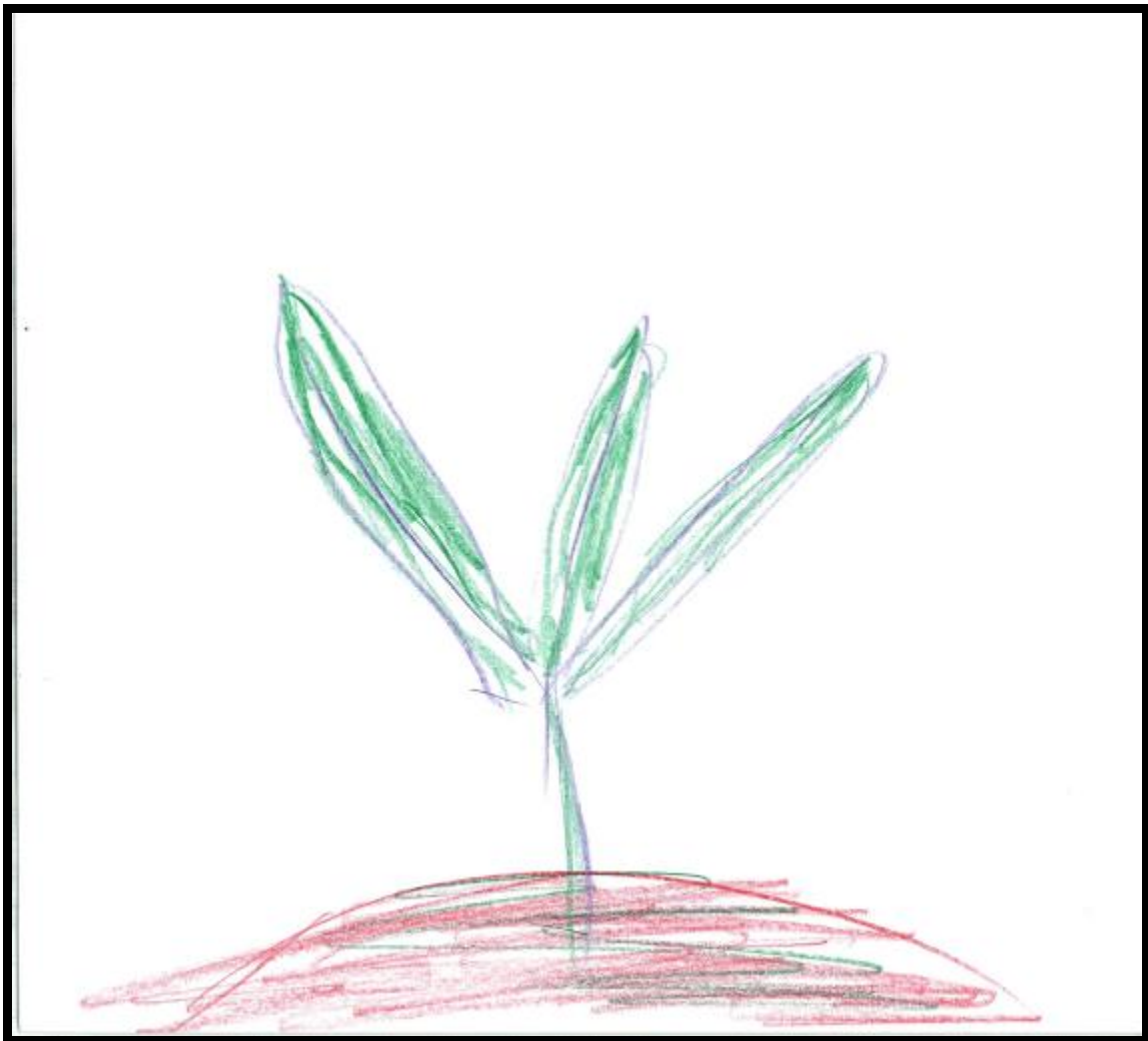
No meu futuro gostava de me conhecer cada vez mais, e saber lidar melhor com as pessoas que me rodeiam, compreender e ser compreendida, eu sou um ser humano e um ser humano não vive só, vive em grupo, em sociedade, por isso precisamos uns dos outros”.



*Ilustração 19. Ilustração Futuro de A*

#### 6.4.2 Momento do futuro de B

“Eu gostava de continuar a frequentar o Espaço t, principalmente, as aulas de pintura, tanto da Dr.<sup>a</sup> R e a Dr.<sup>a</sup> T, já fizeram uma exposição e gostava de vir a ser um pintor com nome famoso”.



*Ilustração 20.* Ilustração Futuro de **B**

### 6.4.3 Momento do futuro de C

“Os meus

Projectos

Para o

Futuro

Melhor

Os meus projectos para um futuro melhor é continuar a frequentar as actividades do Espaço t, e poder contribuir no ambiente melhor de amizade e fazer com que os utentes todos do Espaço t, mudar de casa este ano e frequentar um curso de formação profissional no Espaço t, para ter equivalência ao 9.º ano. E fora do Espaço t formar uma família e ajudar o próximo”.

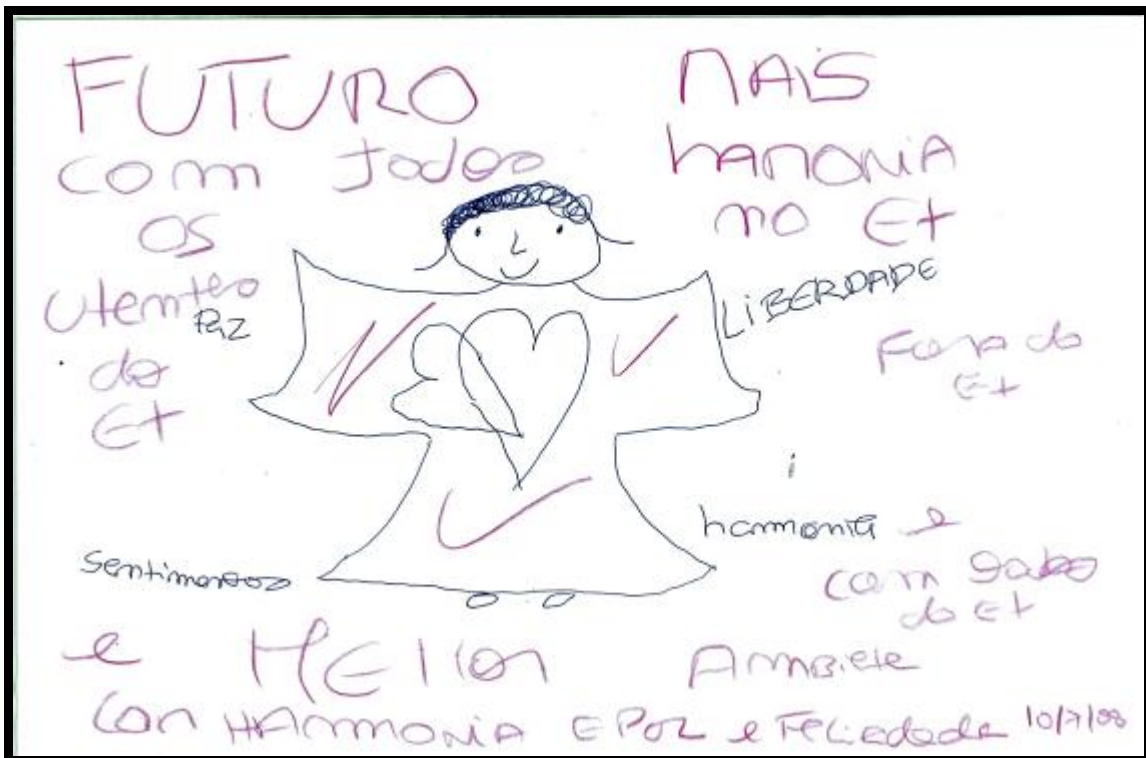


Ilustração 21. Ilustração Futuro de C

#### 6.4.4 Momento do futuro de D.

“Imaginar um futuro?”

Estou feliz com o meu companheiro a conversar, a música surge na sala.

Toca a campainha, vou abrir! É uma irmã e um cunhado do meu companheiro a noite ainda vai ser mais agradável, conversamos tudo sobre tudo o que possa ocorrer!

Sobre os livros que tem saído, alguns são interessantíssimos! O último filme! Somos felizes!

Mas a vida é muito má e já me tem feito muito mal nos últimos 5 anos durante 3 anos fui muito infeliz.

Posso estar na minha casa, só, na mesma feliz, a ler, a ouvir música e a procurar alguém para no dia seguinte ir comigo lanchar e ver montras, tenho uma grande lista de amigas que se dispõe a isso, e também esta só”.

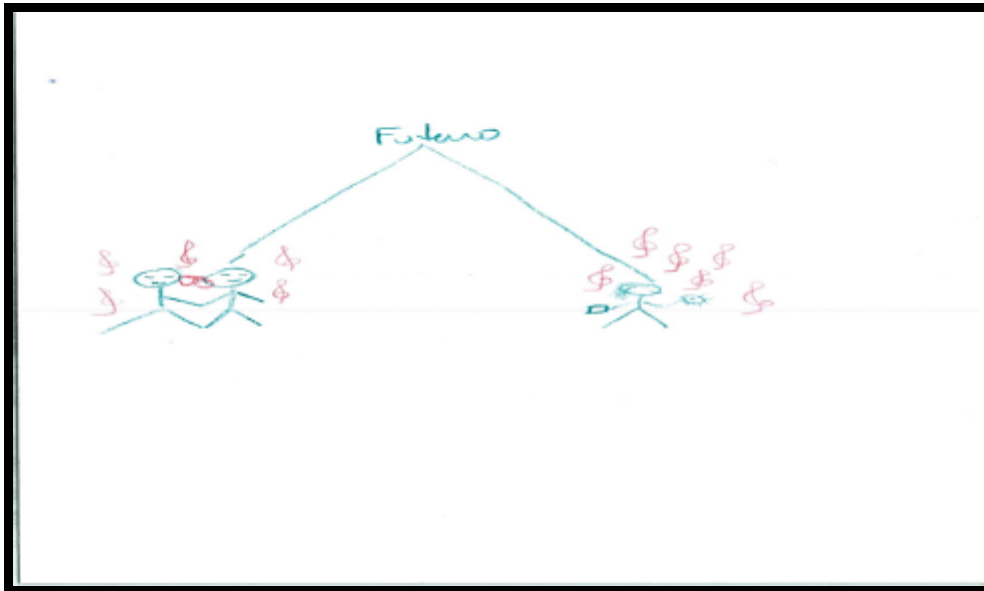


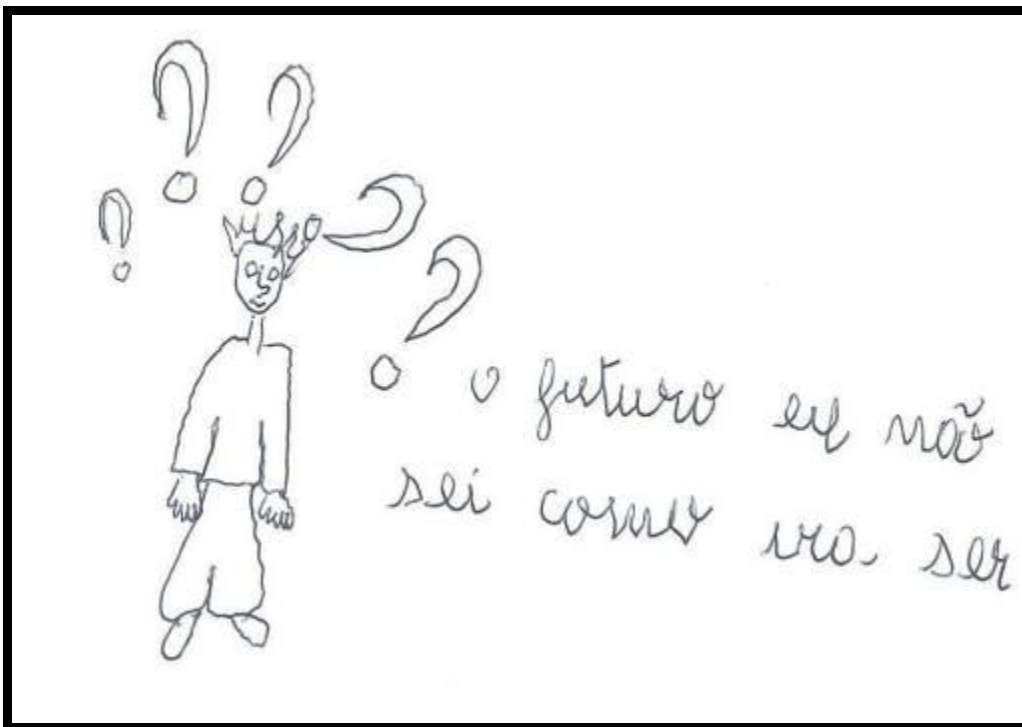
Ilustração 22. Ilustração Futuro de D

### 6.4.5 Momento do futuro de E.

"Um dia

Eu não gosto de pensar no futuro gosto mais de viver um dia de cada vez!

So quero que uma coisa se realize a felicidade que desejo, o resto so o tempo o dirá".



*Ilustração 23. Ilustração Futuro de E*

#### 6.4.6 Momento do futuro de F.

##### “O FUTURO A DEUS PERTENCE

O meu dia chega ao fim vou falar do meu futuro imaginário. Conseguir concretizar os meus sonhos:

vou começar pelo divórcio (não sei não consigo iniciar o processo por falta de iniciativa e sem ajuda).

Mas tenho muitos planos – serão sonhos ou Futurologia – Lançamento de 1 livro de poesia, outro de fotos outro de poesia para crianças. Tudo projectos que já trabalho neles sem ajuda de ninguém por isso não sei qual será o meu Futuro.

(Futuro que eu imagino ou queria)

Lançamento desde mesmos livros por uma editora

O meu divorcio

O meu Casamento

Consegui provar a todos que queriam que eu desaparecesse que estou vivo. Sou grande: honesto sério com carácter mas Por fim vem a Morte

A passagem para outra vida...

Que ningué foge a ela

Vivo um dia de cada vez. Publiquei 8 livros sem ajuda de ninguém, sem dividas, mas consegui

Tempo de espera

E mal dizer

Mais de desespera

Sem saber o que fazer

Muita confusão  
Ainda mais se fala  
Sem ser com o coração  
Mais barulho ninguém se cala

Estou tranquilo  
Mas deveras ansioso  
Penso em tudo aquilo  
Mas sempre mais receoso

Tenho medo de falhar  
Em tudo o que faço  
Mas erei sempre lutar  
Para obter o meu espaço

### **DESEJOS DE AMOR**

Quando olho o infinito  
Levanto mãos ao senhor  
É em Deus que acredito  
Também em ti meu amor

Minha vida renasceu  
Porque te tenho no peito  
O coração que é só teu  
Não sei qual é o defeito

Nas tuas faces morenas  
A doçura dos teus beijos  
Aqueceu as minhas penas  
Como se fossem desejos

Eu creio só na verdade  
E com Deus nosso senhor  
E na tua fidelidade  
Porque tenho teu amor

Em ti eu acredito  
Quando estou ausente  
A contemplar o infinito  
Mas amo-te arduamente

Teus beijos são doçura  
Duram uma eternidade  
Amor que sempre dura  
De teu corpo e virgindade”

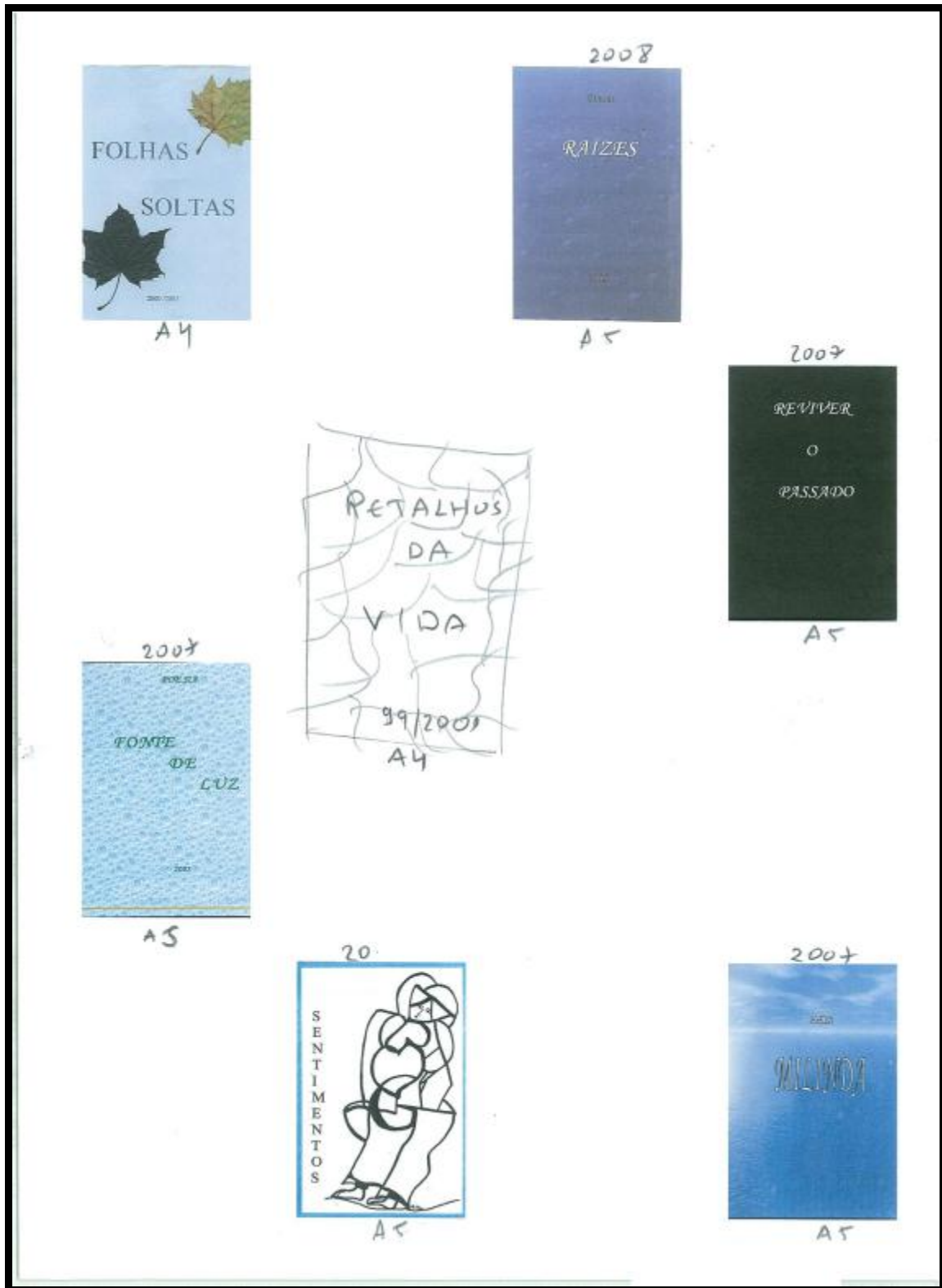


Ilustração 24. Ilustração Futuro de F

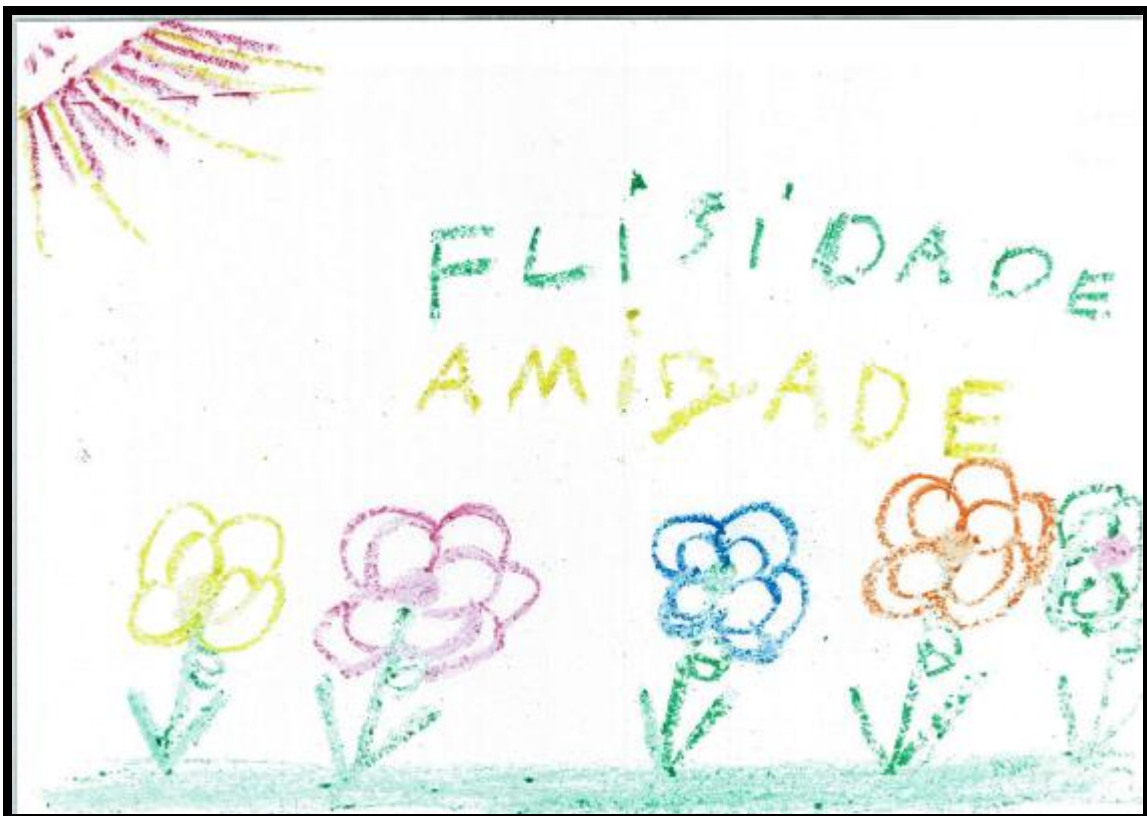
#### 6.4.7 Momento do futuro de G.

“Eu quero tirere afaser o dessimo sugundo e a formação.

Trabanho ou atrista.

De triatro. Ser uma atrizi de triatro.

Tirere curso que se acide para o trabanho do meu futuro”.



*Ilustração 25. Ilustração Futuro de G*

#### **6.4.8 Momento do futuro de H.**

“FUTURO

No FUTURO espero ver-me bem tratado, com uma profissão, trabalho, com uma mulher, namorada.

ESPERO ver-me com a carta de carro e de mota.

No FUTURO gostava de voltar a jogar futebol gostava de encontrar-se a minha alma gémea secalhar até casar e até ter filhos, ter amigos acabar com os inimigos isto é, fazer dos inimigos, colegas ou amigos.

Pedir desculpas ao meu padastro por o que lhe fiz e gostava que ele me perdoa-sse.

Gostava de futuramente estar tratado da doença de uma vez por todas.

Gostava de voltara para a casa da minha mãe, e do meu padastro e dos meus irmãos.

Dar-me de bem com o meu padastro e com toda a gente.

Gostava de estudar até ao 12.º ano, chegar até lá isto é depois ir para faculdade

Ter um carro, etc.

Gostava também de continuar no espaço t e de conhecer as novas instalações e participar nas actividades das novas instalações do espaço t. tirar todos os cursos que forem possíveis que eu conseguir e ter um futuro melhor”.



*Ilustração 26. Ilustração Futuro de H*

#### 6.4.9 Momento do futuro de I.

“Quería passado esta benn comigo

Uns amigos penço dar bem comigo já penço vir aos passérios (passeios). bem já sofrim batate (bastante) passado muito bems coligria (com alegria) sodade (saudade) do meu coração pete muitas marcas do amor. Filicidade alegria more sá tenho amor por ti aminha passarinho voava livr um coisa benn marcados coração muito alegria passado bem elegria muito beijinho do meu alegria bem patinho tenho muitos coisos de aleres. E amo misão são”.



*Ilustração 27. Ilustração Futuro de I*

#### **6.4.10 Comentário às narrativas.**

Todos sabem o que querem, parecem saber delinear objectivos, definir prioridades, necessidades, concretizar sonhos, mesmo com incertezas, às vezes, até conseguem delinear duas hipóteses de saída.

São novos mundos que anseiam, não querem muito, apenas serem mais pessoa, serem felizes nesse conceito tão utópico e tão difícil de definir. No entanto, mesmo assim, eles querem chegar lá, não desistem.

Curiosamente, ou talvez não, sabem que para se abrirem ao mundo, ou seja, à unidade global, têm necessariamente de produzir uma reflexão interna e reaprenderem a se conhecerem, a se redescobrirem. Só depois disso percebem que conseguiram chegar lá.

Outros, também, querem partilhar e dar aos outros o que conseguiram conquistar. Sabem que ser feliz por si só não chega, essa mesma felicidade exige partilha, entrega, dar e receber.

Parece que aqui “futuro”, que é só amanhã, é mais fácil de sentir, de existir, pois ainda não estão lá e apesar de conhecerem o passado e o presente, preferem levar só o que exigem para si. Desta forma, quase que conseguem ser objectivos nas suas afirmações, como se de telegramas se tratassem.

Mas a dúvida existe sempre, pois o depois só se sabe quando o presente já é passado. No entanto, esta dúvida demonstra bastante maturidade, sentimentos de medo e incertezas que, de alguma maneira, ajudam a criar suportes e alicerces.

Muitas vezes, o futuro ajuda a sonhar e quase que nos projectamos nele de uma forma mágica, para além do real, não que saibamos que é impossível, mas sonhar ajuda também a crescer e a pensar abstracto, sair das realidades reais e muito concretas e conseguir entrar no mundo do sonho, que pode ser real.

O futuro também serve para fazer o luto do passado, mostrar aos outros as vitórias, conseguir fazer impossíveis, romper com ele de uma vez por todas, com um grito infinito que quer acabar de vez.

A mulher que se mostra em **A** fala dessa mudança interna: “O meu futuro passa por uma mudança interior, quer a nível intelectual, quer a nível físico. Esta mudança tem de ser um esforço, tenho que ser ajudada, orientada...”. Ela quer conhecer-se, descobrir-se e trabalhar-se e também quer-se dar aos outros ”...No meu futuro gostava de ajudar mais os outros, do que me ajudarem mais a mim, ou seja fazer um pouco de voluntariado, ter menos consultas, ter mais autonomia...”.

Esta mulher, apesar de desejar muito para o futuro, tem dúvidas que as materializa na sua ilustração com palavras e ícones simbolizadores de dúvida, mas como quer acreditar, também, lá coloca as palavras daquilo que ela tanto quer.

O homem, referenciado em **B**, já não fala dos pássaros e cada vez deseja mais trabalhar na sua arte que é a pintura e até sonha ser um pintor famoso, sabendo que nunca o será, porque o disse apesar de não ter escrito e ilustra-se não como um pássaro, mas desta vez com uma árvore presa ao chão. Parece-nos querer dizer que já tem outros alicerces, outras certezas.

**C** idealiza muitos projectos, que vão desde a mudança de casa, frequência de um curso, frequência no Espaço t, ajuda ao próximo, quer tudo o que tem direito”...Os meus projectos para um futuro melhor é continuar a frequentar as actividades do Espaço t, e poder contribuir no ambiente melhor de amizade e fazer com que os utentes todos do Espaço t, mudar de casa este ano e frequentar um curso de formação profissional no Espaço t, para ter equivalência ao 9.º ano. E fora do Espaço t formar uma família e ajudar o próximo.” **E** ilustra-se com símbolos de felicidade, porque o passado ela já tentou fechar.

Já a mulher que se revela na história **D** fala da sua felicidade e termina-a colocando duas hipóteses para o seu futuro, reforçando-as na sua ilustração ”...Posso estar na minha casa, só, na mesma feliz, a ler, a ouvir música e a procurar alguém para no dia seguinte ir comigo lanchar e ver montras, tenho uma grande lista de amigas que se dispõe a isso, e também esta só”.

O homem que se revela na letra **F** deseja continuar feliz com o casamento e os livros que publica de uma forma tão intensa, porque quer passar tudo para o papel, porque o

tempo para ele é pouco. Pede-nos para publicar dois poemas, que o fazemos, e ilustra-se com as capas dos livros que também são as suas capas das metáforas da vida.

**G**, **H** e **I** desejam coisas muito concretas, todas ligadas aos objectivos que levam à felicidade e reforçam-no nas suas ilustrações, porque só isso pode caber nos seus mundos no futuro, como referem: **G** "...Tirere curso que se acide para o trabanho do meu futuro"; e **H** "No FUTURO espero ver-me bem tratado, com uma profissão, trabalho, com uma mulher, namorada..."; e "...Filicidade alegria more sá tenho amor por ti aminha passarinho voava livr...".

## **6.5 Se o Imaginário Fosse Real...**

### **6.5.1 Momento Imaginário A.**

“Na minha vida mágica sou uma cavaleira.

Imaginei-me numa arena a montar hipismo a ultrapassar obstáculo atrás de obstáculo, e eu a surpreender-me comigo própria as minhas vitórias.

Nesse local havia festa com bombos, foguetes, muitas pessoas, diferentes danças deveria ser uma festa local do ano.

Imaginei-me na Suíça, ia de avião, consegui superar os medos, eu estava muito feliz.

Eu como cavaleira andei de País em País, mas era Portuguesa, fui aplaudida e fui galardoada pelo Presidente da República, pelo mérito conseguido.

Eu sentia-me muito feliz e abençoada por Deus, por o povo e por quem me ama.

Eu gosto de ser cavaleira, gosto do que faço, gosto dos aplausos, gosto dos palcos da vida.

Eu como **A** também vivo no meio de um palco e tenho que dar o meu melhor para me sentir bem e feliz como a **A** “Cavaleira””.



Figura 1. Ilustração Imaginário de A

### 6.5.2 Momento Imaginário B.

“Eu gosto de ser um pássaro

Porque o pássaro voa livremente sobre a natureza, as paisagens, faz criação livre, canta pela manhã a anunciar o dia e principalmente, não se preocupa com a comida, não faz guerra pela comida, ajuda a natureza, nós temos destruído quando eles não ajudam tanto, porque se não fossem os pássaros, os seres humanos eram invadidos por insectos, por todos e por tudo isto que gostava de ser um pássaro livre”.



*Figura 2.* Ilustração Imaginário de **B**

### 6.5.3 Momento Imaginário C.

“O que eu queria ser

A minha viagem ao

Passado inesquecível

Gostava de visitar talvez um dia viajar até á bela Índia com uma amiga a Mariana, melhor amiga à 3 anos onde posso confiar sempre. e a Marrocos, marradeck, andar pelo deserto num camelo pela areia movida pelo vento suave e quente, pois gosto muito dos costumes das pessoas da Índia e de Marrocos, marradesch.

Conhecer novas pessoas destes países ser marroquina, casar com os costumes de Marrocos mas no fundo do meu coração com alguém de ser o meu amado e formar-mos uma vida a dois e talvez mais tarde ter filhos ser livre nesse local.

Que um dia em sonhos se realizasse, como uma poção mágica do Oriente Aladin a poção mágica e pudesse soprar nessa bela chávena em que eu pudesse realizar três desejos, ser feliz, ajudar os outros, entender as pessoas.

Oh bela terra do oriente Marrocos, como gostava de te conhecer e te abraçar com o teu encontro que me transmite mesmo em sonhos em pensamento”.

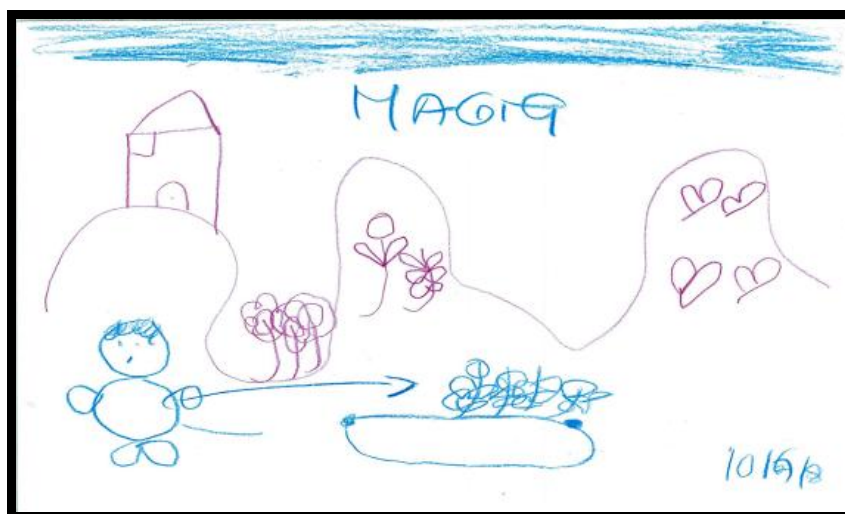


Figura 3. Ilustração Imaginário de C

#### 6.5.4 Momento Imaginário D.

“Vida Mágica

Sou uma ave a águia voo pelos céus.

Vou ao ninho alimentar os meus filhos.

Vivo nos altos montes onde no tempo frio é difícil para os outros animais sobreviver, e para os meus filhos que nesta época já estão crescidos vivem naturalmente bem.

Quando está na época de construir o ninho vou em busca de material, para a sua construção, e daí serem pequenas águias que e preciso alimentar, vou então em busca de alimento, assim como o companheiro macho, um dos de nós tem de ficar no ninho, que não pode arrefecer, os filhos crescem rapidamente, e ciclo prossegue, traçando eu voo em flecha para buscar alimentos ou simplesmente para me divertir”.

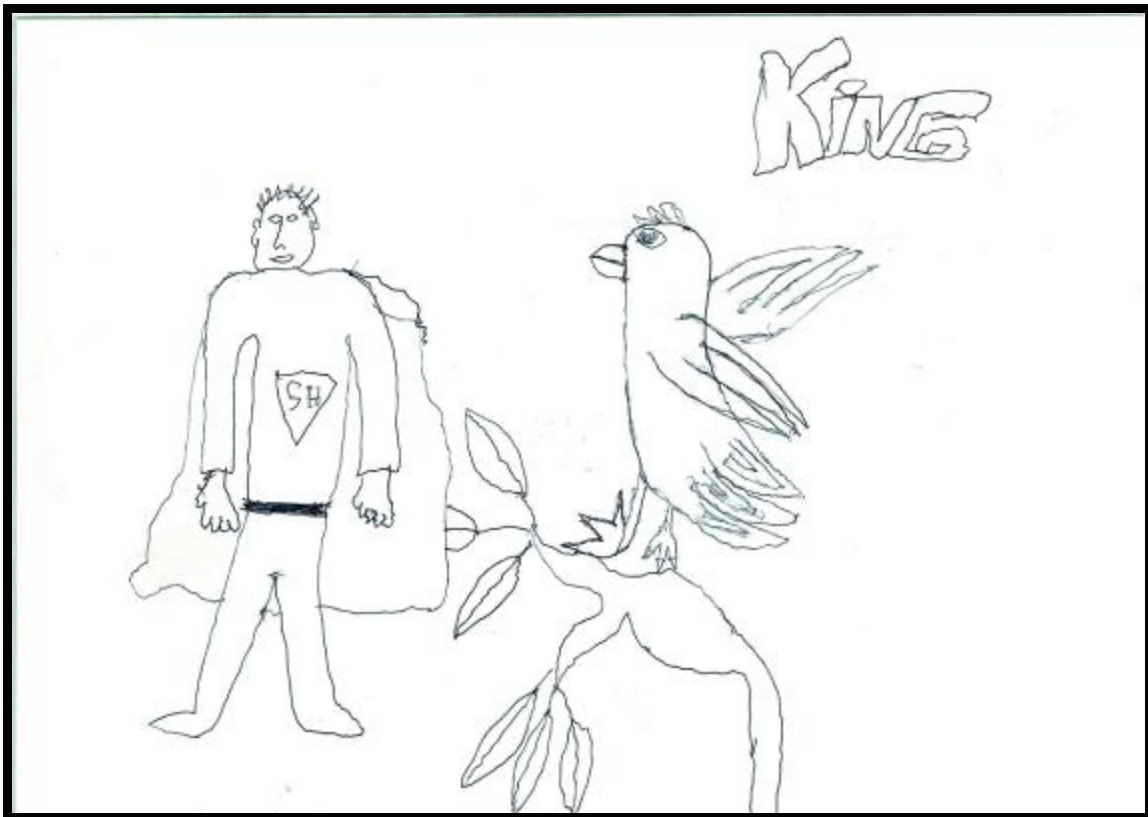


Figura 4. Ilustração Imaginário de D

### 6.5.5 Momento Imaginário E.

“Se eu não fosse uma pessoa eu gostaria de ser uma aguia, voar por todo o mundo viver a minha vontade ser livre e não ter que dar explicacoes a ninguem.

Mas se fosse um boneco gostava de ser o soper homem salvar pessoas em perigo estar disponivel para toda a gente ser um super iroi.”



*Figura 5. Ilustração Imaginário de E*

### **6.5.6 Momento Imaginário F.**

#### **“Surpresa**

Entram-me em minha casa e vendam-me os olhos e convidam-me a uma viagem de sonho.

Entro num carro com música muito agradável e de meu agrado e ando aproximadamente 40 metros. Sinto o carro a parar, a porta a abrir e fui guiado até uma casa, pararam-me, tiraram-me a venda

Foi um espanto, que Palacete maravilhoso. Os meus livros expostos e muita gente a aplaudir-me, recitei alguns poemas: e foi como viver um sonho, tudo era belo: foi como se eu tivesse feito o pedido e ele se tivesse realizado.

Tudo se realiza o Meu Casamento.

O Lançamento como eu nunca imaginei, juntar a família e amigos

E concretizar de vários sonhos ao mesmo tempo.

Foi Belo Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Eu vivo a realidades mas com sonhos.”



Figura 6. Ilustração Imaginário de F

### 6.5.7 Momento Imaginário G.

“Era uma vés uma menina que se jamava a bela adormezida que viveia no seu castelo como a sua fada encantada que nhe dava a roupa para ire ao baile do seu príncipe encantado .

Ela iia muito bonita

E os seos sapatos.

Que ainela adormezida”



*Figura 7. Ilustração Imaginário de G*

### 6.5.8 Momento Imaginário H

“EU SOU DEUS E ANDO EM TODA A PARTE DO MUNDO A CURAR AS DOÊNCAS DAQUELES QUE SE SENTEM SÓS, INCAPAZES, DOENTES E FRACASSADOS.

Imaginei-me trabalhador, a trabalhar todos os dias, depois doente e depois curado.

Imaginei-me a ver uma tribo, todos a cantar e a bater tambores no meio de uma floresta.

Gostava de ser cantor numa banda de música.”

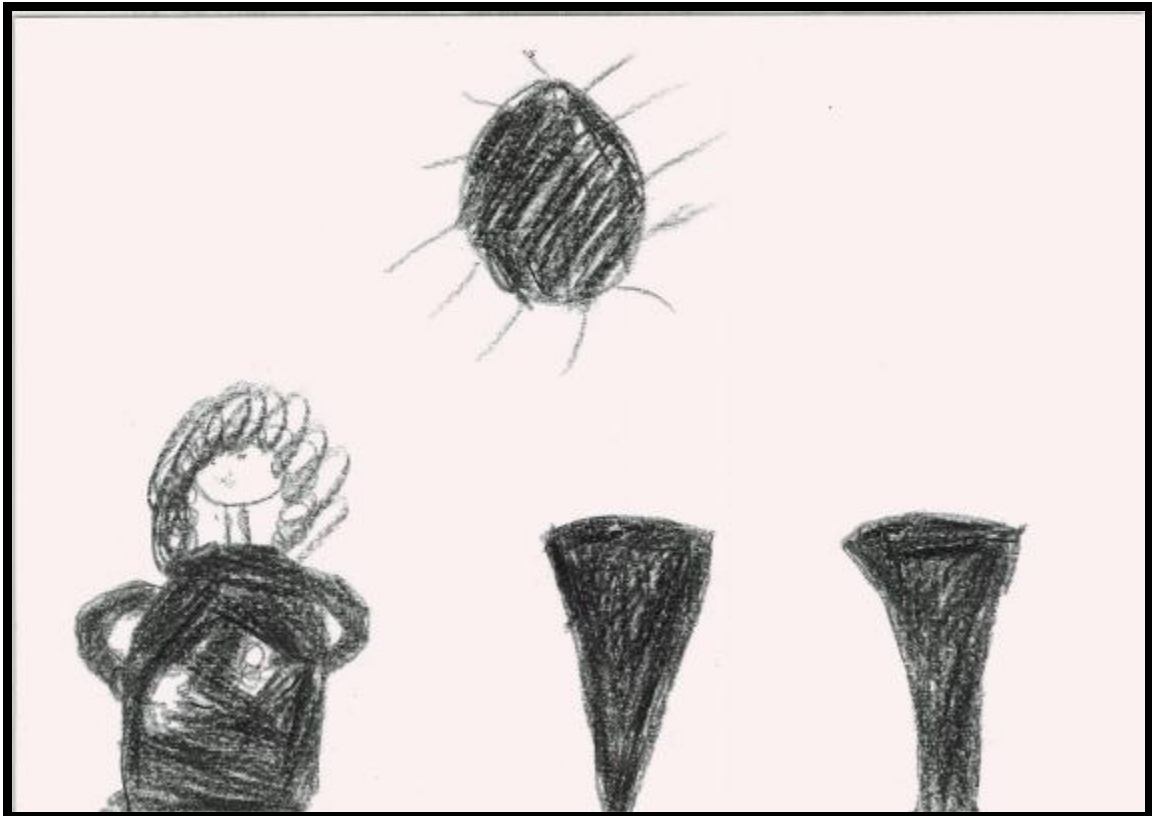


Figura 8. Ilustração Imaginário de H

### 6.5.9 Momento Imaginário I.

“Eu sei o que eu sei como sou meu coração já sofreu muito. sou muito alegria paste alegria sou um homem já alegria tomo eu Amor para dar muito de minha. eu sou um passarinho do tudo cotenho com anigo saudades dos meus pais sou uma estrea que andar pelo ale muito tenho uma alegria tenho muito para dar eu sou um passarinho alagria muito bem tenho para de minha uma tenho”.



*Figura 9.* Ilustração Imaginário de I

### 6.5.10 Comentário às narrativas.

É fácil falarmos de nós, como se falássemos de um personagem qualquer de uma peça de teatro, onde passamos a ser o actor e esse pode ser tudo e ser nada.

Mas a verdade é que quando falamos de outro, o personagem, levamos muito de nós para esse personagem mágico, irreal, pois por sermos o corpo dele e o que está para além do corpo ser o meio para ele se exprimir; acaba sempre por ter muito de nós, do eu real que agora não existe mas acaba por se revelar.

Nestas narrativas encontramos muitos sonhos mágicos, super-homens do amor, aves da liberdade, seres da paz, deuses da felicidade. Nomes tão grandes, para seres que se julgam tão pequenos. Distâncias enormes que os separam, até porque uns são reais e finitos e os outros imaginários e imortais. Mas se analisarmos de uma forma mais próxima, os reais também podem ser heróis, assim como estes homens e mulheres que se revelaram, se deixaram mostrar; já são heróis nestas pequenas grandes conquistas, nestas lutas sofridas e duras, que percorrem e mesmo assim, quando se imaginam no outro não deixam de pensar nos seus problemas e nos dos outros. Porque é assim que eles o são.

Criaram seres imaginários muito reais, muito impossíveis de tocar, mas muito acessíveis de serem sentidos ao nível das emoções.

Mas não deixaram de sonhar, também, em serem os protagonistas, verem-se reconhecidos pelas suas vitórias, que também podem ser pelas suas lutas e sofrimentos. Imaginam, também, ser o actor do palco principal das suas vidas porque afinal esse é real e é nesse que querem imaginar o futuro, bem real, mas com alguma magia. Como refere **A**: "...Eu como **A** também vivo no meio de um palco e tenho que dar o meu melhor para me sentir bem e feliz como a "Cavaleira"", e reforça-o na sua ilustração, embora aí coloque duas barreiras, porque ela sabe que o real não é tão fácil como o imaginário.

E **B** quer ser um pássaro, como refere: "...por todos e por tudo isto que gostava de ser um pássaro livre" ilustra-o, e pela primeira vez, com mais traços e mais definições e até mais cor.

**C** quer-se tornar mágica, não para ser um super-herói, mas porque quer ser ela como uma personagem mágica do Aladin e realizar todos os sonhos do real, que é o seu mundo. "...Que um dia em sonhos se realizasse, como uma poção mágica do Oriente Aladin a poção mágica e pudesse soprar nessa bela chávena em que eu pudesse realizar três desejos, ser feliz, ajudar os outros, entender as pessoas..."

A mulher **D** projecta-se num pássaro mas com todos os sonhos de uma mulher, como todas as outras, que quer ser feliz junto do seu amado e dos seus filhos, algo que perdeu e que agora está a tentar reconstruir. "...Quando está na época de construir o ninho vou em busca de material, para a sua construção, e daí serem pequenas águias que e preciso alimentar, vou então em busca de alimento, assim como o companheiro macho, um dos de nós tem de ficar no ninho, que não pode arrefecer, os filhos crescem rapidamente, e ciclo prossegue, traçando eu voo em flecha para buscar alimentos ou simplesmente para me divertir..." , reforçando-o na ilustração.

O jovem que está por trás de **E** quer ser um super-herói, como os da banda desenhada, para também ele poder ajudar toda a gente. "...Mas se fosse um boneco gostava de ser o super homem salvar pessoas em perigo estar disponível para toda a gente ser um super iroi."

**F** projecta o seu imaginário numa viagem de sonho, onde todos os sonhos reais se concretizam, porque como ele diz vive a realidade sempre aliada aos sonhos.

"...Tudo se realiza o Meu Casamento.

O Lançamento como eu nunca imaginei, juntar a família e amigos

E concretizar de vários sonhos ao mesmo tempo.

Foi Belo Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Eu vivo a realidades mas com sonhos."

**E** ilustra-se de uma forma surreal, onde muitas interpretações poderão ser feitas, como o espaço do seu mundo, ou, o palacete do seu sonho ou o coração do seu amor.

**G** ilustra-se, assim como se escreve, como a Bela Adormecida, pois ela quer também na vida real encontrar o seu príncipe encantado,”...a bela adormezida que viveia no seu castelo como a sua fada encantada que lhe dava a roupa para ire ao baile do seu príncipe encantado...”.

Em todos os ciclos vitais **H** fala da sua doença, que a sente e conhece e que o torna menos feliz, por isso no seu imaginário, ele quer ser deus para curar a sua e as dos outros, porque também ele quer dar, “EU SOU DEUS E ANDO EM TODA A PARTE DO MUNDO A CURAR AS DOÊNCAS DAQUELES QUE SE SENTEM SÓS, INCAPAZES, DOENTES E FRACASSADOS...”.

**I** não quis sair muito do seu presente, continua a desejar alegria e amor para dar, pois é isso que ele quer ter no seu mundo real, que também projectou para o mundo mágico. “Eu sei o que eu sei como sou meu coração já sofreu muito. sou muito alegria paste alegria sou um homem já alegria tomo eu Amor para dar muito de minha...”.

## 6.6 Conclusão

Após análise subjectiva das nove histórias de vida destes homens e mulheres, histórias que se repartem pelos três ciclos vitais (passado, presente e futuro) e pelo ciclo do imaginário, parece poder-se concluir que estes seres humanos conseguiram alterar as suas histórias de vida, os seus percursos, anular os seus medos, realizar os seus sonhos, através da utilização dos grupos arte.

Pretendemos, agora, validar os quatro vectores da metodologia utilizada nos grupos arte (humanismo/unidade/motivação/arte), através das suas narrativas.

Quando falamos de humanismo compreendemos, facilmente, a importância que as relações têm, nestes indivíduos. O sentir-se pertença de um grupo, o sentir-se aceite, o perceber o que o mais importante não são as relações formais, mas sim as relações informais, sentidas, onde os afectos interagem e disseminam relações de proximidade e de interacção. Como refere **C**, no seu momento do passado "...Depois da morte do meu pai estive internada 2 meses no hospital conde Ferreira, tive bastante apoio dos enfermeiros e outras pessoas que me apoiaram no Internamento e alguns doentes criei laços de amizade que jamais esquecerei. Depois de ter alta tive uma carta e foi aí graças a deus que vim para o Espaço t, tem e trazer a ficha ao Dr. W que hoje é meu Psicólogo, sempre tive o apoio dos utentes do et, dos funcionários, e técnicos e formadores do et. O meu muito obrigado a todos. Pois muitas vezes eu me sentia no fundo do poço e os utentes do et, me ajudaram a erguer com as várias actividades lúdicas e reflexão, dão-me mais força para enfrentar as dificuldades no meu dia-a-dia...". E **D** no seu momento do passado "...Deixei de conviver pois não tinha com quem, por isso cheguei ao Espaço t, aqui encontrei um bom grupo de amigos onde se pode falar, conviver e até encontrei um novo companheiro, que amo...".

No que refere ao vector unidade e na importância que ele tem para a integração plena destes homens e mulheres conseguimos, também, compreender que eles facilmente entendem que para atingir essa mesma felicidade, sinónimo da integração plena, têm de se compreender-se a si próprios, como um sere total e completo, e por outro lado, partirem para a interacção com os outros de uma forma informal. Criando, assim, a integração plena através da unidade total, que é a sociedade, sendo fácil perceber isso

nas suas narrativas. **A** expõe esta consciência no seu presente: “...Eu tenho de olhar mais por mim, tenho que pensar mais em mim, tenho que não me preocupar não preocupar com os problemas dos outros tanto como me preocupo. Este ano de 2007 foi um ano ou está a ser um ano diferente. É um ano de mudança, de querer mais e melhor...” e “...Agora, vou lutar para uma vida melhor, também irei fazer uma formação e continuação de Voluntariado, para estar só num sitio, não estar dependente e estar mais ocupada. E vou tentar olhar mais por mim, porque eu sei que sou capaz”. E como refere **C** no seu futuro “...Os meus projectos para um futuro melhor é continuar a frequentar as actividades do Espaço t, e poder contribuir no ambiente melhor de amizade e fazer com que os utentes todos do Espaço t, mudar de casa este ano e frequentar um curso de formação profissional no Espaço t, para ter equivalência ao 9.º ano. E fora do Espaço t formar uma família e ajudar o próximo”.

Falar de motivação na vida destes indivíduos é algo que começa a perceber-se quando eles descobrem que são pessoas de pleno direito, ou seja, livres. Com esta motivação externa, provocada pelos outros, encontram também a descoberta da motivação interna e aí decidem que é urgente mudar os seus mundos, porque ninguém fará nada por eles, apenas eles. Como refere **F**, no seu presente “...Mas não fico por aí consegue neste ano o lançamento de dois livros Milinda e Sentimentos nunca seria possível se não tivesse o Apoio da minha Amada e Companheira. Tem me dado muita força para tudo principalmente para não disistir de viver. Só nestes últimos dois anos e consegui sentir o sabor dumas férias diferentes, do empenhamento mutuo, ate do saborear a companhia do café e todas as refeições juntos partilhamos Bons e Maus momentos...” e **H** no seu presente: “O meu Presente é o ESPAÇO T veio me ajudar muito porque é sinal que não estou em casa sem fazer nada e distraio-me muito a vira para o ESPAÇO T...”. **I** refere, também, no seu presente: “Passo espaço t uma covivo com os meus colega sinto nem passar bem legria Amor – para dar tenho muito algria quero quer ir para bem espaço - T...”.

A influência do vector arte na reorganização das histórias de vidas destes nove indivíduos, é bastante evidente nas suas narrativas, podendo constatar as mudanças que este instrumento operou nas suas vidas. Com a arte redescobriram um novo mundo, uma vontade de ir mais além, uma vontade de se mostrarem e se exporem como seres

autênticos e únicos. Podemos observar, no presente de **B**, em que este passou de personagem passivo de uma vida a actor interventivo dessa mesma vida, onde através da sua pintura quer-se mostrar, mas também quer “gritar” aos outros a sua luta, a sua mensagem, como refere: “No fim de 2005 fiz uma exposição, na galeria do Espaço t, a qual teve algumas telas minhas, ao qual eu dei o nome de Alerta. Era para avisar as pessoas por causa da Natureza...”, e **F** se redescobre na escrita, transformando-se como as folhas brancas que passam a imensas folhas carregadas de caracteres, que também contam as suas histórias, como diz no seu present”... Sofri, Lutei, Dei a volta por cima tenho conseguido muito dos meus objectivos, e partilha-los.

Nota: ainda este ano vão sair mais 2 livros Reviver o Passado – Fonte de Luz com um lançamento que sempre idealizei.

Sem mais de momento”.

Podemos concluir, assim, que a utilização dos grupos arte e a metodologia utilizada tendo por base os quatro vectores (humanismo-unidade-motivação-arte) influenciaram estas vidas, que agora continuam a ser vidas com outro sentido de liberdade e de afirmação, porque também foram eles que o decidiram fazer.



## **Capítulo VII - Análise Diferencial do Auto-Conceito**



### **Nota Introdutória**

Ao longo deste capítulo, iremos apresentar os resultados do estudo estatístico realizado a uma amostra intencional de 280 indivíduos que se inscreveram nos grupos arte do Espaço t. Esta amostra divide-se em dois grupos, o grupo controlo constituído por 132 indivíduos, representando 47,1% do total da amostra; indivíduos que apesar de se terem inscrito nos grupos arte não os frequentaram, por razões várias. O segundo grupo, denominado grupo de estudo, é constituído por 148 indivíduos, representando 52,9% do total da amostra, e tem a particularidade de todos eles terem frequentado um ou mais grupos arte durante pelo menos seis meses.

A recolha dos dados decorreu durante o ano de 2010, e os indivíduos participaram no estudo de forma voluntária e confidencial.

Importa referir que esta amostra de 280 indivíduos é constituída por uma população vulnerável com patologias predominantemente crónicas, nomeadamente doença mental e dependências de substâncias. De referir, que do total da amostra 132 indivíduos (47,1%) apresentam patologia mental, sendo desse total 68 indivíduos (24,3) dos grupos arte e 64(22,9%) dos grupos não arte.

É importante referir que apesar de termos estudado uma população vulnerável, mesmo assim 46 indivíduos (16,4%) caracterizam-se como população sem patologia.

É objectivo deste estudo analisar a influência dos grupos arte na melhoria do auto-conceito, nos indivíduos que os frequentam, em relação aos indivíduos dos grupos não arte. Pretendemos também comparar o auto-conceito para a população portuguesa aferido pelo inventário clínico de Vaz Serra, com o auto-conceito obtido pelo mesmo instrumento junto dos indivíduos do total da amostra.

Este capítulo será dividido em três subcapítulos. O primeiro será dedicado à caracterização da amostra em função das variáveis que constavam do inquérito complementar produzido para a investigação e anexado ao inventário clínico de Vaz Serra.

O segundo subcapítulo será dedicado à apresentação dos resultados da aplicação do questionário do inventário clínico de Vaz Serra junto da amostra, sendo o mesmo comparado em relação aos dois grupos de investigação, tendo como referência as variáveis tipo de grupo, patologia, tempo permanência no Espaço t. Será ainda efectuada uma análise de auto-conceito aos indivíduos do grupo arte para cada um dos factores definidos por Vaz Serra.

Por fim será apresentado uma conclusão dos resultados obtidos.

## 7.1 Caracterização da Amostra

*Tabela 8.* Distribuição da amostra por grupo

Distribuição dos grupos de investigação	n (%)
Grupo arte	148 (52.9)
Grupo não arte	132 (47.1)
Total	280 (100)

A amostra é caracterizada por uma maior percentagem de indivíduos que frequentam grupos arte, cujo peso percentual, face a uma dimensão de 280 indivíduos, é de 52,9%. Os restantes 47,1%, representam indivíduos que frequentam o Espaço t, mas que não fazem parte de grupos arte. Esta distribuição vai ao encontro da missão assumida pelo Espaço t, de enquadramento dos indivíduos em actividades artístico-culturais como forma de estimulação das suas capacidades expressivas e de desenvolvimento da sua auto-estima, denominados grupos arte.

*Tabela 9.* Distribuição dos indivíduos da amostra por sexo e grupo de investigação

<b>Grupos de investigação segundo o sexo</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>Total</b>
	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>
Grupo arte	78 (27.9)	70 (25.0)	147 (52.9)
Grupo não arte	91 (32.5)	41 (14.6)	132 (47.1)
Total	169 (60.4)	111 (39.6)	280 (100)

Relativamente ao género dos inquiridos, é visível a predominância de homens entre os indivíduos que se inscreveram nos grupos arte. As mulheres representam apenas 39,6% do total da dimensão amostral. No entanto, no que se refere à permanência nos grupos arte, a divisão por género já é mais homogénea, sendo 78 (27,9%) indivíduos do sexo masculino e 70 (25,0%) indivíduos do sexo feminino.

*Tabela 10.* Distribuição dos indivíduos da amostra por grupo etário e grupo de investigação

<b>Grupos de investigação segundo o grupo etário</b>	<b>Grupo arte</b>	<b>Grupo não arte</b>	<b>Total</b>
	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>
< 15 anos	2 (0.7)	10 (3.6)	12 (4.3)
15-19 anos	5 (1.8)	2 (0.7)	7 (2.5)
20-24 anos	4 (1.4)	4 (1.4)	8 (2.9)
25-29 anos	16 (5.7)	17 (6.1)	33 (11.8)
30-34 anos	23 (8.2)	19 (6.8)	42 (15.0)
35-39 anos	28 (10.0)	25 (8.9)	53 (18.9)
40-44 anos	20 (7.1)	15 (5.4)	35 (12.5)
45-49 anos	13 (4.6)	13 (4.6)	26 (9.3)
50-54 anos	20 (7.1)	7 (2.5)	27 (9.6)
55-59 anos	5 (1.8)	5 (1.8)	10 (3.6)
60-64 anos	4 (1.4)	1 (0.4)	5 (1.8)
> 65 anos	8 (2.9)	5 (1.8)	13 (4.6)
Não responde	0 (0)	9 (3.2)	9 (3.2)
Total	148 (52.9)	132 (47.1)	280 (100)

Tendo em conta a distribuição por grupo etário, podemos referir que a amostra é constituída por indivíduos de todos os grupos etários propostos. No entanto, os grupos etários mais representativos no total da amostra situam-se entre os 25 aos 44 anos.(58,2%).

Nos grupos arte a predominância é ligeiramente diferente, estando os indivíduos da investigação distribuídos por mais faixas etárias, nomeadamente entre os 35 e os 54 anos (28,8%) do total da amostra.

*Tabela 11.* Distribuição dos indivíduos da amostra por situação profissional e grupo de investigação

<b>Grupos de investigação segundo a situação profissional</b>	<b>Activo n (%)</b>	<b>Inactivo n (%)</b>	<b>Não responde n (%)</b>	<b>Total n (%)</b>
Grupo arte	17 (6.1)	124 (44.3)	7 (2.5)	148 (52.9)
Grupo não arte	5 (1.8)	123 (43.9)	4 (1.4)	132 (47.1)
Total	22 (7.9)	247 (88.2)	11 (3.9)	280 (100)

Tendo em conta a variável relativa à situação profissional dos inquiridos, conclui-se que a grande maioria se encontra numa situação de inactividade (88,2%), face a apenas 7,9% que se encontra a desenvolver uma actividade profissional. Esta caracterização é transversal aos grupos arte e não arte.

*Tabela 12.* Distribuição dos indivíduos por estado civil e grupo de investigação

<b>Grupos de investigação segundo o estado civil</b>	<b>Solteiro n (%)</b>	<b>Casado/união de facto n (%)</b>	<b>Divorciado n (%)</b>	<b>Viúvo n (%)</b>	<b>Não responde n (%)</b>	<b>Total n (%)</b>
Grupo arte	99 (35.4)	25 (8.9)	17 (6.1)	5 (1.8)	2 (0.7)	148 (52.9)
Grupo não arte	99 (35.4)	15 (5.4)	15 (5.4)	2 (0.7)	1 (0.4)	132 (47.1)
Total	198 (70.7)	40 (14.3)	32 (11.4)	7 (2.5)	3 (1.1)	280 (100)

Atendendo ao estado civil, é de realçar o facto de 70,7% dos indivíduos serem solteiros, sendo assim o estado civil mais representado, tanto em termos percentuais como absolutos, no total da amostra. Verifica-se que apenas 14,3% se encontram numa situação de casamento ou união de facto; 11,4 % encontra-se divorciados ou separados e, por último, 2,5% são viúvos.

Tabela 13. Distribuição dos indivíduos por patologia e grupo de investigação

<b>Grupos de investigação segundo a patologia</b>	<b>Grupo arte n (%)</b>	<b>Grupo não arte n (%)</b>	<b>Total n (%)</b>
Sem patologia	25 (8.9)	21 (7.5)	46 (16.4)
Doença mental	68 (24.3)	64 (22.9)	132 (47.1)
Deficiência motora	5 (1.8)	0 (0)	5 (1.8)
Epilepsia	3 (1.1)	1 (0.4)	4 (1.4)
Síndrome de Down	2 (0.7)	0 (0)	2 (0.7)
Dependências de substâncias	7 (2.5)	31 (11.1)	38 (13.6)
Paralisia cerebral	3 (1.1)	0 (0)	3 (1.1)
Problema neurológico	3 (1.1)	0 (0)	3 (1.1)
Outras patologias	13 (4.6)	2 (0.7)	15 (5.4)
Não refere	19 (6.8)	13 (4.6)	32 (11.4)
Total	148 (52.9)	132 (47.1)	280 (100)

Caracterizando os inquiridos em função da patologia, podemos constatar que a doença mental é a patologia mais frequente (47,1%), seguida da dependência de substâncias (13,6%). Note-se, no entanto, que 5,4% dos inquiridos apresenta outra patologia para além das referidas, e que 16,4% não apresenta qualquer tipo de patologia.

No que refere aos grupos arte a patologia com maior predominância continua a ser a doença mental com 24,3%, face ao valor total da amostra, sendo que a dependência de substâncias tem um valor pouco significativo de 2,5% face ao valor total da amostra (13,6%).

## 7.2 Resultado da Aplicação do Questionários de Auto-Conceito

*Tabela 14.* Distribuição da média e erro padrão do auto-conceito por grupo de investigação

<b>Auto-conceito por grupo de investigação</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
Grupo arte	61.54	0.861
Grupo não arte	60.59	0.723

Utilizando a escala clínica do auto-conceito construída por Vaz-Serra, tentou conhecer-se qual a média de auto-conceito dos utilizadores inquiridos do Espaço t em função da pertença ao grupo arte ou ao grupo não arte. A este respeito, pode dizer-se que a média de auto-estima dos dois grupos é semelhante. No entanto, parece-nos haver um ligeiro aumento da média nos indivíduos dos grupos arte, embora esta não tenha valor estatístico significativo. ( $t = 0.825$  ;  $p > 0.05$ ).

*Tabela 15.* Alfa de Cronbach se o item for eliminado

	<b>Alfa sem item</b>
Sei que sou uma pessoa simpática	0.739
Costumo ser franco e exprimir as minhas opiniões	0.747
Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades	0.791
No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador	0.769
Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para fazer	0.756
Considero-me tolerante para com as outras pessoas	0.748
Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis	0.745
De um modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas	0.738
Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros	0.739
Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática	0.739
Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades	0.748
Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo	0.778
Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade	0.748
Considero-me competente naquilo que faço	0.734
Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece	0.758
A minha maneira de ser leva a sentir-me na vida com um razoável bem-estar	0.744
Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros	0.737
Quando tenho um problema que me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros	0.772
Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço	0.744
Encontro sempre energia para vencer as dificuldades	0.740

\*O valor inicial do alfa de Cronbach é 0.761

No que respeita à fiabilidade do instrumento a que recorremos este demonstrou na nossa amostra, um nível razoável de consistência interna, ascendendo o  $\alpha$  de cronback a 0.761.

*Tabela 16.* Distribuição da média e erro padrão do auto-conceito por patologia

<b>Auto-conceito por patologia</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
Sem patologia	64.18	1.099
Doença mental	58.91	0.929
Deficiência motora	64.20	4.091
Epilepsia	61.67	5.457
Síndrome de Down	61.50	5.500
Dependências de substâncias	62.09	1.236
Paralisia cerebral	65.33	1.202
Problema neurológico	69.50	5.500
Outras patologias	63.31	1.893
Não refere	62.31	1.544

Analisando a média de auto-conceito em função da patologia, dada a grande dispersão da distribuição das respostas, atendendo ao erro padrão amostral, pode apenas concluir-se que parecem ser os portadores de doença mental, aqueles que apresentam menor auto-conceito.

Comparando o grupo de indivíduos que constituem o grupo arte (que frequentam há pelo menos 6 meses) com o grupo controlo, podemos concluir que estes dois grupos se distinguem no factor 4, referente ao Inventário Clínico de Vaz Serra, ou seja, os indivíduos do grupo arte apresentam este factor mais elevado, factor este definido como factor da impulsividade-actividade. O factor 4 baseia-se em aspectos como: o aumento da iniciativa, pró-actividade, motivação individual e atitudes perfeccionistas (ver tabela nº 17).

*Tabela 17.* Comparação entre o grupo arte e o grupo não arte, em função dos 4 factores do Inventário Clínico de Vaz Serra.

<b>Factores</b>	<i>t student</i>	<i>p</i>
Factor 1	0.730	> 0.05
Factor 2	0.254	> 0.05
Factor 3	0.365	> 0.05
Factor 4	2.147	< 0.05*

Deste modo o grupo arte apresenta uma média do factor 4 estatisticamente superior ao grupo controlo ( $t = 2.147$ ;  $p < 0.05$ ). Revelando assim que a metodologia utilizada nos grupos arte parece contribuir de forma significativa para o aumento da iniciativa, da pró-actividade, da motivação individual e desenvolvimento de atitudes perfeccionistas junto dos indivíduos que os frequentam.

*Tabela 18.* Distribuição da média e erro padrão do auto-conceito por tempo de frequência nos grupos arte

<b>Auto-conceito por tempo de frequência nos grupos arte</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
< 12 meses	65.00	2.405
12-18 meses	59.98	1.384
19-30 meses	61.77	2.734
> 30 meses	62.21	1.401

Tendo em conta que foi efectuada uma análise descritiva dos resultados, considera-se que o tempo de frequência nos grupos arte disponibilizados pelo Espaço t, verifica-se que os indivíduos que parecem apresentar um maior auto-conceito são os que frequentam actividades entre 6 e 12 meses e, pelo contrário, aqueles que apresentam um menor auto-conceito parecem ser os que frequentam actividades entre 12 e 18 meses, passando de seguida a aumentar novamente o auto-conceito.

*Tabela 19.* Distribuição da média e erro padrão do factor de aceitação ou agrado social por tempo de frequência nos grupos arte

<b>Factor de aceitação ou de agrado social</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
< 12 meses	18.36	0.801
12-18 meses	16.20	0.545
19-30 meses	16.62	1.174
> 30 meses	17.09	0.467

Tendo em conta que foi efectuada uma análise descritiva dos resultados e atendendo à média de auto-conceito dos inquiridos para cada um dos factores definidos por Vaz-Serra, segundo o tempo de frequência nos grupos arte, conclui-se que **parecem ser**, mais uma vez, os que desenvolvem actividades há menos de 12 meses, aqueles que apresentam uma maior média do factor aceitação ou agrado social.

*Tabela 20.* Distribuição da média e erro padrão do factor de auto-eficácia por tempo de frequência nos grupos arte

<b>Factor de auto-eficácia</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
< 12 meses	19.09	0.899
12-18 meses	18.23	0.462
19-30 meses	19.38	0.836
> 30 meses	18.88	0.480

Tendo em conta que foi efectuada uma análise descritiva dos resultados; constatámos que para o factor de auto-eficácia, parecem ser os utilizadores que frequentam os grupos arte entre 19 e 30 meses, aqueles que apresentam maior média no factor auto-eficácia.

*Tabela 21.* Distribuição da média e erro padrão do factor de maturidade psicológica por tempo de frequência nos grupos arte

<b>Factor de maturidade psicológica</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
< 12 meses	15.64	0.789
12-18 meses	14.57	0.393
19-30 meses	14.21	0.585
> 30 meses	14.28	0.427

Tendo em conta que foi efectuada uma análise descritiva dos resultados e analisando as médias do factor de maturidade psicológica, podemos dizer-se que parecem ser, de novo, os utilizadores dos grupos arte que frequentam há menos de 12 meses aqueles com maior média nesse mesmo factor.

*Tabela 22.* Distribuição da média e erro padrão do factor de impulsividade-actividade por tempo de frequência nos grupos arte

<b>Factor de impulsividade-actividade</b>	<b>Média</b>	<b>Erro padrão</b>
< 12 meses	11.91	0.579
12-18 meses	10.94	0.253
19-30 meses	11.23	0.833
> 30 meses	11.89	0.317

Tendo em conta que foi efectuada uma análise descritiva dos resultados e considerando o factor de impulsividade-actividade, pode dizer-se que parecem ser os utilizadores dos grupos arte que frequentam há menos de 12 meses, aqueles que apresentam maior média nesse mesmo factor.

### **7.3 Conclusão**

Tendo em conta o estudo do auto-conceito aplicado a uma amostra de 280 indivíduos divididos em 2 grupos: grupo arte - 148 indivíduos (52,9%) e grupo não arte - 132 (47,1%) indivíduos; e utilizando o Inventário Clínico de Vaz Serra, podemos concluir que o dado mais relevante é a diferença da média entre o grupo arte e o grupo não arte no factor 4 (impulsividade-actividade).

Este estudo revela o impacto que a metodologia aplicada nos grupos arte promove a integração num contexto de promoções de competências pessoais e sociais, permitindo assim um incremento de um factor do auto-conceito do Inventário Clínico de Vaz Serra (factor 4 impulsividade-actividade).

Desenvolvendo assim nestes indivíduos um aumento da sua iniciativa, um aumento da sua pró-actividade, um aumento da motivação individual e de desenvolvimento de atitudes mais perfeccionistas.



## Parte D

CONCLUSÕES:

DA REINSERÇÃO SOCIAL À INCLUSÃO

---



**CAPÍTULO VIII – Proposta do Modelo de Reinserção Social:  
HUMA**



Ao longo deste trabalho procuramos validar um modelo de reinserção social incluso, baseado na metodologia utilizada nos grupos arte do Espaço t. A validação do modelo é feita essencialmente através das histórias de vida de 10 utilizadores, cujos percursos de vida foram particularmente recriados por eles, através dos grupos arte que frequentaram no Espaço t. Partimos das suas narrativas, conscientes de que é um espaço subjectivo e intrínseco à própria pessoa. No final da nossa análise hermenêutica, apresentámos essa mesma apreciação ao próprio para a sua validação. Acreditamos ser fundamental este tipo de avaliação, pois a melhor forma de avaliação dos resultados é quando estes são avaliados pelo próprio desde que este tenha autonomia e condições cognitivas para o fazer.

“Dar voz àqueles que querem falar e, porque a viver situações, se sentem capazes de narrar... os factos que a eles lhes parecem claros, ou não, as formas como lidam e vivem os diversos acontecimentos que nas suas vidas ocorrem é dar lugar e tempo à leitura e descoberta de outros “discursos” que não aqueles que a Ciência já aceitou e sobre eles reflectiu....A marca genuína de uma ciência empírica é respeitar a natureza do mundo empírico. A observação directa do meio social a estudar, mais do que trabalhar com a simulação desse mundo... permite a descoberta da realidade da vida em grupo, da adaptação dos indivíduos uns aos outros. É possível observar de que forma estabelecem relações, interagem, formando os objectos que constituem o seu mundo” (Leão, 2010, p.50).

O HUMA articula elementos e estratégias presentes em diversos modelos que são praticados um pouco por todo o mundo, o que o torna único é o modo como estes elementos são combinados e a filosofia que os precede e sustenta.

A sua abrangência é um dos factores mais distintos: usualmente os profissionais da área social trabalham com grupos específicos – indivíduos com doença mental, física, idosos, seropositivos, reclusos, etc.. Compartimentam as pessoas em *tipos* ou *classes*, sujeitos a procedimentos tipificados e previsíveis que, mesmo sem intenção, acabam por os rotular e, assim, discriminar, mesmo que positivamente.

O facto do HUMA ser um modelo abrangente, que se aplica a todos os indivíduos com todo o tipo de problemáticas, é um factor que o distingue de todos os outros. Acrescentando ainda que é o próprio indivíduo o ultimo decisor do seu projecto de vida e aquele que, activamente, define os objectivos da sua própria integração/inclusão; desta forma o nosso objectivo “será trabalhar em direcção à constante expansão da consciência, a fim de facilitar que as pessoas venham a se tornar agentes das próprias transformações na vida” (Ciornai, 2004, p.36).

Entendemos que estar incluído na sociedade é essencial a todos os seres humanos, quer sejam indivíduos com patologia, quer que sejam indivíduos “ditos normais”.

Temos sempre presente que a inclusão nunca é um dado adquirido; nenhum indivíduo se encontra plenamente integrado/incluído, este processo é dinâmico, evolui ao longo do tempo em função da pessoa, das circunstâncias da vida e é condicionado pelos mais diversos factores, que podem ser de natureza diversa: patologias mentais ou físicas, problemas sociais, económicos, culturais ou mesmo de carácter existencial.

Por isso, os nossos técnicos apresentam-se como facilitadores e mediadores do processo inclusivo, sendo o seu papel de extrema importância para os utilizadores. A primeira premissa deste modelo é o foco no indivíduo como decisor do caminho que o conduzirá à inclusão; outra das características que mais distinguem o HUMA é a eleição da *relação* como meio privilegiado de todo o processo. A relação efectiva entre as pessoas é a ponte que permitirá ao indivíduo encontrar-se, e assim assumir o papel que só a si pertence e que conduz à auto-realização e à “felicidade” (assumindo toda a diversidade e amplitude que este conceito pode ter).

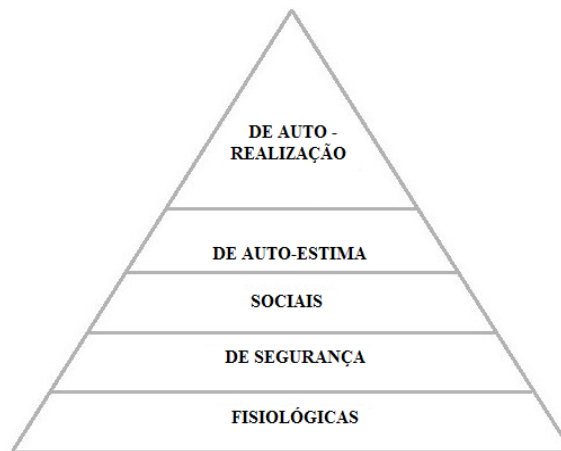
Chegando à fase final da avaliação, o facilitador promove a realização da narrativa pelo indivíduo e, em conjunto, analisam a mesma apreciando os progressos feitos com o objectivo de entender os processos de inclusão atingidos. O resultado deste trabalho, é a narrativa, que após ter sido sujeita a análise hermenêutica é validada pelo próprio.

“Existe uma experiência auto-interpretativa humana, porque a realidade é sempre uma realidade simbólica (relacional e humana), e o homem tem que assumir o papel de hermeneuta da sua própria realidade, que, por sua vez, se traduzirá numa determinada linguagem, que produzirá um determinado discurso” (Jardim, 2010, p. 14).

Como todos sabemos, incluir é muito mais do que satisfazer as necessidades básicas do Homem, sejam elas materiais, sociais, emocionais, ou outras. Nesta perspectiva, o HUMA procura desenvolver uma nova abordagem, que vá para lá do abrigo físico para dormir, assegurar a alimentação, cuidados médicos, entre outros. Tendo em conta a abrangência deste modelo, tanto ao nível da população que pretende atingir, quer ao nível dos seus objectivos, importa que todos encontrem uma inclusão plena que, cremos, se concretiza quando o indivíduo se sente realizado e atinge aquilo que entende por felicidade (conceito com critérios claramente subjectivos) ou seja, o nível de integração e o tempo para atingir a mesma, varia de indivíduo para indivíduo.

À primeira vista, o comportamento humano pode ser explicado pelas suas necessidades e pelos seus desejos. Quando uma necessidade premente se “activa”, ela impulsiona a actividade; a necessidade determina o comportamento do indivíduo.

“Maslow propôs uma hierarquia de necessidades em que as necessidades fisiológicas de ordem mais baixa estão em baixo, as necessidades de segurança estão mais acima, a necessidade de realização e de amor estão ainda mais acima e o desejo de estima está ainda mais alto. No extremo superior da hierarquia, encontra-se a luta pela realização pessoal – o desejo de se realizar ao máximo...Maslow achava que as pessoas só lutavam pelas necessidades de ordem mais elevada...quando as necessidades de ordem mais baixa, como a fome, estivessem satisfeitas” (Gleitman, 1999, p. 930).



*Ilustração 28.* Pirâmide das necessidades humanas de Maslow

Maslow (1970) explica o comportamento humano como obedecendo a diferentes necessidades que se dispõem hierarquicamente – das mais básicas e essenciais à sobrevivência, às mais complexas e elaboradas. Na base da pirâmide, situam-se as necessidades de nível *fisiológico*, que estimulam comportamentos elementares como comer, beber ou o sexo. O segundo patamar da pirâmide é composto por uma série de necessidades referentes à *segurança*, que vão da essencial necessidade de segurança física a formas mais elaboradas como a segurança no trabalho, saúde, etc. Seguem-se as necessidades *sociais* ou de associação; uma vez satisfeitas as necessidades fisiológicas e de segurança, ascende-se na hierarquia para necessidades de natureza social que incluem diversos aspectos relacionados com as relações que os indivíduos estabelecem entre si como a amizade, amor, a intimidade, ou algo tão simples (mas não menos importante) como fazer parte de um grupo. Este patamar é particularmente relevante porque muitos dos problemas com que nos deparamos no nosso trabalho diário resulta da incapacidade das pessoas satisfazerem as necessidades sociais. Privações desta natureza resultam quase sempre em situações de solidão, abandono, desadaptação social, estigmas e preconceitos; resumindo: desintegração social. Esta é a razão da nossa aposta no trabalho dos grupos arte e na ênfase que atribuímos à relação – a relação que se estabelece entre pares heterogêneos (técnicos incluídos) nas dinâmicas de grupo, é o agente catalisador de todo o processo inclusivo. O nível seguinte é o das necessidades de *estima*. A estima é a necessidade humana de ser aceita e valorizado pelos outros; o

reconhecimento das suas competências, a aprovação e o reconhecimento dos pares configura uma das mais importantes condições do comportamento motivado referente ao estilo de vida moderno. Quando o indivíduo não alcança este patamar, o mais provável é que desenvolva baixa auto-estima e um auto-conceito negativo. O último degrau da pirâmide é a realização pessoal. Segundo Maslow (1970) para que esta seja uma motivação fundamental, é necessário que todas as outras tenham sido satisfeitas.

“Maslow e outros humanistas descrevem-no como o desejo de tornar real ou passar ao acto o potencial de cada qual, cumprir-se a si próprio, tornar-se aquilo em que o indivíduo pode tornar-se” (Gleitman, 1999, p. 932).

Maslow (1970), acrescenta ainda, o facto das pessoas que alcançavam o patamar mais elevado da pirâmide, que é a maior probabilidade de experienciam as denominadas *experiências limite*. Estas referem-se à ocorrência de situações na vida da pessoa que são sentidos de forma mais intensa e significativa, com um “sentimento de êxtase e admiração ...com a convicção de que alguma coisa extremamente importante e valiosa terá acontecido...” (Maslow, 1970, p. 164). Este representará o culminar de toda a experiência humana...curiosamente este sentimento é muitas vezes experimentados através da arte, produzindo-a ou fruindo dela.

O modelo da hierarquia das necessidades de Maslow (1908-1970) foi um marco incontestável do Movimento Humanista que, ao contrário dos *behavioristas* e dos psicanalistas, tinham uma concepção mais optimista e positiva do ser humano. Contudo, e por mais relevante que a proposta de Maslow tenha sido, esta não passou incólume às críticas. Ninguém negou, nem nega, que as necessidades descritas no modelo possam ser consideradas motivações humanas e despoletar comportamentos, o que originou mais dúvidas foi o modo como estas foram hierarquizadas. É evidente que necessidades que estão ao nível da auto-preservação como comer, beber, procurar abrigo dos elementos naturais, etc., accionam comportamentos motivados. No entanto, não raras vezes, as pessoas abdicam de satisfazer essas necessidades básicas com a perspectiva de se auto-realizarem, de cumprirem uma promessa ou de realizarem um sonho. Esta lógica perverte completamente a organização hierárquica das necessidades.

Muitos foram os autores e investigadores que se inscreveram no lado dos contestatários: Wahba e Bridgewel (1976); Soper, Milford e Rosenthal (1995), entre outros. Estes autores fizeram revisões dos estudos de Maslow e não encontraram evidências sólidas que suportassem o seu modelo que vem sendo testado exaustivamente, encontrando sempre novas variáveis, como por exemplo – diferenças individuais ao nível da personalidade que tem influência no comportamento motivado, questões de natureza filosófica ou existencial, fenómenos culturais, etc.. Ao longo dos anos outras vezes juntaram-se a este conjunto de críticas, acrescentando novas formas de entender a questão das necessidades e da motivação. Um contributo a ter em conta foi o do economista e ambientalista Manfred Max-Neef (vencedor do Right Livelihood Award, conhecido como Prémio Nobel alternativo). Este autor, faz uma abordagem mais global e tem uma perspectiva muito particular do papel da economia no mundo actual. As suas ideias sobre as necessidades humanas são diametralmente opostas às de Maslow. Segundo Max-Neef, Elizalde e Hopenhayn (1989):

“todas as necessidades humanas estão inter-relacionadas e são inter-activas. As suas dinâmicas não obedecem a qualquer linearidade hierárquica. Nenhuma necessidade é por si mesma mais importante do que outra. Não existe uma ordem fixa de precedência na actualização das necessidades. Simultaneidade, complementaridade e transacções são características do sistema de comportamentos humanos”. (p. 44).

Apesar da tradição hierárquica das necessidades ter desempenhado um papel decisivo na sensibilização para esta problemática, ela também pode contribuir para ofuscar necessidades não materiais (difíceis de definir) mas não menos importantes para os indivíduos. Devemos admitir que as pessoas não vivem todas do mesmo modo com as privações materiais e que se organizam num quadro único e individual de prioridades. Mais, a inflexibilidade da hierarquia maslowniana é facilmente instrumentalizada no sentido de sustentar uma filosofia económica e política que valida uma concepção de sociedade desumanizada, injusta, irredutivelmente organizada em torno do consumo. Infelizmente, contra tudo o que é mais do que evidente, o crescimento económico é ainda considerado um dos pilares do desenvolvimento humano, mesmo quando está na génese de fenómenos como o da pobreza e da exclusão social. “The hierarchy thesis

may serve to legitimize the construction of societies that in fact are zoological gardens” (Galtung, 1980, pp. 68-69).

Mesmo Maslow, na sua teoria, não é definitivo e reconhece existirem exceções: “Alguns artistas passam fome mas não dispensam a sua poesia, e alguns mártires proclamam a sua fé sem olhar à dor ou ao sofrimento” (Maslow, como citado em Gleitman, 1999, p. 930).

Aliás, em trabalhos posteriores avançou com a tese de uma hierarquia de apenas dois níveis de necessidades, acrescentando ainda que a fronteira que as separava era fluida e podia alterar-se em qualquer momento. Os dois pólos seriam as *necessidades básicas* e as *necessidades de crescimento ou auto-realização*, e os comportamentos motivados oscilariam entre a satisfação de necessidades materiais e necessidades espirituais. A teoria original esquecia que tanto as necessidades materiais como as espirituais estão sempre presentes e que as nossas motivações e comportamentos balancem permanentemente entre estes dois pólos.

Uma contribuição valiosa para a total compreensão do nosso modelo advém do trabalho de Frankl (2008), famoso psiquiatra e psicólogo austríaco, fundador da que ficou conhecida como a terceira corrente de psicoterapia: a Logoterapia. Esta escola foi mais uma das dissidentes da psicanálise freudiana e mais uma das muitas teorias sobre as motivações do comportamento humano.

A Logoterapia parte de uma concepção filosófica que tem o Homem, enquanto pessoa, como centro. O impulso primário da pessoa não é, como pensou Freud, a vontade de prazer, também não é a vontade de poder, como queria Adler, mas a vontade de sentido. Este sentido não se inventa, mas descobre-se: numa obra, num amor, numa tarefa a realizar. No fundo, cada um tem de perguntar: o que é que a vida quer de mim? “Em última instância, viver significa assumir a responsabilidade de encontrar a resposta correcta para os problemas que a vida coloca e cumprir as tarefas que ela continuamente aponta a cada pessoa” (Borges, 2007, p. 1-2).

A obra de Viktor Frankl é portadora da marca indelével que as circunstâncias históricas tiveram na sua vida. Após ter concluído o curso de medicina teve diversas experiências de trabalho em hospitais psiquiátricos; entre 1933 e 1936 é o responsável pelo pavilhão

das mulheres suicidas do hospital psiquiátrico de Viena, o que muito provavelmente o terá despertado para o *sentido de viver* e da *vida sem significado* – uma abordagem mais existencialista da análise e da terapia psicológica. Mas o acontecimento mais marcante na sua vida foi, sem dúvida, a invasão da Áustria pelas forças nazis. Frankl, entre os anos 1940-1942, já sob a ocupação nazi, dirigiu o departamento de neurologia do hospital judeu de Rotshild; durante esse período viu-se na necessidade de forjar falsos diagnósticos para salvar a vida de muitos pacientes portadores de doenças que eram tidas pelo regime nacional-socialista como *degenerativas* para a humanidade e como tal deveriam ser eliminadas por “eutanásia”. A sua postura não terá agradado ao regime e acabou detido juntamente com a sua família e posteriormente enviados para um campo de concentração. A sua esposa, pai, mãe e um irmão foram assassinados. Viktor Frankl sobreviveu a vários campos de concentração como o de Therezin o de Auschwitz e Dachau. Foi essa sua experiência como prisioneiro sobrevivente que estabeleceu os ditames da sua linha de pensamento e de toda a sua obra posterior. Aliás, foi no interior do inferno de Auschwitz que começou a tomar as primeiras notas que lhe serviram para vários livros que veio a publicar depois da sua libertação. É em *Ein Psycholog das Konzentrationslager* (Um Psicólogo no Campo de Concentração) que apresenta a sua teoria sobre o *sentido da vida* e que desenvolve as premissas básicas do seu método psicoterapêutico. Frankl (2008) defendia a tese de que em determinadas circunstâncias aquilo que move o Homem – a sua motivação básica, é a busca pelo sentido da vida. A última e irremediável liberdade de cada homem ou mulher em escolher o seu próprio caminho. De acordo com a Logoterapia o Homem é muito mais do que uma máquina que responde a impulsos com a finalidade de restabelecer o equilíbrio homeostático. Compreender o Homem – a pessoa, implica ter em conta a sua totalidade: física, psíquica e espiritualmente.

“A realidade humana refere-se sempre a algo para lá de si mesma. Está dirigida para algo que não é ela mesma. Os seres humanos procuram mais para lá de si mesmos: um sentido no mundo. Procuram encontrar um significado a realizar, uma causa a servir, uma pessoa a quem amar. E só assim os seres humanos se comportam como verdadeiramente humanos” (Frankl, como citado em Borges 2007, pp. 1-2).

A dimensão espiritual e emocional é um factor basilar na vida das pessoas. As suas opções, o seu estilo de vida, a sua resiliência perante adversidades estão intimamente relacionadas com aspectos espirituais e emocionais. Frankl verificou que, *se eram as* pessoas com vida interior e intelectual mais intensa que sofriam mais, também eram elas que tinham maior capacidade de resistir” (Borges, 2007, p. 1-2). A perda de sentido para a vida dá origem a neuroses que não resultam de conflitos inconscientes resultantes de traumas na infância ou da não satisfação das necessidades mais básicas. Era a falta de sentido para a vida, a falta de esperança, a ausência de qualquer perspectiva de futuro que levava os prisioneiros a desistir. “Quem não pode crer num futuro, no seu futuro, estava perdido. Ao perder o futuro, perdia-se ipso facto o apoio espiritual, e a pessoa degenerava, tanto corporal como psiquicamente”. (Frankl, 2008, p. 97).

O HUMA, tal como a Logoterapia, explora o sentido existencial da pessoa e a dimensão espiritual e emocional da existência. É a pessoa na sua totalidade que temos em conta: Fisicamente - o corpo como instrumento e meio de permuta entre o interior e o exterior; é através do corpo que sentimos, vemos, saboreamos, experimentamos o ambiente que nos rodeia. O corpo que aprendemos a reconhecer como nosso e que faz parte da nossa identidade. Psiquicamente - a vida interior, consciente ou inconsciente; a vertente intelectual que nos permite formar conceitos acerca de tudo o que nos rodeia, os valores, etc.. A outro nível da nossa vida mental temos a Espiritualidade. Esta merece ser destacada da restante actividade psicológica porque encerra características únicas. Os sentimentos maiores como o amor, o altruísmo, ou passar por experiências místicas como, por exemplo, nos é descrito por indivíduos religiosos, etc.. Só tendo em conta a dimensão espiritual do Homem podemos entender determinados comportamentos que, aparentemente, são completamente irracionais chegando mesmo a contrariar o poderoso instinto de auto-preservação.

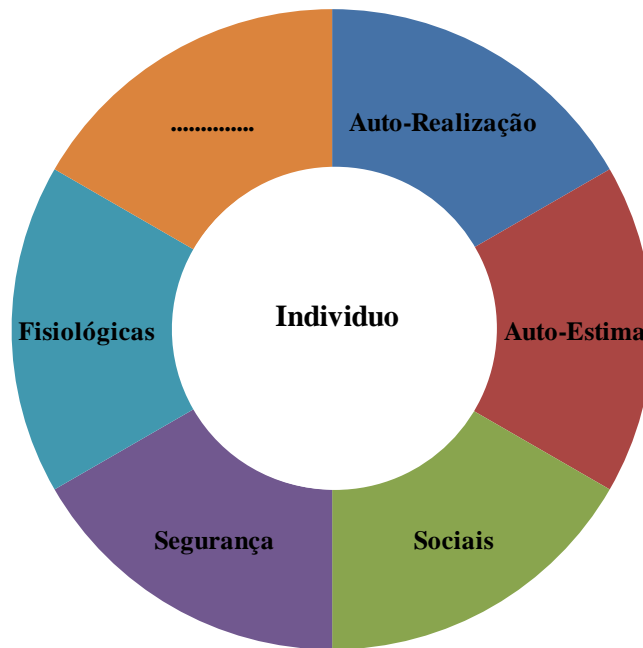
A focalização no individual e em tudo aquilo que torna cada ser humano único e irrepetível, não permite, contudo, esquecer a dimensão socio-cultural do Homem e do seu meio. O meio onde vive – o ecossistema, as relações que estabelece com os outros e com os objectos, o tipo de organização social em que se insere, os fenómenos económicos e do consumo, etc.. O “homem é produto e produtor da sociedade e/ou da cultura” (Vala & Monteiro, 2002, p. 15). Inclusive, devemos ter em conta a influência

da vida espiritual individual e colectiva na sociedade; tal questão era fundamental para Palante: “As relações entre a vida espiritual e o estado da sociedade. A vida social no seu tríplice aspecto, inteligência, sentimento e vontade é redutível às influências sociais? É favorecida ou contrariada por elas e em que medida? ”. (Palante, como citado em Vala & Monteiro, 2002, p. 16).

O modelo HUMA afirma-se contra todo e qualquer determinismo seja ele fisiológico, hereditário ou social. Concebe uma abordagem das necessidades humanas mais ampla e dinâmica, afastando hierarquias pré-definidas, dogmas culturais e científicos. O círculo dinâmico das necessidades humanas, como lhe chamamos, projecta a forma como cada pessoa sente e gere as suas necessidades, de forma circular e dinâmica, admitindo que é um processo fluído, sempre sujeito a mudanças e reajustes consoante as circunstâncias e as suas vivências.

O método que desenvolvemos, consiste em abordar a pessoa de forma integrada e global, não o comportamento ou a circunstância que a conduziu ao Espaço t. O diagnóstico com que as pessoas chegam é apenas a face mais visível dos problemas mais profundos que as afectam. Não nos inibimos de conjugar diferentes abordagens como as correntes psicodinâmicas, humanistas, gestalt ou cognitivo-comportamentais nos nossos grupos arte, no aconselhamento individual, até nas actividades culturais que o Espaço t promove. O que pretendemos é a criação de situações que possibilitem a ocorrência de processos de introspecção que permitam atingir um grau de autoconhecimento suficientemente profundo que capacite a pessoa para lidar com questões relacionadas com a sua personalidade que não estavam resolvidas.

Convidamos cada pessoa a criar o seu círculo dinâmico de necessidades humanas e, sempre que necessário, a alterá-lo à medida das circunstâncias e das suas expectativas. Poderá mesmo acrescentar outras necessidades que só tenham importância para si. É, por isso, um processo totalmente dinâmico e aberto.



*Ilustração 29.* Círculo dinâmico das necessidades humanas

O círculo das necessidades humanas mantém os vários grupos das necessidades propostas por Maslow (1970), nomeadamente necessidades fisiológicas (necessidades que estimulam comportamentos elementares como comer, beber entre outros); Necessidades de segurança (constituídas pelas necessidades de segurança física às formas mais elaboradas como é o caso da segurança no trabalho, na saúde entre outras); surgem também as necessidades sociais (relacionadas com as relações que o individuo estabelece entre si como: a amizade, o amor, a intimidade ou por exemplo fazer parte de um grupo). Existem também as necessidades de auto-estima (necessidades humanas de ser aceite e valorizado pelos outros, o reconhecimento das suas competências, a aprovação e reconhecimento dos pares, entre outras); e as necessidades de auto-realização (referem-se à ocorrência de situações na vida da pessoa que são sentidas de forma intensa e significativa).

Acrescentamos ainda, neste ciclo dinâmico, em que todas as necessidades, funcionam de forma dinâmica e em interacção, um grupo de necessidades ao qual não lhe é atribuído nome e onde o indivíduo poderá incluir todas aquelas que são únicas e apenas sentidas necessárias pelo próprio.

O HUMA assenta em quatro grandes pressupostos:

1. Humanismo
2. Unidade
3. Motivação
4. Arte

(1) Humanismo

"A palavra Humanismo deriva do latim *humanus*, que significa "humano". Podemos definir brevemente um humanista como alguém cuja visão do mundo confere grande importância aos seres humanos, à vida e ao valor do ser humano. O Humanismo realça a liberdade do indivíduo, a razão, as oportunidades e os direitos." (Gaarder, 2000, p. 247).

A atitude humanista é a essência do nosso trabalho. É a pessoa que se encontra no cerne de todas as nossas inquietações e a justificação da existência do Espaço t e deste modelo. A pessoa, a vida, uma ética intrinsecamente humanista que respeita e defende acima de tudo a liberdade individual como valor inegociável. Esta é a condição do Homem no mundo, "o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio, e por outro lado, livre, porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo aquilo que faz" (Sartre, 1946, p. 36).

Se traçamos um projecto individual de inclusão social, nunca perdemos de vista que quem faz as opções é o indivíduo e ninguém se opõe às mesmas, mesmo se vão contra os valores e a cultura tida como socialmente "normal". Interessa-nos acima de tudo que aquela pessoa seja feliz e se *auto-realize*. O(s) facilitador(es), este(s), tal como a palavra indicia, apenas facilita(m) o processo; obviamente sem se demitir das suas funções que podem ir da terapia, à educação, aconselhamento, mediação, ou outras.

"Tentar tornar claro para os pacientes a importância da liberdade de escolha. Insistem em que todos nós somos pessoas e não objectos, que os actos humanos brotam de dentro e que não são impostos de fora, que há sempre uma escolha –

mesmo na prisão ou num campo de concentração – e que no limite, se é o resultado daquilo que escolhemos ser. A tarefa do terapeuta é a de levar o paciente a compreender que a responsabilidade relativa às suas escolhas é sua e de mais ninguém. Se e quando aceitar essa responsabilidade, o paciente deixará de se sentir existencialmente vazio e começará a sentir-se «autêntico»”. (Gleitman, 1999, p. 1044).

Podemos constatar, pelas histórias de vida analisadas ao longo deste trabalho de investigação, que o vector humanismo foi referenciado de forma continuada pelos indivíduos desta investigação como num aspecto fundamental na melhoria da sua qualidade de vida e consequente melhoria da integração social. Como refere X na sua história:

“...neste espaço sinto como se fosse um refúgio para a alma...em casa dava em maluca...no hospital não me sentia bem após as tentativas de suicídio...tinha horas marcadas...muitas regras, muitos medicamentos. No Espaço t achei libertador, um espaço aberto, não me cobravam as ausências, eu venho porque sinto que necessito...aqui crio muitos afectos com os colegas, os professores e toda a equipa...não há medicamentos, há amizade”

...e refere, ainda,

“...as actividades, o convívio no grupo, as consultas, as dinâmicas de grupo, ensinaram-me a descobrir o meu sentido crítico...eu era muito ansiosa, pois não convivía, não estava informada, aqui aprendi coisas novas, com pessoas novas, com temas novos, com histórias de vida diferentes da minha, respeitavam-me e eu a eles...”

e leva os conceitos para o exterior

“...Fiz amigos cá dentro que agora são de lá de fora, já foram a minha casa e partilhamos afectos, vemos fotos, lemos poemas, falamos muitos pelo telefone, pois aqui não há privacidade suficiente, pois estamos todos juntos. Criei o hábito de escrever textos e de trocar com os meus colegas...”

## (2) Unidade

Definir cada pessoa pela sua “identidade” biológica e pela sua identidade social é um exercício difícil e seria sempre incompleto. Cada homem e cada mulher tem uma história de vida única e irrepitível, é um processo dinâmico em permanente mudança. Mesmo ao nível físico acontecem mudanças irreversíveis, nascemos, crescemos, envelhecemos. A “pessoa social” que somos é tão mutável como a anterior, adaptando-se e alterando o seu comportamento consoante os contextos em que se move.

É importante reflectir o valor do indivíduo na Sociedade de que ele faz parte. Durkheim indica a existência de duas dimensões em cada pessoa:

“Um é feito de todos os estados mentais que apenas se ligam a nós mesmos e aos acontecimentos da nossa vida pessoal: é o que podemos chamar o ser individual. O outro é o sistema de ideias. De sentimentos e de hábitos que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte: as crenças religiosas, as crenças e as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões colectivas de todo o género. O seu conjunto forma o ser social” (Durkheim, 2007, p. 53).

Por isso, carecemos de um conceito de pessoa que permaneça estável face a todas as variações físicas e sociais. Conhecemo-nos, construímos uma identidade a partir de experiências do dia-a-dia, das memórias e da informação que os outros reflectem acerca de nós próprios. Aliás, é a memória que dá sentido ao presente e é também a partir dela que projectamos o futuro.

Certos “pensadores” procuraram encontrar um conceito de identidade que permanecesse estável perante toda a multiplicidade de perfis que cada pessoa assume ao longo da vida mas, neste esforço tão “racional”, tão científico, acabaram por se afastar da pessoa real que todos somos. Não tememos encarar a unidade da pessoa como algo inacabado, aliás, “podemos concluir que a unidade do sujeito humano é sobretudo uma construção um projecto a fazer-se, que se manifesta nos domínios da acção e comunicação com os outros e nos protagoniza como autores da nossa história” (Santos & Lima, 1981, p.462).

Com esta dimensão de unidade individual que depois de se redefinir se transforma na unidade global a qual chamamos sociedade, conseguimos colocar estes indivíduos mais integrados no seu meio. Da análise da história de **X**, podemos obter as evidências da importância da unidade na integração do indivíduo, como refere:

“...criei muita autonomia porque aprendi a criar mais responsabilidades, aprendi a gerir o dinheiro, os afectos, a solidão...até comecei a usar o facebook...Eu venho só e tenho que ir só para casa, não me levam a casa e isso é bom.... no fundo aprendi a ser autónoma...não é um espaço só de doença psiquiátrica, é um espaço de pessoas; a R, a Y, a P, a M, a T que me ajudaram muito, outros andam à procura de emprego, é um espaço onde nos dão afecto...”

e refere ainda

“...as actividades, o convívio no grupo, as consultas, as dinâmicas de grupo, ensinaram-me a descobrir o meu sentido crítico...eu era muito ansiosa, pois não convivía, não estava informada, aqui aprendi coisas novas, com pessoas novas, com temas novos, com histórias de vida diferentes da minha, respeitavam-me e eu a eles...”.

Também **C** refere, no seu momento do passado

“...Depois da morte do meu pai estive internada 2 meses no hospital conde Ferreira, tive bastante apoio dos enfermeiros e outras pessoas que me apoiaram no Internamento e alguns doentes criei laços de amizade que jamais esquecerei. Depois de ter alta tive uma carta e foi aí graças a deus que vim para o Espaço t, tem e trazer a ficha ao Dr. W que hoje é meu Psicólogo, sempre tive o apoio dos utentes do et, dos funcionários, e técnicos e formadores do et. O meu muito obrigado a todos. Pois muitas vezes eu me sentia no fundo do poço e os utentes do et, me ajudaram a erguer com as várias actividades lúdicas e reflexão, dão-me mais força para enfrentar as dificuldades no meu dia-a-dia...”.

e **D** no seu momento do passado refere também “...Deixei de conviver pois não tinha com quem, por isso cheguei ao Espaço t, aqui encontrei um bom grupo de amigos onde se pode falar, conviver e até encontrei um novo companheiro, que amo...”.

### (3) Motivação

Ninguém se integra se não estiver motivado. Como tal, devemos prestar uma atenção especial a este fenómeno humano. Recusando uma abordagem baseada em princípios gerais e tipificados que algumas teorias propõem. Defendemos, mais uma vez, uma prática que tenha em conta a heterogeneidade da população. As pessoas são diferentes umas das outras, desde as suas características físicas, às histórias de vida, a cultura em que se inserem, etc.. Assim, temos em conta a diversidade dos indivíduos que nos procuram e as suas diferentes expectativas, quais os seus objectivos, a forma como cada um deles organiza os seus comportamentos em função das suas motivações. A variedade de objectivos motivacionais e as estratégias comportamentais utilizadas são tantas e tão diversas, que tornam claro a multiplicidade de perspectivas e variações características do fenómeno da motivação humana.

“No geral, a grande maioria dos pressupostos básicos que apoiam as teorias voltadas à explicação da motivação do ser humano foram simplesmente concebidos a partir de um conjunto de dados estatísticos e, por isso mesmo, abstractos, que retratam o perfil de uma amostra da população, mas não explicam, realmente, a maneira particular pela qual cada um dos componentes desse grupo leva a sua existência de ser humano motivado.... Essas tentativas teórico-rationais, que explicam apenas um ser humano abstraído da sua natureza existencial, tornam possível a emergência e a rápida difusão de pontos de vista, opiniões e crenças pessoais tão abundantes quanto dispares sobre a fenomenologia da motivação, os quais tem levado mais à confusão do que ao esclarecimento.” (Bergamini, 1990, p. 24).

A quantidade de teorias propostas pelas diferentes escolas é tão numerosa que só esse facto reflecte bem a importância que tem sido atribuída à motivação humana. Contudo, a multiplicidade de diferentes “leituras” lança alguma confusão no momento da escolha de uma orientação teórica/técnica eficaz e capaz de guiar os profissionais que trabalham na *área do social*, o que explica que, quase sempre, cada técnico adopte a sua própria visão do comportamento motivado. Isto poderia aportar algumas dificuldades na condução do nosso trabalho, uma vez que correríamos o risco de surgirem incompreensões e dificuldades de conciliação dos diferentes pontos de vista. Era

forçoso repensar o conceito da motivação e a forma como seria abordada esta dimensão humana no âmbito do trabalho no Espaço t. Naturalmente não faremos aqui uma revisão das teorias existentes, tal já foi amplamente feito por diversos investigadores; o que vamos fazer é especificar os princípios condutores que acreditamos serem os que mais se aproximam da nossa visão da motivação humana e da forma como queremos que o comportamento motivado seja trabalhado.

Começamos por excluir uma determinada perspectiva mais “instrumentalista” do homem e do seu comportamento. Referimo-nos sobretudo à *teoria comportamentalista* que:

“considera o homem como um organismo passivo governado pelos estímulos fornecidos pelo ambiente exterior. O homem pode ser manipulado, o que significa que seu comportamento pode ser controlado através do planeamento adequado de um conjunto específico de estímulos ambientais.” (Milhoan & Forisha, como citado em Bergamini, 1990, p. 26).

Esta teoria pressupõe que o comportamento encontra o seu “impulso” em factores extrínsecos ao próprio indivíduo, ou seja, não dependem da sua vontade. Este princípio reduz o comportamento a uma simples reacção a um estímulo externo, não tendo em conta outras variáveis. Não estamos, assim, a negar evidências científicas fundadoras da psicologia – as teorias de Pavlov referentes ao Reflexo Condicionado; Thorndike e a Lei do Efeito; Skinner com a incontornável Teoria do Reforço; etc. Pretende-se sim clarificar o conceito - Reacção não é Motivação-. O condicionamento conseguido através de variáveis extrínsecas desperta “reacções”, ou seja, levam o indivíduo ao movimento. Aquilo que autores como Herzberg (1975) denominam de *movimento* não é mais do que uma reacção a um estímulo e que só perdura enquanto emparelhado com um reforço positivo.

Esta perspectiva tem sido adoptada em vários contextos organizacionais com resultados no mínimo questionáveis e, se por um lado, parecem obter resultados positivos perfeitamente mensuráveis como o aumento de produção em unidades industriais, por outro, pode ter consequências nefastas para o indivíduo. Uma coisa é uma pessoa cujos gestos estão completamente automatizados, como se de um ser mecânico se tratasse,

outra bem diferente é um indivíduo motivado. Esta “crença” comportamentalista que ainda hoje prolifera de “que as pessoas mudam o seu comportamento e a sua maneira de ser de acordo com os condicionadores aos quais elas se encontram submetidas. (Bergamini, 1990, p. 27), é, no mínimo, perigosa. Davis & Newstrom (1989) criticam abertamente estes modelos:

“ A Modificação Comportamental tem sido criticada sob vários aspectos, incluindo a sua própria filosofia, métodos e aplicabilidade. Devido à grande força das consequências desejáveis, a modificação comportamental pode efectivamente forçar as pessoas a mudarem os seus comportamentos. Nesse sentido, ela manipula as pessoas e é inconsistente com os pressupostos de enfoque humanístico...e segundo os quais as pessoas querem ser autónomas e auto-realizadas. Alguns críticos também temem que a modificação de comportamento dê excessivo poder aos administradores, levando à seguinte questão: quem irá controlar os controladores?” (p. 118).

A instrumentalização do ser humano, independentemente das teorias subjacentes, segue uma corrente de pensamento completamente contrária à que procuramos no Espaço t.

É evidente que o Homem possui comportamentos que respondem aos estímulos mais básicos, sendo essenciais na adaptação ao seu meio ambiente e à sobrevivência. Mas os humanos são seres complexos e os seus comportamentos não se explicam unicamente através de um processo linear e invariável tipo estímulo-resposta. Cada pessoa é única e auto-determinada. Ao contrário do que os comportamentalistas afirmam, a força que leva ao comportamento motivado não se encontra apenas fora da pessoa, ou seja, em factores extrínsecos., bem pelo contrário, cada indivíduo carrega em si todo o potencial necessário para a acção. É em si próprio que o comportamento motivado tem origem. A corrente fenomenológica defende precisamente isto:

“considerando o homem como fonte de todos os actos. O homem é essencialmente livre de fazer escolhas em cada situação. O ponto focal dessa liberdade é a consciência humana. Comportamento é, assim, apenas a expressão observável e a consequência de um mundo do ser interno, essencialmente privado.” (Milhoan & Forisha, 1972, p. 17).

O princípio que subjaz a esta ideia respeita em absoluto a pessoa humana, aceita a sua subjectividade, os seus sentimentos, emoções e a sua história de vida única, percebe que cada indivíduo tem as suas expectativas e que se organiza de acordo com as mesmas. Só podemos “trabalhar” a motivação de outra pessoa respeitando as suas intenções e os seus motivos; assim, podemos promover comportamentos mais adaptados a partir da vontade da própria pessoa.

Como podemos extrair das histórias de vida estes indivíduos passaram a conseguir motivar-se mesmo que em condições de solidão, porque sabem que quando estão nesse estado também o desejam ou então reaprenderam a viver com ele.

Como refere **F**, no seu presente:

“...Mas não fico por aí consegue neste ano o lançamento de dois livros Milinda e Sentimentos nunca seria possível se não tivesse o Apoio da minha Amada e Companheira. Tem me dado muita força para tudo principalmente para não disistir de viver. Só nestes ultimos dois anos e consegui sentir o sabor dumas férias diferentes, do empenhamento mutuo, ate do saborear a companhia do café e todas as refeições juntos partilhamos Bons e Maus momentos”

**I** no seu presente também refere:

“O meu Presente é o ESPAÇO T veio me ajudar muito porque é sinal que não estou em casa sem fazer nada e distraio-me muito a vira para o ESPAÇO T...Passo espaço t uma covivo com os meus colega sinto nem passar bem legria Amor – para dar tenho muito algria quero quer ir para bem espaço - T...”

Importa ainda referir as conclusões obtidas através da análise diferencial do auto-conceito utilizando o Inventário Clínico de Vaz Serra, onde concluimos que a metodologia aplicada nos grupos arte promove o incremento do factor 4 (impulsividade-actividade) do auto-conceito do Inventário Clínico de Vaz Serra, desenvolvendo assim nestes indivíduos, um aumento da sua iniciativa, um aumento da sua pro-actividade, um aumento da motivação individual e de desenvolvimento de atitudes mais perfeccionistas: O que por si só, reforça a importância que os grupos arte promovem nestes indivíduos, no que refere à sua motivação interna e externa.

#### (4) Arte

A arte, como instrumento físico para a reorganização do indivíduo e a libertação da sua emocionalidade é a base de todo este processo, como refere Ferraz (2009):

“Já na Antiguidade Clássica se conheciam as propriedades terapêuticas da arte e os benefícios que a sua prática propiciava, contribuindo para o equilíbrio geral no ser humano. Todos nós conseguimos lembrarmo-nos dos antigos teatros gregos em que a catarse permitia a libertação de sentimentos e emoções. Foi Aristóteles o primeiro filósofo a falar sobre a noção de catarse, tendo sugerido que o espectáculo podia purificar simultaneamente os actores e espectadores. As artes como a música, a poesia, teatro e escultura eram consideradas como curativas, remédios para alma tanto do artista como do espectador.

Nos finais do séc. XIX o teatro era recomendado para os doentes mentais, pois assim podiam sair da sua apatia e do seu mundo interior, delirante” (p. 58).

Falemos então deste 4.º pressuposto, e talvez o mais importante, a arte como instrumento de trabalho. E porquê a arte? Porque a arte qualquer que seja a sua forma, arte expressiva, naïf, bruta, do inconsciente, desde que não seja condicionada, mas sim orientada, ajuda a criar relação intra e extra Eu. Através da arte o Homem redescobre-se e descobre o seu verdadeiro Eu sem máscaras sociais, desenvolvendo o seu auto-conceito e auto-estima. A arte transforma o potencial humano em real humano.

Assim foi nestas narrativas e noutras que também conhecemos.

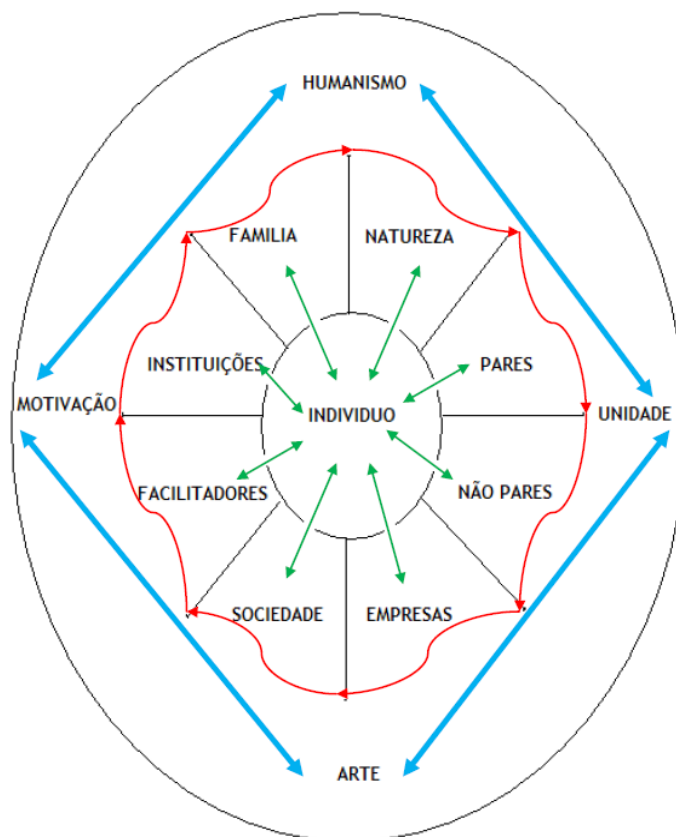
Podemos observar, no presente de **B**, em que este passou de personagem passivo de uma vida a actor interventivo dessa mesma vida, onde através da sua pintura quer-se mostrar, mas também quer “gritar” aos outros a sua luta, a sua mensagem, como refere: “No fim de 2005 fiz uma exposição, na galeria do Espaço t, a qual teve algumas telas minhas, ao qual eu dei o nome de Alerta. Era para avisar as pessoas por causa da Natureza...”, e **F** se redescobre na escrita, transformando-se como as folhas brancas que passam a imensas folhas carregadas de caracteres, que também contam as suas histórias, como diz no seu presente “...Sofri, Lutei, Dei a volta por cima tenho conseguido muito dos meus objectivos, e partilha-los. Nota: ainda este ano vão sair mais 2 livros Reviver

o Passado – Fonte de Luz com um lançamento que sempre idealizei. Sem mais de momento”.

Desta forma, através do instrumento arte, desenvolvido num conceito humanista, integrado na dimensão dos grupos de arte, o indivíduo motiva-se interna e externamente. Consegue assim reorganizar a sua unidade pessoal e única, baseada no seu círculo dinâmico das necessidades humanas, facilitando a sua interacção com a unidade global, à qual chamamos sociedade. Este é o modelo HUMA.

Podemos não ter Homens perfeitos, nem integrações perfeitas porque não existem, essas sim são utopias, mas certamente teremos homens e mulheres com um sentido mais consciente dos seus objectivos, daquilo que necessitam para serem felizes, com um verdadeiro sentido de vida, para que a sociedade os possa voltar a ver como seres iguais aos que se projectam através de máscaras sociais.

Esquemáticamente, podemos apresentar o modelo HUMA:

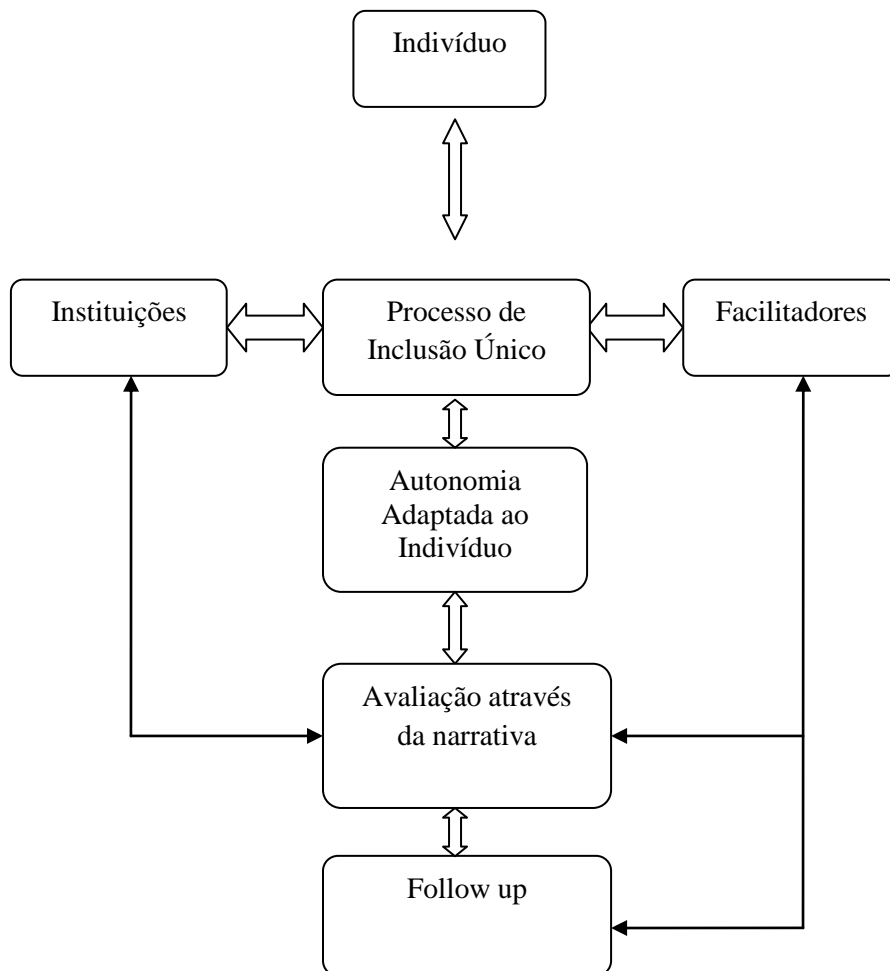


*Ilustração 30. Modelo HUMA*

Observando a ilustração nº 30, podemos definir o modelo HUMA como um modelo centrado no indivíduo dinâmico e em constante procura do seu reequilíbrio. Os quatro vectores (humanismo-unidade-motivação- arte) desempenham um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida e conseqüente melhoria do processo de inclusão, onde o indivíduo passa a ser parte integrante da unidade global à qual chamamos sociedade.

Desta forma, o indivíduo promove interações com todos os facilitadores que podem desempenhar um processo importante na criação de mecanismos potencializadores da satisfação das suas necessidades numa interacção dinâmica e sinérgica em todos eles.

Podemos esquematicamente apresentar o modelo da seguinte forma:



*Ilustração 31. Etapas do Modelo HUMA*

Analisando a ilustração acima apresentada, - o modelo HUMA - baseia-se num processo de inclusão único com plena autonomia do indivíduo e adaptado sempre às suas necessidades, onde os facilitadores, que constituem o seu suporte (família, instituições, pares, entre outros), criam condições para que o mesmo indivíduo crie essa própria autonomia fornecendo, para isso, todas as informações e recursos existentes na sociedade. Periodicamente é feita uma avaliação através da narrativa individual e subjectiva, interpretada pelos facilitadores e validada pelo próprio, utilizando esta ferramenta para analisar e validar as etapas atingidas durante o seu processo de reinserção.

Sendo este modelo, um modelo contínuo, o mesmo requer uma avaliação de forma também contínua, através de *follow-up* adaptados às necessidades de cada caso.



## **CAPÍTULO IX – Conclusão**



Reflexão acerca da condição humana: Felicidade como conceito utópico e expoente máximo de inclusão.

Chegar ao fim é sempre um momento difícil, momento de reflexão, de pensar, de querer voltar a começar de novo ou partir para onde o não físico nos leva.

Depois deste longo percurso percebemos que há muito por fazer no campo da condição humana e nas várias perspectivas como encaramos o Homem e o seu meio, o Homem como ser potencial de liberdade; que na actualidade ainda se encontra muito coarctado dessa liberdade, coarctado do pensamento, e de tudo o resto...

Sem essa transformação nunca conseguiremos evoluir e criar sociedades inclusas, onde o indivíduo poderá ser mais proactivo, mais detentor do saber e capaz de lutar por esse mesmo saber. Mesmo que nunca chegue ao saber pleno, pelo menos consiga chegar ao saber de que pouco sabe, mas consiga entender o enigma humano, a sua finitude, a sua incompreensão, como refere Damásio (1996).

“Do meu ponto de vista, o que se passa é que alma e o espírito, em toda a sua dignidade e dimensão humana, são os estados complexos e únicos de um organismo. Talvez a coisa que se torna mais indispensável fazermos, enquanto seres humanos, seja a de recordar a nós próprios e aos outros a complexidade, a fragilidade, a finitude e a singularidade que nos caracterizam” (pp. 282-283).

É urgente, por isso, a criação de novos paradigmas no que refere aos modelos de reinserção, aos modelos economicistas, ou outros, que estão na base da gestão humana.

O Homem é muito mais do que julga saber que o é, no entanto a maior parte das vezes anula-se nas multidões e em multidões esquecem ser homens ou mulheres, passando a

maior parte das vezes a serem multidões funcionais, orgânicas, elementos apenas de uma cadeia biológica.

Neste mundo anónimo passam a funcionar, estritamente, na luta pela sobrevivência e esquecem-se de lutar por valores menos tangíveis, mas muito mais humanamente necessários, como é o caso da felicidade: expoente máximo da inclusão e para muitos, ainda, um conceito utópico.

Na sociedade em que nos encontramos, segregada e segregadora, na qual Homens matam Homens pela luta por um território, que lhes foi dito ser propriedade deles. Dificilmente pensamos a felicidade, pensamos sim a felicidade de outra maneira - de uma maneira mais funcional – no caso desses Homens, para eles felicidade é sinónimo de conquistas, de territórios com sangue derramado de outros Homens. Para outros, felicidade é quando conseguem obter alimentos para os filhos, nem que seja um “punhado” de qualquer coisa. Alguns encontram a felicidade no poder, a felicidade que é poder e que anula a verdadeira felicidade interna.

Mesmo assim, todos desejamos esse quase “tabu” que é a felicidade, no entanto quase sempre de forma errada, pois apesar de aparentemente sermos muito felizes, continuamos a circular e a viver nas multidões anónimas, onde a felicidade é o golo do outro, que nos arrepiam porque simboliza o nosso território, ou as velas dos rituais porque nos projectam na fé, ou os orgasmos meramente sexuais porque nos dão prazer e anulam as energias stressantes como se de uma catarse se tratasse contra a impotência de ser feliz.

Falar de felicidade torna-se complexo e bastante subjectivo, talvez por isso, nas nossas culturas não existam disciplinas de felicidade, ministérios da felicidade, lojas de cidadão para a felicidade. Certamente, tudo isso contribuiria para a construção de um mundo melhor e mais feliz. A felicidade está lá, nós é que não a percebemos, existem muitas multidões que nos fazem pensar em tudo, excepto nela. Como refere Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa, felicidade é sempre o que não temos e quando a temos não a percebemos.

“Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas –  
Que felicidade é essa que pareces ter – a tua ou a minha?  
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?  
Não, nem a ti nem a mim, pastor.  
Pertence só à felicidade e à paz.  
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.  
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.  
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol  
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra cousa indiferentemente,  
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol” (Caeiro, 2001, p. 153).

O Nobel de Economia de 1998, Amartya Sen, pensa a felicidade no mundo da economia, pois para ele o desenvolvimento económico passa também pelo bem-estar individual, social e felicidade, inspirada nos artigos números 22 e seguintes da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948.

Amartya Sen, refere:

“Vivemos um mundo de opulência sem precedentes, mas também de privação e opressão extraordinárias. O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de cidadão”. (Sen, como citado em Vormittag, 2009, p. 12).

Nós entendemos felicidade como um bem-estar intocável, do prazer mais puro, e abrangente, que é estar bem internamente e com os outros, sem sentir desconforto de qualquer espécie, nem vazio, nem dores físicas ou outras e conseguir pensar, criticamente, sem julgar na interacção com o mundo dos outros; e ainda obter a compreensão da dimensão humana, tão complexa, tão indefinida, tão finita, mas ao mesmo tempo tão capaz de dar e receber prazer através de tudo aquilo que nos faz existir.

Quando conseguirmos compreender que o domínio físico/não físico se completam e não se dissociam, pelo contrário, potencializam-se mutuamente, dando-nos essa capacidade

de sermos livres, capazes de gritar essa liberdade. Aí seremos livres, fortes na força emocional e por isso felizes.

Acreditamos que se todos quisermos, podemos ser tão felizes quanto o desejamos, mas para isso é forçosamente necessário criar novos modelos, novos conceitos, novas formas de ser e de estar. Reaprender, a escrever o Homem, sem o anular.

Quando esse momento chegar, encontraremos uma outra dimensão de integração social/ inclusão social, também ela plena. Mesmo que esta dimensão seja dinâmica e oscile, assim como a felicidade o é.

Nunca poderemos pensar que só é feliz quem não sofre. É necessário sofrer, ter dor, chorar, usar todo o corpo físico e não físico para sermos felizes. É do sofrimento que também nasce essa palavra mágica, à qual chamamos felicidade e ela sim, também é dinâmica, variável em dimensão e intensidade.

Retomemos, agora, este trabalho de investigação, que também ele persegue o conceito de felicidade e voltemos a relembrar as questões formuladas na introdução deste trabalho:

- (1) Será que os indivíduos com problemas bio-psico-sociais ou outros melhoram o auto-conceito através da frequência de grupos arte?
- (2) Que factores internos e externos influenciam o indivíduo no seu processo de integração, tendo em conta a metodologia utilizada nos grupos arte?
- (3) Tendo por base a definição dos vectores que são utilizados, na metodologia dos grupos arte, será que poderemos definir um novo modelo de integração?
- (4) Poderemos reorganizar as necessidades humanas, passando de um modelo estático para um modelo dinâmico e centrado no indivíduo?

Será que conseguimos responder a todas estas questões no final deste trabalho?

Nos grupos arte, do Espaço t, e através da sua metodologia, baseada nos quatro vectores fundamentais (humanismo – unidade – motivação - arte), poderemos constatar que

houve uma efectiva transformação nas histórias contadas por estes homens e mulheres e que por nós foram interpretadas.

Lentamente, percebemos que não poderíamos assumir a arte como único factor de transformação, mas sim como um dos aliados mais relevantes no processo de mudança. Percebemos, ainda, a importância do grupo. Não estamos a falar de um grupo de iguais pela patologia, mas de iguais por serem humanos e de terem experimentado situações de desconforto, desprazer, desesperança... no fundo, momentos, episódios, estados de desequilíbrio bio-psico-social.

Estar incluso é, neste caso, estar protegido. O estar protegido permite mostrar-se e ver o que o outro mostra, e, nesta interacção dinâmica de espelhos, a arte na sua essência mais pura e bruta, possibilita pensar-se e sentir-se diferente, ousar mudar.

Estar incluso é também estar num grupo de (des)iguais. Na heterogeneidade não há lugar para um discurso a uma só voz, aqui não há narrativas hegemónicas, há falas que se interrompem, que se interrogam, que duvidam... que se recriam permanentemente; há ritmos que se mudam e que se completam. É na exploração e vivência dos contrários que vai, suave e lentamente, emergindo um discurso aberto, que nunca se fecha... e que nunca fecha nenhum dos elementos que participa na sua construção.

O fio que liga os elementos é simplesmente o facto de serem e de existirem naquele espaço para se (re)criar. O indivíduo passa a ser o seu único responsável pelo seu processo de inclusão, processo esse que é único e irrepetível e distinto de todos os outros. Mas... não está sozinho, está em relação com outros, também é responsável pelas relações que estabelece e, ao cuidar, também cuida de si-mesmo. Não estão sozinhos, também estão com facilitadores que potenciam a libertação das emoções e do eu interno e grupal.

Como se percebe, é um espaço para todos, para quem quiser, para quem puder.

Este modelo, este trabalho e este espaço assenta num pressuposto base – ninguém está integrado apenas com necessidades básicas satisfeitas, caso contrário estaríamos a falar de sobrevivência; a integração plena como ideal utópico de todos os seres humanos serve e orienta a intervenção que preconizamos, como se tratasse de “uma utopia que,

longe de ser um sonho ou projecção, extrai a sua força da realidade do homem e da realidade do mundo” (Vicente, como citado em Santos & Lima, 1984, p. 576).

Estas são algumas das reflexões a que poderemos chegar, a importância da arte e do aliado fundamental que é o grupo heterogéneo.

Mas voltemos ao trabalho de investigação e à análise das 10 histórias de vida tão diferentes, tão complexas mas tão sentidas, tão humanas, tão solitárias; apesar disso estes homens e mulheres, contados na primeira pessoa, conseguiram entender que mesmo assim e apesar daqueles que os catalogaram e colocaram nas franjas sociais começaram a saber de forma consciente e reflectida que também queriam e tinham o direito de chegar lá – à felicidade.

Lutaram por esse direito e sabem que o podem ter porque querem ser livres.

Desta forma e, após a definição das metodologias utilizadas pelos grupos arte, centradas nos seus quatro vectores (Humanismo-Unidade-Motivação-Arte), conseguimos facilmente concluir e compreender que estes grupos, estas metodologias contribuíram para a transformação destas histórias de vidas reais.

De seres em sofrimento passaram a seres que, apesar de sofrerem, reaprenderam a saber esse sofrimento, mas também a descobrirem o verdadeiro significado da palavra felicidade, porque agora se sabem e sentem pessoas.

Foi importante para esta transformação as relações centradas num conceito humanista dos grupos arte assentes em relações informais entre facilitadores e utilizadores, próximas, estruturantes, de públicos heterogéneos onde apenas interessa o homogéneo, pelo facto, de todos serem seres humanos e valorizados pela heterogenia das diferenças das histórias que divergem mas se completam, assim como na vida, para além dos processos de integração.

O ambiente, o espaço são aliados basilares, o calor das coisas físicas, as cores, o conforto, a dignidade, são factores fundamentais para que sintam uma relação mais humana no sentido pleno da palavra.

Um espaço inclusivo no sentido da cidadania, um espaço sem gavetas imaginárias, onde por vezes nos colocamos segundo padrões, um pouco ortodoxos, como é o caso das hierarquias sociais assumidamente vigentes.

O humanismo é assim um pilar, um vector para que todos os indivíduos, sem excepção, se sintam integrados, inclusos e se revejam nesse mundo que também é deles.

Falar do vector unidade é talvez, falar do vector mais complexo, embora seja fácil de perceber pelos utilizadores. Nos grupos arte é importante formar os indivíduos para a cidadania, a liberdade, a consciência, a crítica, entre outros. Não queremos dizer formar formatadamente, queremos afirmar formar contribuindo para o recriar, o libertar do eu interior.

Cada um, com uma multiplicidade de factores e necessidades consegue assim reorganizar-se internamente e posteriormente passar para o exterior toda a dinâmica de dar e receber, a dinâmica do interagir, utilizando uma comunicação global.

Por outro lado, a dimensão do grupo de indivíduos heterogéneos contribui para essa unidade, a dimensão da partilha, do dar e receber, do estar em grupo de pessoas que são apenas isso, homens e mulheres, faz com que estes seres, e todos os outros, se sintam numa unidade quase única, como se de um ser colectivo se tratasse.

Na motivação, terceiro pilar deste modelo, podemos concluir que as narrativas destes indivíduos evidenciam essa mesma necessidade. Essa vontade de descobrir essa motivação interna e externa que quase sempre estava anulada ou adormecida.

Através do grupo, essa motivação surge de forma espontânea, criando uma noção de pertença, de conforto, de carinho, de reconhecimento. Aí, a arte, como instrumento capaz de produzir objectos artísticos, reflexos das suas individualidades, é também um factor importante para esta mesma motivação que primeiro se fortalece internamente e depois se projecta no exterior.

Ao querermos levar esta arte aos outros, aqueles que também olham, aqueles que também julgam e sentem, os utilizadores dos grupos arte identificam-se e projectam-se nessa mesma arte, que lhes gera motivação e os ajuda a crescer exponencialmente.

Com a análise subjectiva das narrativas constatámos essa mesma necessidade de motivação, que foi, de alguma forma, alcançada através da frequência dos grupos arte. Conseguimos também verificar, através da análise diferencial do auto-conceito, “Capítulo VII” que a média do factor 4 (impulsividade - actividade), do auto-conceito do Inventário Clínico de Vaz Serra (1986), destes indivíduos é estatisticamente superior face aos grupos não arte ( $t = 2.147; p < 0.05$ ).

Com base nestes dados compreendemos que estes indivíduos apresentam o aumento da sua iniciativa, um aumento da sua pró-actividade, um aumento da sua motivação individual e o desenvolvimento de atitudes mais perfeccionistas.

Por último falemos da arte e apesar de já termos focado bastante este vector nesta reflexão, esta é para nós o meio, o caminho, a “droga não-química” que faz mudar, não porque altera somente ou sublima, mas porque altera reorganizando, criando alicerces, libertando toda a carga emocional, contribuindo para passar a ver e a sentir um ser com múltiplas dimensões.

Seja a escrita, a pintura, a dança ou outra qualquer, estes são os instrumentos que utilizando a linguagem verbal ou não-verbal, ou outra, podem levar o indivíduo ao seu máximo particular de cognição e de capacidade relacional com o mundo que o rodeia.

Desta forma e para concluir, propomos apresentar uma proposta para um modelo de reinserção social incluso, tendo por base estes quatro vectores utilizados nos grupos arte, atribuindo-lhe o nome de HUMA (Humanismo – Unidade – Motivação – Arte).

Não é nosso objectivo esquematizar e formatar este modelo, ele é forçosamente um modelo aberto, dinâmico, assim como as pessoas.

Integrar indivíduos quaisquer que eles sejam com problemas bio-psico-sociais ou não, não poderá ser escrito de uma forma exaustiva, pois esse processo tem de ser sentido pelo próprio e por todos os outros. Será por isso um projecto genuíno e autêntico assim como único, quase em jeito de comparação, o modelo da mãe que cria um filho; as bases são intrínsecas ao ser. Podemos estudar tudo sobre a relação mãe filho, mas o essencial está lá, nos genes, nos afectos, nos seres que se completam.

Assim este modelo, descrito no “Capítulo VIII”, pretende apenas traçar as linhas orientadoras para um modelo que também ele se pode recriar, abrir a novas metodologias, novas sinergias, novos contextos.

Acreditámos que se for utilizado de forma verdadeira, em que o indivíduo é o centro dessa integração; a integração acontecerá com pouco esforço, o esforço humano de se conhecer e de se mostrar a si e aos outros.

Propomos ainda uma nova forma de interpretação e organização das necessidades humanas. Este modelo, a que lhe demos o nome de Ciclo Dinâmico das Necessidades Humanas e também ele descrito no “Capítulo VIII”, pretende criar um conceito dinâmico e de interacção das próprias necessidades as quais são muitas vezes complementares, abertas e com interacção entre si.

Cada indivíduo, passa assim a definir as suas necessidades e mesmo a criar novas, se as entender necessárias para o seu mundo e a hierarquizá-las conforme as suas motivações e opções que para nós estarão todas sempre ao mesmo nível, ou seja num sentido linear de as atingir. Só assim podemos pensar em seres únicos e irrepetíveis.

Podemos assim aferir que as perguntas formuladas na introdução foram respondidas de forma clara, criando como produto final de investigação, uma proposta para um modelo de integração social incluso.

Lançamos por último o desafio de investigar novas propostas para a gestão de um mundo de Homens mais autênticos e menos formatados, que possam ir ao encontro da sua liberdade total. Para terminar, gostávamos de citar três sonhos de três personagens de um livro escrito nas comemorações de uma década de existência do Espaço t intitulado “Os Ditos Normais”, personagens essas ficcionadas, quase reais ou reais ficcionadas, no entanto, todas elas desejam apesar de muito diferentes, a felicidade como expoente máximo dos desejos para os seus mundos.

“O MEU TONY...

Hoje dou graças, a quem quer que seja, por ter ido àquela feira, se não fosse isso ainda hoje estava com o esgotamento, sozinha. Assim não, estou bem, sinto-me plena. O meu sonho já está realizado! Fazer aquilo que quero sem me preocupar

com o que os outros pensam, mesmo que pensem que sou maluca. Mas quem será mais louco que eles que vivem uma vida a fazer de conta?” (Oliveira J. , 2005, p. 13)

#### “ENCONTRO MARCADO

O meu sonho é engraçado: Pensar em sonhar, nesta fase? Mas a verdade é que tenho um sonho: Ser feliz, viver quase tanto como a média dos normais e mais importante que tudo – que esta doença possa ser aceite na Sociedade de uma forma mais saudável. Seria tudo mais fácil!” (Oliveira J. , 2005, p. 13).

#### “BEST-SELLER

O meu sonho: Viver de novo e encontrar um conceito de felicidade diferente deste, com mais calor humano e amor. Eu que sou uma verdadeira trabalhadora do amor, não sei o que é o amor” (Oliveira J. , 2005, p. 100).

Assim, concluímos que com 17 anos de história de grupos arte, centenas, senão milhares de homens e mulheres, conseguir chegar a uma melhor compreensão de si e dos outros e com uma melhor qualidade de vida. Estes pequenos mundos, que se construíram, foram representados em 10 histórias, também elas únicas que também elas fizeram essa mudança.

Certamente não contribuíram para mudar o mundo, mas contribuíram para mudar o mundo de cada um e isso já valeu a pena; pois é por aí que chegamos lá!

## **CAPÍTULO X – Bibliografia**

- Alexandre, V. (2006). *O roubo das almas. Salazar, a Igreja e os Totalitarismos (1930-1939)*. Lisboa: Dom Quixote.
- Alvesson, M., & Sköldbberg, K. (2000). *Reflexive methodology: New vistas for qualitative research*. London: SAGE Publications.
- Andrade, C. (2007). *A vivência do cliente no processo psicoterapêutico: um estudo fenomenológico na Gestalt-Terapia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Arnheim, R. (1997). *Para uma psicologia da Arte*. Lisboa: Dina Livro.
- Bachelard, G. (1972). *L'air et Les Songes, «Essai Sur l'Imagination du Mouvement»*. Paris: Ed. José Corti.
- Ballard, K. (1997). Researching disability and inclusive education: participation, construction and interpretation. *International Journal of Inclusive Education*, 1 (3), 243-256.
- Barreto, A. (1997). *Tempo de Mudança*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Barthes, R. (1966). *Critique et vérité*. Paris: Seuil.
- Barthes, R. (2005). *L'empire des Signes*. Paris: Seuil.
- Bastos, A. (1998). *Desenvolvimento pessoal e mudança em estudantes do ensino superior: Contributos da teoria, investigação e intervenção*. Dissertação de Doutoramento não publicada Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Belo, F. (1993). *Filosofia e ciências da linguagem*. Lisboa: Edições Colibri.
- Bergamini, C. (1990). Motivação: Mitos, Crenças e Mal-Entendidos. *Revista de Administração de Empresas*, 30 (2), 23-34.
- Best, D. (1996). *A Racionalidade do Sentimento*. Lisboa: Edições Asa.
- Binswanger, L. (1970). *Per um Antropologia Fenomenológica*. Milano: Feltrinelli Editore.
- Borges, A (2007, 29 de Dezembro). A Logoterapia de Viktor Frankl. *Diário de Notícias*. Obtido em [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=992067](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=992067)
- Bruner, J. (1997). *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70.
- Buescu, H. & Duarte, J. (2001). *Narrativas da modernidade: a construção do outro*. Lisboa: Colibri.
- Caeiro, A. (2001). *Poesia*. Lisboa: Assirio & Alvim.
- Capps, L., & Ochs, E. (1995). *Constructing panic: The discourse of agoraphobia*. Cambridge: Harvard University Press.

- Capucha, L. (1998). Grupos sociais desfavorecidos face ao emprego – tipologias e quadro básico de medidas recomendáveis. Lisboa: Gradiva.
- Capucha, L. (2000). Nós e eles cá dentro: Sobre o mito de um Robinson Crusoe ao contrário. In J. Pinto & A. Dornelas (Orgs.), *Pobreza, Exclusão: Horizontes de intervenção*. Lisboa: INCM.
- Carneiro, R (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem – 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Carreiro, T.C. (2003). Sofrimentos Sociais em Debate. Universidade Federal Fluminense. São Paulo. Obtido em [www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a06.pdf)
- Carvalho, A. & Mouro, H. (1987). *Serviço Social no Estado Novo*. Coimbra: Centelha.
- Castel, R & Haroche, C. (2001). *Propriété Privée, Propriété Sociale, Propriété de Soi*. Paris: Favard.
- Ciornai, S. (2004). *Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestaltica, Arte em Psicoterapia, Supervisão em Arteterapia*. São Paulo: Summus.
- Coelho, C. (2010, 6 de Dezembro). Marcas T. *Jornal I*, p. 2.
- Coll, C., Palacios, J., & Marchesi, A. (1996). *Desenvolvimento Psicológico e Educação – Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Correia, J. (1998). *Para uma Teoria Crítica em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Costa, A. (1998). Exclusões Sociais. *Cadernos democráticos*, 2, 7-22. Lisboa: Gradiva
- Costa, A. (2008). *Um olhar sobre a pobreza – vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.
- Costa, Ana Teresa F.(2005). *Pobreza Urbana em Portugal. Trabalho de Fontes de Informação Sociológica*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Obtido em <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2006012.pdf>
- Coulehan, R., Friedlander, M., & Heatherington, L. (1998). Transforming narratives: A change event in constructivist family therapy. *Family Process*, 37 (1), 17-33.
- Cruz, J. (1994). Da obra de autor à disseminação de autorias: A experiência narrativa da professora. In M.F. Patrício (Ed.). *Actas do V Seminário A componente da psicologia na formação de professores e outros agentes educativos*. Évora.
- Cruz, J. (1996). *Trajectórias criativas: O desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia narrativa*. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.

- Cunhal, A. (1996). *Arte, o Artista e a Sociedade*. Lisboa: Caminho.
- Daigneault, S. (1999). Legacies and leaving home. *Professional School Counseling*, 3 (1), 65-73.
- Dalley, T. (1992). *Art as Therapy – An introduction to the use of art as a therapeutic technique*. London: Routledge.
- Damásio, A. R.(1996)*O erro de Descartes emoção razão e o cérebro humano / tradução portuguesa Dora Vicente e Georgina Segurado*. São Paulo: Companhia das Letras
- Davis, K., & Newstrom, J. (1989). *Human Behavior at work - Organizational Behavior*. New York: McGraw-Hill Book Company.
- Delgado, J.,Moreno, H., Gómez, J., Garrigan, P.,Carvalho, ...Oliveira, J. (2000). *A Pobreza e a Marginalização Social – Do Séc, XV aos nossos dias*. Porto: Universidade Portucalense
- Dicionário Enciclopédico Português (2006). Lisboa: Verbo
- Durkheim, E. (2007). *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Enciclopédia Itaú Cultural Artes . Visuais.(2007)*Art Brüt*. [Web log post]. Recuperado em 20 de Junho de 2010. Obtido em [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3776](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3776)
- Escalle, C. (2009). La colletion de l' art brut. *Pratique des Arts*, 84. 16-18.
- Espaço T. (2010). *15 anos a Transformar Homens em Príncipes*. Porto. Espaço T
- Fachada, M. (1998). *Psicologia das Relações Interpessoais*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Fernandes, A. (1998). *O Estado Democrático e a Cidadania*. Porto: Afrontamento.
- Ferraz, M. (2009). *Terapias Expressivas Integradas*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial, Lda.
- Fiese, B., & Sameroff, A. (1999). The family narrative consortium: A multidimensional approach to narratives. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 64, (2), 1-36.
- Figueiredo, I. (2001). *Educar para a cidadania*. Porto: Asa Editores.
- Fino, C. (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, 14 (2), 273-291.
- Fonseca, A. (1998). *A psicologia da Criatividade*. Porto: Fundação Fernando Pessoa.
- Foucault, M.(2005). *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- Frankl, V. (2008). *Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Odivelas: Nova Vega.
- Frost, S. (1981). *Ensinaamentos Básicos de Grandes Filósofos*. Porto: Porto Editora.
- Furio, V. (2000). *Sociología del Arte*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Gaarder, J. (2000). *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Galtung, J. (1980). The Basic Need Approach. *Human Needs: a Contribution to the Current Debate*, 55, 55-126.
- Gehringer, M. (2005). *Arteterapia – Um Caminho Transpessoal*. Campinas: Universidade Estadual.
- Gil, J. (2009). *Em busca da Identidade*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Gleitman, H. (1999). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, D., Quaresma, N., Freitas, M., Boucherie, M., Morais, D. Afonso, M.J., Crispim, C.C. (2008). *Corda Bamba: Revista sobre Criatividade O Des(equilíbrio) na tensão criativa*. N.º 1. Cascais Comissão Para a Pessoa com Deficiência do Concelho de Cascais [CPD].
- Gonçalves, E. (2003). Uma Europa dos Direitos? *Le Monde Diplomatique*, 54 (5). 1-2.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver Narrativamente – A Psicoterapia como Adjectivação da Experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Gruen, A. (1995). *A Loucura da Normalidade – o realismo como doença: uma teoria fundamental da destrutividade humana*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Harré, R., & Gillett, G. (1999). *A mente discursiva: Os avanços na ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Heidegger, M. (2004). *Ser e Tempo*. São Paulo: Pensamento Humano.
- Herzberg, F. (1975). *Como se faz para motivar um funcionário*. In Biblioteca Harvard de Administração. São Paulo: Edições Abril.
- Hoffman, R. (1959). Homogeneity of member personality and its effects on group problem solving. *Journal of Abnormal Social Psychology*, 58, 27-32.
- Howe, D. (1996). Client experiences of counselling and treatment interventios: A qualitative study of family views of family therapy. *British Journal of Guidance and Counselling*, 24 (3), 367-375.
- Instituto Avanzado de Creatividad Aplicada Total .[IACAT] (2007). *Revista RecreArte N.º 8* Obtido em [http://www.creatividadcursos.com/recrearte/IMG/pdf/R8\\_-\\_I.I\\_-\\_A\\_capacidade\\_de\\_Criacao.pdf](http://www.creatividadcursos.com/recrearte/IMG/pdf/R8_-_I.I_-_A_capacidade_de_Criacao.pdf)

- Jankowski, P., Clark, W., & Ivey, D. (2000). Fusing horizons: Exploring qualitative research and psychotherapeutic applications of social constructionism. *Contemporary Family Therapy*, 22 (2), 241-250.
- Jardim, A. (2010). *Psicologia da Arte – a imaginação como pedagogia alternativa e a função terapêutica da literatura in Alice no país das maravilhas*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Jardim, M. (2003). *Da Hermenêutica à Ética em Paul Ricoeur*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Josso, M. (2002). *Da formação do sujeito... ao sujeito da formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Josso, M. (1999). História de vida e projeto : a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, 25 (2), 11- 23.
- Leão, C. (2010). *Preso à Escola Porque Preso à Esperança de Voltar a Ser*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: FPCEUP.
- Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R., & Zilber, T. (1998). *Narrative research: Reading, analysis and interpretation*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Lopes, M. (2004). Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e acção. *Actas do V Congresso Português de Sociologia*. 12-15 de Maio de 2004, Braga.
- Lowenfeld, V. (1970). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou.
- Magalhães, A. & Stoer, S. (2002). *A Escola para Todos e a Excelência Académica*. São Paulo: Cortez Editora.
- Maggior, R. (1981). *La rencontre d’Autrui, «Philosopher»*. Porto: Porto Editora.
- Malpique, M., Pinheiro J., & Jardim, M. (1999). *Biombos e Biografias – As sete mil e uma oníricas*. Porto: Campo das Letras.
- Malraux, A. & Mossuz-Lavau, J. (1996). *La politique, l aculture: discours, articles, entretiens (1925-1975)*. Paris: Gallimard.
- Marcuse, H. (1999). *A Dimensão Estética*. Lisboa: Edições 70.
- Martins, A. (1999). *Génese, Emergência e Institucionalização do Serviço Social Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Maslow, A. (1970). *Motivation and Personality*. Nova Iorque: Harper & Row.
- Max-Neef, M., Elizalde, A., & Hopenhayn, M. (1989). Human Scale Development – an option for the future. *Development Dialogue*, 1, 1-7.

- Milholan, F. & Forisha, B.(1972) *From Skinner to Rogers Contrasting Approaches to Education*. U.S.A.
- Morais, D. (2008). *Rastos de quem fala por “outras palavras”*. *Corda Bamba – revista sobre criatividade*, 1, 28-35.
- Morais, F. (2002). *Arte é o que eu e você chamamos Arte*. Brasil Editora Record.
- Mota, L. (2007). *Envelhecimento e Inclusão Social: o projecto agente experiente*. Dissertação de Mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Nunes, M. (1997). *Valores e Reorganização do Self – estudo exploratório realizado numa comunidade terapêutica carismática de toxicodependentes*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Nunes, M. (1999). Uma Abordagem Sobre a Relação de Ajuda. *Revista de Estudos Rogerianos*, 3.
- Oliveira, J. (2005). *Os Ditos Normais*. Lisboa: Editorial Minerva.
- Oliveira, N. (2008). A integração dos “retornados” no interior de Portugal: o caso do distrito da Guarda. *Mundos Sociais: saberes e práticas. Actas do VI Congresso Português de Sociologia*. 25-28 Junho de 2008. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa. Lisboa
- Padilhas, M. (2008). *A Musicoterapia no Tratamento de Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo*. Dissertação de Mestrado em Medicina. Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Palma, E. (2009-8-10). *Espaço da Arte Terapia*. [Web log post]. Obtido em <http://www.espacoarteterapia.blogspot.com/>
- Parry, A., & Doan, R. (1994). *Story re-visions: Narrative therapy in the postmodern world*. New York: The Guilford Press.
- Pearls, F. (1981). *A Abordagem Gestaltica e Testemunha Ocular da Terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Pestana, E. & Páscoa, A. (1998). *Sinais Breves de Psicologia*. Editorial Presença. Lisboa.
- Pidgeon, N., & Henwood, K. (1997). Using grounded theory in psychological research. In N. Hayes (Ed.), *Doing qualitative analysis in psychology*. East Sussex: Psychology Press.

- Pinto, A. (2005). *Educação pela Arte para uma Cultura Intercultural*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Universidade Aberta, Porto.
- Pizarro, J. (2007). *Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Queiroz, M., & Gros, M. (2002). *Ser jovem num bairro de habitação social – Especificidades dos processos de transição para a vida adulta*. Porto: Campo das Letras.
- Rafael, G. (2003). *A Relação de Ajuda e a Acção Social: A entrevista de ajuda nos serviços de acção social*. Obtido em:  
<http://www.cpihts.com/PDF/M%20Gra%C3%A7a%20Rafael%20%20Entr%20ajuda.pdf>
- Rau, V. (1982). *Sesmarias medievais portuguesas*. Lisboa: Editorial Presença.
- Read, H. (2001). *A Educação Pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rhyne, J. (2000) *Srte e Gestalt, padrões que convergem*. São Paulo Summus..
- Ribeiro, J. (1994). *Gestalt Terapia: o processo grupal – uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, W. (1988). *Existência – Essência*. São Paulo: Summus.
- Ricoeur, P. (1997). *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papyrus.
- Rodrigues, E., Samagaio, F., Ferreira, H., Mendes, M., & Januário, S. (1999). A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal. *Sociologia*, 10. 173-200.
- Rodrigues, F. (2002). Assistência Social: uma política reticente em tempo de globalização. In P. Hespanha & G. Carapinheiro (Orgs.), *Risco Social e Incerteza: pode o Estado Social recuar mais?* Porto: Edições Afrontamento.
- Rogers, C.(2000). *Manual de Counselling*. Lisboa: Encontro.
- Rosenberg, S., Erlick, D., & Berkovitz, L.(1955). Some effects of varying combinations of group member on group performance measures and leadership behaviour. *Journal of Abnormal Social Psychology*, 51, 195-203.
- Rushdie, S. (1999). *Harun e o mar de histórias*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Santos, A. (1989). *Mediações Artístico-Pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, A. (1996). Por uma Perspectiva Psicopedagógica da Arte e Educação em Portugal. AA VV, *Ensino Artístico*, 14-33.

- Santos, A. (1999). *Expressividade e Personalidade – Um Século de Psicologia*. Coimbra: Reproset.
- Santos, A. (2004). Quando os direitos das minorias sexuais também são direitos humanos: Regulação versus emancipação. *Actas V Congresso Português de Sociologia*. 12-15 de Maio de 2004, Braga.
- SANTOS, A. (2005a), *A Lei do Desejo – Direitos Humanos e Minorias Sexuais em Portugal*, Porto: Edições Afrontamento –Centro de Estudos Sociais
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. (1993). *Portugal: um retrato singular. O Estado, as relações salariais e o Bem-Estar Social na semiperiferia: o caso Português*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. (2001). Para uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos.. *Contexto Internacional*, 23 (1), 7-34.
- Santos, B. (2003). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In B. Santos (Org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um Discurso sobre as Ciências*, 777-813. Porto: Afrontamento.
- Santos, C. (2004). Abordagem Centrada na Pessoa – Relação Terapêutica e Processo de Mudança. *PSILOGOS - Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca*, 1 (2), 18-23.
- Santos, M., & Lima, T. (1981). *No Reino dos Porquês – “O homem do outro lado do espelho”*. Porto: Porto Editora.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa. Editorial Caminho.
- Sartre, J. (1946). *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel.
- Sasportes, J. (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco.
- Sasaki, R. (1997). *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA.
- Sen, A. (1999). *Pobreza e Fomes: Um ensaio sobre direitos e Privações*. Lisboa Terra Mar.
- Silva, A. (1996). *Educação para Portugal*. Lisboa: Ulmeiro.
- Sociedade Portuguesa de Arte Terapia.[SPAT]. 2004. O que é a Arte Terapia? [Web log post]. Obtido em <http://www.arte-terapia.com/pt/a-spat/o-que-e-arte-terapia>
- Steinemann, C. (1994). The Vocational Integration. *EASE*, 8.

- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: SAGE Publications.
- Strobel, P. (1995). *De la Pauvreté à l' Exclusion: Quelques questions theoriques*. In Social Indicators, Problematic Issues, CE, DH XII.
- Sunderland, M. (2006). *Draw on your emotions – Creative ways to explore, express & understand important feelings*. Oxford: University Press.
- T.A.B.A.C.C.O. Truth About Business And Congressional Crimes Organization (2006,23,1). Tabacco.[Web log post]. Obtido em [http://tabacco.blog-city.com/maslows\\_hierarchy\\_of\\_needs\\_\\_physiological\\_level\\_1\\_to\\_selfact.htm](http://tabacco.blog-city.com/maslows_hierarchy_of_needs__physiological_level_1_to_selfact.htm)
- Tápies, A. (2002). *A prática da arte*. Lisboa: Cotovia.
- Vala, J., & Monteiro, M. (2002). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valles, M. (1997). *Técnicas cualitativas de investigación social: Reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Vangelisti, A., Crumley, L., & Baker, J. (1999). Family portraits: Stories as standards for family relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16 (3). 335-368.
- Vaz-Serra, A. (1986) A Importância do Autoconceito. *Psiquiatria Clínica*, 7 (2), 57-6.
- Vaz-Serra, A. (1986). O Inventário Clínico de Autoconceito. *Psiquiatria Clínica*, 7 (2), 67-68.
- Vivenciarte – Associação Internacional de Artes Expressivas. [AITE]. [2011]. *Terapia Expressiva – Desenvolver competências Pessoais*. Obtido em <http://www.vivenciarte.com/#/vivenciarte2>
- Vormittag, E .(2009). Saúde na Sustentabilidade. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. Obtido em: [http://www.saudeesustentabilidade.org.br/html/ciencia\\_acao/vormittag\\_tcc\\_2009.pdf](http://www.saudeesustentabilidade.org.br/html/ciencia_acao/vormittag_tcc_2009.pdf)
- Vygotsky, L. (1978). *Mind in society. The development of higher psychological processes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vygotsky, L. (1982). *Imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Hispánicas.
- Wechsler, S. & Fadel, S. (2009). Educação: Um Espaço Privilegiado na Educação e Criatividade. *Recreate – Revista Internacional de Criatividade Aplicada Total*, 11.
- Zurara, G. (1973). *Crónica da Guiné*. Barcelos: Livraria Civilização Editora.

### **Outra documentação**

Lei n. 32/2002 de 20 de Dezembro de 2002 (2002). Lei de Bases da Segurança Social - o SISTEMA DE SEGURANÇA SOCIAL Obtido em 1 de Fevereiro de 2010 de [http://www.mtss.gov.pt/preview\\_documentos.asp?r=292&m=PDF](http://www.mtss.gov.pt/preview_documentos.asp?r=292&m=PDF)

Lei de protecção à infância, de 27 de Maio de 1911 (1911). Lei de protecção à infância, datada de 27 de Maio de 1911 (1911). Obtido em 19 de Março de 2010 de [http://www.cnpcjr.pt/downloads5CLEI\\_DE\\_PROTECCAO\\_INFANCIA\\_27.05.1911.pdf](http://www.cnpcjr.pt/downloads5CLEI_DE_PROTECCAO_INFANCIA_27.05.1911.pdf)

Lei n.º 494/75, de 10 de Setembro de 1975 (1975). Cria uma comissão instaladora para gerir o IARN - Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais e estabelece o seu funcionamento. Obtido em 19 de Março de 2010 de <http://www.dre.pt/pdf1s/1975/09/20900/13281328.pdf>

Lei n.º 13/2003 de 21 de Maio de 2003 (2003). Revoga o rendimento mínimo garantido previsto na Lei n.º 19-A/96, de 29 de Junho, e cria o rendimento social de inserção. Obtido em 19 de Março de <http://dre.pt/pdf1sdip/2003/05/117A00/31473152.pdf>

Tratados de Roma (1957), que instituiu a Comunidade Económica Europeia (CEE), foi assinado em Roma em e entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1958. O Tratado que institui a Comunidade Europeia da Energia Atómica (Euratom) foi assinado na mesma altura, o que levou a que estes dois tratados passassem a ser conjuntamente designados por Tratados de Roma. Obtidos em 19 de Março de [http://europa.eu/legislation\\_summaries/institutional\\_affairs/treaties/treaties\\_eec\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/institutional_affairs/treaties/treaties_eec_pt.htm)



### **Índice de Anexos**

Anexo A – Declaração de autorização de participação no estudo

Anexo B – Ficha de identificação dos interlocutores da história de vida

Anexo C – Inventário clínico de auto-conceito de Vaz Serra

Anexo D – Autorização dos direitos de utilização do Inventário clínico de auto-conceito de Vaz Serra, pelo autor

Anexo E – Inquérito complementar ao Inventário clínico de auto-conceito de Vaz Serra



Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

---

## **Declaração**

Eu abaixo-assinado, declaro que consinto o uso das minha história de vida e dos meus desenhos, bem como das minhas respostas ao questionário facultado por Jorge Oliveira, que serão incluídos no estudo desenvolvido por este, no âmbito do seu doutoramento, na Universidade Fernando Pessoa.

Fui informado/a sobre o anonimato das respostas e foram-me dadas garantias de confidencialidade.

Fui também informado/a que todas as respostas por mim dadas servirão unicamente para a investigação, não vindo a ser utilizadas para qualquer outro fim.

Foi-me também comunicado que, caso o deseje, poderei cessar a minha participação, a qualquer momento e sem qualquer consequência para mim.

Consciente da minha contribuição para a investigação, autorizo o uso de todos os dados por mim facultados.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

---

## **Anexo B**

Ficha de identificação dos interlocutores da história de vida

Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

---



Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

---

## **Anexo C**

Inventário clínico de auto-conceito de Vaz Serra

Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

---



## Inventário Clínico do Auto-Conceito (Vaz Serra)

### Identificação do(a) utente

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

F1= \_\_\_\_\_ F2= \_\_\_\_\_ F3= \_\_\_\_\_ F4= \_\_\_\_\_ Total= \_\_\_\_\_

Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descreverem como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda verdadeira, espontânea e rapidamente a cada uma delas. Ao dar a resposta considere, sobretudo, a sua maneira habitual, e não o seu estado de espírito de momento. **Coloque uma cruz (x)** no quadrado que pensa que se lhe aplica de forma mais característica.

	Não Concordo	Concordo Pouco	Concordo Moderadamente	Concordo Muito	Concordo Muitíssimo
1. Sei que sou uma pessoa simpática.					
2. Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões.					
3. Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades.					
4. No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador.					
5. Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para fazer.					
6. Considero-me tolerante para com as outras pessoas.					
7. Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis.					
8. De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas.					
9. Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros.					
10. Quando tenho um ideia que me parece válida gosto de a por em prática.					
11. Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades.					
12. Não sei porquê, a maioria das pessoas embirra comigo.					
13. Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade.					
14. Considero-me competente naquilo que faço.					
15. Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece.					
16. A minha maneira de ser leva-me a sentir-me na vida com um razoável bem-estar.					
17. Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros.					
18. Quando um problema me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros.					
19. Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço.					
20. Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades.					



# Inventário Clínico de Auto-Conceito

(© A. Vaz Serra, 1985)

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/201\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ anos Estado Civil: \_\_\_\_\_  
Habilitações: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
Naturalidade: \_\_\_\_\_ Residência: \_\_\_\_\_  
Nota global \_\_\_\_\_ F1 (1+4+9+16+17) \_\_\_\_\_ F2(3+5+8+11+18+20) \_\_\_\_\_ F3 (2+6+7+13) \_\_\_\_\_ F4 (10+15+19) \_\_\_\_\_

## INSTRUÇÕES

Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descreverem como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda de forma verdadeira, espontânea e rápida a cada uma delas. Ao dar a sua resposta considere, sobretudo, *a sua maneira de ser habitual* e não o seu estado de espírito de momento. Assinale com uma cruz (x) no quadrado respectivo  aquela que pensa se lhe aplica de forma mais característica.

	Não Concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo muito	Concordo muitíssimo
1. Sei que sou uma pessoa simpática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para realizar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Considero-me tolerante para com as outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Continua no verso ↪

	Não Concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo muito	Concordo muitíssimo
8. De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Considero-me competente naquilo que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. A minha maneira de ser leva-me a sentir na vida com um razoável bem-estar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Quando tenho um problema que me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

□

Após preencher a escala veja se respondeu a todas as questões. Não deixe nenhuma por responder!

# Inventário Clínico de Auto-Conceito

(© A. Vaz Serra, 1985)

(Cotação das questões do ICAC)

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/201\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Habilitações: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Residência: \_\_\_\_\_

Nota global \_\_\_\_ F1(1+4+9+16+17) \_\_\_\_ F2(3+5+8+11+18+20) \_\_\_\_ F3 (2+6+7+13) \_\_\_\_ F4 (10+15+19) \_\_\_\_

## INSTRUÇÕES

Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descreverem como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda de forma verdadeira, espontânea e rápida a cada uma delas. Ao dar a sua resposta considere, sobretudo, *a sua maneira de ser habitual* e não o seu estado de espírito de momento. Assinale com uma cruz (x) no quadrado respectivo  aquela que pensa se lhe aplica de forma mais característica.

	Não Concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo muito	Concordo muitíssimo
1. Sei que sou uma pessoa simpática	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
2. Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
3. Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades	<input type="checkbox"/> 5	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1
4. No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
5. Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para realizar	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
6. Considero-me tolerante para com as outras pessoas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
7. Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

	Não Concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamen	Concordo muito	Concordo muitíssimo
8. De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas	1	2	3	4	5
9. Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros	1	2	3	4	5
10. Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática	1	2	3	4	5
11. Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
12. Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo	5	4	3	2	1
13. Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade	1	2	3	4	5
14. Considero-me competente naquilo que faço	1	2	3	4	5
15. Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece	1	2	3	4	5
16. A minha maneira de ser leva-me a sentir na vida com um razoável bem-estar	1	2	3	4	5
17. Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros	1	2	3	4	5
18. Quando tenho um problema que me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros	5	4	3	2	1
19. Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço	1	2	3	4	5
20. Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades	1	2	3	4	5

**Anexo D**

Autorização dos direitos de utilização do Inventário clínico de auto-conceito  
de Vaz Serra, pelo autor



## Jorge Oliveira

---

**De:** Jorge Oliveira [jorge.oliveira@espacot.pt]  
**Enviado:** segunda-feira, 1 de Agosto de 2011 15:23  
**Para:** 'adriano.vazserra@gmail.com'  
**Assunto:** Pedido de autorização  
**Anexos:** Resumo Doutoramento.docx

**Importância:** Alta

Exm.º Senhor Professor Dr. Vaz Serra,

O Espaço t é uma associação que dá apoio a pessoas com problemas, através da Arte, fundada por mim há 17 anos, enquanto enfermeiro que exercia funções na área da psiquiatria. Esta Associação é tutelada pelo Ministério da Saúde e tem obtido um grande reconhecimento por parte da sociedade em geral, tendo apoiado inúmeras pessoas na sua reinserção.

Neste momento, e porque achamos importante validar este modelo empírico, encontro-me a finalizar a tese de Doutoramento intitulada: "Arte um instrumento transformador". Neste sentido, e porque já fiz uma avaliação qualitativa, através das histórias de vidas de 13 utentes, tendo por base uma interpretação hermenêutica. No entanto, gostaria de poder utilizar um estudo quantitativo através do Inventário Clínico do Auto-Conceito, criado por V. Ex.ª, no qual o mesmo será aplicado a um grupo controlo de 100 indivíduos com problemas biopsicossociais que não frequentaram os grupos Arte do Espaço t, bem como a um grupo de estudo de 100 indivíduos com problemas biopsicossociais, que frequentam os grupos Arte do Espaço t há pelo menos 6 meses. Pretendemos, com este tudo, verificar se de alguma forma estes grupos Arte melhoraram o seu Auto-conceito.

Neste momento todo este trabalho está feito, necessitamos por isso da V. autorização para a publicação e inclusão da referida tese do estudo.

Em anexo envio resumo deste estudo.

Esperando contar com o V. apoio e ficando a aguardar uma resposta favorável da V. parte, subscrevo-me com elevada estima e consideração.

Atentamente,

Jorge Oliveira



**Espaço T Associação para Apoio à Integração Social e Comunitária**  
2011 - Não é preciso ser voluntário/a para se ser voluntário/a

Jorge Oliveira  
Director

Rua de Vilar, nº54, 54A  
4050-625 Porto  
T (+351) 22 608 19 19/20/21 F (+351) 22 543 10 41



**Menção  
Honrosa**  
2010/2011



760 45 19 19 Ligue e ajude o Espaço t a transformar "Homens em Príncipes!"  
Com a sua chamada, contribui para as actividades lúdico-terapêuticas desenvolvidas pelo Espaço t.  
(custo por chamada de 0,60€ para todas as redes)

## Jorge Oliveira

---

**De:** Adriano Vaz-Serra [adriano.vazserra@gmail.com]  
**Enviado:** segunda-feira, 1 de Agosto de 2011 20:49  
**Para:** Jorge Oliveira  
**Assunto:** Re: Pedido de autorização  
**Anexos:** Inventário de Auto Conceito Berlin 2011.doc; Cotação das questões do ICAC.doc; Texto Explicativo do Auto-Conceito 02.DOC

Em resposta ao e-mail que me enviou venho referir que tenho todo o gosto em que utilize no seu trabalho de investigação o **Inventário Clínico de Auto-Conceito**, criado por mim.

Junto envio em anexo o Inventário, a Cotação das questões e um texto explicativo sobre o que é.

Felecitando-o pela sua iniciativa, desejando os melhores êxitos para o estudo que está a fazer, aceite os melhores cumprimentos de  
Adriano Vaz Serra

## **Anexo E**

Inquérito complementar ao Inventário clínico de auto-conceito de Vaz Serra

Arte: Um instrumento transformador

HUMA: Proposta para um modelo de reinserção social incluso

---



Inquérito Complementar ao Inventário Clínico do Auto-Conceito

N.º de Utente \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Localidade: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Hab. Lit.: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Situação Profissional: \_\_\_\_\_

Problema de Saúde: Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Se Sim, qual? \_\_\_\_\_

Frequentou alguma actividade artística há mais de 6 meses?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Se Sim, há quanto tempo? \_\_\_\_\_

E em que local? \_\_\_\_\_